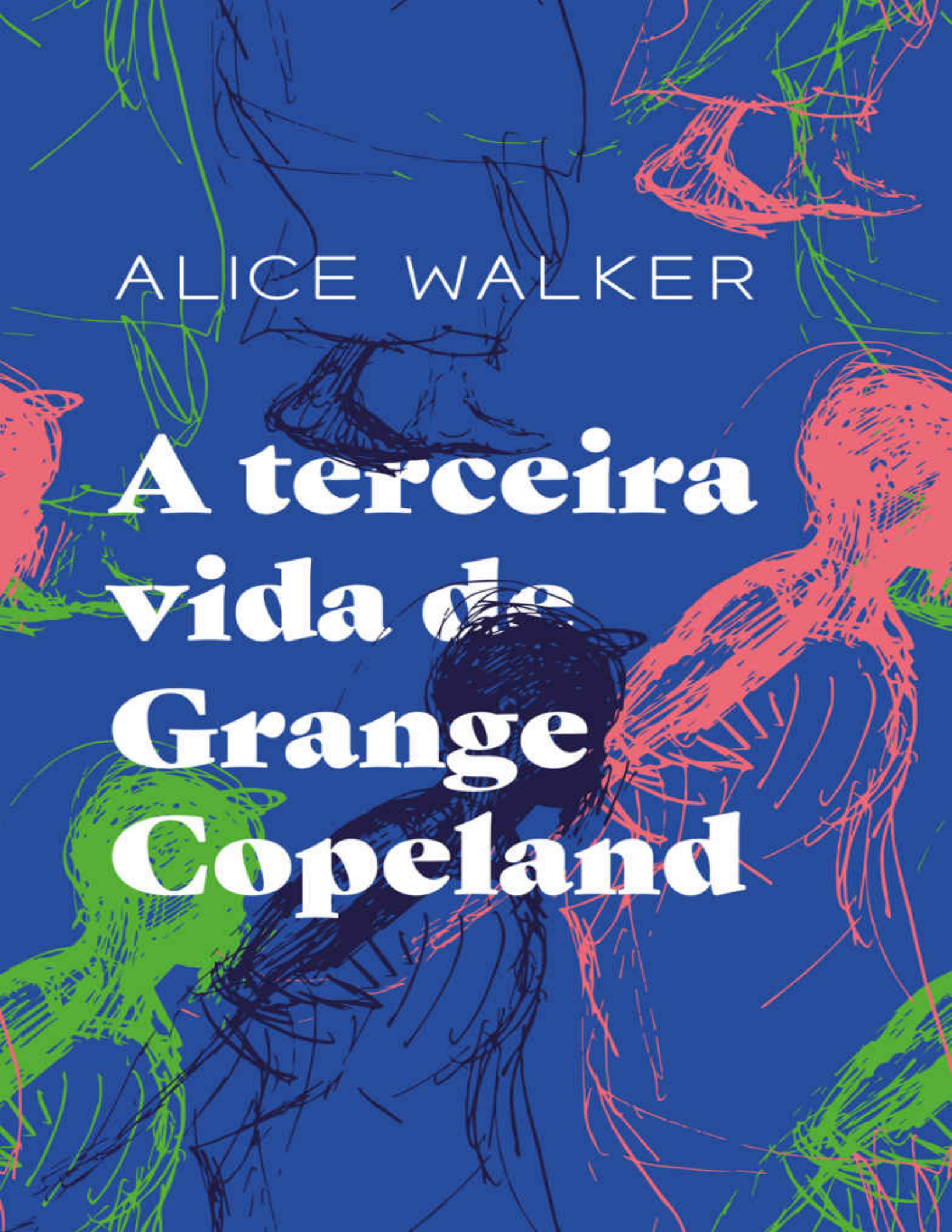


The background of the cover is a solid blue color. Overlaid on this are numerous abstract, scribbled lines in red and green. These lines are dense and chaotic, creating a textured, almost painterly effect. Some lines are thin and wispy, while others are thicker and more solid. The overall impression is one of raw, expressive energy.

ALICE WALKER

**A terceira
vida de
Grange
Copeland**





ALICE WALKER

A terceira vida de Grange Copeland

TRADUÇÃO
Carolina Simmer
Marina Vargas

1ª edição



EDITORA-EXECUTIVA

Livia Vianna

EDITORA DE PRODUÇÃO E COPIDESQUE

Letícia Féres

EDITOR-ASSISTENTE

Fábio Martins

REVISÃO

Cristiane Pacanowski

Renato Carvalho

Wendell Setubal

DIAGRAMAÇÃO DA VERSÃO IMPRESSA

Juliana Brandt

CAPA E PROJETO GRÁFICO

TAG – Experiências Literárias

Bruno Miguell Mesquita

Gabriela Heberle

Paula Hentges

IMAGENS DE CAPA*Afrikaanse figuren, mogelijk dansers* <<http://hdl.handle.net/10934/RM0001.COLLECT.570529>>;*Afrikaanse vrouwen, mogelijk danseressen* <<http://hdl.handle.net/10934/RM0001.COLLECT.570522>>;*Afrikaanse vrouw, mogelijk een danseres* <<http://hdl.handle.net/10934/RM0001.COLLECT.570524>>;*Vooroverbuigende Afrikaanse figuur* <<http://hdl.handle.net/10934/RM0001.COLLECT.570520>>;*Vooroverbuigende Afrikaanse figuren, mogelijk danseressen* <<http://hdl.handle.net/10934/RM0001.COLLECT.570521>>**TÍTULO ORIGINAL***The Third Life of Grange Copeland***CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

W178t

Walker, Alice, 1944-

A terceira vida de Grange Copeland [recurso eletrônico] / Alice Walker; tradução Carolina Simmer, Marina Vargas. – 1. ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.
recurso digital

Tradução de: The third life of Grange Copeland

Formato: ebook

Requisitos do sistema:

Modo de acesso: world wide web

ISBN 9788503013789 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Simmer, Carolina.
II. Vargas, Marina. III. Título.

20-64056

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária CRB-7/6439

THE THIRD LIFE OF GRANGE COPELAND, de Alice Walker. Copyright © 1970, Alice Walker. Posfácio © 1988, Alice Walker
Mediante acordo com a autora. Todos os direitos reservados.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, o armazenamento ou a transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo da Língua Portuguesa.

Reservam-se os direitos desta edição à

EDITORA JOSÉ OLYMPIO LTDA.

Rua Argentina, 171 – 3º andar – São Cristóvão

20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: (21) 2585-2000.

Seja um leitor preferencial Record. Cadastre-se em www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e promoções.

Produzido no Brasil
2020



*Para minha mãe,
que abriu caminhos.
E para Mel, meu marido.*

Às vezes, eu tinha um desejo intenso de chorar por causa de algo que meu pai dizia, mas, em vez disso, porque a vida e o cinismo haviam me ensinado a colocar uma máscara, eu ria. Para ele, eu não sofria, não sentia nada, eu era um cínico descarado, não tinha alma [...] por causa da máscara que usava. Mas, por dentro, eu sentia cada palavra que ele dizia.

MANUEL, em *The Children of Sanchez*, de Oscar Lewis

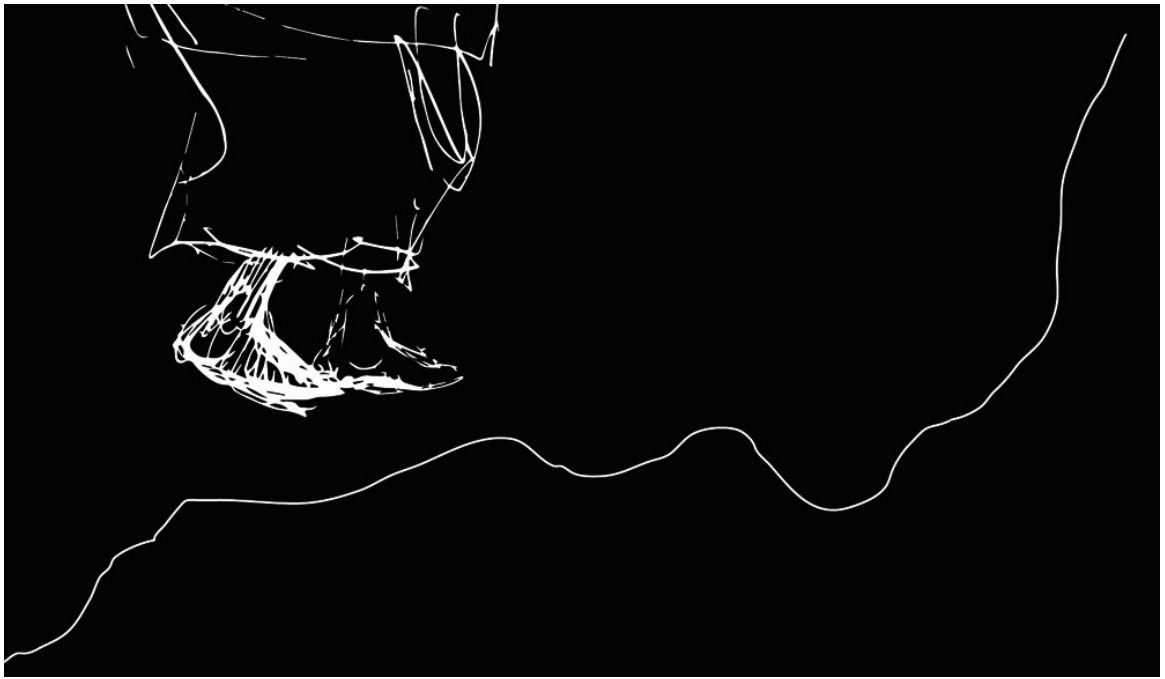
Ó membros do meu clã
Vamos todos chorar juntos!
Venham,
Vamos lamentar a morte de meu marido,
A morte de um príncipe
A cinza que foi produzida
Por um grande Fogo!
Ó esta herdade está completamente morta,
Fechem os portões
Com os tormentos do desamparo,
Pois o Príncipe
O herdeiro do Trono está morto!
E todos os jovens
Pereceram na imensidão!

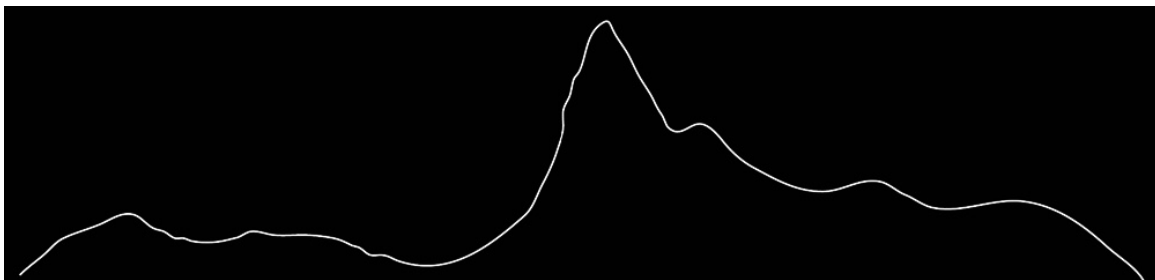
“Canção de Lawino”, um lamento de Okot p’Bitek

“O grande perigo”, disse Richard a Sartre, “no mundo de
hoje
é que o próprio sentido e a própria concepção do que é
um ser humano talvez estejam perdidos.”

Richard Wright para Jean-Paul Sartre, em *Richard Wright*, de Constance Webb







— —
— —

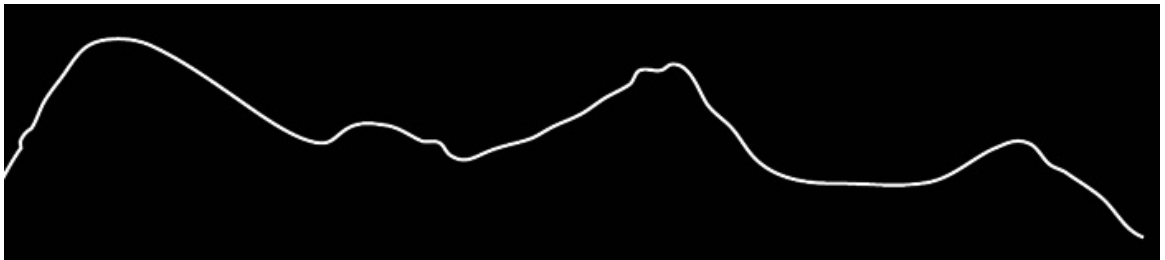
—

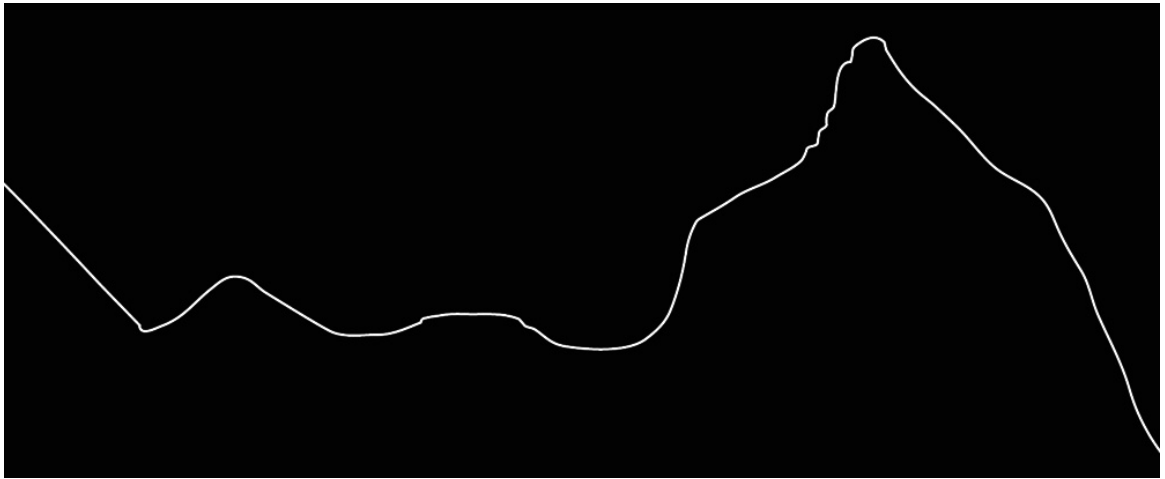
— —
— —

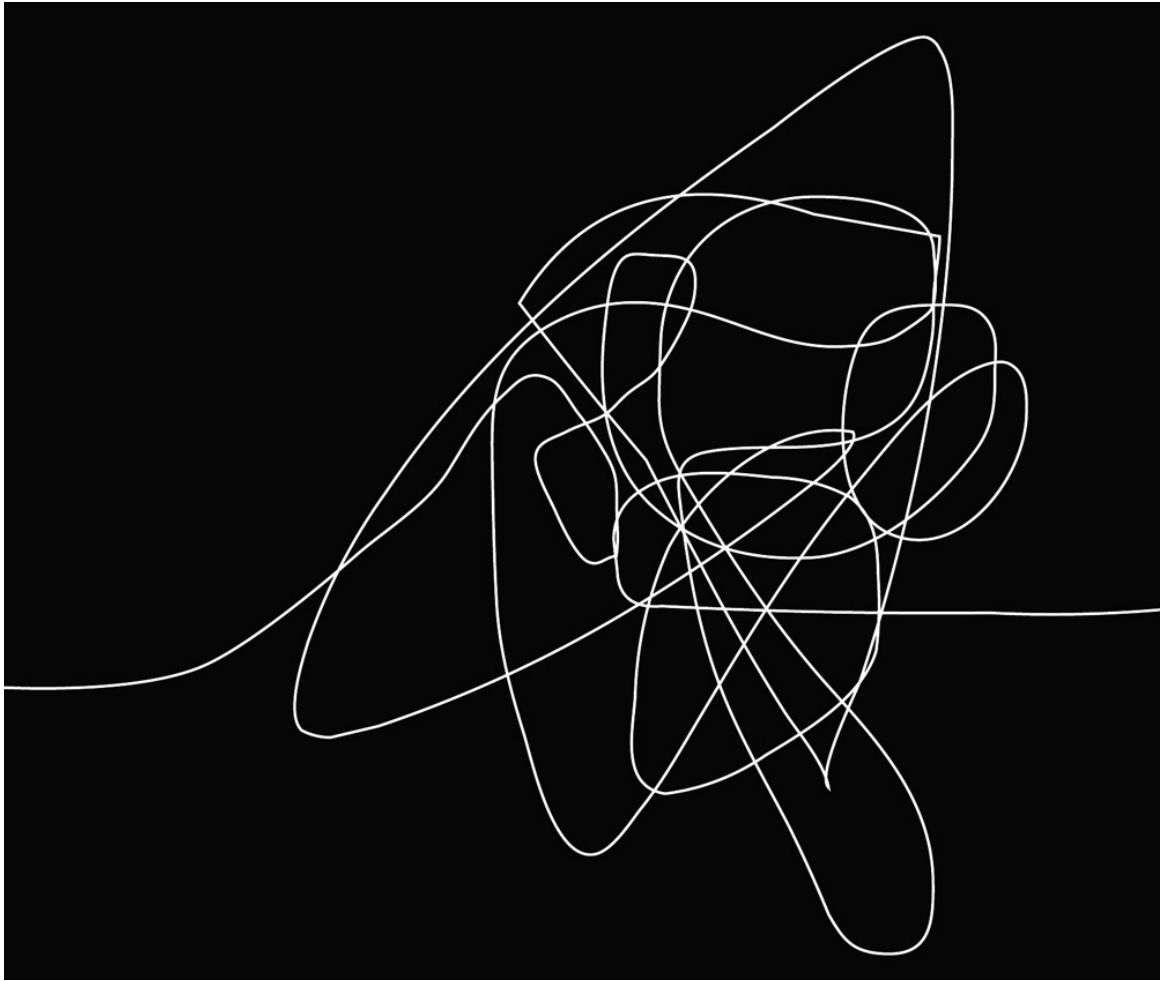
—

— —
— —

— —







Parte I



Capítulo 1

Brownfield ficou parado ao lado da mãe no quintal, sem tirar os olhos da traseira do automóvel que se afastava. Seu tio Silas diminuiu a velocidade do carro quando chegou a um lugar onde uma pedra pontuda se projetava na estrada: uma semana antes havia arreventado um cârter ali. Depois de passar por esse ponto, que havia amaldiçoado em suas idas e vindas durante a semana, ele colocou o braço para fora da janela e acenou descontraidamente para eles. Brownfield acenou de volta com tristeza, os olhos marejados. A tia Marilyn, que ele não conseguia ver pelo vidro traseiro do carro, sacudiu um delicado lenço azul pela janela do carona. O lenço esvoaçou alegremente, como uma flâmula. Os primos de Brownfield estavam com o rosto pressionado contra a janela traseira, as mãos delicadas e difíceis de enxergar se movendo monotonamente para cima e para baixo. Eles estavam cansados de acenar, pois vinham dando adeus desde que tinham terminado o café da manhã.

O automóvel era um Buick 1929 novo, comprido, alto e verde brilhante, com grandes faróis salientes que pareciam os olhos de um sapo. Dentro do carro, tudo era azul, inclusive os assentos felpudos e macios. Maçanetas finas de prata abriam as portas e faziam as janelas incrivelmente transparentes subirem e descerem. Conforme avançava aos solavancos pela estradinha, a capota de lona era arranhada pelos galhos mais baixos dos olmos. Brownfield sentia vergonha da estrada ruim e dos danos que causava ao carro do tio. Tio Silas amava o carro e tinha passado a manhã inteira o lavando, lustrando os raios dos pneus e tirando a terra do estribo. Agora ele chacoalhava sobre valas e buracos, lançando o tio Silas, sua esposa e seus filhos no ar e fazendo com que caíssem novamente com um solavanco. Brownfield suspirou quando o som do metal contra as

pedras chegou a seus ouvidos. Aquela estradinha era apenas para mulas, carroças e pés descalços.

— Uma carroça ia ser melhor — disse o pai dele.

— Mas nem de longe elegante desse jeito.

Sua mãe olhava para o carro sem inveja, mas com um ar melancólico.

Brownfield observou o automóvel até ele virar uma curva e finalmente desaparecer de vista. Em seguida ficou assistindo às últimas nuvens de poeira baixarem. Já sentia falta dos primos, embora eles o fizessem se sentir burro por nunca ter ido ao cinema e por nunca ter visto casas empilhadas umas em cima das outras até quase chegarem ao céu. Tinham passado uma semana em sua casa e deixaram de se impressionar com seu pouco conhecimento sobre a vida rural no primeiro dia. Ele mostrou aos primos como tirar leite da vaca, como alimentar os porcos, como encontrar os ovos das galinhas; mas no dia seguinte eles o bombardearam com conversas sobre automóveis, iluminação pública, ruas pavimentadas e coletores de lixo e sobre uma coisa na qual haviam andado certa vez em uma loja de departamentos que subia, subia, subia de um andar para o outro sem que ninguém precisasse dar um passo. Ele tinha ficado deslumbrado com essas informações, mas, por fim, irritou-se. Os primos o provocaram porque ele morava no campo e nunca via nada nem ia a lugar nenhum. Disseram que o pai dele trabalhava para um branco e que o branco era dono dele. Disseram que o pai deles, seu tio Silas, tinha ido para a Filadélfia para ser seu próprio chefe. Disseram que a mãe dele queria deixar o pai e ir para o Norte, ir para a Filadélfia com eles. Disseram que ela queria que ele, Brownfield, frequentasse a escola, que estava cansada do pai dele e queria deixá-lo de qualquer maneira. Os primos contaram tudo isso a Brownfield e muito mais. E o deixaram desnorteado, empolgado e magoado. Ainda assim, sentia falta deles; os primos pertenciam a um mundo que ele nunca tinha visto. Agora que tinham ido embora, ele se sentia como costumava se sentir apenas no inverno, nunca em junho: como se estivesse esperando por algo que ainda ia demorar muito para acontecer.

— Eu queria era que a gente morava na Filadélfia — disse ele.

— É, mas a gente não mora.

Quem disse isso foi o pai dele.

Brownfield olhou para Grange com surpresa. O pai quase nunca falava com ele, a menos que estivessem recebendo visitas. E mesmo nessas ocasiões, agia como se falar com o filho fosse um esforço, uma exigência pesada.

— O tio Silas gosta de falar sobre o automóvel — disse Brownfield, os lábios se atrapalhando ao pronunciar a palavra. Era uma palavra do tio, uma palavra da cidade. No campo, sempre diziam carro. Algumas pessoas ainda se referiam a eles como carroças, como se não conseguissem se acostumar a um meio de transporte que não fosse puxado por cavalos.

— Eu queria era que a gente tinha um automóvel que nem que esse!

— É, mas a gente não tem.

— Não, a gente não tem — reforçou Margaret.

Brownfield franziu o cenho. A mãe dele concordava com o pai sempre que possível. E, embora tivesse apenas dez anos, Brownfield se perguntava por quê. Ele achava que a mãe era como o cachorro deles em alguns aspectos. Não havia absolutamente nada que ela dissesse que não demonstrasse sua submissão ao marido.

— A gente tem é que agradecer por ter um teto sobre a cabeça e três refeição por dia.

Na verdade, era mais como uma refeição por dia. A mãe sorriu para Brownfield, um dos raros sorrisos repentinos que iluminavam seu rosto suave, em forma de coração. Sua pele era de um tom de marrom intenso, com um leve brilho avermelhado. Seus dentes eram pequenos e regulares e seu hálito era sempre doce, com uma limpeza leitosa. Brownfield tinha mãos como as dela, longas e finas mãos aristocráticas, com dedos feitos para acomodar joias. A mãe não tinha aliança, no entanto.

Brownfield ouviu o silêncio familiar ao seu redor. A casa deles ficava no fim da longa estradinha acidentada que dera tanto trabalho ao carro do tio. A estradinha não parecia ser mais do que uma trilha que se ramificava da estrada principal, que era de terra batida uniforme. O responsável por manter a estrada nivelada, um homem em uma grande máquina amarela parecida com um tanque, nunca nivelava a

estradinha que levava à casa deles, o que fazia com que fosse tão esburacada e ficasse cheia de poças de lama quando chovia. A casa ficava em uma clareira rodeada por uma floresta. Uma floresta cheia de animais e pássaros. Mas não eram animais grandes nem pássaros barulhentos, e às vezes dias se passavam sem que se ouvisse um som, e o céu parecia um cachecol redondo e azul feito de lã.

Brownfield havia nascido ali, nas vastas planícies cobertas de plantações de algodão do sul da Geórgia, e tinha se familiarizado primeiro com o calor sufocante no verão, em seguida com os longos períodos de quietude ininterrupta. Ainda muito pequeno, perambulava sozinho pela clareira, perseguindo lagartos e cobras, exibindo com solenidade seus cortes e machucados quando a mãe chegava em casa à noite.

A mãe o deixava todas as manhãs com um abraço apressado e um punhado de açúcar envolto em um pano, que ele chupava em tempo seco ou chuvoso, pela clareira empoeirada ou lamacenta, até que ela voltasse. A mãe trabalhava o dia todo catando minhocas para servirem de isca de pesca em troca de algum dinheiro. Suas pernas estavam sempre limpas quando ela saía de casa e sempre cobertas de lama e lodo quando voltava. As iscas que ela “catava” eram acondicionadas em latas e vendidas na cidade a cavalheiros que iam pescar por esporte. Quando era um bebê, a mãe costumava levar Brownfield com ela para a fábrica de iscas, mas ele atrapalhava, e as pilhas de minhocas se contorcendo, que primeiro eram jogadas em uma longa mesa para serem separadas, o aterrorizavam. Elas sempre tinham parecido parte da mesa, até que um dia a mãe o colocou sentado perto delas, ele rolou e se enroscou nas minhocas. Brownfield teve a sensação de que elas se moviam com uma contorção cega totalmente horripilante. Ele gritou sem parar. A mãe recebeu ordens de tirá-lo de lá imediatamente e nunca mais levá-lo para o trabalho.

No começo, ela o deixava em casa em uma cesta, com o pano cheio de açúcar pressionado contra o rosto. Ele passava o dia sugando o pano até reduzi-lo a um trapo sem gosto. Então, quando aprendeu a andar, ela o deixava nos degraus da varanda. Nos momentos que passava sentado ali, sem ter o que fazer, ele compartilhava os degraus com o cão magro e sarnento da família. E quando voejavam em torno do focinho do cão, as moscas voejavam

também em torno de seu rosto. Não havia ninguém lá para afastá-las, nem para trocar a fralda encharcada que as atraía, e que ele usava, encardida e úmida, presa em torno da cintura distendida. Ele passava horas perdido em um estupor monótono e letárgico. Sua fome fazia com que se movesse em transe, os olhos pesados e anormalmente brilhantes.

Aos quatro anos, vivia coberto de feridas. Eczemas cobriam sua cabeça, devorando seus cabelos em chumaços do tamanho de uma moeda. Os pés de tomate deixavam suas pernas cobertas de urticária até os joelhos — quando os tomates na horta da mãe estavam maduros, ele não comia nada além de tomates o dia inteiro —, e o pus escorria de furúnculos que irrompiam sob suas axilas. Sua mãe lavava as feridas com água de basalto. De repente, dos dias que passava sentado sem fazer nada, tirando as cascas das feridas, foi surgindo uma lânguida e lenta sequência de tarefas que era obrigado a realizar. Ele dava comida aos porcos, buscava lenha e conduzia a vaca pela clareira em busca de capim fresco. Quando completou seis anos, a mãe o ensinou a alimentar e ordenhar a vaca. Então ele passou a apreciar a paciência lenta e tranquila do animal e gostava de recolher seu leite substancial em um balde de estanho e bebê-lo ainda quente, escorrendo pelo queixo.

O pai trabalhava: semeando, cortando, espalhando veneno e colhendo algodão na plantação que se estendia por quase um quilômetro ao longo da estrada principal. Brownfield também trabalhava lá havia quatro anos, desde os seis, na companhia de outras crianças. O pai trabalhava com homens e mulheres em outra parte da plantação. A plantação de algodão também costumava ser silenciosa. As crianças ficavam cansadas demais e eram encorajadas a não brincar por causa do algodão. Os adultos conversavam baixinho, de forma intermitente, como o zumbido esporádico de vespas. O burburinho de suas conversas se tornava parte do silêncio, pois nada do que diziam podia ser ouvido com clareza do outro lado do campo, onde as crianças trabalhavam.

No fim do dia, todos os trabalhadores paravam. Havia cerca de vinte adultos, e cada um tinha vários filhos que trabalhavam na parte

da plantação destinada às crianças. O trabalho delas consistia em percorrer as fileiras que os pais tinham percorrido ao longo da semana anterior “capinando o algodão”, como se dizia. Quando viam os pais depositando os sacos no chão, as crianças se aproximavam e se posicionavam ao lado deles na borda da plantação, enquanto todos aguardavam a chegada do caminhão. Brownfield esperava o caminhão junto ao pai, que nunca olhava para ele nem reconhecia sua presença, a não ser no momento de colocar a saca de algodão na traseira do caminhão. Brownfield tinha medo do silêncio do pai, e seu medo atingia o auge quando o caminhão chegava. Pois quando ele chegava, o rosto de seu pai se congelava em uma máscara anormalmente cordial, uma visão curiosa e inquietante. Era como se seu pai se tornasse uma pedra ou um robô. Uma imobilidade sombria se instalava em seus olhos e ele se tornava um objeto, uma cifra, algo que se movia em solavancos tensos, quando se movia. Enquanto o caminhão ficava parado junto à plantação, os trabalhadores prendiam a respiração. Uma família de cinco ou seis se perguntava, ansiosa, se conseguiriam, juntos, levar para casa um dólar inteiro. Alguns dos trabalhadores riam e brincavam com o homem que dirigia o caminhão, mas olhavam para os sapatos, as pernas da calça ou as mãos dele, nunca em seus olhos, e sua expressão era uma combinação de pequenos sorrisos dissimulados e um desespero acovardado e envergonhado.

O pai de Brownfield não dava um sorriso. Ele simplesmente ficava paralisado; seus movimentos, quando precisava se mover para colocar sacas no caminhão, eram rígidos como os de uma máquina. No início, Brownfield achava que o pai ficava petrificado diante do veículo. O caminhão era grande e barulhento, de um cinza frio e militar. Seus grandes pneus achatavam os caules dos algodoeiros e cavavam sulcos profundos na terra macia do campo. Mas depois de assistir ao carregamento por várias semanas, ele percebeu que era o homem que dirigia o caminhão que fazia com que seu pai vestisse uma máscara mais impenetrável do que seu silêncio habitual. Brownfield olhou atentamente para o sujeito e fez uma descoberta surpreendente: o homem era um homem, mas completamente diferente de seu pai. Quando se deu conta da diferença de odor, som, movimento e riso, bem como de cor, ele se perguntou como não a havia percebido antes. Quando criança, no entanto, todos os homens

pareciam se fundir em um só. Eram exatamente iguais, tinham todos o mesmo cheiro, a mesma sensação de dureza musculosa quando o seguravam contra seus corpos, a mesma indiferença em relação a tudo que era pequeno. Eles se orgulhavam apenas de sua própria grandeza, quando riam e abriam suas bocas cavernosas, ou quando andavam com seus passos largos e temíveis, ou quando se curvavam para pegá-lo de sua grande altura e o atiravam para cima e o pegavam nos braços. A reação de horror imediato de Brownfield ao ver o homem que deixava seu pai paralisado foi porque ele tinha cabelos castanhos e lisos como a pelagem de um animal. Pensando que essa descoberta era a explicação para o distanciamento frio do pai em relação ao homem, Brownfield passou a sentir ele mesmo um nervosismo paralisante em sua presença.

Uma vez o homem tocou sua mão com o cabo da bengala, de leve, e disse, com um hálito de menta: “Você é o filho de Grange Copeland, não é?” E Brownfield respondeu: “Ahã”, mordendo lábio e recuando para se afastar do enorme emaranhado de pelos cinza-escuro que cobria a parte superior do peito e o pescoço do homem. Enquanto ele olhava para os pelos, um dos trabalhadores — não seu pai, parado a seu lado como se não soubesse que ele estava ali — disse baixinho: “Diga ‘Sim, senhor’ para o Sr. Shipley”, e Brownfield olhou para cima antes de dizer qualquer coisa, e examinou o rosto do pai. A máscara estava tão firme e impassível quanto se ele tivesse se revestido de cera. E Brownfield sentiu pela primeira vez um odor de suor, medo e algo indefinido. Algo abafado e tenso (que era de seu pai e dos outros trabalhadores, e não de menta) que vinha do corpo de seu pai. O pai dele não disse nada. Brownfield, tremendo, disse “Sim, senhor”, tomado pelo terror diante daquele homem que era capaz, com sua simples presença, de transformar seu pai em algo que mais parecia um seixo, uma estaca ou um punhado de terra, exceto pelo odor amargo e pronunciado de algo cuja fonte estava contida à força na carne.

Um dia, não muito tempo depois, Grange estava bebendo tranquilamente em casa, estendido na varanda. Brownfield estava sentado nos degraus olhando para ele, hipnotizado pelo movimento da garrafa subindo e descendo na mão do pai. Grange percebeu que ele estava olhando, e Brownfield teve medo de se afastar e medo de permanecer onde estava. Quando bebia, seu pai considerava

qualquer ação uma afronta pessoal. Ele olhou para Brownfield e começou a falar. Havia pequenas linhas amarelas e vermelhas em seus olhos, como as nervuras de uma folha. Brownfield se aproximou. Mas tudo que o pai dele disse foi:

— Eu devia era de te jogar ocê no maldito poço.

Brownfield recuou, alarmado, embora não houvesse raiva nem determinação na voz de seu pai; havia apenas um anseio violento e embriagado e um tremor exausto de pena e arrependimento.

Brownfield havia contado aos primos sobre o homem, e foi então que eles lhe contaram como o pai dele pertencia a outro homem e como o pai deles havia escapado de pertencer a outro homem ao se mudar para o Norte. E agora eles tinham um belo carro novo a cada dois anos, belos móveis com estofado aveludado, e sua mãe não tinha que catar iscas nojentas, mas trabalhava para pessoas que possuíam duas casas e um longo carro preto que era dirigido por um homem que vestia um traje verde com galões dourados. Esse homem era o pai deles, que um dia os havia levado para um passeio no carro, então eles sabiam do que estavam falando. Eles haviam brincado com crianças ricas e, ao falar sobre elas com Brownfield, que vivia em uma casa cheia de goteiras, pareciam ricos também.

Angeline, sua prima, que tinha o costume de escutar conversas, disse a Brownfield, com impaciência, que ela e o irmão Lincoln haviam ouvido a mãe dizer que a família de Brownfield nunca conseguiria nada, porque não tinham juízo suficiente para deixar o condado de Green, na Geórgia. Foi Angeline quem contou a ele que sua mãe dissera que Grange não prestava; que ele tinha tentado obrigar a esposa a “se vender” para quitar suas dívidas. A mãe de Brownfield e a de Angeline eram irmãs.

— Ele até queria que ela se vendesse pro homem que dirige o caminhão — mentiu Angeline.

— Ou pra qualquer outra pessoa que quisesse comprar ela! — completou Lincoln.

Lincoln começou a dançar ao redor de Brownfield.

— Vocês estão devendo mil e duzentos dólares! E nunca vão conseguir pagar!

Angeline empinou o nariz com afetação.

— Meu pai diz que vocês nunca vão pagar, porque vocês não têm dinheiro e o seu pai bebe todo o dinheiro que aparece nas mãos dele.

Brownfield quis saber o que “vender” significava quando aplicado à sua mãe, mas os primos apenas riram e cutucaram um ao outro, sérios mas com um deleite visível.

Para Brownfield, as informações que os primos lhe deram foram especialmente agourentas. Ele tentou se lembrar de quando o silêncio do pai havia começado, pois certamente devia ter havido um tempo quando o pai arrulhava, esperançoso, enquanto fazia festinha para ele em seu joelho. Talvez, pensou, o silêncio do pai fosse parte da razão para a mãe ser sempre tão submissa a ele e para o pai estar sempre com ciúmes dela e ficar com raiva quando ela falava com outros homens, nem que fosse apenas para dizer “como vai?”. Talvez ele tivesse tentado vendê-la e ela tivesse se recusado a ser vendida — o que poderia explicar por que eles ainda eram pobres e endividados e por que morreriam assim. E talvez seu pai, que certamente se sentira mal por tentar vender a esposa, tivesse se tornado taciturno e ciumento não por causa de algo que ela tivesse feito, mas por causa do que ele mesmo havia tentado fazer! Talvez sua mãe tivesse tanto medo de Grange quanto ele, aterrorizada por sua compostura tensa. Talvez ela tivesse medo de que ele a vendesse de qualquer maneira, quer ela aceitasse ser vendida quer não. Talvez fosse por isso que ela se esforçava tanto para agradá-lo.

Brownfield ficou com dor de cabeça de tanto tentar entender o significado do que os primos tinham lhe contado. A necessidade de compreender as ações de seus pais penetrou nele com o riso dos primos. O sangue correu para sua cabeça e ele ficou nauseado. Pensou febrilmente em como passavam as semanas. No calor, no frio, no trabalho, na sensação de desespero por trás de todos os pequenos sorrisos dissimulados. Na sensação de fome no inverno, nos rostos desolados e sisudos, nas ocasiões em que comia casca de árvore quando era deixado sozinho antes de a mãe voltar para casa cheirando a iscas e estrume. Na pele macia e no hálito de leite da mãe; no jeito taciturno do pai, e na sensação de um conhecimento inevitável e galopante, como uma tempestade de verão que chega com ventos fortes e inundações repentinas, que iria por fim quebrar o silêncio e esmagá-los sem piedade. Um dia ele saberia tudo e seria igual aos primos e ao pai, e talvez até a Deus.

A vida deles seguia uma espécie de ciclo que dependia quase completamente do humor de Grange. Na segunda-feira, sofrendo com uma ressaca e com as sequelas de uma violenta discussão que tivera com a esposa na noite anterior, Grange ficava taciturno, intratável, reservado, em uma agonia profunda sob o sol quente do início da manhã. Margaret ficava tensa e rígida, extremamente nervosa. Brownfield andava pela casa como um rato. Na terça-feira, Grange ficava apenas quieto. A esposa e o filho começavam a relaxar. Na quarta-feira, conforme o dia se alongava e as fileiras de algodoeiros se alongavam ainda mais, Grange murmurava e suspirava. Ficava sentado respirando o ar da noite por mais tempo antes de ir para a cama; falava de se mudar, de ir para o Norte. Talvez tentasse até mesmo calcular quanto devia ao homem que era proprietário das plantações. O homem que dirigia o caminhão e que era o dono do casebre que ocupavam. Mas essas atividades o deixavam deprimido, e ele dizia coisas nas noites de quarta-feira que faziam sua esposa chorar. Às quintas-feiras, o abatimento de Grange atingia o auge e ele fazia caretas respeitadas, com os olhos velados, ao ouvir as piadas contadas pelo homem que dirigia o caminhão. Nas noites de quinta-feira, percorria todos os cômodos da casa com um passo imponente, pendurando-se e se balançando nas vigas da varanda. Brownfield ouvia suas articulações rangendo em meio aos sons da varanda, pois toda ela estremecia quando seu pai se balançava. Na sexta-feira, Grange estava tão entorpecido pelo trabalho e pelo sol que não queria nada além de descansar pelos próximos dois dias antes de começar tudo de novo.

Na tarde de sábado, Grange fazia a barba, tomava banho, vestia um macacão e uma camisa limpos e ia de carroça até a cidade para comprar mantimentos. Enquanto ele estava fora, a esposa lavava e alisava os cabelos. Ela se arrumava e se sentava, resplandecente e bela, junto à porta aberta, esperando ansiosamente por visitas que nunca chegavam.

Brownfield também ficava limpo e bem-vestido e brincava contente na floresta silenciosa e na clareira. No sábado à noite, já bem tarde, Grange voltava para casa cambaleando de bêbado, ameaçando matar a esposa e o filho, tropeçando e disparando sua espingarda. Ele ameaçava Margaret, que saía correndo e se escondia na floresta, com Brownfield encolhido a seus pés. Então Grange saía pela porta e

ia para o quintal, chorando como uma criança, dando grandes soluços sofridos e esfregando toda a cabeça na terra. Ele ficava deitado lá até domingo de manhã, quando as galinhas ciscavam ao seu redor, o cão o farejava e nem a esposa nem Brownfield chegavam perto dele. Em vez disso, Brownfield brincava do outro lado da casa. Andando com firmeza, mas ainda pálido ao meio-dia, Grange atravessava o pasto e a floresta, precipitando-se, como um homem cego, até a Igreja Batista, onde sua voz se elevava acima de todas as outras em cânticos e orações. Margaret também estaria lá, Brownfield dormindo no banco a seu lado. De volta à casa depois da igreja, Grange e Margaret começavam uma discussão durante o jantar que os lançava em mais uma semana exatamente como a anterior.

Brownfield deixou de observar a estrada e examinou com ódio a casa onde moravam. Era um casebre de dois cômodos com uma chaminé de tijolos em um dos cantos. O telhado era de telhas de madeira cinza em decomposição; as laterais, tábuas verticais cinzentas; todo o aspecto da casa era cinza. Era mais baixa no meio do que nas extremidades e lembrava um animal com o dorso arqueado, pronto para pastar. Havia um poço de pedra localizado funcionalmente no meio do quintal, o balde de madeira coberto de musgo pendurado por uma corrente enferrujada e pedaços de corda puída. Onde a água era descartada, atrás do poço, ipomeias desabrochavam, seus tentáculos se estendendo até a pilha de lenha, que era uma mistura de pedaços de troncos de árvore, lascas de ossos de carcaça depositados pelo cachorro e bridões e freios descartados que haviam atormentado as mandíbulas e os dentes de muitas mulas teimosas.

Pelo canto do olho, Brownfield notou que o pai também examinava a casa. Grange estava parado, com um dos braços dobrado sobre a base das costas, à moda de um soldado, e com a outra mão fazia gestos na direção disso e daquilo no casebre, como se apontasse os reparos necessários. Havia muitos. Ele era um homem alto, magro e taciturno, ligeiramente curvado de tanto arar a terra, com a pele de um marrom-escuro e lustroso como o de uma noz-pecã. Tinha trinta e cinco anos, mas aparentava ser muito mais velho. O rosto e os olhos

tinham um vazio e uma tristeza impassíveis, como se um grande fogo tivesse se apagado dentro dele e sua falta só tivesse sido sentida recentemente. Ele parecia desprovido de qualquer emoção, enquanto Brownfield o observava, exceto pela desorientação. Uma desorientação tão completa que ele realmente não parecia saber o que via, embora sua mão continuasse a gesticular, mais ou menos a esmo, e seus lábios se movessem, articulando palavras ininteligíveis. Enquanto o filho observava, Grange ergueu os ombros e deixou que caíssem. Brownfield conhecia bem esse movimento; era o encolher de ombros fatal. Significava que seu pai não via nada na casa que pudesse mudar e, portanto, deixaria de gesticular na direção dela e nunca mais pensaria em consertá-la.

Quando a mãe de Brownfield manifestou o desejo de que ele frequentasse a escola, Grange avaliou a possibilidade com a mesma gesticulação inaudível que havia dirigido à casa. Como não sabia nada sobre escolas, mas sabia que não tinha dinheiro, encolheu os ombros; o encolher de ombros foi o fim desse sonho em particular. Foi a mesma coisa quando Margaret precisou de um vestido e Grange não tinha como comprá-lo. Ele se limitou a encolher os ombros e nunca mais mencionou o assunto. Depois de cada encolher de ombros, ele ficava mais silencioso do que antes, como se cada um desses movimentos o privasse de mais um tópico de conversa.

Brownfield deixou de olhar para o pai e para a casa e se voltou para a mãe, que passava a mão nos olhos. Ele se sentou de cara fechada, tomado por um descontentamento recém-descoberto. Estava triste por ela e se sentia amargamente pequeno. Como poderia suportar perdê-la, para o pai, para a morte ou para a idade? Como sobreviveria sem sua força dócil e a fragrância flutuante de seu corpo, que era doce, convidativa e delicada, e ao mesmo tempo cheia dos aromas reconfortantes de comida, sabão e leite.

— Você podia ter ido — disse Grange baixinho para a esposa.

— Eu não sei é nada sobre como as coisa é lá pros lado do Norte.

— Você podia aprender.

— Não, eu acho que não — havia um suspiro em sua voz.

Brownfield se animou. Então seus primos estavam certos; houvera conversas sobre ele e a mãe iriam com eles para a Filadélfia. Por que não foram? Ele ficou zangado e se sentiu deixado de fora.

— Eu num sabia que *chamaram* nós para ir. *Eu* quero ir lá pros lado do Norte. — Seus primos diziam que só os caipiras mais ignorantes da Geórgia diziam “lá pros lado do Norte” como ele.

A mãe sorriu para ele.

— E usar os cabelo esticado feito uma mulher? Pode esquecer, menino!

Brownfield, um admirador do tio Silas, não se deixou dissuadir.

— É só eu não usar o lenço apertado em volta dos cabelo à noite — disse ele.

— Coitada da minha irmã Marilyn — murmurou sua mãe, com tristeza. — Toda emperiquitada que nem uma mulher da vida. Deus Nosso Senhor *me* ajude a nunca querer usar os cabelo de outra mulher na *minha* cabeça. Pra falar a verdade — continuou ela, se dirigindo a Grange por cima da cabeça de Brownfield —, eu acho que aquilo nem *era* cabelo de verdade. Deu pra sentir quando ela tirou pra mim experimentar. Parecia mais os cabelo que tem na ponta do rabo de uma vaca, e quando ocê puxa um fio, ele esticava.

— Eu gosto, porque faz um barulhinho — disse Brownfield com um ar romântico.

— Isso é porque ocê não tem juízo nenhum — disse Grange.

Capítulo 2

Cinco anos depois da visita dos primos, Brownfield estava de pé no mesmo ponto do quintal, observando a aproximação de outro veículo. Dessa vez, era um caminhão grande e cinza, de carroceria alta, que ele conhecia bem. O caminhão avançava pesadamente pela estrada, interrompendo o silêncio enevado da manhã de domingo. O homem ao volante não era o mesmo que costumava dirigi-lo. Quando ele se aproximou, Brownfield viu um braço marrom pendurado na janela. Era Johnny Johnson, um homem que trabalhava para o Sr. Shipley. O caminhão parou junto à clareira e a mãe de Brownfield desceu. Ela parou um momento para falar com o motorista, depois se virou e andou devagar e em silêncio em direção à casa. O caminhão fez uma volta barulhenta e desapareceu na estrada. A mãe dele tirou os sapatos e os carregou com as mãos. Ela caminhava devagar e com relutância sobre o orvalho. Estava olhando tão atentamente para o chão que não viu Brownfield até quase esbarrar nele. Ele era mais alto do que ela, e maior, e quando percebeu sua presença, ela se sobressaltou.

— Bom dia — disse ele, friamente.

A mãe carregava os sapatos junto ao peito, cheia de culpa, apertando-os com ambas as mãos. Seus lindos cabelos crespos estavam soltos sobre os ombros como uma nuvem de tempestade indomável, um fio prateado e quebradiço aqui e ali. Seu vestido estava amassado, e a cruz dourada que costumava ficar escondida dentro dele saltava por cima da gola. Os olhos dela estavam fatigados e piscavam, confusos, para o filho. Ela exalava um cheiro rançoso e fumarento. Com dedos nervosos, tentou enfiar as meias amarrotadas mais para dentro dos sapatos.

— Ah — disse ela, olhando para a casa —, eu não vi ocê parado aí.

Brownfield saiu do caminho dela, sem dizer nada.

— O neném tá bem? — perguntou a mãe rapidamente, os nós dos dedos pressionados contra os sapatos.

— Ele tá bem — respondeu Brownfield.

Ele a seguiu para dentro de casa e observou enquanto ela se debruçava sobre seu meio-irmão. O bebê dormia tranquilamente, a bundinha minúscula empinada para cima. Ele era produto da nova personalidade de sua mãe e combinava com sua nova aparência, bonita e maquiada, e seu novo aroma de camas alheias, perfumes comprados em lojas e gim.

— Seu pai e eu teve outra briga — disse ela, desabando sobre a cama. — Ah, nós teve uma briga daquelas de se rasgar, derrubar no chão e sair arrastando. Com aquela vadia gorda e loira dele incentivando.

Ela dizia isso com muita naturalidade. Eles vinham brigando dessa forma havia anos. O tempo em que ela esperava sozinha nas tardes de sábado por pessoas que nunca apareciam tinha ficado para trás. Agora, quando o marido a deixava em casa e ia para a cidade, ela ia atrás. No começo, percorria resolutamente a distância a pé ou pedia carona na estrada. Nos últimos tempos, tinha passado a ir na companhia de alguém, muitas vezes no grande caminhão cinza.

— Tô vendo que ele ainda não voltou — disse ela.

Brownfield estava recostado na porta, torcendo para que seu trabalho como babá tivesse terminado.

— Ele falou que num vai mais voltar — disse a mãe, tirando o vestido pela cabeça e o sacudindo. Ela soltou uma risada cheia de rancor. — Quantas vez nós já ouviu *isso*? Era pra ele estar satisfeito, eu dando comida e ela dando pra ele!

Brownfield tapou cuidadosamente os ouvidos quando a mãe começou a praguejar. Ele sabia que o pai tinha outra mulher, e vinha se encontrando com uma, ou várias, já fazia um bom tempo. Mas isso não o afetava da mesma maneira que afetava a mãe. Ele observou enquanto ela tirava a combinação e não se lembrou de desviar o olhar quando a combinação caiu o chão. Ela se virou para encará-lo, os olhos cansados, mas desafiadores.

— Tá olhando o quê?

— Nada — respondeu Brownfield, e se virou.

A mãe localizou a cruz no final da corrente em volta do pescoço e a tocou solenemente.

— Eu só tava pensando no tio Silas e na tia Marilyn — disse ele, de costas para a mãe.

— E por causa de quê que ocê tava pensando neles? Não tenho notícia da Marilyn indeusde que o Silas foi morto. Mas que ideia, tentar roubar uma loja de bebidas em plena luz do dia! A Marilyn sempre enchia a boca pra falar da geladeira nova, das roupa e da educação de luxo dos filho, mas nunca que abriu o bico pra dar um pio sobre o Silas usar droga. O tempo todo vindo aqui naqueles carro elegante deles como se *nós* que estivesse por baixo. Aposto que lá pros lado do Norte as coisa é tudo uma bosta que nem aqui. — Ela se ajoelhou ao lado da cama. — Dá uma mamadeira de leite pro neném quando ele acordar — disse ela, ainda ajoelhada no chão.

Minutos depois de fazer suas orações, ela estava dormindo profundamente.

Brownfield olhou para o bebê com repulsa. Sempre acabava sendo obrigação dele cuidar do irmão. Isso fazia com que se sentisse um maricas. Por sorte, o bebê estava dormindo profundamente, porque se estivesse acordado, Brownfield teria vontade de lhe dar um beliscão que faria a mãe voar para fora da cama, seus xingamentos e murros atingindo primeiro a cabeça dele, em seguida a do bebê.

Brownfield já era grande demais para brincar na clareira, então, em vez disso, pegou a caixa que ficava ao pé de sua cama e tirou lá de dentro seus sapatos novos, comprados com o dinheiro que havia ganho trabalhando na fábrica de iscas nas horas vagas, e os levou para fora. Ficou sentado nos degraus da varanda, polindo-os com um pedaço de uma das camisas velhas do pai.

Enquanto lustrava os sapatos carinhosamente com o trapo, Brownfield se deixou afundar em um de seus devaneios favoritos. Viu a si mesmo quando adulto, com mais ou menos vinte e um anos, chegando em casa ao entardecer de um dia com neve. Em seus devaneios sempre tinha neve. Ele a havia visto apenas uma vez, quando estava com sete anos e nevou um pouco no Natal, o que lhe causou uma impressão gelada e marcante. Em seus devaneios, a

neve caía sobre a terra como penas de galinha despejadas de um colchão e dava a sensação de caminhar através de uma parede silenciosa de pingos de chuva sem peso, suspensos no ar, límpidos e frios no contato com as pálpebras e o nariz. Em seu devaneio, ele parava diante de sua casa — uma mansão imponente com chaminés de tijolos vermelho-cereja e uma varanda com degraus de tijolos da mesma cor —, a bordo de um carro comprido dirigido por um motorista. O motorista saía do veículo primeiro e abria a porta de trás, onde Brownfield estava sentado fumando um charuto. Em seguida, o motorista desaparecia nos fundos da casa, onde uma mulher esperava por ele nos degraus que levavam à cozinha. Ela era a cozinheira, adorada e muito respeitada, e já estava na casa, com o motorista e a família de Brownfield, fazia muitos anos. A esposa e os filhos de Brownfield — dois filhos, uma menina e um menino — esperavam ansiosamente por ele do lado de dentro, no vestibulo. E se atiravam em cima dele, cobrindo-o de beijos. Enquanto contava à esposa sobre os grandes negócios que havia fechado naquele dia, ela lhe preparava um drinque com uísque e hortelã. Depois de um esplêndido jantar, servido pela cozinheira, que vestia um uniforme preto e gorro branco engomado, ele e a esposa, abraçados, colocavam as crianças para dormir e passavam o resto da noite conversando sobre o dia dela (que havia passado caminhando no jardim) e fazendo amor.

Havia uma coisa estranha no devaneio. O rosto da esposa de Brownfield e o da cozinheira se intercambiavam constantemente, de modo que sua esposa primeiro era negra e tinha a pele reluzente de tanto cozinhar, depois era branca e tinha a pele coberta de pó quando a tocava; seu eu sonhador não conseguia se decidir. O rosto dos filhos estava sempre desfocado. Ele os reconhecia apenas por sua presença angelical, dois pontos brilhantes de calor; eles pairavam ao seu redor, chamando-o carinhosamente de “papai”, enquanto ele acariciava o ar, imaginando que fossem sua cabeça.

A primeira vez que Brownfield teve esse devaneio foi uma semana depois de seus primos lhe contarem sobre o Norte. A cada ano ele se tornava mais longo e mais intensamente real; às vezes o possuía. Enquanto sonhava com a vida que ia viver como homem, nenhum outro pensamento penetrava sua mente. Ele sonhava sozinho e ficava em silêncio; e era por isso que sua mãe achava que cuidar de

um bebê era a ocupação ideal para ele. Mas, com o bebê por perto, capaz de perturbar a quietude a qualquer momento, Brownfield era impedido de se deixar envolver profundamente pela neve, pelo conforto aconchegante de sua limusine luxuosa e pelos cuidados constantes de sua amada esposa imaginária. Ele nutria um profundo ressentimento em relação à mãe por dificultar tanto seus devaneios.

Brownfield terminou de lustrar os sapatos. Rompendo o silêncio, ouvia agora o choro do irmão mais novo. Sem pressa, em parte ainda tomado pela sensação de bem-estar provocada pelo sonho, ele se levantou, as mãos segurando os sapatos com cuidado, palmas para cima, de modo a não borrar o couro reluzente, e caminhou em direção à caixa ao lado de sua cama. Era uma caixa de papelão e, como um pequeno baú, tinha também prateleiras de papelão. Ele levantou a aba que servia de tampa e depositou os sapatos lá dentro com cuidado, separados de seus outros pertences. Havia uma calça jeans nova, uma camisa nova, verde com estampa de pássaros, índios e veados, e um lenço amarelo de cetim macio. Ele havia comprado o lenço do homem da loja itinerante. Custara um quarto de dólar, e Brownfield tinha muito orgulho dele.

O bebê ainda estava chorando. Brownfield olhou por um momento para a mãe, deitada na cama; ela havia puxado a colcha sobre a cabeça. A parede perto de sua cama estava coberta de calendários de funerárias, fotos de revistas e recortes de papel-jornal que ela havia tirado da Primeira Cruzada Cristã Batista em Cores. O bebê olhou esperançosamente para a cama, depois pateticamente para Brownfield. Com um movimento ríspido dos dedos, Brownfield enfiou a mamadeira na boca do bebê, que ficou deitado de lado, mamando avidamente, e olhou para o irmão mais velho com olhos inchados e desconfiados. Ele tinha quase dois anos, mas se recusava a aprender a andar. Em vez disso, deixava que o carregassem para todo canto, onde era deixado e ignorado até que algo o fizesse gritar. O nome do bebê era Star, mas ele nunca era chamado de nada. Era tratado com indiferença na maior parte do tempo, e parecia resignado com o fato de não pertencer a ninguém. Tinha olhos cinzentos e cabelos avermelhados, e sua pele era sombreada de chocolate e de um dourado pálido, como um pequeno animal. A julgar por sua estranha coloração, o pai dele poderia ser qualquer um dos muitos amantes da mãe.

Margaret nunca havia ficado impressionada, nem uma única vez, com a vida que a irmã levava no Norte, ou era o que vivia repetindo para Brownfield. Mas fora ficando cada vez mais insatisfeita com a própria vida, uma vida que era tão previsivelmente desinteressante quanto a plantação de algodão do ano anterior. Em algum momento ela havia mudado. De maneira lenta e imperceptível. Até ser tarde demais para que Brownfield se lembrasse exatamente de como ela era quando a amava. Tinha a impressão de que um dia ela era como sempre a conhecera: gentil, submissa, com um leve aroma de leite; e no dia seguinte era uma mulher selvagem em busca de coisas frívolas, dos bons momentos de seu coração, nos abraços efêmeros de estranhos.

Brownfield culpava o pai pela mudança da mãe. Pois era Grange que ela seguia no início. Foi Grange quem a apresentou aos rituais de música, dança e bebida, para os quais ele sempre corria nos fins de semana, todos os sábados à noite. Foi Grange quem procurou pela primeira vez outra pessoa. Em algumas noites de sábado, Grange e Margaret saíam de casa juntos e animados, em busca de algo que Brownfield não fazia ideia do que fosse, a não ser que devia ser algo forte e poderoso e algo que eles pensavam ter perdido. Pois ficavam frenéticos em busca do que quer que aquilo fosse. Muitas vezes, voltavam para casa juntos, ainda animados, corados por causa de brigas ou dos bons momentos, mas com o brilho gradualmente desaparecendo de seus olhos conforme encaravam as tábuas rangentes da casa sem pintura. A depressão sempre dava lugar a brigas, como se elas fossem capazes de preservar parte do sentimento de estar vivo. Era complicado compreender, mas não era difícil saber que eles se amavam. E mesmo quando Margaret buscava alívio de suas preocupações nos braços de seus colegas catadores de iscas e membros da igreja, ou do homem que dirigia o caminhão e que deixava seu marido petrificado, havia uma deferência em seus olhos que demonstrava seu amor por Grange. Nos dias de semana em que, sóbria e imbuída de seu papel de esposa, se esforçava para preparar comida com plantas que cresciam livremente e pequenos animais apanhados em armadilhas, ela ainda era submissa. Era apenas nos fins de semana que se transformava em uma caçadora de toques suaves, vozes gentis e sexo, sem as discussões sobre as constantes e prementes pressões da vida diária.

Havia se arrependido sinceramente do bebê. E agora, respeitando humildemente os sentimentos do marido, o ignorava. O que Brownfield não conseguia perdoar era o fato de, em meio ao drama de sua vida, o pai e a mãe se esquecerem de que não estavam sozinhos.

Quando Brownfield acordou, à noite, a mãe não estava. De sua cama na cozinha, viu o pai sentado na cama, segurando algo nos braços. Era longo e escuro, como uma haste de aço, e brilhava à luz da lâmpada de querosene. O rosto de Grange estava impassível, os traços melancólicos. Depois de colocar o rifle na cama, ele pegou o chapéu verde-negro empoeirado. Ficou parado olhando para o chão, os ombros caídos, imóveis. Parecia muito velho. Vagarosamente, ele se moveu pelo quarto. Esperou, indeciso, que a esposa voltasse. Olhou para o bebê adormecido no berço improvisado, um caixote que um dia fora preenchido por laranjas. Deu de ombros. Então ergueu os olhos para onde a cama de Brownfield ficava, de um lado da cozinha, entre a mesa e o fogão. Lentamente, entrou no cômodo, que era gelado e cheirava a biscoitos velhos, e que passou a ter um novo ritmo noturno com sua entrada. O ar se agitava ligeiramente com seus movimentos. Os sons do chão mudavam a cada passo que dava.

Brownfield fingiu estar dormindo, embora seu coração estivesse batendo tão forte que ele tinha certeza de que o pai podia ouvir. Viu Grange se curvar sobre ele para inspecionar sua cabeça e seu rosto. Viu quando ele estendeu a mão para tocá-lo. Viu sua mão se deter pouco antes de encostar em sua bochecha. Brownfield estava chorando em silêncio e queria que o pai tocasse suas lágrimas. Ele se moveu em direção à mão do pai, como se estivesse se movendo inconscientemente durante o sono. Viu a mão recuar, sem tocá-lo. Viu quando ele se virou bruscamente e saiu da cozinha. Ouviu quando ele saiu de casa. E soube, mesmo antes de se dar conta disso, que o pai nunca mais ia voltar, que o odiava por tudo e sempre o odiaria. E o odiava acima de tudo porque, mesmo em privado e no escuro e com Brownfield presumivelmente adormecido, Grange não foi capaz de tocar o filho com a mão.

• • •

— Bom. Ele foi de vez — disse a mãe sem raiva no fim da terceira semana.

Na semana seguinte, no entanto, ela saiu com o bebê envenenado para a escuridão da clareira e, pela manhã, Brownfield os encontrou lá. Ela estava encolhida de um jeito solitário, longe do filho, como se tivesse passado os últimos momentos de joelhos.

Capítulo 3

— Você pode arrumar uma esposa — disse Shipley em um tom confidencial — e se instalar aqui nessa casa. Talvez vai precisar de alguns reparo, mas eu posso te emprestar o suficiente para isso, e com alguns retoques aqui e ali, vai ficar igual nova.

Os cabelos de Shipley ainda pareciam a pelagem macia e oleosa de um animal, mas agora eram de um branco encardido e estavam ralos. Ele olhou para Brownfield sob as sobrancelhas que haviam desbotado de louro para um cinza-amarelado. Seus olhos azul-claros se esforçavam para transmitir bondade e generosidade. Brownfield desceu do caminhão, sabendo que seu rosto era uma máscara igual à do pai. Como isso o amedrontava e como não sabia por que deveria ter herdado esse medo, removeu deliberadamente uma poeira imaginária dos ombros de um terno preto surrado que Shipley tinha lhe dado.

Ele havia ficado chocado ao ver Shipley no funeral, mas logo adivinhou que tinha ido até lá na esperança de surpreender Grange. Shipley não aceitava de bom grado que as pessoas fugissem lhe devendo dinheiro, não importava que já tivessem quitado diversas vezes quaisquer dívidas que pudessem ter. Ninguém havia sussurrado uma palavra contra ele enquanto olhava para a mãe e o filho mortos e inchados. Para a maioria das pessoas no funeral, a presença de Shipley era ao mesmo tempo um símbolo de status e um insulto, embora não estivessem acostumadas a pensar nesses termos e não fossem capazes de expressar sentimentos tão contraditórios. Shipley conseguiu a todo custo derramar uma lágrima, em prol dos outros presentes ao velório, e Brownfield deu uma risada amarga para si mesmo. A lágrima não era necessária: a pena era algo escasso no funeral de sua mãe; a maioria das pessoas

presentes ali achava que ela tivera o que merecia. A lágrima de crocodilo de Shipley foi a única derramada.

O próprio Brownfield tinha ficado sentado, mole e pegajoso, desejando estar a um milhão de quilômetros de distância dali. A mulher que a mãe dele fora nos últimos anos não tinha seu amor, nem sua compaixão e quase nenhum dos seus pensamentos. A ideia de continuar morando na casa dela não lhe provocava nada além de repulsa. Ele também sabia que, no minuto em que aceitasse o dinheiro de Shipley, estaria condenado. Se pegasse dinheiro emprestado, Shipley se certificaria de que ele nunca mais terminasse de pagar.

— Não sei, mas quem sabe a gente podia construir uma casa nova pra você — disse Shipley, pensando que, com os músculos de Brownfield, ele poderia realizar o trabalho de um adulto.

Shipley acreditava, com uma mistura de admiração e desprezo, que os negros se desenvolviam mais cedo do que os brancos, especialmente nos bíceps. Ele também achava que, enquanto tivesse Brownfield, haveria uma chance de pegar Grange. Acreditando que Brownfield estivesse sem palavras por causa da tristeza e de sua generosa oferta, Shipley continuou falando com ele de maneira encorajadora.

— No fim das contas, se você se casar com uma daquelas potrancas da minha propriedade, ela vai querer sentir o cheiro da madeira nova. Ó, eu não consigo passar por uma casa naquela propriedade sem que as mulher me pare, falando sobre arrumar a casa delas ou querendo que eu construa uma nova.

Ele estava tentando despertar alguma simpatia, mas Brownfield ficou parado olhando para o chão.

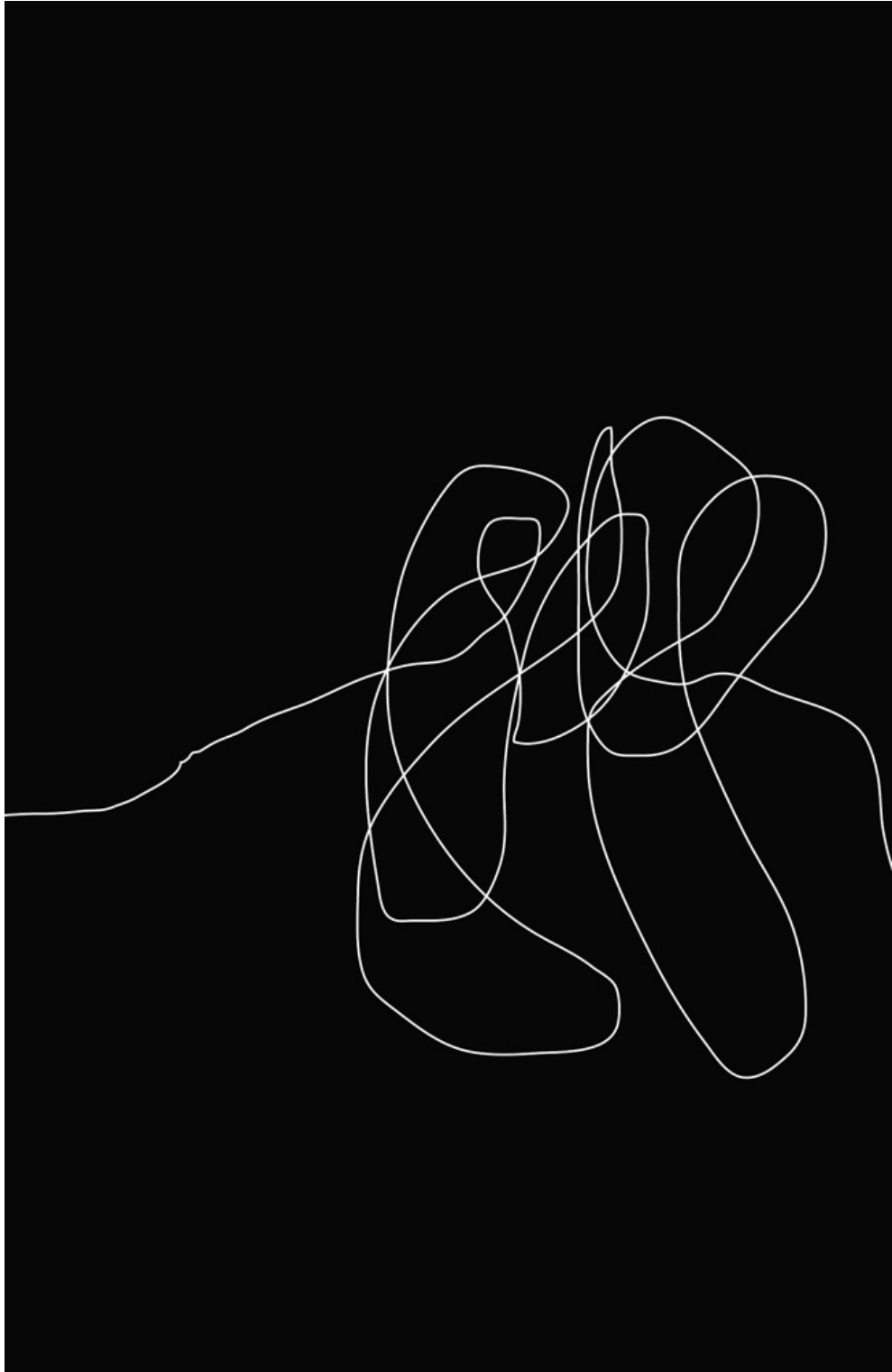
— Mas o principal é — continuou Shipley, sorrindo gentilmente — que a gente quer que você fique aqui com a gente. E não te recriminamos pelo que seu pai fez. Vamo deixar isso para lá. — Ele continuou a sorrir, mas olhou para Brownfield com astúcia por sob as sobancelhas. — Claro, acho que você disse que não sabe do paradeiro dele, não é?

— Não, senhor — respondeu Brownfield, de uma grande distância vazia.

— Bom — disse Shipley, com tristeza, como se estivesse sendo vítima de uma grande injustiça, mas não estivesse disposto a permitir

que isso o dissuadisse de futuros atos de bondade —, pensa aí em tudo que a gente conversou. E tira o dia de folga pra se recuperar. Uma coisa posso lhe dizer: acho que vamos nos dar bem; e sei que meus filhos vão ficar satisfeitos de ter alguém que já conhecem trabalhando com eles quando assumirem nossos negócios na Shipley Farm and Bait. — Ele se debruçou para fora do caminhão, a mão pendendo da manga do casaco feito uma folha de outono, fina como papel. — Você e eu vamos começar do zero, e se lembre: o Norte não é tudo isso que as pessoas dizem que é. Só se lembre disso.

Quando Brownfield olhou para cima, Shipley e seu caminhão haviam desaparecido. Ele foi deixado na clareira familiar. Com desdém, desfazendo o gelo em suas entranhas, cuspiu na terra de Shipley. Sua mente fugiu em disparada para o reino de seu sonho. O medo de Shipley que havia travado sua língua desapareceu quando o desejo de provar sua nova liberdade cresceu. Ele seria seu próprio patrão. Da casa vazia e abandonada, levou apenas sua caixa. Ao deixar a clareira, mil pássaros começaram freneticamente a cantar, desejando-lhe boa sorte.



Parte II



Capítulo 4

Ele foi andando na mesma direção que o sol. Andou o dia inteiro sem parar, exceto para jogar uma pedra em um córrego e para ver os esquilos brincando nas copas das árvores, saltando e voando entre os galhos como se tivessem asas. Sob seus pés, a terra, úmida por causa da água das nascentes, afundava; ele fez uma pausa para observar enquanto as marcas de suas pegadas voltavam a ficar lisas no musgo ao longo dos cursos de água. Rios e córregos cruzavam sua rota, e tudo que via na floresta o encantava. Quando escureceu, improvisou uma cama dentro de um barracão em uma grande plantação, usado para armazenar o algodão e mantê-lo seco após a colheita. O barracão estava vazio, mas ele encontrou algumas sacas de estopa descartadas do lado de fora. Sobre elas, deitou-se e dormiu.

Depois de percorrer alguns quilômetros na manhã seguinte, estava faminto. Passou por casas de fazenda grandes e pintadas de branco, com arbustos e árvores floridas ao redor. Quando avistou um casebre cinza de dois cômodos, acelerou o passo e caminhou até o quintal seco de terra batida.

Havia uma mulher de pé no quintal, debruçada sobre uma panela preta enferrujada. O fogo era alimentado por pneus e lixo. O ar ao seu redor era fedido e fumarento. Ela estava mexendo roupas ferventes com uma vara comprida carcomida pela lixívia. A mulher tirou a vara da água e a sacudiu quando Brownfield se aproximou. Olhou em volta rapidamente para localizar três crianças pequenas, que brincavam com pneus de carro pelo quintal, e não disse uma palavra nem pareceu notá-lo até ele falar.

— Dia — disse Brownfield.

— Dia... Como vai? — respondeu ela em uma voz baixa e cantante.

— Manhã bonita, né não?

— Se é — disse ela e parou.

— Meu nome é Brownfield, Brownfield Copeland, e a senhora, como chama?

— Meu nome é Mizes Mamie Lou Banks, prazer.

Ela estendeu uma palma branca, enrugada e maltratada pela lixívia, e eles apertaram as mãos.

— Queria saber se um homem com fome pode cortar lenha pra uma senhora em troca de um pouco de comida — disse Brownfield, olhando de soslaio para ela, como se não fosse a senhora a quem se referia.

— Ué — disse ela, pousando a vara sobre a panela —, mas ocê é só um rapaz, né não?

— Sim, senhora, acho que sim — disse ele, abaixando inconscientemente a cabeça.

— Tá fugindo de algum branco? Se for isso — continuou ela, sem olhar para ele, os olhos fixos na panela —, é melhor esconder lá na casa pra eles não te ver se eles resolver passar por aqui. Tem um pouco de papa de milho no fogão e uns ovo, se ocê sabe cozinhar. Eu tenho as minha roupa para lavar, mas se ocê tá fugindo dos branco eu não vi foi é nada, de menos que potassa e lixívia a manhã inteira, essa é a verdade.

Ela abriu um leve sorriso; pelo menos os cantos da boca tremeram. Havia uma protuberância gorda em seu lábio inferior.

— Muito obrigado, minha senhora, não tô fugindo, mas tô com muita fome. A verdade é que eu meio que tô atrás do meu pai.

— Os branco também tão atrás dele? — perguntou. — Ou ele só foi embora de casa?

— As duas coisa.

— Bom, não consigo imaginar ninguém *voltando* por esse caminho.

Brownfield assentiu com a cabeça, caminhou na direção da porta que ela indicou com os dedos e entrou. Enquanto ele estava cozinhando os ovos, ela foi até a casa para pegar mais roupa suja. Ele supôs que ela devia ser lavadeira, pela quantidade de peças que estava lavando.

— Pode comer à vontade — disse a mulher.

Havia algo severo em sua bondade. Ele pensou que, se um dia ela já havia sido bonita, devia ter sido quando não tinha mais de onze ou

doze anos.

— Ah, eu já comi muito.

— Eu vou lhe dizer, um rapaz em crescimento é capaz de devorar tudo, feito uma fomalha novinha em folha.

— A senhora tem outros filho maior que aqueles lá fora?

— Ah, mais cinco, mas foi tudo lá pros lado do Norte — disse ela com orgulho, como se dissesse que os havia mandado para Harvard.

— Eles dizia que não podia ficar aqui para sempre. — Ela parou de falar por um momento, foi até o armário de louça buscar manteiga e a colocou ao lado do prato dele. — Não sei se eu culpo eles também.

— Ela era uma mulher muito magra, com maçãs do rosto ossudas e círculos escuros sob os olhos. Não tinha mais curvas que um graveto e usava um macacão masculino e um lenço quadriculado amarrado bem apertado em torno da cabeça. — Até onde eu sei, alguém pode estar dando comida pros meus menino com fome lá pros lado de Chicago. Eu juro, aqui eles podia comer um porco inteirinho num jantar.

Ela suspirou e saiu de casa com as roupas.

Brownfield pensou em ir para Chicago, quem sabe até mesmo Nova York. Talvez apenas continuasse caminhando e caminhando, depois subisse em um trem de carga e acordasse pela manhã em um lugar onde as pessoas fossem agradáveis e tivessem boas maneiras. Não se importaria se não tivessem boas maneiras, contanto que não tentassem fazê-lo contrair dívidas e não o fizessem ficar paralisado quando apareciam. Ele parou de mastigar por um instante para pensar no que a mãe tinha dito sobre o Norte; e lembrou que os primos diziam que lá fazia muito frio e as pessoas nunca falavam umas com as outras na rua. O pai dele dissera uma vez que viver no Norte, um lugar tão frio, insensível e cheio de concreto, tinha sido a desgraça do tio Silas e da tia Marilyn, mas, ao mesmo tempo que dizia isso, seus olhos demonstravam um fascínio pela ideia de ir para lá.

— Sabe, eu já ouvi umas coisa sobre os lado do Norte — comentou Brownfield, depois que tinha comido e saído da casa novamente. — Diz que não é tão bom quanto os povo imagina.

— Talvez não, talvez sim — disse a mulher, mexendo a panela e cuspendo sumo de rapé no fogo. — Eu não posso dizer com certeza. Mas eu *garanto* que as coisa é tão horrível aqui que é capaz de qualquer outro lugar ser melhor.

— Sim, senhora — concordou ele, pensando no que haveria de tão ruim em as pessoas não falarem com você se não houvesse um Shipley por perto para garantir que você nunca ganhasse nenhum dinheiro que fosse realmente seu. — Sim, senhora. — Ele olhou para o pátio desolado e para a casa que parecia prestes a desabar. — É capaz que a senhora tem razão.

Ela continuou mexendo a panela, atiçando o fogo e andando atarefada pelo quintal.

— O pai deles trabalha por aqui? — perguntou ele, apontando para as três crianças pequenas, que estavam entretidas rolando pneus de carro.

— Bom, vamos lá — disse ela, levantando-se depois de colocar mais borracha em volta da panela e estendendo as costas para trás para descansá-las —, o pai de um morreu na guerra, mas só chegou até no Forte Bennet. O pai de outro casou com a mulher que vive numa casa mais adiante aqui na estrada. Se ocê ficar na ponta dos pé pode ver um pedaço dos telhado dela, meio esverdeado. Eu pensei que ela tava me ajudando a arranjar outro marido, mas o tempo todo ela tava era procurando um para ela, mas a gente ainda é amiga. O pai do outro foi meu último marido, a gente era amasiado, mas ele também tá morto. Tomou tiro do velho que era o patrão dele porque roubou as tripa de um porco que eles tinha abatido. — Ela olhou para as crianças e franziu a testa. — Mas eles se parece, é só olhar; eles tudo se dá bem.

— A senhora acha que eles também vai crescer e também vai querer ir pros lado do Norte? — perguntou ele, olhando para as crianças.

Estavam todos muito resfriados e com ranho escorrendo pelos lábios, como cola.

— Eu não sei — disse ela, mexendo a panela. — Deus Nosso Senhor sabe que eu amo meus filho, mas quando eles crescer, eu espero que eles tenha juízo pra ir pra bem longe desse lugar daqui.

— Bom, fico muito agradecido por esse café da manhã dos bom.

— Ah, não tem de quê. E se ficar com fome quando correr de volta pra esses lado, pode parar aqui de novo. — Ela abriu um sorriso sério, orgulhoso, irônico e conspiratório. — Eu também vou torcer procê encontrar seu pai.

— Tchau, criança — disse ele, acenando para as crianças, que pararam de brincar para encará-lo.

— Tchau-tchau! Tchau-tchau! — disseram elas, as vizinhas esganiçadas como o piar de pássaros, e correram atrás dele até a beira da estrada, onde ficaram gritando “tchau-tchau!” muito tempo depois de Brownfield ter virado a curva e desaparecido de vista.

Ele ouviu a mãe deles chamar:

— *Volta* pra cá antes que um carro pega ocês!

As vozes pararam abruptamente, e o único som passou a ser o de seus passos no acostamento areento e úmido da estrada.

Capítulo 5

Depois de semanas de caminhar, indeciso, preocupado que Shipley o estivesse seguindo, de tomar café da manhã com dezenas de famílias isoladas em pequenos vales e clareiras escondidas em meio às árvores, Brownfield abandonou toda esperança, por ora, de chegar a Chicago ou Nova York. Ele havia passado vários dias procurando um trem de carga lento no qual pular, mas não encontrara nem mesmo trilhos. Não sabia sequer em que direção deveria seguir para ir para o Norte; ao contrário de milhares de seus antepassados, ele nunca tinha ouvido falar da Estrela do Norte. Muitas vezes, à noite, olhava para o céu em busca de um sinal. Contemplar o céu, esperançoso, estava em seu sangue, mas nada resultava disso.

Na última manhã de andança, ele comeu com uma família de mulheres cujos maridos e companheiros estavam fora, caçando. Com a ausência de seus homens, elas cobriram Brownfield de atenção. Pegaram água para ele tomar banho, passaram sua camisa nova e a gravata de cetim amarela e lhe deram uma caixa de sapatos para carregar suas coisas; disseram que seria mais fácil de transportar do que a caixa que mais parecia um baú que ele carregava. Brownfield observou enquanto as meninas mais novas rasgavam a caixa velha em pedaços. Então sentiu verdadeiramente que era hora de desistir, que já tinha ido longe o suficiente e que, onde quer que estivesse ao cair da noite, era onde ia ficar. Pelo menos por um tempo. Como disse timidamente às mulheres, “precisava de algum tempo para recuperar o fôlego”.

Magnífico em sua nova camisa com estampa de animais e pássaros indianos, ousado com sua gravata de cetim amarelo, desconfortável na calça jeans rigidamente engomada e nos sapatos lustrosos, Brownfield partiu na nova direção que as mulheres lhe

indicaram. Ele murmurou, de maneira quase inaudível, que “meio que” estava à procura do pai. Isso fez com que a despedida fosse de alguma maneira mais alegre, sua partida, menos desoladora. Ele havia gostado das mulheres, todas temporariamente sem homens, sem preocupações; gostara de dominar sua atenção sem inibições.

Quando descreveu Grange para elas, as mulheres se entreolharam e sorriram várias vezes; mas não disseram se o tinham visto. Insistiram apenas para que Brownfield seguisse por determinada estrada, e nenhuma outra, que ia em determinada direção e que faria com que ele chegasse ao anoitecer a determinada cidadezinha tranquila.

Capítulo 6

Ele chegou à cidadezinha quando o sol estava se pondo. Havia duas ruas, ligeiramente cobertas de cascalho, que formavam o canto superior de uma praça. À direita de Brownfield, nos limites da praça, junto à rua principal, se erguia o sólido prédio de tijolos do tribunal do condado. Diretamente à sua frente, em um círculo de grama no meio da rua, havia um soldado de pedra, o rifle com baioneta erguido, o pé intrépido porém imóvel levantado para avançar em direção ao Norte. Em ambos os lados da rua havia lojas. Brownfield cruzou com carroças, dois carros e alguns lojistas a pé. Garotos ruidosos da serralheria passaram correndo vestindo aventais de couro; um deles olhou com uma inveja fugaz para a gravata dele. Exceto por esse olhar, Brownfield entrou na cidade despercebido.

Nunca tinha visto mais de trinta pessoas ao mesmo tempo antes, a menos que estivessem trabalhando em uma plantação de algodão, e ficou admirado com a variedade de roupas que elas usavam. Havia lojistas de terno preto, seus ajudantes vestindo ternos azuis surrados. Viu mulheres brancas de braços dados com o marido, de aparência espalhafatosa, com roupas preguiçadas e chapéus largos. Viu mulheres negras se arrastando para casa depois de um dia inteiro de trabalho como babá, o uniforme cuidadosamente engomado e passado a ferro, ainda de avental. Viu um grupo misto de negros andando com determinação, olhos baixos, cabeça baixa, em direção ao fim da segunda rua. Seguindo sua intuição, Brownfield foi atrás deles.

Como logo perdeu o grupo de vista, virou à direita na rua, na direção de alguns casebres. Em poucos minutos, estava diante do bar e restaurante local frequentado pelos negros. Era uma pequena estrutura de madeira com um quintal de terra batida vazio e limpo. As

laterais estavam cobertas com cartazes de latão e madeira, alguns anunciando tabaco Brown Mule, rapé Red Cherry e laxantes; o restante fazendo propaganda dos uísques Cajun, Old Joe e Grape Beer.

Ele sabia dizer o que cada coisa era porque já estava totalmente familiarizado, como todos os negros do condado, com aqueles produtos. Nenhum pai ia à cidade no sábado à noite sem voltar para casa levando pelo menos um deles. O tabaco, dentro do bolso; o uísque, quase todo dentro do corpo.

Aquele estabelecimento, quando o imaginava cheio de luz e vida à noite, fascinava Brownfield, e ele pensou em tentar conseguir um emprego lá. Não tinha dinheiro e sabia que ia precisar de algum se mais tarde decidisse ir para Chicago.

Sua mãe e seu pai tinham frequentado lugares como aquele, talvez até aquele mesmo, e quando brigavam e discutiam em público eram geralmente cercados do tipo de pessoa que frequentaria um estabelecimento como aquele. Esse pensamento, no entanto, apenas aumentou o interesse de Brownfield por aquele local de vida noturna, que à luz cinzenta e baça do entardecer continha toda a tensão latente de um clube importante. Suspirando e se sentindo jovem e incapaz, ele endireitou os ombros e entrou.

Lá dentro, havia doze mesas pequenas, cobertas por toalhas de oleado com estampa floral preta, dispostas ordenadamente em torno de um fogão a lenha redondo, de ferro fundido, no qual um fogo fraco queimava. Um cheiro forte e denso de tripa, pés de porco e couve vinha de algum lugar atrás do balcão. Havia uma caixa no canto para manter a cerveja gelada e lâmpadas de querosene nas paredes. Um gramofone, como aqueles que vira em catálogos, estava posicionado em um dos cantos do balcão, a grande campânula virada para fora como uma cabaça que tivesse sido cortada em uma das extremidades. Um silêncio lúgubre, com uma corrente de vozes ao fundo, que acompanhava o preparo da comida, o envolveu; ele já estava impressionado com os aspectos agradáveis que via da vida na cidade.

Uma mulher grande, com a pele cor de melão-cantalupo, bochechas sardentas e olhos verde-acinzentados, olhou-o de cima a baixo e disse:

— Ocê é um pouco *jovem*, né não, coisa fofa?

Ela olhou para ele de uma maneira que fez as mãos dele suarem, e Brownfield teve certeza de que a mulher não tinha nenhuma intenção de contratá-lo.

— Mas eu posso cuidar da limpeza e ajudar a carregar as coisa. Sou forte — disse ele, esfregando as mãos nas calças. — Eu posso cortar lenha.

Ao que a mulher pareceu interessada e abriu um sorrisinho malicioso.

— Ocê é bom em cortar lenha, né não? — perguntou ela.

— Sim, senhora.

— Num precisa me chamar de senhora — disse ela preguiçosamente. — Eu me chamo Josie. Josie *Gorda*.

Ela olhou para Brownfield como se esperasse que ele tivesse ouvido o nome antes. Durante a pausa, uma jovem magra e de pele muito negra passou por eles.

— Essa é minha filha, Lorene.

Josie estendeu a mão abruptamente, segurou a mulher e puxou seu braço musculoso e relutante para perto dela, prendendo-o. A mulher, lançando um olhar para Brownfield, soltou o braço, desvencilhando-se da mãe, em seguida encarou os dois com um desprezo ameaçador. Ela havia sido amaldiçoada com a penugem de um bigode e uma barba espessos. Seus olhos duros e malévolos eram duas centelhas amareladas no rosto escuro e peludo. Lorene era musculosa como um homem. Apenas o odor e os seios eram femininos. Ela cheirava a peixe e cebola.

— Sim — disse Josie, rindo da expressão no rosto de Brownfield e observando a filha se afastar com um andar desleixado —, ela é o orgulho do coração da mamãe.

Lorene se virou e sibilou algo torpe, a língua aparecendo por entre os lábios como a de uma cobra. Com uma das mãos, ela puxou o cós em torno da cintura. Brownfield olhou para baixo, perplexo, quando a combinação desapareceu sob a saia curta e apertada. Suas pernas tinham ainda mais pelos que o rosto.

Quando Brownfield olhou para Josie, ela estava passando a língua pelos dentes, os olhos pequenos pontos acobreados em meio à gordura.

— Ocê fica um pouco excitado com a ideia de avançar por aquele pelo todo, não é? — perguntou ela, sorrindo descaradamente

enquanto Brownfield gaguejava.

Confuso com o comportamento dela, Brownfield enfiou a caixa de sapatos ainda mais fundo debaixo do braço e se virou para ir embora.

— *Espera* um pouquinho — disse a mulher, ofegante. — Qual é o seu nome?

— Brownfield.

— *Brownfield*? — disse a mulher, rindo. — Merda. Brownfield do quê?

— Copeland — respondeu ele baixinho.

Josie passou os dedos por sua gravata. Ela estava tão próxima que Brownfield podia sentir sua respiração. De repente, ela se afastou.

— De onde você é? — perguntou, desconfiada.

— Do condado de Green — respondeu ele. — Que condado é esse aqui?

— Baker.

Ela pegou a caixa de sapatos das mãos dele e o empurrou até uma mesa nos fundos.

— Agora, me conta exatamente como você veio parar justo *aqui*.

— Qual é o problema com esse lugar? — perguntou ele.

— Eu não sei. Às vezes seja isso que você veio me dizer — disse ela.

Às nove da noite ele já estava instalado, lavando pratos e cortando lenha, sem conseguir acreditar em sua sorte e ouvindo a música completamente excitante que vinha do gramofone mágico. Josie havia estalado a língua com compaixão ao ouvi-lo contar sobre sua vida infeliz com Margaret e Grange. Josie havia demonstrado um grande interesse pelo que ele tinha a dizer sobre Grange, e quando Brownfield falava dele, ela mexia as mãos com impaciência e mordia de leve os lábios. Depois que ele contou sua história, ela lhe preparou o jantar e o levou para seu quarto no andar de cima. Lá, vestiu nele um avental, ficando de pé atrás dele e passando os braços por baixo e em volta de seus ombros para amarrar as tiras.

— Por que que a senhora tem essa curiosidade toda sobre os Copelands? — havia perguntado Brownfield.

— Ah — respondera Josie —, é só que eu achei que eu já tinha ouvido esse nome antes. — Então, olhando para a frente da calça

dele: — Mas em um homem muito *maior*.

— Senhora? — disse ele.

Em seu entusiasmo por ter conseguido o trabalho, não pensou que o pai poderia de fato ter passado exatamente por ali; pela cidade, pela taberna e até por Josie. E então ela pousou o braço sobre o dele, sua pele como mel seco e rachado, e disse de maneira amável:

— Esquece, querido, eu só tô falando *comigo mesma*.

Nas semanas seguintes, Brownfield descobriu que ela era uma gata insaciável, voraz e manhosa, que queria devorá-lo, engoli-lo vivo. As lembranças de seu pai deixavam de aparecer quando ele penetrava sua incrível maciez; ideias de ir para o Norte se dissolviam no esquecimento aconchegante de seu ardor experiente. O que ela tinha dito sobre o homem muito maior com o mesmo nome só começou a assombrá-lo quando já era tarde demais. Em sua existência satisfeita, ele não poderia prever que um dia voltaria a ver Grange, não em Nova York ou Chicago, mas no mesmo quarto onde vinha passando a maior parte das noites. Grange, não perdido ou rico no Norte, mas louco e próspero no Sul, em Baker, no quarto de Josie, nos braços de Josie, enojado com tudo, sem se importar com nada, mas por alguma razão querendo levar a grande gata vigorosa e insaciável para o altar.

Capítulo 7

Josie tinha sonhos violentos. Certa vez, procurou a irmã Madelaine em busca de ajuda. A irmã disse que ela precisava lhe contar seus sonhos, mas Josie nunca poderia fazer isso.

— Eles me dão muita vergonha, irmã — disse ela. — Quando eu rezo na igreja, as outra mulher ri de mim. Elas não sabe como eu já sofri; se elas soubesse, não ia rir de mim.

— Esses são seus sentimentos em relação a isso, de qualquer forma. Mas, ouça, dizem que temos que depositar nossos fardos aos pés do Senhor. Dizem que Ele nos ouve. — A irmã Madelaine reprimiu um bocejo. — Mas você tem que dizer a verdade a *Ele*; esse é o único senão. Caso contrário, nem *Ele* vai poder ajudar.

— Eu já depusitei meus fardo em tudo que é canto, pode acreditar ni mim, essa é a verdade. Já faz pra mais de ano que falo com todo mundo que quer ouvir. Inclusive com Ele. Mas quanto mais eu deposito os meus fardo, mais pesado eles fica. Em volta de mim tem só um grande silêncio, que nem que antes de uma tempestade, e quando eu sonho, é só pros fantasma me atormentar.

A irmã Madelaine arqueou uma das sobrancelhas.

— Meu filho que está na faculdade diz que não existe esse negócio de fantasmas atormentando pessoas. Em Morehouse ele aprendeu que é só indigestão. Alguma coisa que você comeu, o jeito como está se deitando na cama. A circulação do seu sangue para e você não consegue se mover. Enquanto fica deitada, suando e sem conseguir se mover, você tem pesadelos e, quando acorda, você acha que está sendo atormentada por um fantasma. De acordo com meu filho, você não precisa de uma vidente, precisa de uma dose de saís.

— *Ele me domina* — choramingou Josie, implorando que a irmã acreditasse nela. — Eu vejo ele fazendo isso.

— Quem?

— Isso eu num posso dizer.

— Bom — disse a irmã Madelaine, entregando uma xícara de chá a Josie —, você não procuraria um médico se queixando de dor no traseiro sem dizer a ele que levou um coice de uma mula, não é? Eu sou vidente, mas não sou Deus. Tenho limites. E também tenho um filho na faculdade.

Josie tomou um gole de chá e entregou algumas notas a ela.

A irmã Madelaine andou de um lado para o outro, seu perfil de chefe índio voltado para Josie.

— Essa teoria sobre ser atormentado por fantasmas é coisa só do meu filho que está estudando. Eu não discuto com ele pra manter a paz na família. Mas pergunto a você: Que tipo de negócio eu poderia ter construído se *não* acreditasse em fantasmas? Eu sei que eles são reais porque eu mesma já precisei me livrar de alguns. Meu filho aprendeu que eles *não* são reais na faculdade, onde todo mundo acredita em um homem chamado Freud que usa sofás velhos. Bem, *eu* não acredito em sofás! Mas o que os jovens sabem sobre qualquer coisa afinal?

Ela parou de andar e olhou para Josie. Nunca havia compaixão nos olhos da irmã Madelaine, apenas uma espera constante e atenta. Isso enervava Josie, que achava que a vidente era de uma espécie diferente dela mesma. Ela não conseguia olhar nos olhos da irmã Madelaine.

— Todo mundo que é atormentado por um fantasma sabe a identidade desse fantasma — disse a irmã Madelaine, com as costas voltadas para Josie. — E quando você conseguir dizer o nome dele — continuou ela, enquanto Josie saía —, vai estar curada.

Depois que Josie se foi, a irmã Madelaine escreveu um bilhete para o filho, colocou-o em um envelope junto com o dinheiro que Josie havia lhe entregado, depois se recostou na cadeira, reflexiva, saboreando as últimas gotas de seu chá.

Capítulo 8

Josie não era capaz de dizer o nome dele. Chegava a dizer a si mesma que não se lembrava dele. Não sabia por que ele a visitava durante o sono, deixando-a encharcada de suor, fazendo seu coração bater acelerado de medo, imobilizando-a com seu peso sobre o peito dela, como um julgamento. Pois seu pai era um homem pesado, e era o pai que dominava Josie quando ela sufocava durante a noite.

O pai dela. Como se lembrava dele? Uma pergunta feita lentamente, sempre com um certo aturdimento, para embotar as imagens nunca esquecidas de uma noite cruel mais de trinta anos antes. Sua última noite na casa do pai quando menina. A noite que deveria tê-la resgatado de uma vida de pecado, levando-a de volta para a retidão original de sua vida no campo.

Ela achou que o pai havia concordado em deixar que ela voltasse para sua casa. Ele não havia recusado os presentes que ela levara para seus outros filhos, para ele mesmo e para a mãe de Josie. E Josie tinha trabalhado duro para comprá-los. Havia pensado que *finalmente* iria para casa de vez, para ser novamente criança, para ter novamente dezesseis anos e estar perto do amor e da proteção dele.

Tudo aconteceu no dia do aniversário do pai. Josie foi andando pela estrada, com os sapatos empoeirados, até o quintal de terra batida. Seu pai estava na varanda, um tablado precário de poder, sem saber sobre a festa que ela havia planejado para ele. Ela carregava pequenos pacotes; tinha escondido os maiores na noite anterior. Os olhos profundos e solenes do pai a seguiram enquanto ela subia os degraus e entrava em casa. Ele não disse nada. Mas seus olhos pareciam brilhar com uma promessa e havia um sorriso confuso em seus lábios. Ela pensou que estava prestes a ser perdoada.

— Você acha que ele vai me deixar voltar? — ela havia perguntado à mãe, que, como a filha, estava grávida.

O dinheiro que Josie gastara na festa para o pai era o último que iria ganhar antes de a criança nascer. A resposta da mãe foi uma oração silenciosa, um aceno de cabeça *cauteloso*, atemorizado e esperançoso. A mãe era uma mulher submissa, e embora raramente concordasse com o pai de Josie, nunca discutia com ele.

Josie tinha chegado mais cedo para preparar a comida e os drinques — uísque de milho, água com açúcar, folhas de hortelã esmagadas — e para receber os convidados do pai. Eles sabiam de sua desonra, mas compareceriam mesmo assim, temendo-o por sua rígida sobriedade e decência, mas contando que sua abundante cristandade, a mesma que pregava para eles, o ajudaria a perdoar. Não apenas Josie, mas eles mesmos.

Porque eles, aqueles que tinham fodido sua filha, haviam pago quando possível e tiveram apenas uma leve crise de consciência ao saber que ela havia usado aquele dinheiro para tentar comprar de volta o amor do pai. E ele aceitou o cachimbo novo, os chinelos, o grande relógio de cobre, e eles o viram usá-los, e ouviram o que ele tinha a dizer sobre as lavouras e o clima, e viram o horror divertido e ao mesmo tempo perplexo em seus olhos.

Na festa, sentaram-se em um semicírculo ao seu redor e observaram enquanto ele a ignorava.

“Quer um pouco disso, pai?” “Quer um pouco daquilo?” Os grandes olhos questionadores sobre a grande barriga pela qual nenhum deles se responsabilizava. Josie tomou um pouco mais da bebida e se afastou deles em meio a uma névoa flutuante, e quando caiu desajeitadamente de costas dentro do semicírculo formado apenas por homens (as esposas, é claro, não tinham comparecido), foi então e só então que o pai se levantou da cadeira, da almofada espalhafatosa com estampa de pássaros, canhões, cavalos e rosas vermelhas que ela havia comprado para ele; foi então que ele se levantou e, de pé sobre ela, proibiu que a ajudassem a se levantar.

A mãe de Josie estava de pé do lado de fora do semicírculo de homens (quantos deles sabedores do corpo inchado da filha, ela não sabia), chorando. As lágrimas e os gemidos de penitente contínua eram dela, como se tivesse sido responsável pela primeira vez que a filha fez amor com o namorado da adolescência e pelo estupro mal

disfarçado que se seguiu por parte de todos os outros. Seus gritos eram tão fortes que os homens, como se tivessem sido surpreendidos nus, ficaram constrangidos e se curvaram, ainda no meio do semicírculo, para levantar a menina assustada, cuja mente entorpecida havia clareado e que agora estava deitada no chão como uma tartaruga grávida e exausta, com o casco virado para baixo, sob o pé do próprio pai. Ele pressionou o pé sobre o ombro dela e os desafiou a tocá-la. Eles tiveram a impressão de que a barriga de Josie se moveu e tiveram medo de sua culpa de repente cair no chão diante deles, berrando seu nome. Mas era apenas porque ela estava respirando com dificuldade, vomitando e sufocando com o próprio vômito.

— Por favor, senhor — implorou alguém do círculo íntimo —, deixa ela se *levantar*. Ela está em uma posição *ruim*.

Eles viram quando Josie pareceu desmaiar, o vestido escuro acima dos joelhos. Os joelhos virados. Os braços estendidos. Ela parecia uma aranha, deformada e grotesca, sob os olhares de pânico dos homens reunidos. Olhares que estavam coletivamente horrorizados, mas individualmente excitados. Eles já a haviam visto estendida daquele jeito.

— Deixem — rosnou o pai. — Ouvi dizer que ela sabe fazer *truques* quando está deitada de costas desse jeito.

Essa era a bênção do pai de Josie, o fantasma que a deixava sem fôlego na meia-idade. Lorene por pouco não nasceu bem debaixo do pé dele. Ela nasceu em um mundo povoado pelos amigos homens do avô, todos os quais frequentavam o pequeno casebre na rua Poontang onde “Josie Gorda” (ela ganhou peso depois do bebê) fazia seu trabalho com um prazer que rejeitava a vergonha e exigia seu dinheiro com uma autoridade que esmagava toda piedade. E foi daqueles velhos, amigos de seu pai, que Josie obteve os meios para se vestir bem, comer bem e comprar o Dew Drop Inn. Quando eles ficavam velhos demais para “dar conta do recado”, ela os tratava com uma alegre crueldade e uma espécie de preocupação sádica. Muitas vezes se despia no centro de seu semicírculo avidamente construído, rebolando e se roçando neles, gemendo para si mesma, arrancando os últimos centavos de suas parcas economias da velhice para que a observassem, mas desafiando-os a tocá-la.

Capítulo 9

Um gorgolejo molhado saiu da garganta de Josie. Uma força alienígena parecia pressioná-la contra o colchão. Ela respirou, estremeando, com o corpo rígido. Estava reunindo forças para dar um grito. Brownfield a cutucou obedientemente e depois de um minuto ela abriu os olhos. Ficou deitada com a respiração pesada, tremendo.

— Você está bem? — perguntou ele. — Quer um pouco de água ou alguma coisa?

— Por Deus — disse Josie.

— Que sonho é esse que ocê sempre tem? — perguntou Brownfield. — Ocê fica dura que nem uma pessoa morta. A não ser pelo suor. Você se treme toda também, como se tivesse um motor bem lá onde os povo diz que fica o coração.

Já fazia um ano que Brownfield perguntava sobre o sonho. Josie nunca falava. Eles estavam deitados na cama, sobre lençóis brancos engomados. Do lado de Josie, o lençol estava úmido e mole de suor. Brownfield acendeu a lamparina e a colocou sobre a mesa perto de sua cabeça. Ele ficou de pé, nu e preocupado, olhando para ela. O rosto de Josie estava carregado e embaciado, irregular e vincado pelo sono, coberto de suor por causa do sonho. Tinha o rosto anônimo e apático da cozinheira de uma casa grande, o rosto de uma garçonne cansada. O rosto de uma mulher gorda demais, gananciosa demais, *inescrupulosa* demais para ser amada. Ela podia sorrir com o rosto, gargalhar com ele ou olhar maliciosamente através dele, mas tinha esquecido como era a mecânica simples e sutil do sorriso. Seus olhos nunca perdiam o ar ganancioso e voraz, nem mesmo quando ela acordava aterrorizada, como naquele momento.

Josie, Brownfield tinha certeza, nunca fora jovem, nunca havia cheirado a leite ou flores, mas apenas a uma doce decadência que só poderia ser erradicada se uma pessoa se desse ao trabalho de expor centímetro após centímetro dela ao fogo ardente da adoração cega e do amor. Então ela poderia se tornar pura. Mas Brownfield não amava Josie. Não queria realmente saber, portanto, por que ela não dizia quase nada sobre si mesma, embora tentasse constantemente extrair dele detalhes sobre sua vida. Para chocá-lo, certa vez havia contado a ele uma estranha história sobre como o pai dele tinha parado no Dew Drop Inn a caminho do Norte e ficado com ela e a amado. Brownfield achara graça.

— Se ele ama tanto assim ocê, por que ele não está aqui agora?

Josie havia se retraído, em lágrimas, e no dia seguinte fingiu que havia inventado a história.

— Graças a *Deus* eu não sou pobre — murmurou Josie da cama.

— E, graças a Deus, eu posso cuidar de mim sem precisar da ajuda de nenhum estranho *que*, pra te ser sincera, num tem nem onde cair morto.

De tempos em tempos, ela tomava a liberdade de lembrar a Brownfield sua penúria. Em seguida, pegou o travesseiro do lado dele da cama e o aninhou nos braços como um amante.

— Olha só — disse —, meu lado da cama está molhado.

Brownfield cambaleou até a porta ao lado sem dizer uma palavra, entrou no quarto de Lorene e, como não queria dormir no chão, se deitou sem hesitar na cama dela.

Capítulo 10

A primeira vez que Brownfield viu Mem, a filha “adotada” de Josie, ele estava fodendo Josie e Lorene havia mais de dois anos. Mem estudava em Atlanta, e um pai ausente pagava suas contas. Ela era filha da irmã de Josie, e sua mãe estava morta.

— Ela morreu e me deixou esse pequeno fardo *mais doce* do mundo — Josie às vezes admitia para amigas impressionáveis. — Essa menina tem que comprar *livros* que custam a mesma coisa que a gente paga por um vestido!

Josie sorria orgulhosa e com uma premeditação maliciosa para algumas de suas conhecidas menos prósperas. Seu “negócio” no bar rendia dinheiro, e ela não se importava em deixar que as pessoas pensassem que estava pagando os estudos de Mem.

O pai de Mem, Brownfield descobriu, era um importante pastor do Norte, com uma grande família legítima. Ele havia conhecido a irmã de Josie em um verão, quando foi ao Sul para realizar cerimônias de renovação na igreja do pai delas. Os dois se apaixonaram e Mem foi concebida. O pastor voltou para o Norte, para sua família, e a mãe de Mem foi expulsa de casa. Josie a acolheu até Mem nascer, e logo depois ela morreu.

— É claro que minha irmã meio que roubou o pastor de mim depois que eu dispensei ele, cê sabe. — Josie sorriu de maneira tímida e insistente para Brownfield. — Mas era *eu* que ele amava de verdade.

De acordo com Josie, a única razão pela qual Lorene não frequentara a escola (“é claro que eu estava ansiosa para ela estudar e tinha dinheiro para pagar”) fora o fato de ela ter se recusado a ir. No entanto, aos quinze anos, Lorene já era mãe de dois meninos. Vivendo no bar com Josie, cujos amigos estavam sempre atrás dela, não demorou a cair nas garras dos homens em seu caminho e se

tornou, ao lado da mãe, uma das mulheres mais jovens da cidade a passar de mão em mão. Brownfield não demorou muito para perceber que Lorene nutria uma espécie de paixão por ele (qualquer coisa que a mãe provasse a atraía) e que Josie gostava muito dele. Aos dezessete anos, estava bem arranjado entre as duas, e o bar era tão dele quanto delas. Ou foi o que elas se apressaram em assegurar.

Ele se dava bem com ambas e virava as costas quando brigavam por ele. Lorene, uma mulher desmazelada curada pelo fumo, que se encharcava com perfume barato e pintava os cabelos de ruivo, era uma trepada tão boa quanto a mãe. Pois embora parecesse mais o irmão de alguém do que uma garota, tinha uma reputação de dureza que lhe havia angariado um grande respeito de jovens que desejavam crescer e ser como ela. Destacava-se pela destreza no uso da navalha, e diziam que certa vez tinha retalhado a esposa de um cliente e em seguida expulsado o cliente do quarto enquanto a mulher quase sangrava até a morte. Brownfield também gostava do seu jeito de falar, como quando ela contou sobre o cliente e a esposa sangrando: “Eu só estava tentando *pegar* aquele crioulo safado e mandar ele tirar aquela leitoa reprodutora coberta de sangue do meu chão. Eu não vou me matar para limpar a sujeira dessa gente nojenta.” Brownfield era feliz até pôr os olhos pela primeira vez em Mem.

• • •

Mem tinha a pele morena com um tom avermelhado, não amarela como Josie ou escura e peluda como Lorene. Ela era roliça e quieta, com olhos amendoados e recatados. Depois de voltar da escola, mal era notada. Ficava no andar de cima quando o bar estava movimentado e, quando descia, saía rapidamente da casa e ia caminhar, apenas caminhar no bosque. Brownfield tentava falar com ela, que respondia timidamente, os olhos fixos no chão, sem demonstrar interesse, ao que parecia, e seguia seu caminho, com ele cada vez mais se voltando para olhar depois que ela se afastava. Ele nunca havia conhecido ninguém que fosse caminhar, “apenas caminhar” no bosque, a menos que estivesse à procura de algo.

— Quem que ela pensa que é? — perguntou ele a Josie, franzindo a testa diante do que não conseguia entender. — Eu não suporto

mulher que fica duas semana fora e volta falando tudo direito!

Ele se referia em parte a “andar direito”, pois Mem certamente andava direito. Por um tempo, o simples caminhar dela o deixava desconcertado, intrigado e, em todos os sentidos, levava seu desejo de saber mais ao limite. Ele não era avesso à ideia de disponibilizar sua pessoa a todos os membros da família.

— Ah, para de falar e deita nessa cama — ronronou Josie, que a cada dia se parecia mais com uma lagarta gorda. — Ocê não precisa nem olhar *praquela* lá, ela não tem fogo na xoxota. Ela não pode fazer por ocê o que eu posso.

Brownfield respondeu às suas velhas mãos, macias e pecaminosas, levando-a para a cama.

— Quando ocê e eu vai se casar, meu amor? — perguntou Josie, enquanto Brownfield se dava conta de que a cama de Mem ficava apenas do outro lado da parede, a cerca de trinta centímetros de sua benevolente “mãe”.

Em momentos de despeito, Lorene tentava dizer a Brownfield que o que Josie havia contado sobre Grange e ela era verdade. Não fazia nenhum sentido para ele que seu pai e Josie pudessem ter sido amantes. Além do mais, por que deveria se importar se agora seguia por um caminho que seu pai já havia desbravado? O velho campo de Josie nunca havia ficado em pousio. E depois da chegada de Mem, o que quer que Lorene ou Josie lhe dissesse sobre qualquer assunto não importava mais. Ele estava interessado apenas em Mem. Como penetrar sua estranheza silenciosa ocupava todos os seus pensamentos.

Capítulo 11

O que ele sentia toda vez que pensava em Mem era culpa. Vergonha de não ser melhor do que era. Sujeira. Imundície. Brownfield pensava nela como outra mãe, de um tipo que a sua não havia sido. Alguém para ser amada e tratada com gentileza, alguém que nunca deveria amedrontar com seus modos rudes e grosseiros. Mas não conseguia transmitir seus sentimentos a ela; não conhecia as palavras que ela conhecia, e mesmo que pudesse aprender, não acreditava que se adequassem às emoções que sentia. Ela lia revistas e livros; ele só conseguia olhar para as figuras contidas neles e arriscar um palpite sobre o significado do que estava impresso. Muitas vezes, quando estavam os dois em casa e ela ia para a varanda para não ficar sozinha lá dentro com ele, ele ia atrás e tentava iniciar uma conversa. Ela sorria e dizia algumas palavras, nunca duras, sobre o comportamento dele com Josie e Lorene. Ele demonstrou interesse em aprender a ler e escrever, e ela se ofereceu para lhe ensinar. Brownfield aprendeu rapidamente pequenas coisas, e eles passavam muitas tardes, antes de o Dew Drop Inn abrir, nos degraus do lado de fora com os antigos livros escolares dela. Quando começou a dar aulas na escola primária no outono, ela o levava para ficar junto de sua turma. Ou tentava.

— Em primeiro lugar — começava, de uma maneira muito formal da qual Lorene e Josie zombavam —, se você vai usar “a gente”, não pode usar o verbo da mesma maneira que com “nós”. Isso acontece porque com “a gente” o verbo deve ficar na terceira pessoa do singular. Entendeu? Bem, o que eu quero dizer é que “a gente *vai* comer bolo” soa melhor do que “a gente *vamos* comer bolo”. Ou “a gente *é* amigo”, em vez de “a gente *somos* amigo”. Deu para entender? — E olhava para ele, em dúvida, franzindo a testa. Então

ele acenava com a cabeça, dizendo que sim, e repetia alegremente em sua mente: A gente somos amigos! *A gente*, Mem e eu, temos uma amizade! E sorria, de modo que ela parava de franzir a testa e sorria também.

Ela era uma boa professora. Ele nunca tivera uma. Aprendeu a assinar o próprio nome, a recitar o abecedário e a escrever seu nome e o nome dela juntos, tudo em um único floreio, sem tirar a mão do papel. Quando ela começou a dar aulas na escola, ele às vezes se sentava no alpendre, junto à porta aberta, e ficava ouvindo sua voz clara enquanto orientava as crianças pequenas, e se concentrava no que ela dizia, tanto por causa do conteúdo (o que fez com que aprendesse a soletrar galinha, cabra, vaca, porco) como pelo prazer de ouvi-la falar. Ela não se parecia em nada com Josie e Lorene, que falavam como duas velhas desdentadas por puro desinteresse. Mem colocava um cuidado com o que dizia em tudo que falava, um afeto todo próprio, e tanta preocupação com a pessoa a quem se dirigia que fazia Brownfield ter vontade de chorar.

Em sua própria mente ele se considerava perfeito para Mem, nem que fosse pelo simples fato de que a amava. Grande parte da cidade encarava as coisas de maneira diferente, no entanto, e isso incluía Josie e Lorene, que tinham tanta inveja de sua Cinderela que Brownfield passou a temer por ela (embora estivesse longe de ser real, a menos que o considerassem o Príncipe Garanhão). Além disso, Mem nunca dissera que gostava dele.

Mas o que realmente começou a incomodar Brownfield foi o fato de que, desde que havia se tornado o homem do estabelecimento, não tinha sentido necessidade de receber um salário. Ele dependia de Josie ou Lorene no que dizia respeito a dinheiro, que elas lhe davam prontamente, mas com o entendimento de que ele devia trabalhar para ganhar o próprio sustento e exatamente das maneiras que elas especificassem. E assim ele se manteve na casa pelo máximo de tempo que conseguiu, trepando com Josie e Lorene como o animal que tinha a sensação de ser, especialmente quando, no dia seguinte, ficava no mesmo ambiente que Mem, cujo coração, aflito, estava se tornando legível em seu olhar. Não existia mais nenhuma satisfação para ele no fato de ter conquistado as duas mulheres, pois havia muito tempo que percebera que não era *e/le* quem as estava usando, mas sim que *elas* o usavam. Ele era um peão em um jogo que Josie e

Lorene apreciavam. Às vezes tinha a impressão de ser o elo que elas usavam para provar que eram mãe e filha. Caso contrário, poderiam ser duas desconhecidas. Existiam pelo simples prazer de flertar com os homens uma da outra, depois brigar por eles na rua em frente ao bar, onde todos os homens do distrito logo aprenderam que, se quisessem uma boceta, bastava bajular uma delas para que a outra se atirasse em seu colo.

Por um tempo, foi muito bom ser o brinquedo das duas; pois ambas, livrando-se por um momento das tensões da bebida, da prostituição, do dinheiro e das brigas, acreditavam que realmente o amavam — mas como um jovem animal limpo que ainda não haviam terminado de macular. A vida das duas carecia imensamente de frescor; eram tão viciadas quanto os quartos de dois dólares no andar superior. Para elas, a inocência continuava a existir nele, uma vez que não conseguiam ver nada de errado no que faziam. Ele gostava e, afinal de contas, não era marido de ninguém.

E se de fato existia algum sentimento de culpa, como talvez acontecesse nas manhãs de domingo na Igreja Batista, quando se vestiam melhor do que todas as mulheres da cidade e gritavam mais alto do que metade delas, era um mal-estar mínimo e momentâneo, consumido em um prazeroso furor de penitência por leituras fervorosas das Escrituras. Elas gritavam seus pecados em paroxismos de agradável pesar. A justa limpeza da alma delas dificilmente durava mais que o culto.

Capítulo 12

A situação atingiu um ponto crítico para Brownfield quando ele viu Mem andando pela primeira vez acompanhada de um homem, um professor como ela. De repente, teve a sensação de que poderia estar desperdiçando uma grande chance. Ficou ofendido com a escolha dela. Será que Mem o teria descartado porque ele não era um homem culto? Seu orgulho foi ferido. Melancolicamente, pensou em sua pobreza e em sua dependência de Josie e Lorene. Possuía apenas as roupas do corpo, e nenhuma delas era muito nova.

Uma noite, ficou espiando Mem e seu pretendente íntegro e honesto, e soube que precisava tê-la como esposa. E ao entrar em casa naquela noite, enquanto ele estava de pé junto à porta com as luzes apagadas observando-os do lado de fora, Mem passou por ele com lágrimas nos olhos. Essa foi a primeira vez que Brownfield soube que ela o amava e que o estava forçando a sair de sua vida deliberadamente, e se ele não fizesse algo logo, acabaria perdendo-a para sempre. Então ele a tomou nos braços enquanto ela subia as escadas e jurou com palavras e beijos nunca deixá-la.

No dia seguinte, ele foi para o campo, até uma plantação não muito longe de onde havia nascido, falar com um homem que ouvira dizer que era justo. Combinaram de ele trabalhar na lavoura por dois anos em troca de uma pequena parte dos lucros ou até Brownfield ter dinheiro suficiente para levar sua noiva para o Norte.

Na semana seguinte, Mem e Brownfield deixaram Josie e Lorene ainda brigando entre si por causa dele, uma acusando a outra de ter incentivado Mem a “fisgá-lo”. Brownfield pegou uma carroça

emprestada com o homem para quem ia trabalhar dali em diante, e Mem se sentou ao lado dele no banco de madeira lascado.

— Nós num vai ficar aqui pra sempre, meu amor. Não se preocupa — prometeu ele enquanto ela permaneceu sentada em silêncio, segurando o véu nas mãos quentes e morenas, olhando e sorrindo para ele com olhos alegres e confiantes, cheios de amor.

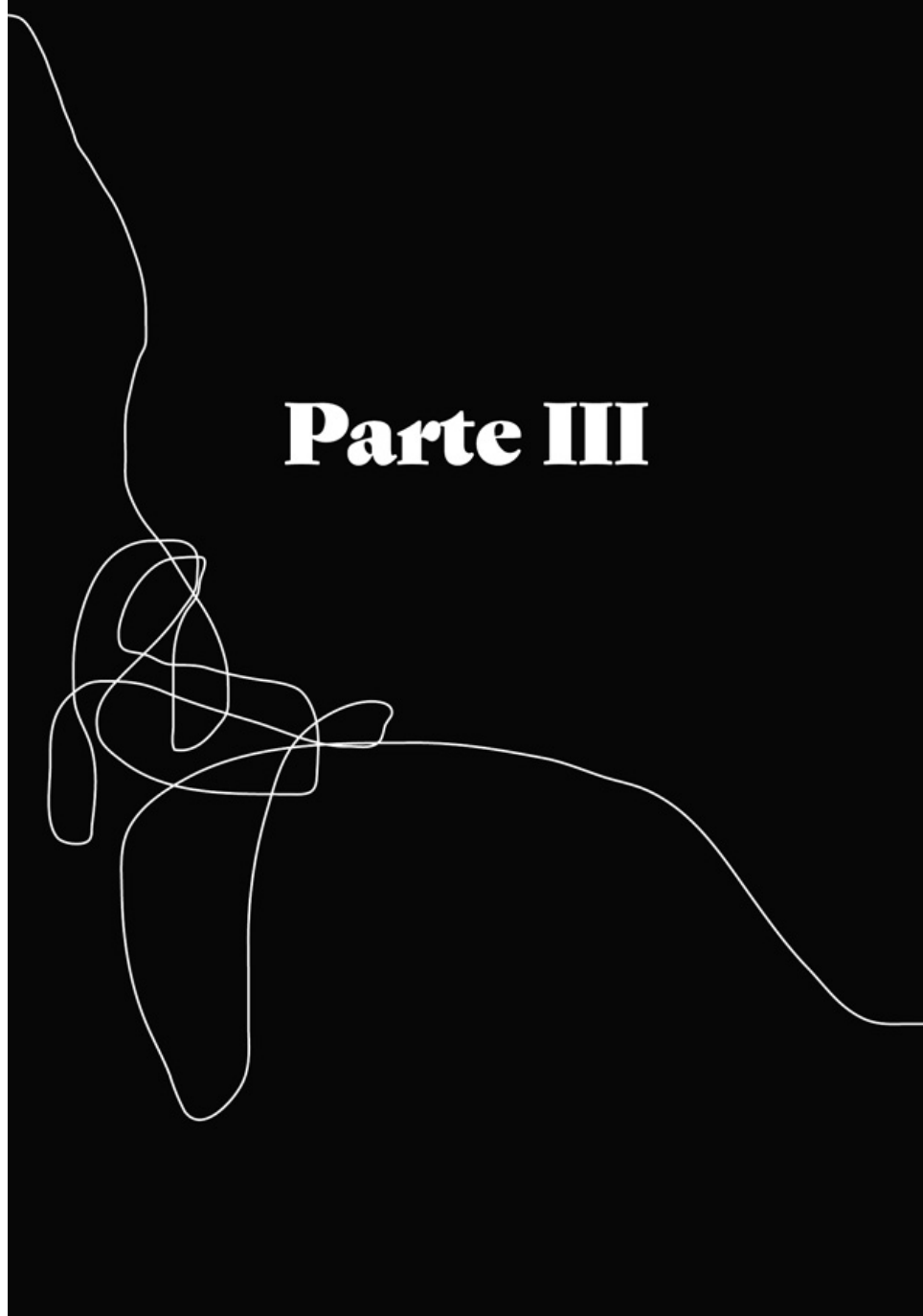
Capítulo 13

Três anos depois, ainda trabalhando na mesma fazenda e endividado até o último fio de cabelo, com Mem grávida do segundo filho, ele ainda conseguia olhar para trás, para o dia de seu casamento, como o auge de sua proeza de ter se libertado do mal e do demônio, alinhando-se com o amor. Nem mesmo a sombra da escravidão eterna, que o atormentava constantemente naqueles primeiros anos, era capaz de destruir sua fé em uma escolha bem-feita. Pois Mem era o tipo de mulher que cantava enquanto preparava o café da manhã e cantava enquanto se preparava para ir para a cama à noite. Cantava enquanto amamentava suas bebês e cantava para ele quando se aninhava, exausto e abatido, na circunferência quente e vitalizante de seu seio. Ele não se importava com o que as outras pessoas pensavam, mas ela era tão boa para ele, e ele precisava tanto dela, que seu corpo se tornou seu santuário, e ele o beijava sem parar, sem vergonha, amorosamente, celebrando seus encantos com flores e dança. E, conforme as bebês, conhecendo seu lugar ao lado dela tão bem quanto a vida, sugavam e se nutriam em seu seio, ele fazia o mesmo, e cresceu e se tornou mais firme com o amor, e mais forte.

Eles estavam apaixonados e despreocupados, ele e Mem, fazendo amor no bosque depois que as primeiras folhas caíam, fazendo amor no celeiro onde guardavam o milho, em meio ao cacarejar das galinhas e o canto dos galos, fazendo amor e bebês com urgência e com a mais pura paixão nas extremidades sombreadas das fileiras de pés de algodão, quando ela levava água para ele no campo e o observava com aquela expressão no rosto enquanto ele bebia e apoiava a palma da mão que coçava no cabo suado do arado. Enquanto a água, refrescante e revigorante, escorria por seu queixo e seu pescoço, o amor dela escorria junto, banhando-o em fogo frio e

entorpecimento, banhando-o em esquecimento, enquanto era forjado mais um elo da corrente que o prendia à terra e a uma responsabilidade por ela e pelas filhas.

Parte III



Capítulo 14

Foi um ano no qual a interminável labuta de sol a sol em cinquenta acres férteis de plantação de algodão e uma boa colheita lhes renderam dois leitões doentes cuja carne seria armazenada para o inverno, algumas maçãs e batatas secas do celeiro do patrão, e umas poucas roupas de segunda mão para suas filhas, doadas pela família do patrão. Foi o verão em que teve que testemunhar, em que teve que ensinar sua frágil filha de cinco anos de idade a executar a complicada, perigosa e desagradável tarefa de aplicar arsênico nos arbustos de algodão para manter os bicudos-do-algodoeiro longe. Seu coração tinha realmente começado a lhe fazer mal, como uma dor nos ossos, quando a observava empunhando o esfregão, tropeçando nos torrões de barro ressecado, o balde de zinco quente cheio de arsênico deixando um arranhão ensanguentado em sua perninha curta. Ela cambaleava e quase caía com o balde, grande demais, e cada vez que via isso ele sentia um nó no estômago. Ela ficava coberta de suor, o vestido esfarrapado ensopado por causa da transpiração e do arsênico; seus olhos grandes avermelhados pelo veneno. Ela respirava com dificuldade em meio ao cheiro mortal. No fim do dia, tremia, vomitava e parecia abatida como uma senhorinha minúscula e asmática; mas não se queixava para o pai, pois tinha tanto medo dele quanto do patrão branco que ocasionalmente resolvia passar de carro com os amigos pela plantação para ver a negrinha solitária, tão cansada que mal reparava neles, colocando veneno em seu algodão.

Aquela negrinha, a Daphne, era a filha mais velha de Brownfield, e aquele ano de despertar o fez acordar não do sono, mas da esperança de que algum dia ela fosse se tornar uma bela dama, carregando guarda-sóis e usando vestidos de seda. Aquele foi o ano

em que ele se deu conta pela primeira vez de que sua própria vida estava se tornando uma repetição da vida do pai. Ele não podia poupar as filhas da escravidão; elas nem sequer pertenciam a ele.

Seu endividamento o deprimia. Ano após ano, o montante que devia continuava a aumentar. Ele pensava em suicídio e nunca se esquecia das dívidas, nem mesmo nos braços de Mem. Rezava por ajuda, por um presidente bondoso, por um Jesus que o ouvisse. Rezava por um emprego decente nos braços de Mem. Mas como todas as preces que fazia de lá, essa prece se transformou em mais uma boca para alimentar, outro corpo para escravizar a fim de pagar suas dívidas. Sentia-se destinado a se tornar não mais do que capataz dos próprios filhos na plantação de um homem branco.

Aquele foi o ano em que acusou Mem de ser infiel, de estar sendo usada por homens brancos, seus opressores; uma acusação que ela negou chorosa e sinceramente. E quando ele a possuiu em sua embriaguez e em meio a suas próprias acusações infames, ela se submeteu e o aceitou com a mais completa passividade e mudez, como uma igreja. Ela era pura demais para saber que a alma dele se sentia justificada por seu silêncio. Ele decidia, nessas ocasiões, tratá-la como uma crioula safada, uma vagabunda, o que sabia que ela não era, e se ela não reclamasse, a considerava culpada. Palavras suaves não eram capazes de afastar sua ira, serviam apenas para escusá-la.

Esperava-se que ele sobrevivesse de ar, que era tudo o que sobrava depois de trabalhar para os outros. Outros que estavam sempre exercendo seu direito de lhe pagar praticamente nada por seu trabalho. Ele nunca conseguia fazer nada além de viver de ar; nunca conseguiu construir nada e estava destinado a nunca ter a própria terra e nunca dar uma vida confortável à mulher, que era o que queria mais do que qualquer outra coisa. Era como se os homens brancos dissessem que sua mulher não precisava de conforto, não merecia conforto e, portanto, não teria conforto, e que sempre se reservariam o direito de explorá-lo até a morte e transar com ela.

Seu orgulho esmagado, seu ego maltratado fizeram com que ele obrigasse Mem a se afastar da escola. Seu conhecimento refletia mal em um marido que mal sabia ler e escrever. Foi sua grande ignorância que a obrigou a ir trabalhar nas casas dos brancos como doméstica, sua necessidade de fazê-la se rebaixar até o seu nível!

Era a raiva que sentia de si mesmo, de sua vida e de seu mundo, que fazia com que batesse nela por causa de uma atração imaginária que ela despertava em outros homens, homens brancos, embora ela não tivesse nenhuma participação em nada disso. Sua raiva, sua cólera e sua frustração imperavam. Sua raiva podia atribuir, e atribuía, a culpa de tudo a Mem. E ela aceitava todos os fardos dele, além dos dela própria, e lidava com eles munida de seu grande coração e de seu grande conhecimento. Ele não se ressentia dela por ter um grande coração, mas não a perdoava por ter um grande conhecimento, pois isso a colocava mais perto, em termos de poder, *deles* do que ele jamais estaria.

Seus sonhos de ir para o Norte, de conhecer o mundo, de dar a Mem até as menores coisas que ela desejasse da vida morreram cedo. E, em sua depressão, via na esposa submissa e tolerante uma armadilha e uma ameaça. Voltou para Josie em busca de consolo depois de seu “erro” e de dinheiro para pagar o aluguel, deixando que Mem se encarregasse sozinha da luta pela sobrevivência doméstica da maneira que ela quisesse e fosse capaz de administrar. Arrastava a família de casebre em casebre, onde quer que conseguisse arrumar trabalho. Quando o cultivo de algodão declinou na Geórgia e a produção de leite aumentou, ele começou a trabalhar na produção de leite. E eles sobreviveram de alguma maneira.

Ao longo dos anos, atingiram o que teriam chamado quando se casaram de um declínio impossível e *inacreditável*. Brownfield batia em sua outrora adorável esposa com regularidade agora, porque isso fazia com que se sentisse momentaneamente bem. Todo sábado à noite ele a espancava, tentando atribuir a ela a culpa pelo seu fracasso ao deixá-la marcada em seu rosto; e ela, inevitavelmente, retribuiu se tornando uma bruxa descomposta e autômata, ao lado de quem até Josie parecia bem cuidada.

Brownfield estava determinado a destruir a mulher terna com quem havia se casado. Mas antes de destruí-la, decidiu mudá-la. E foi o que fez. Ele era o Pigmaleão dela ao contrário. A primeira coisa com a

qual implicou foi sua forma de falar. No início do casamento Mem o corrigia, mas pouco tempo depois isso começou a irritá-lo. Não tolerava ser depreciado em casa depois de voltar de um trabalho que exigia que respondesse a todas as ordens de cabeça baixa. Quando ela corrigia gentilmente seus erros de concordância, ele jogava a correção na cara dela.

— Por que ocê num fala como o *resto* da gente, preto pobre? — disse ele. — Por que você tem sempre que ser tão certinha? Se eu esqueço um “s” ou não, isso não é da porra da sua conta.

Na presença de outras pessoas, ele a humilhava. Quando ela abria a boca para falar, ele se curvava para os amigos, que felizmente falavam um idioma que um homem podia compreender, e dizia:

— Silêncio, a minha *senhora* vai falar, e a gente, os preto ignorante, vamo ter que ouvir!

Mem ficava pálida de vergonha e tentava manter a boca fechada daí em diante. Mas o silêncio tampouco era o que Brownfield buscava. Ele queria que ela falasse, mas falasse como o que ela era: uma preta incorrigível que levava uma surra no lombo todo sábado à noite. Ele queria que ela soasse como uma mulher que o merecesse.

Não suportava ver seus amigos homens insinuando que ela era boa demais para ele.

— Cara, como cê conseguiu colocar as mão nessa professora? — perguntavam a ele com inveja, olhando para suas roupas limpas e engomadas e admirando a grande quantidade de álcool que ele conseguia beber.

— Mostrei a minha cobra para ela — respondeu ele, esfregando-se de maneira indecente, expondo sua vida íntima nas ruas —, depois dei uma surra no lombo dela. É o único jeito de tratar uma crioula safada!

Para uma mulher como Mem, que por muito pouco havia escapado da “cultura da pobreza”, voltar a ela era a coisa mais fácil do mundo. Primeiro, para agradar o marido, depois, porque honestamente não conseguia mais se lembrar dos substantivos e verbos, dos plurais e singulares, Mem voltou a falar em seu antigo dialeto. A formalidade de seu discurso simplesmente se esvaiu e tudo que saía de sua boca

decaiu, assim como o que saía da boca de seus antepassados decaíra. Exceto pelo fato de que a fala deles era bonita por ser a única coisa que conheciam, e uma parte deles sem nem pensar nisso, ao passo que a dela era rasa e feia, como uma língua partida tentando desesperadamente se regenerar.

— Cadê aquele tanto de livro e aquelas coisa da escola? — perguntou Brownfield um dia, para ver se ela havia aprendido qual era seu lugar.

— Eu queimei os livro tudo — respondeu ela, sem se virar de um grande buraco de rato que estava consertando no chão do quarto.

Por um momento, ele sentiu uma pontada de amargor, como se tivesse provado o fundo de algo escuro e abjeto, mas para disfarçar essa sensação, deu uma risada.

— Eu tava mesmo procurando alguma coisa pra acender um fogo.

— Pega essas revista aqui — disse ela de maneira inexpressiva, puxando alguns exemplares surrados de *True Confessions* de baixo do vestido.

Ela achou que ele tivesse visto o volume das revistas debaixo de seu braço, mas ele não tinha visto. Ele estendeu a mão e, com um suspiro, ela abriu mão de tudo que tinha sido um dia em favor de tudo que se tornaria agora.

Ele mudou tudo a respeito dela, mas não para agradar a si mesmo, pois ela o agradava quando se casaram. Ele a transformou em algo que não desejava, que nunca desejaria, porque isso fazia com que fosse mais fácil tratá-la da maneira que ele achava que ela merecia ser tratada. Nunca teve compaixão por mulheres feias. Um sujeito com uma esposa feia pode ignorá-la, pensava ele. Isso também ajudava quando tinha que dar uma surra nela.

Houve um tempo em que ela economizava cada centavo que lhe era permitido manter do que ganhava como doméstica porque desejava, um dia, comprar uma casa. Esse era o seu grande sonho. Quando ela ainda dava aulas na escola, os dois começaram a economizar para comprar a casa, mas certo dia, quando ficou com raiva e se embabadou, ele roubou o dinheiro e comprou um porco de alguns amigos que lhe garantiram que se tratava de um macho registrado com o qual ele poderia dar início a um lucrativo negócio de criação de porcos. Mem chorou quando ele voltou para casa sem dinheiro, com o porco. Então o porco morreu. Na segunda vez que ela

conseguiu economizar dinheiro para comprar a casa, ele o usou para dar de entrada em um pequeno carro vermelho. Ela ficou furiosa, porém mais do que furiosa, incapaz de compreender que todos os seus movimentos em direção a algo melhor, algo deles, fossem frustrados pelo marido. No fim, como no caso do porco, ele não teve sorte e a financeira tomou o carro de volta.

As crianças — havia duas vivas, três tinham morrido — não ganharam nada no Natal daquele ano. Na véspera de Natal, elas ficaram sentadas, observando-o, até que ele saiu de casa para ver se conseguia algum dinheiro com Josie para tomar uma bebida. Quando voltou, acordou as crianças e chorou sobre elas, mas quando viu que estavam com medo dele, culpou Mem. Quando ela tentou se defender, explicando que as crianças estavam apenas assustadas porque ele estava bêbado, ele a espancou até ela perder os sentidos. Foi a primeira vez que a fez perder um dente. Fez com que perdesse um e deixou mais um ou dois moles.

Ela queria deixá-lo, mas não tinha para onde ir. Não tinha ninguém além de Josie, e Josie a desprezava. Escreveu para o pai, a quem nunca tinha visto, mas ele não se deu ao trabalho de responder à carta. Antes uma mulher roliça, agora era pele e osso. Para Brownfield, Mem não lembrava em nada uma mulher. Até seus lindos seios haviam murchado e encolhido; os cabelos caíram e a única coisa boa que podia dizer de si mesma era que se mantinha limpa. Ele a repreendia por seu asseio, mas, como era algo pequeno e como às vezes ela parecia ter tão pouco, não batia nela por causa disso.

— Eu não tô fazendo nada de ruim pra você — disse ela, apelando para algo em Brownfield que ele mantinha quase sufocado, e ele deixou o assunto morrer.

— É só ocê lembrar que num é nenhuma branca — disse ele, embora odiasse com todo o seu coração as mulheres que ao mesmo tempo queria e não queria que sua esposa imitasse.

Ele gostava de jogar na cara dela a perfeição das mulheres brancas porque a cor era algo que ela não podia mudar e, como sua própria pele negra o incomodava, queria que a dela a rebaixasse.

Mas isso não fazia com que ela tivesse vergonha de ser negra, não importa o que ele dissesse. Mem tinha uma visão simples dessa parte da vida. A cor era algo que a terra atribuía às flores, e ponto final.

Ser forçada a se mudar de um casebre no meio do mato para outro era algo que ela odiava. Odiava a arrogância dos homens brancos que os expulsavam, por um motivo ou por outro, sem aviso nem explicação. Odiava ter que deixar uma casa que já havia arrumado e consertado com as próprias mãos. Odiava ter que deixar suas flores, que plantava sempre que conseguia pôr as mãos em alguma semente. Toda vez que pisava em um novo lugar, com seus buracos de rato novos e em geral maiores, ela chorava. Toda vez que tinha que remover estrume de vaca de um cômodo para torná-lo habitável para as filhas, ela parecia ter recebido um golpe mortal. Toda vez que era obrigada a viver em uma casa no meio de um pasto com vacas e animais ansiosos para comer suas flores antes mesmo que fossem plantadas, ela parecia uma mulher caminhando em meio a um pesadelo, mas uma mulher que esquecera o que é acordar. Mem seguia em frente com esforço, arrastando-se, como se ela mesma fosse uma vaca, pelo bem das crianças. Sua brandura se tornou estupor; em seguida, seu estupor se tornou horror, desolação e, por fim, ódio.

Estranhamente, Brownfield tolerava seu ódio menos do que sua desolação. Na verdade, gostava da desolação da esposa, porque quando estava desolada ela não tinha esperanças. Ficava fraca, totalmente sem perspectiva, sem um céu. Ele ficava incomodado quando Mem o desprezava porque, munida do ódio, ela revidava, com palavras, nunca com golpes, e sempre em defesa das crianças. Mas, vindo dela, até as palavras perturbavam a harmonia do desespero em que viviam.

Para Brownfield, mudar-se de acordo com os caprichos de um patrão branco era apenas mais um exemplo do fato de que sua vida, como estava destinada a ser, havia “ido ladeira abaixo”, e ele não podia fazer nada a esse respeito. Obedecia a todas as ordens dos brancos e deixava seu bem-estar nas mãos deles. Nem sequer tinha mais, como seu pai manteve, o desejo de fugir. Não acreditava que nenhum outro lugar fosse ser melhor. Ajustava-se ao espaço que lhe era destinado; por diversão, derramava óleo nos riachos para matar os peixes e alimentava sua vaidade afogando gatos.

Capítulo 15

Todo sábado à noite Brownfield ia para o bar do Dew Drop Inn. Josie o recebia; era como estar em casa. Depois de terem sido amantes, eles agora eram muito mais que isso. Eram companheiros. Compartilhavam confidências. Lorene havia migrado para o Norte, e Josie administrava o bar sozinha, exceto por duas garotas muito jovens e talentosas que ficaram com o antigo quarto de Lorene.

Brownfield e Josie passavam muito tempo conversando. Sobre Mem e sua arrogância, sobre o erro de Brownfield em ter se casado com ela, sobre Josie e seus medos e pesadelos e as peças cruéis que o destino havia lhe pregado. Falavam sobre a determinação de Josie de sobreviver e superar os obstáculos. Sua necessidade de se vingar daqueles que lhe haviam feito mal. Conversavam sobre Brownfield, sobre como ele ficava entorpecido quando se permitia uma lembrança fugaz da mãe. Conversavam sobre Margaret e sua bebê bastarda, Star. Conversaram por horas e horas sobre Grange.

— Sua mãe era uma *idiota*, menino. Pensando que podia prender o Grange fazendo ele ter ciúme dos outro homem — disse Josie, o queixo estremecendo ligeiramente.

— Ocê tentou a mesma coisa — disse Brownfield — quando ele *não tava* aqui. Ou vai dizer que eu consegui o emprego aqui só porque você gostou da minha cara?

— Ah, mas eu não tava *tentando* deixar o Grange com *ciúme* — disse Josie.

— Não?

— Não. — O queixo de Josie tremeu. — Eu tava tentando era *matar* o filho da puta!

Por alguma razão, Brownfield riu.

— Ver ocê comigo não ia matar ele. Ele se importava mais com um estranho do que comigo.

— Ocê ainda não entende como as coisa são, né?

— O que eu sei é o suficiente.

— Ocê é muito do sortudo, então — disse Josie. — Agora senta aí e escuta.

Brownfield se sentou em uma familiar poltrona azul, de frente para Josie, que estava sentada na cama.

— Umas semanas antes docê chegar — disse ela —, eu e o Grange fizemo todos os nossos plano pra ir embora da Geórgia. Nós ia para Nova York. Pro Harlem, a cidade dos preto, onde a gente somos donos de *tudo*! Isso não é incrível? Nós ia embora pra nunca mais voltar. Cê deve de estar se perguntando o que que eu estava pensando em fazer com a Lorene — continuou ela, olhando para Brownfield. — Bom, cá entre nós, eu ia dar um *pé na bunda* da Lorene. Ela já foi uma corrente em volta do meu pescoço tempo demais. Se não fosse por ela, eu e seu pai ia ter ficado junto, pra começar. O Grange e eu começou a frequentar a igreja nas semana que ele passou aqui. E eu quero que você fica sabendo que ele me *prometeu* que ia me levar com ele; mas então ele foi embora escondido e desde esse dia que eu não vi mais ele!

Josie recostou a cabeça nos travesseiros, os olhos fixos no teto. Um minuto depois, com uma voz mais baixa e mais despreocupada, ela continuou.

— Ah, a minha história com o Grange já é antiga. Começou *muito* antes docê nascer. Muito antes dele conhecer a sua mãe.

Brownfield não ficou surpreso. Havia tempos que queria conhecer essa parte da vida do pai.

— Onde cê se enfiou esse tempo todo? — perguntou ele. — Eu nunca ouvi ninguém lá em casa falar de nenhuma Josie.

— Cê lembra de quando me contou da galega ruça *vadia* e gorda que a sua mãe falava?

— Você não *quer dizer*... — disse Brownfield, ainda não muito surpreso.

— Eu mesma.

Josie estava usando um quimono de seda vermelho com dragões azuis e roxos nas mangas. Ela passou a mão gorducha pelo decote do quimono.

— Vou te falar uma coisa — continuou —, o Grange nunca que ia ter se casado com a Margaret se não tivesse sido obrigado por aquela bosta daquela família “respeitável” dele. Os irmãos dele, que era tudo da Igreja Metodista Episcopal Africana e tinha umas esposa magra feito umas tábua, não aguentava a ideia de ser da família; eu não era suficientemente *boa* para ele. Não importa se eu construí um estabelecimento com as minha própria mão e descobri um jeito de ficar rica com meu próprio cérebro. Mesmo assim eu não era suficientemente *boa*. A família só ia aceitar se o seu pai se casava com a Margaret. A única coisa que ela tinha que eu não tinha era uma xoxota que ainda não tinha sido usada. Mas isso não foi impedimento pra eu e o Grange ficar junto. Ele não tinha coragem de largar da sua mãe. Mas os sábado à noite todim, *sem falta*, você podia encontrar o Grange Copeland bem aí onde cê está agora.

— Então ele vinha aqui, e ocê... *cuidava* dele?

A poltrona na qual estava sentado era desconfortável, então Brownfield se levantou e começou a andar de um lado para o outro.

— É — confirmou Josie, orgulhosa. — Eu cuidava dele, por causa que ele era *meu*. Eu não tinha nem um pinga de pena da sua mãe.

— A minha mãe não ligava — disse Brownfield. — Pelo menos ela parecia que não ligava. Eu me perguntava por que que ela se comportava desse jeito. Na época eu achava que ela sabia de alguma coisa que eu não sabia.

— Ela sabia tudo que tinha pra saber — zombou Josie. — Ela sabia que nunca que ia fazer pelo seu pai o que a Josie Gorda fazia. Ocê acha que ela ia conseguir ter alguma ideia de como ia pagar as dívida do Grange? E com metade dos homem do condado atrás dela? A *ideia* nem nunca que passou pela cabeça dela! Então, quando ela teve o estalo, *esqueceu de cobrar!* Merda.

— Bom — disse Brownfield, envergonhado —, já faz quase dez anos que ele picou a mula daqui. Tempo de sobra preu *encontrar* ocê, *largar* docê e *voltar* procê.

Ele se virou para encará-la, vendo os novos cabelos grisalhos que ela não tivera tempo de pintar, vendo as rugas cada vez mais profundas em toda parte.

— É melhor ocê parar de dormir comigo — disse ele suavemente, sentindo-se tão adulto e experiente que mal conseguia suportar. — O

Grange não vai voltar. Se ocê ainda quiser dar um susto nele, vai ter que ir lá pros lado do Norte. Eu não tenho nenhuma serventia procê.

Josie viu o mal-estar nos olhos dele.

— Mas, *meu amante...* — disse, sorrindo maternalmente, afrouxando o quimono e se aproximando para abraçá-lo —, você *ainda* não descobriu que eu também gosto docê por ocê mesmo?

Capítulo 16

Com o passar dos anos, Brownfield adquiriu o hábito de pensar em Grange como alguém que nunca tinha conhecido intimamente. Não se referia a ele como pai, mas como Grange. Isso fazia com que Josie não parecesse um fardo tão pesado e atenuava a sensação que Brownfield tinha com frequência de que ela o havia feito de bobo, fingindo que gostava dele, um garoto cuja virilidade significava apenas uma coisa que lhe subia facilmente à cabeça, quando o tempo todo ela estava sofrendo por Grange.

Ele nunca mais esqueceria o rosto de Josie na noite em que Grange voltou para o condado de Baker. Como o medo, a autocondenação, a culpa e a *felicidade* a invadiram enquanto ela se apressava em tirar Brownfield do caminho, empurrando-o para longe como se ele fosse tão asqueroso quanto um sapo, tão insignificante quanto uma espécie de lagarto inofensivo. Depois de tanto se vangloriar sobre querer “matar” Grange, ela o teria poupado naquele momento, mesmo que isso lhe custasse a vida. Brownfield desejou um dia vê-la pagar caro pela expressão aflita e culpada em seu rosto.

Eles estavam deitados na cama, acariciando e tocando um ao outro, Josie apenas de combinação. Falavam da insaciável paixão que sentiam um pelo outro, assunto sobre o qual conversavam sempre que ele ficava impotente na cama com ela. Depois de Mem, com frequência não conseguia fazer amor com Josie; a imagem de Mem e seu perpétuo aspecto sombrio e abatido o faziam encolher. Ele e Josie falavam sobre sua paixão, sobre os velhos tempos, e Josie inventava mentiras para lhe contar sobre Mem. E, às vezes, fingindo acreditar em algo sórdido sobre sua esposa, algo desprezível o suficiente para ir para casa e dar uma surra nela, ele conseguia fazer amor com Josie. Ela não se importava com o que precisava

fazer para deixá-lo excitado, só queria que ele ficasse excitado. Com ele sobre seu corpo, ela libertava sua mente das lembranças de traições, esquecia os terrores de seu pesadelo recorrente e entrava em um mundo de gentileza e contentamento. Seu rosto se tornava o rosto de uma garota gorda pura e sem maldade; era inocente e verdadeira e não tinha queixas.

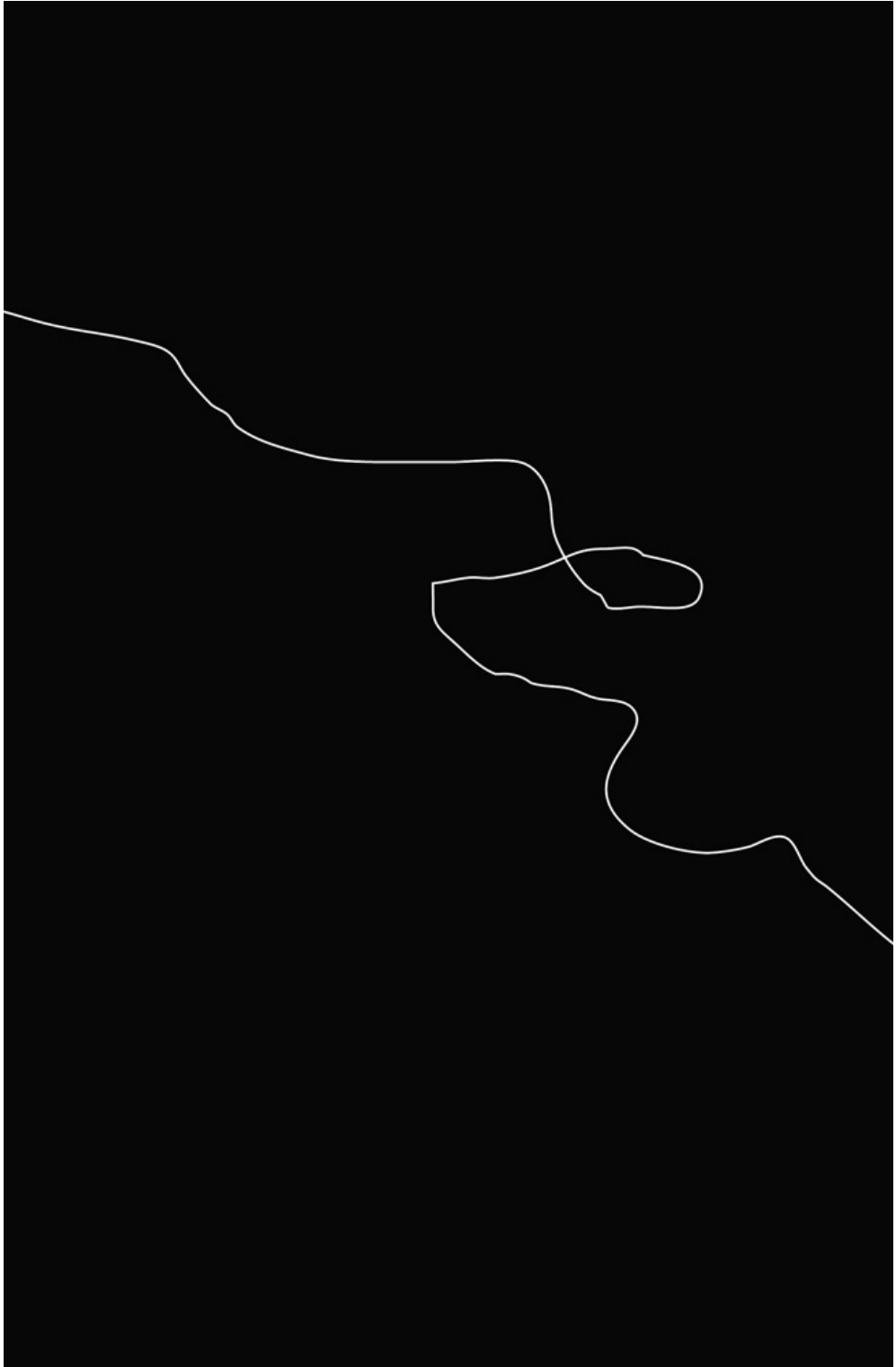
Mesmo assim, Brownfield nunca compartilhava realmente o sexo com Josie, não da maneira completa e restauradora que compartilhava com Mem. Josie se satisfazia e ele também. Ou ela estava excitada com uma depravação resoluta, quando o xingava e usava palavras descritivas obscenas, ou estava entregue a uma solidão segura. Uma solidão para a qual Brownfield ficava genuinamente feliz em mandá-la, porque então pensava no fato de fodê-la como um ato de bondade, e ele queria ser bom. Os pesadelos de Josie, testemunhados durante anos, o comoveram. O mínimo que podia fazer, ele achava, era ajudá-la a dormir.

Naquela noite, no entanto, não teve chance de ajudá-la a dormir. Grange, grisalho, cabeludo e magro como um lobo, entrou pela porta do quarto. Maldições irromperam de Brownfield. Seu primeiro impulso foi derrubar o pai. Mas percebeu de imediato, o que o fez soluçar, que ainda tinha medo dele. Tinha tanto medo que mais parecia uma criança. Então, em vez de brigar com o pai, Brownfield o amaldiçoou, chorou e deixou uma de suas meias ao lado da cama de Josie. Grange ficou parado, encostado na parede perto da porta, olhando de Brownfield para Josie e por fim pousando os olhos nela.

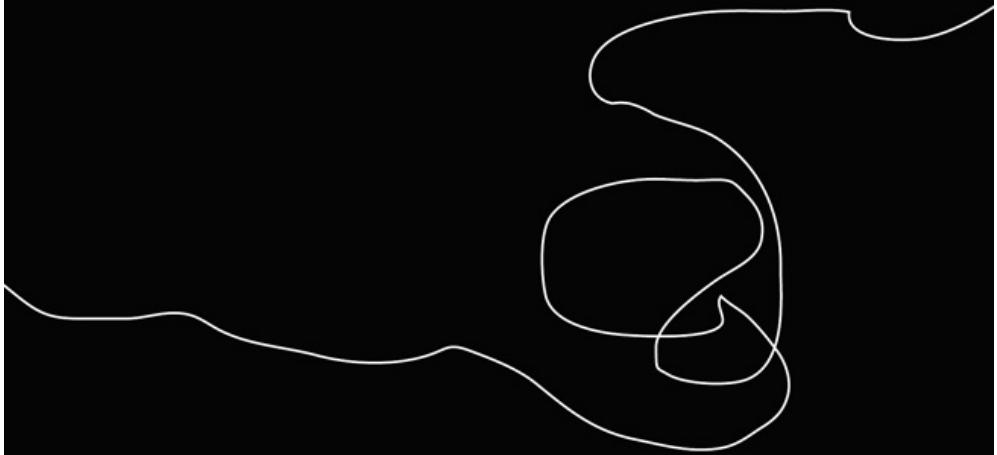
Brownfield passou os braços em torno do pescoço de Josie. Suas lágrimas pingavam sobre o peito dela. Mas Josie olhava além dele, por cima de seu ombro; pela derradeira vez, ela o afastou.

Esquecendo-se de Brownfield, Grange e Josie o deixaram de fora. Josie vestiu apressada um robe escuro, tocou de leve o pescoço e o colo com mãos úmidas e olhou para Grange com olhos que diziam que ela morreria ali mesmo se ele quisesse. Enquanto Brownfield se afastava cambaleando, furioso e abalado, em busca de uma bebedeira, eles mal se moveram, paralisados por um estranho compromisso que tinham um com o outro e do qual Brownfield nem ao menos tinha conhecimento. Não tiveram medo dele, apesar de todas as suas ameaças. Tampouco pareceram se importar com ele de

alguma maneira. Em duas semanas, Grange e Josie estavam casados.



Parte IV



Capítulo 17

Bem cedo no dia em que Ruth chegou ao mundo, por volta das cinco da manhã de uma quinta-feira cinzenta e chuvosa de novembro, Mem acordou Brownfield e pediu a ele que fosse buscar a parteira, que morava a mais ou menos treze quilômetros de distância. Brownfield estava curando uma bebedeira e, por mais que tentasse, só conseguiu despertar às sete, e a essa altura Ruth já havia nascido. Ele se levantou finalmente, sonolento, com a sensação de que algo novo havia sido acrescentado à casa, e encontrou a esposa aninhando um pequeno embrulho, tremendo na cama. O catre dele, mais próximo do fogo do que a cama de Mem, bloqueava o pouco calor que vinha de um pedaço de lenha de nogueira queimando na lareira. Ele lamentou e se arrependeu de sua negligência e tentou compensá-la com diversos gracejos dirigidos à filha pequena, mas Mem não estava nem um pouco disposta a ver Ruth exposta tão cedo ao hálito nauseabundo de cerveja com cheiro de vômito.

— Sai de perto de mim — sussurrou ela, virando-se para aquecer a bebê com o pouco calor que tinha a oferecer.

• • •

Era em direção a essa atmosfera tensa que Grange caminhava, carregado de carne, couve, doces e laranjas. Envergonhado, inquieto e confuso, Brownfield se levantou e foi ao encontro dele. Grange avançava rapidamente pela rua, vestindo roupas limpas e elegantes e exibindo um sorriso vacilante.

— Ah, *Grange* — gaguejou Brownfield enquanto ele se aproximava do quintal.

Brownfield ficou furioso ao ver os pacotes nos braços do pai. Aquela intrusão de mercadorias — Grange nunca punha os pés na casa do filho sem levar um monte de alimentos e peças de roupa — fez com que Brownfield desejasse mais do que nunca vê-lo sofrer.

— Cê não devia de ter feito isso, Grange — disse ele com um ar encabulado, sorrindo mas ao mesmo tempo cerrando os dentes.

Odiava a si mesmo por querer ver o que havia dentro dos pacotes que Grange colocou em suas mãos. Ele se deu conta, com autocomiseração, de que estava faminto e que não fazia uma refeição havia dois dias.

— Não custa nada — murmurou Grange, esperando pacientemente que o filho o conduzisse para dentro de casa.

Brownfield cheirou um dos sacos em suas mãos. Continha frutas, um presente que as crianças iam adorar e mais uma razão para venerarem o avô. As filhas de Brownfield só ganhavam maçãs, laranjas e uvas no Natal. Quando criança, Brownfield nunca tinha visto uma uva. Ele apertou as sacolas, tomado por uma confusão de sentimentos. Estava com fome, estava sofrendo de uma indisposição mental, estava com ciúme da boa sorte das filhas. Desejou não ter filhas por cujas goelas as frutas iam desaparecer; desejou ser ele mesmo uma criança.

Brownfield não era tão alto quanto Grange, que precisou baixar a cabeça para entrar no quarto onde Mem e Brownfield dormiam. No inverno, eles costumavam dormir todos no mesmo quarto: Brownfield, Mem, Daphne e Ornette; porque era impossível aquecer dois cômodos em uma casa com tantos buracos. Na verdade, era impossível aquecer até mesmo um cômodo; mas quando quatro pessoas dormiam juntas em um quarto pequeno e mantinham o fogo aceso na lareira, era possível sobreviver ao frio até a chegada do verão.

Ver a mulher e as filhas através dos olhos do pai — tendo conhecimento da fazenda e da casa confortável que Grange e Josie tinham — fazia Brownfield desejar que sua família parecesse aquecida, feliz e bem cuidada. Bastava dar uma olhada nas paredes do quarto onde estavam para ficar claro que ninguém jamais conseguiria se manter aquecido dentro dele. As paredes tinham sido revestidas, provavelmente de maneira cuidadosa em algum momento, com sacos de papel. Sacos com um dos lados cortado, estendidos,

as laterais sobrepostas. Agora, no entanto, os sacos começavam a pender aqui e ali, com as abas farfalhando; o vento as havia descolado. Nos pontos onde abas de papel pendiam do teto podia-se ver o interior do sótão, e em vários lugares, diretamente através do sótão, era possível enxergar o céu. Nas molduras sem vidro das janelas, alguém tinha tentado encaixar quadrados de papelão, mas a chuva, caindo oblíqua sobre os quadrados, deixava a metade inferior deles encharcada, e o mesmo vento que fazia as abas de papel esvoaçarem, revelando os buracos no telhado, deslocava os pedaços de papelão, e poças de água gelada se formavam no chão cinzento e frio.

Ao entrar, Grange viu as condições precárias do quarto e não conseguiu conter um suspiro. Um suspiro que Brownfield ouviu e entendeu imediatamente como uma condenação. Brownfield pensou no dinheiro que o pai tinha trazido do Norte — suficiente para comprar uma fazenda, suficiente para se casar com Josie, suficiente para emprestar uma parte a Brownfield, com a condição de que ele parasse de beber! — e achou que talvez aquela fosse sua chance de conseguir um pouco mais daquilo que o pai parecia tão disposto a dar à sua família. Dinheiro. Assim, Brownfield se lamentou:

— Pobre, é o que a gente somos.

Ele tirou a remela ressecada do canto dos olhos e convidou o pai a se sentar no pequeno catre onde dormia, agora que Mem ocupava toda a cama de casal.

Grange olhou em volta em silêncio. O fogo crepitou e se apagou. Brownfield não fez menção de reacendê-lo. Grange tirou o casaco e foi até a lareira. Ficou indignado ao descobrir que não havia mais lenha.

— *Como é* que cê não tem mais *lenha*, com sua *mulher* quase parindo? — indagou ele.

Brownfield olhou por cima do ombro para o colchão de palha da esposa. Para que as crianças não vissem o sangue, ela o havia dobrado cuidadosamente, como se fosse um jornal, e em seguida o amarrou com barbante. Havia um lençol pendurado diante da cama de Mem. Funcionava como uma cortina para impedir que as filhas assistissem ao parto. Brownfield pensou na bênção que devia ter sido para Mem o fato de a bebê ter nascido no meio da noite, enquanto

Daphne e Ornette estavam dormindo e o vento e a chuva abafavam os sons de seu esforço.

Brownfield não conseguiu, não se atreveu a contar ao pai que Mem já tinha dado à luz, e sem ajuda dele nem de mais ninguém. Queria apenas que o pai fosse embora logo e não tentasse mais uma vez “explicar”, como quase sempre tentava fazer, suas razões para ter abandonado a própria família. Grange se sentia culpado pelas condições de vida do filho e amenizava sua culpa dando comida e dinheiro à família de Brownfield. Ele nunca dava dinheiro diretamente a Brownfield, que havia gastado com bebida a primeira quantia que Grange lhe dera. Depois disso, não houve uma segunda chance. Grange não confiava nele, era o que Brownfield presumia corretamente. Mas, depois de deixar de lado os pacotes, ele não parecia ter pressa para ir embora. Queria conversar com Mem, saber se ela estava precisando de alguma coisa para a bebê, cujo nascimento, Grange imaginava, parecia muito próximo.

— Ué, ela tá *dormindo* — disse Brownfield.

Ele esperava que o pai fosse embora logo. Mas, em vez disso, olhando para a lareira e esfregando as mãos, Grange começou a falar de coisas sem importância, como o clima e, em seguida, o que afligia seu coração.

— Como eu tô tentando te falar procê, desde que eu voltei, tem muita coisa que eu *fiz* que eu não *concordo*. Eu acho que era a época. A gente trabalhava *duro* demais pra nada. E se naquele tempo já era difícil, depois foi só é ficando mais difícil ainda. Eu trabalhava tanto, vou te falar procê a verdade, que meus dia emendava um no outro. Não tinha começo nem fim.

Brownfield olhou para o chão, cheio de amargura.

— Os dia da Margaret *também* emendaro depois que cê foi embora.

Ele disse o nome da mãe com intensidade, tomado de emoção, embora detestasse mais do que nunca a lembrança dos últimos dias de vida dela. Brownfield achava que, com a partida de Grange, havia sido abandonado para quaisquer lobos que quisessem devorá-lo; não na época de sua partida, nem quando Brownfield vivia no Dew Drop Inn, mas em uma retrospectiva conjugal, vista por intermédio da infelicidade de Brownfield na vida que convenceu a si mesmo de que

era corajoso o suficiente para *aceitar*. Ele não se importava de verdade com o que sua mãe tinha sentido.

Grange olhou para Brownfield, Brownfield olhou para o pai. A sombra de Josie se interpôs entre eles. Ela os impedia de se tornar o que nunca tinham sido, afinal: pai e filho. Essa era sua vingança.

— Tem que ser um menino forte pra nascer aqui. E tem que ser parente de esquimó pra não morrer congelado. Bom — disse Grange, finalmente se levantando —, quando a Mem acordar, fala pra ela que vou mandar a Josie pra ajudar, ou então eu é que venho. — Grange ficou de pé, olhando para a cama. — O Senhor Nosso Deus sabe que esse negócio *tudo* é quase que um milagre. Do meio de toda porcaria sai uma coisa limpa, macia e cheirosa.

— Se você acha tão *cheiroso*, pode *ficar* com ele — disse Brownfield, vendo sua bebê com olhos inteiramente diferentes, sem nenhum encanto e rigorosamente econômicos.

Atrás do lençol de musselina, Mem estava encolhida junto à bebê. A criança, que ainda não tinha sido limpa, estava úmida e grudenta, envolta em um pano macio. Mem secava a película úmida que cobria sua pele quando Grange entrou. Temendo a inclemência do frio, ela parou o que estava fazendo e passou a friccionar suavemente, de cima a baixo, o corpinho quase inerte da bebê. Pela janela perto de sua cama entravam rajadas esporádicas de ar úmido. No meio da noite, ela havia pedido a Brownfield que cobrisse a janela com uma colcha, mas as únicas que poderia usar, disse ele, eram a de sua cama ou a da cama dela.

O vento entrou pela janela, agitando os jornais debaixo da cama. Com a voz débil, Mem chamou o marido.

— O que é que você quer, querida? — perguntou ele, se aproximando para espiá-la por trás da cortina.

Grange também se aproximou. Mem ouviu a inspiração dele quando parou ao lado de Brownfield, olhou para ela e viu a criança, incrédulo.

— Seu *vagabundo* imprestável, *desprezível*, inútil — disse ele, tirando Brownfield do caminho e se inclinando com impaciência para empurrar a cama de Mem para mais perto do fogo.

— Não adianta — disse ela, olhando amedrontada para o marido. — Só está apoiada em um tantinho de bloco.

Seus olhos estavam fundos e embotados por causa da longa noite. Resignada, ela implorou com o olhar que Grange fosse embora, que os deixasse em paz. Observou, angustiada, enquanto ele se movia pelo quarto, colocando no fogo o colchão, que, feito de jornais e velhos trapos limpos, queimou bem, apesar das manchas úmidas, e em seguida levando para fora o penico, que estava cheio de evidências de como ela havia passado a noite.

Grange desfez a cortina improvisada, ordenou que Brownfield arrumasse sua cama e saísse para pegar lenha, e preparou a bebê para que as duas irmãs a vissem.

— Eu tô muito bem, eu tô ótima — disse Mem, quando Grange ajeitou as finas cobertas em sua cama.

Em uma grande demonstração de autocontrole, Grange pegou a lenha que Brownfield trouxe e a colocou no fogo. Felizmente, a madeira começou a queimar.

— Pelo menos cê tem noção pra saber que madeira molhada não queima — disse ele.

Brownfield ficou parado junto ao cotovelo dele, com um sorrisinho afetado e beligerante de quem estava se divertindo.

— Peguei no celeiro — disse ele.

— Brownfield, vai buscar um pouco de água morna pra mim beber, ou então um pouco de café — pediu Mem.

Grange tinha elevado a cabeça dela e colocado o próprio casaco sobre seus ombros.

Ele sempre gostara de Mem; a conhecia desde que ela era uma criança que brincava atrás do salão. Lorene sempre a fazia chorar, correr e se esconder na floresta. Grange ficou feliz quando Josie lhe disse que Brownfield havia se casado com ela. Ele achava que uma boa esposa apaziguaria o filho, mesmo que ela fosse parente de Josie. Embora Mem não tivesse a dureza de Josie.

Na noite em que voltou ao Dew Drop Inn e encontrou Josie com Brownfield, ele descobriu o rancor que o filho nutria por ele, o ressentimento, o ódio; mas esperava que a experiência de Brownfield como meeiro e pai de família mudasse isso. Agora, no entanto, ao olhar para Mem depois de oito anos vivendo com Brownfield, era como se estivesse vendo uma tia velha e miserável da moça com quem Brownfield havia se casado. Os cabelos de Mem, que antes eram negros e espessos, agora estavam pressionados contra o

travesseiro, cinza como carvão. A maior parte tinha caído. Grange sentiu, em meio a todas as outras razões para que ela estivesse tão acabada, sua própria culpa. Era por isso que ele passava tanto tempo com ela e com as netas, era por isso que lhes levava carne e verduras e lhes dava dinheiro às escondidas, recebendo toda a ira da esposa e a amargura inflexível do filho.

Brownfield entregou a Mem uma xícara de café morno.

— Eu sei que foi isso que ela pediu — disse Grange —, mas deve de ter alguma coisa pra *comer* aqui nessa casa. Eu tô falando é de uma *sopa* ou de um negócio assim.

Brownfield caminhou calmamente até a porta, com o rosto impassível, e jogou o café no quintal.

— Eu dei o que ela mim pediu, o que que você quer mais?

Ele se sentou resolutamente diante do fogo, agora decidido a não dar mais nada a ela. Seu rosto estava emburrado como o de uma criança.

Com os mantimentos que tinha levado, Grange preparou um ensopado. Quando saíram do quarto ao lado, desvencilhando-se das cobertas úmidas, Daphne e Ornette foram recebidas pelo aroma quente e condimentado da comida e pelo crepitar aconchegante do fogo na lareira. A princípio, Brownfield se recusou a tocar o ensopado. Observou, com inveja, enquanto as filhas se atiravam sobre o avô. Logo em seguida, no entanto, começou a comer; a fome não se importava com o orgulho.

— Meu problema — disse ele ao pai — é que eu podia passar *sem* essas criança. — Ele observou enquanto Daphne e Ornette se revezavam, examinando os punhos minúsculos da bebê. — Eu não gostava de ter que cuidar daquele menino que *cês dois* deixava nas minhas costa.

Brownfield encarou o pai.

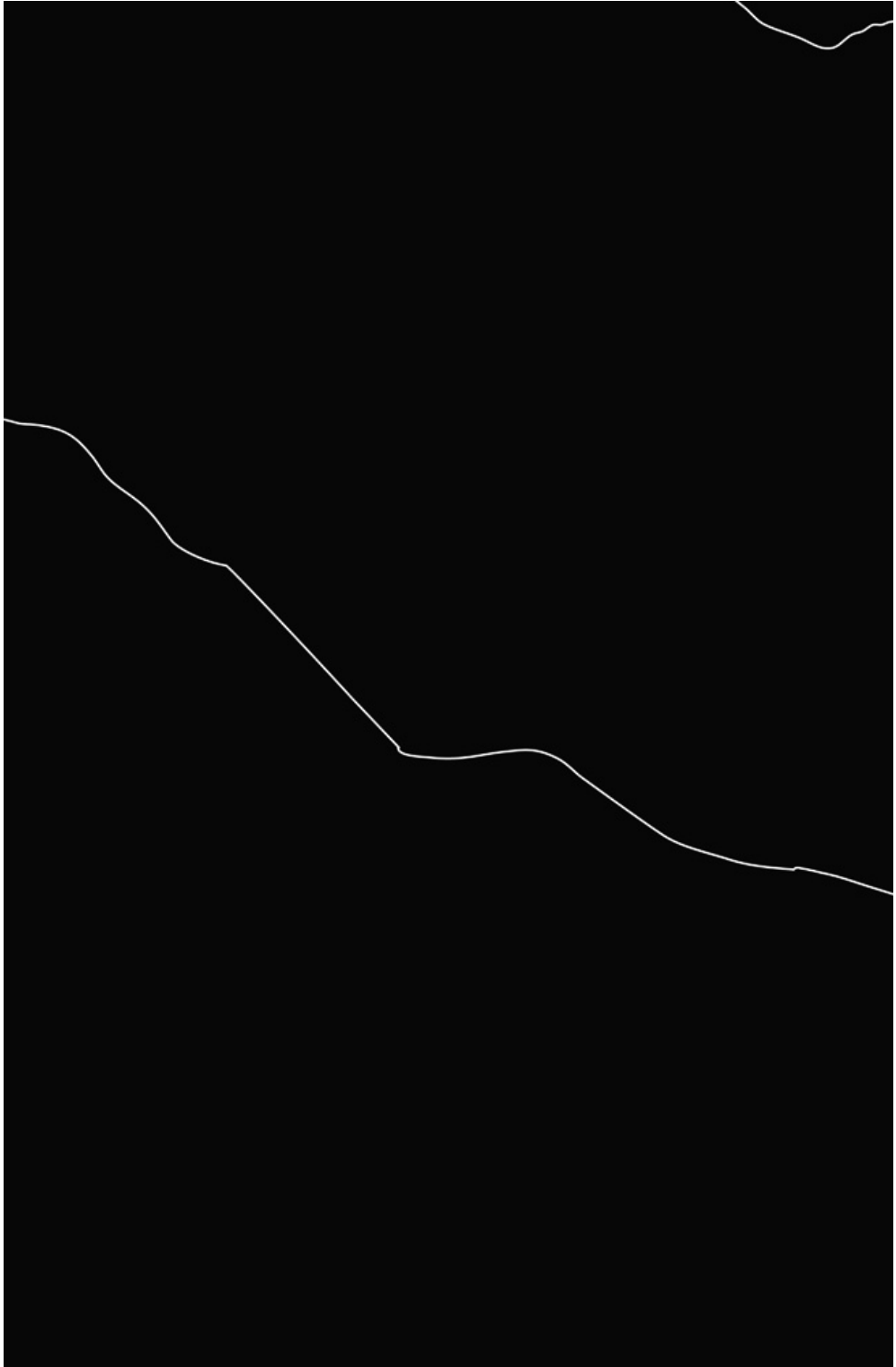
— Eu nunca que gostei do meu irmão, ocê sabe disso, porque ocê também não gostava dele. Eu te via ocê beliscando ele quando achava que num tinha ninguém vendo. Parece que naquela época esse *negócio* de cuidar do bastardo da Margaret e de *mim* também te dava em você vontade de vomitar.

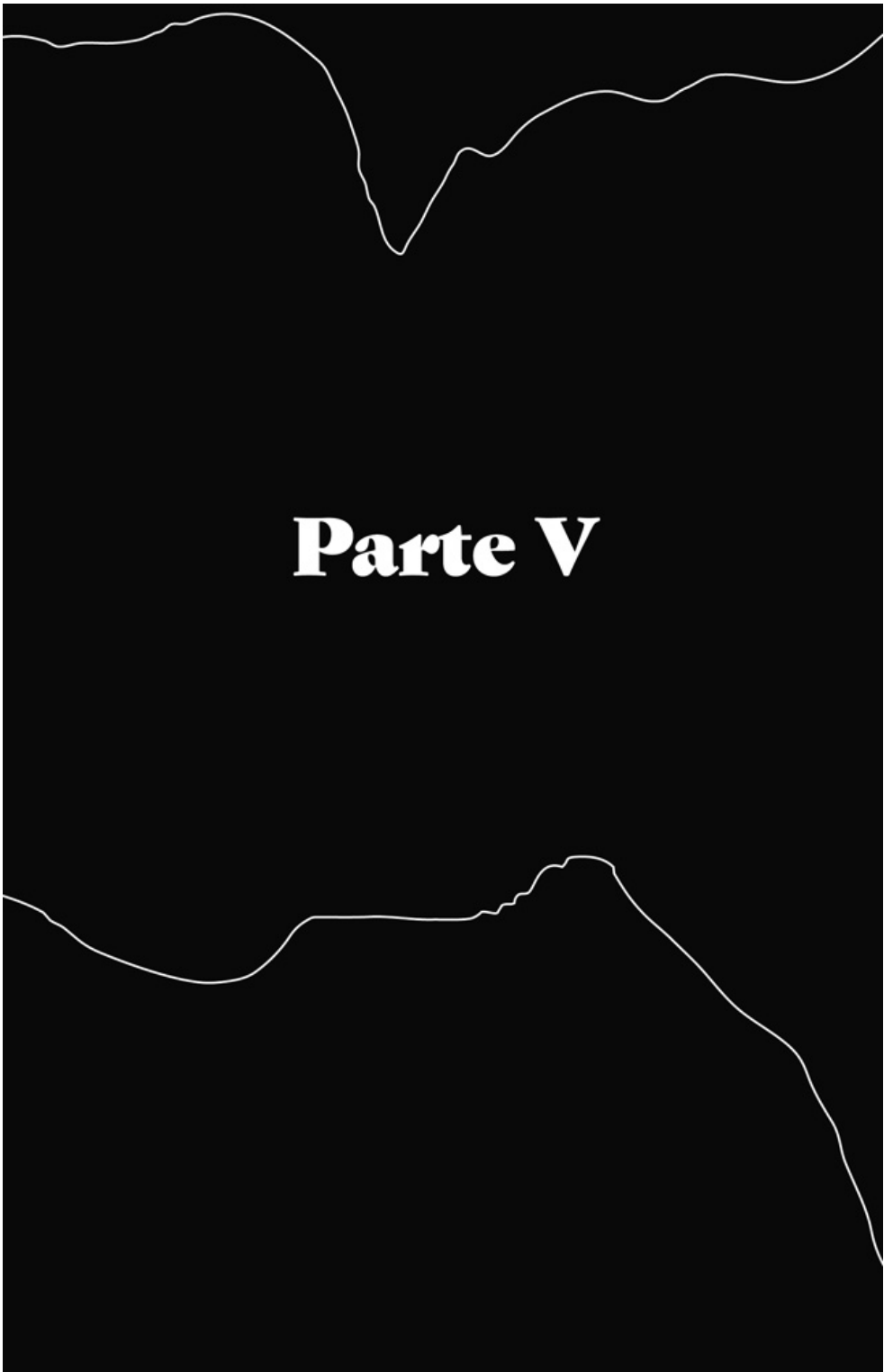
Grange baixou a cabeça e ouviu tudo em silêncio.

Capítulo 18

Para as três filhas, Brownfield dava migalhas de atenção apenas quando estava meio bêbado. Para ele, não eram crianças humanas de verdade, embora às vezes tivesse pena delas. Ele não conseguia vê-las como seres inocentes, nem mesmo como crianças. Repreendia Ornette, que tinha nascido um ano depois de Daphne, com a mesma linguagem que usaria para falar com uma prostituta. E na bebê, Ruth, nunca tocava.

À medida que foram crescendo, Daphne, a única que se lembrava dos escassos “bons e velhos tempos” antes de Brownfield começar a desprezá-las, levava a bebê e Ornette para se sentarem debaixo das árvores e contava a elas como Brownfield um dia tinha sido um bom pai. Ele a ouvia sussurrar suas histórias no ouvido da bebê, como se quisesse que a irmãzinha crescesse acreditando que os poucos bons momentos com Brownfield, avidamente estimados, também tivessem sido vivenciados por ela.





Parte V

Capítulo 19

Brownfield não acreditava que Mem fosse capaz de encontrar uma casa. Ele não tinha conseguido encontrar uma casa decente na primeira e única vez que procurara. Além do mais, não acreditou que ela estivesse procurando uma.

— Você nem bem contou pra todas as suas amiga velha e chata que eu acabei de ser mandado pro olho da rua e, pra variar, já tá procurando uma *mansão* pra morar...

Ele estendeu o braço e a agarrou rapidamente pelo pulso.

— Ai, Brownfield — queixou-se ela, largando os sapatos.

— Eu devia te obrigar você a me chamar de senhor — disse ele, torcendo lentamente o pulso que havia agarrado e obrigando-a a ficar de joelhos a seus pés. — Uma mulher preta e feia feito você devia de chamar um homem de senhor.

— Eu não encontrei nenhuma casa hoje — lamentou-se ela secamente, porque estava cansada e seus pés doíam. — E não encontrei *ninguém* que não fosse as pessoa que estavam alugando.

Ele a empurrou e ela caiu sobre as jardineiras, espalhando flores e terra. Ela cambaleou até ficar de joelhos, depois de pé, as solas cheias de bolhas e calos, fungando e levando a mão enrugada e áspera à cabeça. As filhas estavam de pé junto à porta de tela surrada, observando a cena com a irmãzinha nos braços.

Nós devíamos pular em cima desse homem e acabar com a raça dele, pensou Mem, enquanto evitava o olhar das filhas, pegava a bebê Ruth nos braços e entrava em casa.

— Maldita *égua* esquelética — murmurou Brownfield de forma maldosa, apoiando as pernas na balaustrada podre da varanda da frente.

Capítulo 20

Quando Brownfield tinha terminado de alimentar os animais pela segunda vez e estava colocando as conchas de volta nos sacos de ração, o capitão Davis apareceu e ficou parado na porta, mastigando e cuspidando, agindo como se quisesse em parte inspecionar o que Brownfield estava fazendo, em parte enfatizar que era o proprietário das vacas, do celeiro e de tudo mais à vista. O homem ficou parado lá, com as mangas da camisa dobradas e a cabeça calva sarapintada, agindo como o patrão.

— Eu disse pro Sr. J. L. que você ia procurar um lugar logo — disse ele.

O capitão Davis baixou a cabeça inclinada e observou enquanto Brownfield amarrava os sacos de ração. Seus lábios se contraíram com força ao ver alguns grãos caírem no chão de concreto.

— Eu disse que ele provavelmente ia encontrar coisa pior que você, se estiver procurando alguém pra trabalhar no campo e cuidar das vacas.

As mãos de Brownfield pararam de amarrar os sacos por um momento.

— Senhor?

Ele fez menção de ficar completamente ereto, mas conseguiu se manter ligeiramente curvado, de modo que se sentia pequeno, preto e insignificante como um inseto, e o capitão Davis, com seus escassos cabelos brancos, parecia um gigante branco capaz de esmagá-lo.

— Senhor? — disse ele novamente, enquanto os olhos do capitão Davis esquadriavam o teto e percorriam as ancas de suas vacas. Lentamente.

Maldito filho da puta de um braço só, pensou Brownfield, enquanto permanecia curvado e imóvel, olhando para o homem alto e branco e esperando para desviar o olhar no momento em que o capitão voltasse o rosto para ele.

Por que ele não diz de uma vez o que tem pra dizer, em vez de agir como se eu tivesse a porcaria do *dia* todo para ouvir sobre o filho carrasco dele. Ele que arrume sua própria porra de empregado em vez de *me* negociar! Quando o capitão se virou, Brownfield desviou o olhar. Um sorriso vazio e obsequioso surgiu em seu rosto.

— É claro que você não vai ter uma vida tão fácil igual aqui — disse o capitão Davis ao baixar os olhos para encarar Brownfield, e Brownfield também baixou os seus, tendo o cuidado de manter um sorriso ao mesmo tempo alerta e respeitoso.

— Está interessado, Brown? — perguntou o velho, pigarreando e cuspidando no espaço entre eles, sem se preocupar em virar a cabeça.

— Eu já disse ao Sr. J. L. que você está.

— Sim, senhor! — disse Brownfield, pegando um lenço estampado grande e limpando as mãos, dando atenção especial ao espaço entre os dedos. Ele pensou no Sr. J. L. (avarento e cruel, alguém em quem não se podia confiar perto de mulheres negras) e estremeceu. Não queria trabalhar para ele. Brownfield se lembrou de como ele e Mem tinham ido trabalhar para o capitão Davis. O irmão do capitão Davis os havia enviado para ele quando Brownfield não tinha mais serventia para ele, sua esposa havia morrido e não havia mais necessidade de Mem. Em troca, o capitão Davis cedeu a ele seu trator por uma temporada. A troca tinha sido feita exatamente como se ele e sua família fossem um bando de burros de carga.

— Eu fico muito grato ao senhor por me recomendar.

Brownfield balançou a cabeça para cima e para baixo, ainda sorrindo, mas desviando cuidadosamente o olhar. Pensou em rejeitar a oferta, mas quando as palavras de recusa chegaram a seus lábios, descobriu que não aceitavam sair. Pigarreou e cutucou o chão à sua frente com o pé como se fosse falar, mas o que saiu não foram palavras, apenas um grunhido hesitante que soava ainda mais como uma aceitação estrangulada.

— O que me diz, Brown? — perguntou o capitão Davis com um tom impaciente e severo.

Ele virou sua figura alta na porta, de modo que a luz do sol produziu uma auréola em torno de seus cabelos finos e brancos. Olhando por um breve segundo em seus olhos azul-claros, Brownfield ficou mudo.

— Sim, senhor — disse por fim, hipnotizado pelo velho de pé ao sol.

O capitão Davis encolheu os ombros magros e brancos e se afastou em direção à sua casa branca com chaminés vermelho-vivo.

É uma lástima como ainda precisamos cuidar deles, pensou o homem enquanto envolvia o toco do braço com a mão boa.

Capítulo 21

Ele ia chegar mais tarde e não tinha avisado a ela; ainda assim, não ousaram começar a jantar sem ele. Daphne estava admirando uma página cheia de louças e metais de banheiro, com os olhos quase vinhos à luz do lampião de querosene que pendia de uma corda sobre a mesa.

— A gente vamos ter um banheiro que nem que esse, mãe? — perguntou Ornette, olhando, deslumbrada, por sobre o cotovelo pontudo de Daphne, para todas aquelas peças brilhantes.

— Olha só essas *privada* que brilha! — sussurrou ela com urgência, os dedos abertos tocando quatro vasos sanitários, a excitação deixando sua voz rouca e gutural.

Daphne a cutucou de brincadeira com o cotovelo que mantinha entre a irmã e o catálogo da Sears, Roebuck.

— Por que cê não sai daqui, menina? — disse ela, tentando monopolizar o catálogo, mas Ornette já havia agarrado com um punho sujo uma das bordas da brochura, cobrindo, com exceção de um canto iluminado, uma banheira funda e branca cheia de uma água azul-esverdeada igual à da piscina dos brancos na cidade.

Mem, com os joelhos abertos embaixo da mesa e o rosto castigado e faminto se abrindo de tempos em tempos em um sorriso, supervisionava o virar das páginas.

— Espera um pouco, Daphne, eu não acabei de ver essas pia e o escorredor de prato! — disse ela com rispidez quando Daphne quis se apressar e passar para as imagens cálidas e reluzentes de lâmpadas multicoloridas e luminárias sofisticadas.

— A gente vamos ter luz na nossa nova casa? — perguntou Ornette, ofegante, acariciando as páginas reluzentes do catálogo.

O brilho amarelo da lâmpada envolvia Mem e suas filhas, sem atrativos em uma luz suave e acolhedora, fazendo com que parecessem bonitas umas para as outras. A bebê Ruth, pequena demais para se interessar por itens para a casa, gorgolejava e arrulhava em seu caixote junto ao fogão. Em vão, competiu pela atenção da mãe.

— Eu não prometo nada — disse Mem, achando graça dos grandes olhos sérios de Ornette e passando a mão áspera sobre sua cabeça. — Não sei como há de ser — continuou ela —, mas o Senhor há de *querer* que a gente tenha essas coisa!

Ela disse essa última parte de maneira categórica, quase para si mesma, ouvindo a porta dos fundos se abrir e se fechar, sentindo a corrente de ar causada pela entrada de Brownfield e vendo a luz do lampião tremeluzir e quase se apagar.

— Por que que a janta não tá na mesa? — perguntou Brownfield assim que entrou.

— A gente não sabia *quando* ocê ia chegar, Brownfield — disse Mem baixinho, levantando-se tão rápido da cadeira que arranhou os joelhos ossudos.

Submissa, ela se virou para o fogão e começou a mexer e servir ervilhas e presunto. Ela colocou um prato cheio diante de Brownfield e voltou ao fogão para servir comida para si mesma e para as crianças. Brownfield viu que ela havia se queimado ao se virar de maneira desajeitada e sorriu enquanto enchia a colher de ervilhas, espalhando-as pela mesa, pela frente da camisa e goela abaixo.

Ornette permaneceu sentada, atordoada, vendo o pai pegar a carne com as mãos e rasgá-la com os dentes, sujando com o suco a toalha de mesa que Mem se orgulhava de manter sempre branca. Quando o pai estava comendo, Ornette só conseguia pensar nele como um porco. Ela piscou quando ele lhe disse, com a boca cheia de ervilhas e pão:

— Tá olhando o quê?

Ornette desviou rapidamente o olhar para o próprio prato e começou lentamente a comer, esforçando-se para não ouvir os ruídos que o pai fazia enquanto chupava a carne e engolia as ervilhas.

Mem comeu de cabeça baixa, passando a comida para o marido no momento em que achou que ele pudesse querer mais. Daphne ficou sentada no mais completo silêncio, mastigando e mexendo

nervosamente no vestido sob a mesa, o mais perto que podia do corpo da mãe. Ela teve uma alucinação vívida na qual Brownfield comia tantas ervilhas que inchava até estourar. Ela se viu ajudando alegremente a enterrá-lo e em seguida assistiu horrorizada a quando enormes pés de ervilha retorcidos e carregados começaram a brotar da terra. Em voz alta e de olhos vidrados, começou a emitir um estranho gemido.

— Qual que é seu problema, *idiota*?

O pai a encarava com olhos intensos e duros, como os olhos de um grande rato.

Eu queria que ele inchasse até morrer!, pensou ela por trás do rosto alerta, mas ao mesmo tempo triste e vazio. Eu queria que ele *fizesse* apenas isso por nós para podermos *enterrar* ele!

— E que conversa é essa de casa *nova*? — perguntou Brownfield por fim, mastigando ruidosamente e suando por comer de maneira tão vigorosa. Ele soltou um grunhido malicioso, como se estivesse sufocando uma risada. — A gente vai se mudar pra casa do Sr. J. L.

Ele ficou satisfeito ao sentir o peso da reação tensa e silenciosa delas.

— Eu não vou — disse Mem. — Eu não vou, e essas criança também não.

Ela enrijeceu o pescoço fino e duro para receber o golpe. Mas ele se limitou a rir e continuou comendo, pegando ervilhas com nacos redondos de pão de milho.

— Me dá água — resmungou ele para Ornette, que fingiu ir pegar lavagem para um porco.

— Sim, senhor — murmurou ela com a cabeça baixa, indo até a geladeira.

— Ocê devia de ter comprado mais gelo com o homem do gelo ontem — disse Mem ao sentir o fedor que vinha da geladeira.

— E cê devia de ter ficado em casa ontem, em vez de ficar batendo perna por aí procurando mansão pra morar. Se você se comportasse igual uma mulher com juízo, a gente ia ter gelo.

Ele revirou os olhos para mostrar que achava aquilo uma tolice e tossiu no rosto dela sem virar a cabeça.

Um arrepio de repulsa percorreu o corpo de sua mulher.

Ele não passa de um cachorro velho, pensou ela, insistindo, cheia de culpa, para que as filhas, nervosas, terminassem de comer.

Ele um dia tinha sido um homem atraente, magro e alto, com mãos estreitas e bonitas. De tanto tentar enxergar à luz da lamparina a querosene, seus olhos outrora claros estavam agora amarelados e cobertos de vasinhos vermelhos, permanentemente estreitados. De tanto correr atrás das vacas de gente branca, nunca conseguia cuidar das suas, quando tinha alguma, e tinha desenvolvido um severo pé de atleta que o fazia mancar quando o clima ficava quente ou úmido. De tanto trabalhar no campo e cuidar de vacas em todo tipo de clima, tinha desenvolvido uma bronquite severa, agravada por erupções cutâneas e alergias.

Não era um homem saudável. Quando começou a trabalhar com vacas, suas mãos ficaram cobertas de erupções e a pele pinicava tanto que ele quase a arrancava de tanto coçar. Só depois de anos de trabalho ordenhando vacas todos os dias a coceira cessou, mas àquela altura a pele de suas mãos era como um couro cinza do lado de fora, a palma escamosa e suavemente rachada, deformada demais para qualquer trabalho que não fosse aquele feito com e para animais. Quanto mais áspera e insensível a pele de elefante de suas mãos se tornava, maior era a frequência com que ele golpeava com os punhos a cabeça da mulher.

Eu nunca que vou casar com ninguém feito ele, jurou Daphne para si mesma, observando aquelas mãos grandes e feias, que cheiravam permanentemente a vaca e leite azedo.

— Está resolvido — disse Brownfield, arrotando alto e enfiando a mão entre as pernas por baixo da mesa. — A gente vamos se mudar para a casa do Sr. J. L. segunda que vem e — ele se dirigiu de maneira ameaçadora a Mem — não quero ouvir nem um pio vindo docê!

— Eu já disse que não vou deixar ocê arrastar eu e essas crianças pra mais nenhuma pocilga. Nós já aguentou tempo demais vivendo no meio da lama. Eu quero que Daphne vira uma moça num lugar onde tenha outras pessoa decente por perto, não aqui no meio do nada, na propriedade de um homem branco, como nos tempo da escravidão. Quero que Ornette tenha chance de ir pra uma escola decente. E a pequena neném Ruth — disse ela melancolicamente —, eu não quero nem deixar ela *saber* que existe latrina fora de casa.

— É melhor ocê tirar toda essa bobajada da sua cabeça antes que eu mesmo tire à força!

— Eu não tenho medo docê — mentiu a esposa.

— Quando for a hora, ocê vai ver o que vai fazer, Srta. Horrrosa — disse ele, e beliscou a bochecha tensa e abatida dela.

No momento em que fez isso, ele teve visões inverossímeis e embotadas de uma época em que aquela bochecha era quente e suavemente arredondada, saliente e elegante. Era raro agora vê-la se curvar em um sorriso.

— Eu e essas crianças têm o *direito* de morar numa casa onde num chove e num tem buraco no chão — disse ela, desvencilhando-se dos dedos que apertavam sua bochecha.

Por causa das longas lutas durante a noite, Brownfield sabia que ela desprezava suas mãos. Ele ergueu a mão gigante bem diante de seus olhos para que ela pudesse vê-la e cheirá-la, em seguida a enterrou, agarrando com força a frente do vestido dela.

• • •

Se eu fosse homem, pensou ela mais tarde, franzindo a testa enquanto lavava a louça, se eu fosse homem, eu ia dar uma surra em todos os homens que aparecessem na minha frente e em todos os homens que já encontrei na vida, talvez até retalhasse alguns com a minha faca, esses homens estúpidos e cruéis.

Capítulo 22

— Tarde, Brown — disse ela solenemente na tarde do dia seguinte, uma quarta-feira.

— Tarde, Feiosa — respondeu Brownfield, atravessando a varanda e olhando para ela, desconfiado.

Ele identificou um sorriso discreto e triste começando a se formar nos lábios largos dela. O sol em seus cabelos fez com que ele notasse como estavam quase completamente grisalhos. Ela estava parada na porta, o rosto feio retesado entre uma solenidade profunda e uma repentina alegria. Fazia anos desde a última vez que ele a vira tão animada assim.

— Por que que você tá me olhando que nem uma idiota? — perguntou ele, encarando-a, a mão pousada na porta de tela.

Nunca a havia desprezado tanto. Mem parecia que ia ser tão feia assim quando me casei com ela?, perguntou-se ele quando o rosto diante dele se abriu em um sorriso engraçado e Mem deu uma risada suave e profunda, como costumava fazer logo depois que se casaram e não passavam um dia sequer sem dizer alguma palavra que demonstrasse seu profundo amor.

— A gente temos uma casa nova — disse ela, como se estivesse deixando cair algo precioso que ia produzir lindas e brilhantes explosões. — Nós conseguiu uma casa nova na *cidade*! — sussurrou ela alegremente.

Ele olhou em volta e viu as crianças também sorrindo, como a mãe.

— Eu sei que a gente temos uma casa nova — disse ele pacientemente —, mas é na propriedade do Sr. J. L. e em nenhum lugar mais!

— Ah, não — disse ela alegremente, ainda rindo no seu jeito rude, não acostumado a rir. — Essa casa tem pia e um banheiro dentro e

tem luz elétrica e até um espaço no jardim para plantar flor e verdura. Foi ocê mesmo que me falou — continuou ela, rindo mais do que nunca — que um dos lados da casa do velho J. L. desabou e que, além do mais, a casa dele é cheia de feno.

Falar sobre a casa parecia deixá-la tonta. Ela desabou em uma cadeira, colocando as mãos sobre os olhos como se quisesse clarear a mente:

— Além do mais — disse ela, subitamente recuperada —, um aluguel não custa mais de vinte dólar e ocê pode ganhar numa fábrica na cidade o tanto suficiente pra pagar isso: se ocê trabalhar na fábrica, não vai ter que ficar na *chuva*. Tem uma escola perto pras menina, e os vizinho parece boas pessoa. E ainda por cima...

Ela começou a listar as vantagens da casa de novo. Seus olhos se iluminaram, em seguida voltaram a ficar embotados e cansados. Havia passado o dia todo procurando a casa.

— Além de todas essas coisa — disse, apática e resignada quando se levantou —, e disse pro homem que a gente ia lá pra começar a morar na casa na segunda-feira. Eu assinei o contrato.

— Você *assinou* o contrato? — Ele estava furioso. Mesmo depois de ela ter tentado ensinar a ele, Brownfield ainda não sabia ler nem escrever. Ele tinha começado a aprender com o namoro e desaprendido com o casamento. — Eu devia cortar seus maldito dedo fora!

— Eu sinto muito, Brownfield — disse Mem, cuja decisão de deixar que ele fosse o homem da casa por nove anos tinha custado a ambos nove anos de uma infelicidade implacável.

Ele nunca havia admitido para ela que não sabia ler o suficiente para assinar um contrato de locação, e ela ficava satisfeita em deixar que ele mantivesse aquele grão de orgulho. Mas agora ele estava envelhecido e doente demais para alguém de sua idade, e ela se tornara uma mulher velha e cruel, que desejava todos os dias que ele simplesmente caísse morto. A generosidade dela havia aprisionado os dois.

— *Alguém* tinha que assinar o contrato, Brownfield — disse ela suavemente, olhando nos olhos furiosos dele. — Eu cansei de ser arrastada de pocilga em pocilga, de ver esses branco me negociar como se eu fosse uma máquina. — Ela endireitou os ombros e puxou as filhas para perto, a bebê Ruth em seus braços. — Diz praquêle

velho branco desgraçado... Tapem os ouvidos, crianças! Diz pra ele que a gente pode decidir o que vai fazer da nossa vida. A gente pode até ser pobre e negro, mas não é burro. — Ela fez uma pausa. — Pelo menos *eu* não — finalizou, cruelmente, enterrando o rosto nos cabelos da bebê.

— Eu acho que ocê deve de saber que lá na cidade vai dar pra ir até o campo quando tiver com fome e encher um saco de coisa pra comer. Espero que ocê também sabe bem o que ocê tá fazendo, saindo por aí arrancando todas as verdura e as outras coisa, logo quando a gente tá indo embora.

— Na cidade, eles vende comida nas mercearia — disse Mem, sem interromper o trabalho. — E foi eu mesma que plantou essas verdura e que cuidou delas, e nunca que vou deixar um velho branquelo infeliz, que não dá a menor pelota se eu morrer de fome, me impedir de arrancar essas verdura!

— Se você tivesse juízo ia saber que num é certo — retrucou Brownfield, erguendo-se apoiado em um dos cotovelos. — A gente vamos mudar pra casa do Sr. J. L. segunda e você vai e arranca tudo dos canteiro na quinta. — Ele voltou o olhar para os pés cheios de calos dela. — Bem que minha mãe sempre me falou preu não me enrabichar por nenhuma mulher feia e de cor que não tem noção de *decença*.

— Acho que se sua mãe era preta, Brownfield — respondeu Mem, colocando a mão no quadril —, ela descobriu há muito *tempo* que essas coisa não *enche barriga*.

— Ocê num tá achando mesmo que eu vou mudar pra cidade — disse Brownfield, lentamente, virando-se de costas como se estivesse prestes a dormir. Ele sorriu para a parede. — Eu sou *homem* e não vou trabalhar na maldita fábrica de *ninguém*.

Daphne e Ornette olhavam para os pais através de um borrão que subitamente escureceu. Foram até a porta da cozinha e ficaram atrás da mãe, observando em silêncio.

— Tá ouvindo, mulher? — Brownfield se virou e colocou os pés no chão com força. — A gente vamos se mudar exatamente quando e pra onde eu disser que a gente vamos se mudar. Enquanto sustentar

essa porra dessa família a gente vai pra onde que eu mandar. — Ele intimidou sua frágil esposa com seus olhos baços. — Eu posso num saber ler nem escrever, mas eu ainda sou o homem que veste as calça nessa família!

Ele se elevou sobre Mem em um acesso de fúria, a saliva borrifando-lhe a testa.

Eu não sou obrigada a ficar aqui e deixar esse negro maldito cuspir na minha cara, pensou ela, com relativa calma, e pela primeira vez com muita seriedade. Quem diabos ele pensa que é, o presidente ou algo assim?

— Você que faz o que você quer, Brownfield — disse ela, saindo rapidamente do alcance de seu punho. — Você que faz exatamente o que quer e vai exatamente pra onde der na sua telha. Mas eu e essas criança vai morar na casa que eu aluguei. A gente não vamos mais viver no meio do mato; vamos ter privada, banheira e luz elétrica feito as outra pessoa!

— Eu tô imaginando que cê deve achar que não vai precisar de ninguém pra *pagar* todas privada, todas banheira e todas luz, sua vadia acabada!

Brownfield passou pelas filhas e agarrou Mem pelo ombro, fazendo-a girar.

— Vou te dizer uma coisa, homem — disse Mem calmamente, embora sua respiração estivesse ofegante —, eu trabalhei duro a vida toda, primeiro tentando ser alguém, depois só tentando sobreviver. É tarde demais pra mim agora, mas se você acha que eu não vou me esforçar mais do que nunca pra sustentar essas menina, você não é só mau, cruel e preguiçoso como o diabo, mas é um idiota!

— Naonde que você acha que vai encontrar alguém pra contratar uma mula velha e desdentada feito você? — Ele estava suando e sentia as mãos começarem a coçar. — Ocê devia se olhar no espelho — disse ele, cerrando os punhos. — Ocê não é só feia e acabada, você tá velha!

Eu não tenho nem trinta anos, ela quis dizer, mas, em vez disso, disse:

— Eu sei como eu sou e sei quantos anos eu tenho. — Parecia impossível enfrentá-lo e não chorar. — E nada disso vai me impedir de conseguir um emprego pra nós poder se mudar praquela casa na segunda de manhã.

— Quero ver você *tentar*, cachorra — gritou ele ao sair, empurrando-a e tirando as filhas do caminho.

Ruth acordou de sua soneca com um uivo por causa do barulho. Mem a secou e a colocou apoiada no ombro.

— E essa aqui vai *crescer* com eletricidade e aquecimento de gás! — disse ela, trêmula, dando beijos chorosos nos cabelos crespos da bebê.

Capítulo 23

— Como está Mem? — perguntou o capitão Davis ao meio-dia de sexta-feira, quando Brownfield estava a caminho de casa para almoçar. — O que ela está achando de se mudar para a casa do Sr. J. L.? Eu falei pra esposa dele sobre os biscoitos amanteigados que ela faz. Hummm... — disse ele com um ar magnânimo. — Ela cozinha muito bem!

— Ah, ela tá bem! — respondeu Brownfield com entusiasmo. — Ela tá ótima, e pronta pra grande mudança pra casa do Sr. J. L.

Ele não conseguia respirar normalmente e se sentia negro e oleoso sob o olhar frio do homem.

Devia pegar uma pedra e bater naquela cabeça velha e careca. Eu e Mem nunca que queremos ir trabalhar para o filho da puta doido do filho dele! O que porra que ele acha, que nós dois somos malucos ou algo assim? Ele abriu um largo sorriso para o capitão Davis e entrelaçou as mãos atrás das costas. Sob o macacão, os joelhos se inclinaram, trêmulos, um contra o outro.

— Nós dois temo certeza que vai dar tudo certo — disse ele, impotente, mantendo a expressão o mais agradável e branda possível —, vai ficar tudo bem.

— Eu vejo que vocês fazem bem o seu trabalho — disse o velho bruscamente, pigarreando e virando na direção de sua casa. — Você e Mem não têm mãos ruins — continuou ele quase como uma reflexão tardia. — Fico feliz em mantê-los na família!

Mas estamos em 1944!, Brownfield quis gritar.

— Sim, senhor — disse ele, em vez disso, e esperou até o capitão Davis estar a três metros de distância antes de se mover. — Eu devia de enfiar minha faca nas tripas dele! — sussurrou, o suor escorrendo

pelas laterais do corpo. E voltou para casa caminhando devagar, chutando pedras e arbustos.

Capítulo 24

— Brownfield, eu consegui um serviço na cidade — anunciou Mem, sentando-se na balaustrada da varanda e balançando as pernas magras e rígidas.

Brownfield ficou sentado em silêncio; atrás de sua cabeça, podia sentir as duas crianças paradas, escondendo grandes sorrisos por trás dos rostos simiescos e ansiosos.

— Eu consegui um serviço na cidade que paga doze dólar por semana! — disse Mem baixinho, mas com entusiasmo na voz. Ela falava como um pássaro falaria sobre o primeiro voo.

Ele continuou sem dizer nada, mas as mãos agarraram o assento da cadeira com tanta força que seus dedos doeram.

— Doze dólar por semana é mais do que você ganha, né, Brownfield? — perguntou Mem, que nunca soubera quanto o marido ganhava.

Os cantos de sua boca feia se contraíram de felicidade. Lentamente, ela deixou que o sorriso se desfizesse e o observou em silêncio por um tempo. As filhas ficaram paradas ao lado dela, todas olhando para Brownfield.

— Você vai com a gente ou não? — perguntou ela, sem muita preocupação na voz. — Se vai — continuou —, tem que arranjar um serviço e fazer a sua parte. Se não, a gente vamos mesmo assim.

Elas o deixaram sentado lá, com os pés apoiados na balaustrada, aparentando ter cada um de seus relativamente poucos e desgostosos anos, com o acréscimo de mais uma dúzia.

Capítulo 25

Na noite de sábado, Brownfield estava, como sempre, generosamente preparado para sua briga semanal com Mem. Chegou em casa trôpego e bêbado de uísque, xingando aos berros. Mem estava deitada com o rosto virado para a parede, fingindo estar dormindo.

— Ocê pensa que é melhor que eu — berrou ele. — Não é? Não é! Sua porca nojenta!

Ele enfiou a mão por baixo dos lençóis e agarrou o ombro rigidamente resistente dela.

— Ocê trata de acordar e *olhar* pra mim quando eu falar! — disse ele, embolando a língua ao pronunciar as palavras e aproximando-se o suficiente para beijá-la com sua boca suja fedendo a uísque. — Você e essas pirralhas infelizes, com esse ar de superioridade, que cê fez se voltarem contra mim!

Ele disse essa última parte com um soluço raivoso na garganta. Como se se importasse. Mem não disse nada; ficou imóvel, como se não estivesse respirando, pensando ou mesmo existindo, mas seus olhos cansados o encararam com a expectativa tensão que muitos anos de surras nas noites de sábado haviam trazido.

— Eu tô cansada dessa merda — disse ela, levantando-se abruptamente e esperando pelo primeiro golpe na cabeça, na lateral da barriga ou nos seios. — Merda! — disse, jogando as cobertas para trás, parecendo frágil como um fio de arame em sua camisola surrada. — Eu tô cansada docê!

Mal as palavras saíram nessa pequena explosão e o grande punho de couro de elefante de Brownfield a atingiu em cheio na boca.

— Não me interrompe quando eu tô falando, sua vadia — disse ele, sacudindo-a até o sangue escorrer de seus lábios machucados.

Aquele único golpe a havia reduzido a nada; ela deixou que ele a segurasse até terminar de lhe dar meia dúzia de bofetadas, então simplesmente desabou no chão, inerte, como sempre fazia.

— Você vai mudar pra onde eu mandar, tá *ouvindo*? — berrou Brownfield, dando-lhe um chute na barriga. — A gente vai mudar pra casa do Sr. J. L. ou não vai pra lugar nenhum!

Ele estava descontrolado. Mem ficou deitada, de olhos fechados.

— Tá me ouvindo, cachorra?

Mem abriu os olhos como alguém que abre a tampa de um caixão.

— Eu não *vou* mudar pra casa do Sr. J. L. — disse ela baixinho. — Já disse isso pra você, Brownfield. — Hesitante, ela levou a mão ao queixo para limpar o sangue. — Eu já deixei ocê bancar o homem por muito tempo pra saber que ocê não é homem — disse ela lentamente, e ainda mais baixo. — Pode me espancar até eu morrer, e mesmo assim não vou concê!

— Sua vadia negra maldita! — disse Brownfield, fora de si. — Se disser mais uma palavra, se der mais um maldito *pio*, eu corto seu maldito pescoço!

Ele enfiou a mão no bolso para pegar o canivete, em seguida se abaixou e agarrou Mem em um abraço frouxo e embriagado. Mem fechou os olhos quando ele a jogou abruptamente contra a cabeceira da cama e lhe deu um chute retumbante na lateral da cabeça. Ela viu várias estrelas claras borradas, em seguida, nada mais.

No quarto ao lado, com lágrimas que escorriam tão lentamente que as faziam querer espirrar, Daphne e Ornette passaram os braços magros e trêmulos em torno uma da outra, passaram as línguas vermelhas e quentes sobre os olhos salgados e familiares uma da outra e desejaram com toda a força que o pai tropeçasse nos próprios pés, caísse sobre o canivete aberto e acabasse de alguma forma arrancando o próprio coração.

Ruth soltou um gemido inquieto.

— Cê acha que ele vai entrar aqui? — perguntou Ornette à irmã, pensando em maneiras de fugir e também em maneiras de ser homem e protegê-la.

— Se ele entrar aqui — sussurrou Daphne com uma frieza adulta na voz —, se ele entrar aqui, você deixa ele segurar você um pouquinho e eu corro na cozinha e pego o facão. — Ela passou a língua com cuidado pelas bochechas da irmã, lambendo suas

lágrimas. — Quando eu voltar, se ele tiver batido nocê uma vezinha só, eu arranco as *tripa* dele!

Encolhidas embaixo da cama, elas ouviram os pássaros começarem a cantar ao amanhecer e pegaram no sono, sonhando com uma exatidão fria com a morte que as libertaria.

Brownfield não sonhou. Ele apenas abandonou a própria mente até que o sol do fim da manhã de domingo perfurou suas pálpebras como se fosse a picareta de um capataz. Ao se espreguiçar, percebeu que estava despido. Esticou o corpo vagorosamente sobre a cama e estendeu a mão para apalpar a mulher pela manhã.

— *Abre os olho!* — A voz de Mem era serena como um rio represado.

Lentamente, Brownfield parou de se virar e abriu os olhos, semicerrando-os para impedir a entrada da luz. Mem estava encostada contra a parede em seu lado da cama, empunhando uma espingarda. No início, ele viu apenas o cabo, liso, preto e grande, perto de sua cabeça. Um dos dedos longos e enrugados de Mem pressionava o gatilho. Ele deu um pulo, meio na direção dela, meio para longe dela. Sentiu um golpe no corpo por baixo das cobertas, a dor lancinante fazendo-o estremecer e se debater na cama.

— Não arrisca se mover nem um centímetro — disse Mem lentamente, mantendo o cano frio e duro da arma posicionado no meio das coxas dele.

Ele começou a suar frio, e seus olhos percorreram o quarto de maneira frenética e atordoada.

— *O que que aconteceu, Mem?* — perguntou ele com a voz rouca, sentindo um gosto horrível na boca, como se alguém tivesse morrido dentro dela. Semanas antes. — O que diabos deu em você nesse domingo de manhã? — Ele esquadrinhou o quarto. — Cadê as criança, mulher? — perguntou, esperando vê-las. — Ocê não tem um pingão de decência?

Mem começou a rir, um riso que vinha do fundo da garganta. Ah, meu Deus Nosso Senhor, pensou Brownfield, e começou a tremer por baixo do lençol, o chute que eu dei na cabeça dela ontem à noite deixou essa mulher doida! Mem o cutucou de leve com a arma, a mão

envolvendo a coronha. Brownfield gritou de dor e moveu as mãos grandes e grossas lentamente para baixo.

— Experimenta se mover mais metade de meio centímetro que seja — disse Mem, colocando a outra mão mais para baixo sobre a arma —, experimenta fazer mais um movimento, por mais pequeno que seja, Sr. Brownfield, e não vai sobrar uma bola sua pra contar história.

— Ah, Mem. — Ele começou a choramingar. — Meu amor, cê não precisa...

— Cala a boca — ordenou Mem, encarando-o com olhos roxos. — As crianças vão passar o dia na igreja. O avô delas passou aqui e eu até deixei ele levar a bebê. Não tem ninguém mais aqui, só nós dois. Não tem ninguém por perto para saber nem pra se importar dos dois levar um tiro.

— Ah, Deus Nosso Senhor. — Brownfield começou a gemer em oração.

— É melhor apelar praquele que ocê serve, homem! — disse Mem, rindo secamente diante do terror dele. — Apela praquele que ocê serve.

Brownfield pensou irresistivelmente no capitão Davis; o velho alto surgiu em sua mente como se fosse Deus ou algo assim.

— O capitão Davis não vai deixar você se safar.

Ele começou a balbuciar e vomitar.

— Não deixa um pinga dessa nojeira cair na cama! — disse Mem quando o viu levar a mão à boca.

Ele virou a cabeça para a lateral da cama e vomitou no chão. Passou um bom tempo vomitando aquela coisa fétida, em seguida desabou de costas, exausto e fraco. Tinha quase se esquecido de Mem e da arma, de tanto que sua cabeça girava.

— Agora pode ir ficar lá junto daquela nojeira — disse Mem, franzindo o nariz ao sentir o cheiro. — Não quero ocê deitado aqui comigo! Vai, pode deitar lá no chão! — disse ela, cutucando-o novamente com a arma.

Brownfield deslizou para o chão, escorregando no vômito podre e caindo com o traseiro nu perto da poça amarela estagnada. Nunca tinha se sentido tão enjoado na vida. Mem o observou da cama com olhos frios e serenos. Ela tirou a arma de baixo das cobertas e apontou para onde estava antes. Brownfield ficou deitado por um momento, em seguida se agachou sobre a virilha, protegendo-se

dela. Mem sorria sem alegria. Como um gorila magro e careca, pensou ele.

— E pensar que eu me dei ao trabalho de querer casar concê — disse ela. — E pensar que eu me sujeitei a ter um monte de filho concê, e ocê não foi nem uma vez buscar a parteira, porque *tava bêbado demais* ou porque tava fazendo muito *frio*!

Sua mão esquerda acariciou o longo cano da espingarda.

— Você acha mesmo que o capitão Davis ia dar a mínima se eu atirasse nocê, Brownfield? — perguntou ela. — O que que ocê acha que ele *ia falar*? Eu aposto que ele ia falar: Pelo amor de Deus, Mem, cê já ouviu falar de alguém que sai por aí atirando nas *bola* dos outro? Ocês, pessoas *de cor*, nunca ouviro falar das pessoa *branca* que sai por aí atirando nas bola dos outro. Que vergonha! Que vergonha! E nessa hora ele ia pensar: *Eu sempre que disse que esses crioulo são doido!* E agora Mem Copeland provou que eu tinha razão e saiu por aí atirando nas bola do marido, pelo amor de Deus. Claro que, ele ia continuar, cusbindo no chão como se fosse o criador da Terra, em se tratando daquele Brownfield Copeland, eu nunca soube que ele *tinha* alguma! — Mem continuou a falar com os olhos se abrindo e quase se fechando como ela havia visto o capitão Davis fazer quando não queria olhar para ela ou para Brownfield, o que acontecia todas as vezes que tinha que falar com eles. — Ninguém dá a mínima procê além de mim, seu velho idiota! Ainda não sabe disso?

— Sua cachorra preta sarnenta! — sussurrou Brownfield fracamente, tentando recuperar o controle.

Mem segurou a coronha da arma com ambas as mãos e o golpeou, abrindo um corte de dois centímetros de largura na lateral de sua testa. Sangue vermelho-escuro começou a pingar pela barriga nua de Brownfield, escorrendo até o chão e deixando o assoalho desgastado manchado de vermelho-escuro e amarelo. Ele começou a chorar.

— Enquanto ocê viver, e não vai ser muito, do jeito que vai indo, nunca mais me chama de outra coisa que a num ser meu nome! — Mem ficou sentada, calmamente, observando o sangue escorrer. — E pensar que eu deixei ocê me arrastar de um chiqueiro pro outro só pra não ferir seus sentimento — disse ela em voz baixa, quase com assombro. — E pensar em todas as vez que eu deixei ocê bater na minha cabeça só procê achar que era homem, Brownfield Copeland.

— Ela semicerrou os olhos quase por completo enquanto o encarava.
— E pensar que ocê me tratou feito uma vadia velha e sem nenhum valor por nove anos. — Ela segurou a espingarda com mais força. O corpo de Brownfield começou a se sacudir em tremores intensos e convulsivos. — Uma mulher horrorosa feito ocê devia de chamar um homem de senhor é o que você diz pra mim indeusde que começou a me deixar horrorosa de tanto me *bater*! — disse Mem, gemendo em seguida.

— Mem — choramingou ele, imaginando que o rosto alterado dela era um sinal de fraqueza —, você sabe como que é difícil ser um homem negro aqui. — Lágrimas, sangue e vômito escorriam juntos por suas pernas trêmulas. — Ocê sabe que eu nunca que quis ser nada além de um homem! Mem, meu amor, os branco não deixa ninguém ter *vontade* de fazer o que é certo.

— Você não pode com os branco, é isso que cê quer dizer, não é? — perguntou Mem, recuperando a compostura e apoiando o queixo na palma da mão direita enquanto segurava a arma com a esquerda. — Olha só pra você agora, chorando feito um menino que vai levar uma chibatada porque fez xixi nas calça.

— Pelo amor de Deus, Mem, você sabe que eu me esforço pra fazer a coisa certa. Eu não ganho muito dinheiro, você sabe disso. E os branco não dão casa decente pra nós morar, você sabe. O que que um homem pode *fazer*? — questionou ele, erguendo a cabeça como um cão açoitado. — O que que um homem pode fazer! — repetiu, planejando se aproximar e tomar a arma. Mem colocou ambas as mãos de volta da coronha e cruzou os joelhos ossudos.

— Ele pode parar de se lamentar feito um asno velho e gagá! — disse ela, atingindo-o na cabeça com a arma.

Brownfield escorregou na sujeira no chão e ficou deitado, fraco demais para se mover.

— O que eu já entendi há muito tempo sobre ocê é que ocê age igual se ocê tivesse exatamente onde devia de estar. O tempo *todo*!

Ela desceu da cama e ficou de pé.

— Agora eu vou dizer isso só mais uma vez... Eu finalmente me dei conta que ocê tem um pouco de dificuldade de entender as coisa. Mas é melhor ocê enfiar uma coisa na sua cabeça. Eu e as minha filha vamo mudar pra cidade, pra casa que eu aluguei. A gente vai

mudar concê ou sem ocê. — Ela chutou um ponto limpo na perna esquerda e mole dele. — Tá me ouvindo?

Brownfield gemeu e concordou com a cabeça.

É bem feito pra mim por ter me metido com uma mulher louca!, pensou, enfraquecido, sentindo a dor irradiar pela panturrilha.

— Se ocê tem intenção de vim com a gente, vai ter que obedecer umas regra, porque, não se engana, vai ser a minha casa, e na minha casa o jeito que o homem branco acha que a gente tem que comportar não tem nenhuma importância! Agora, primeiro de tudo, você vai me chamar de Mem, Sra. Copeland ou *Sra. Mem R. Copeland*. Pode escolher. Em segundo lugar, você vai chamar as nossas filha de Daphne, Ornette e neném Ruth. Mas pode chamar elas de “querida” se tiver vontade. Em terceiro lugar, se relar um dedo em mim novamente, eu estouro a bosta desses seus miolo, depois de atirar nas suas bola, que é toda a macheza que você finge que tem *certeza* que tem. Em quarto lugar, se você tocar em um fio de cabelo de uma das minha criança, eu crucifico você, enfio uma lâmina em você, do mesmo jeito que eles fizeram com o Senhor Nosso Deus; se funcionou com ele, vai funcionar com você. Em quinto lugar, você vai aprender a comer as suas refeição que nem um cavalheiro, não vai comer igual um porco na minha mesa. Você vai usar colher, faca e garfo, que nem qualquer pessoa com alguma decência. Em sexto lugar, eu não me importo com quem ocê dorme pela cidade, mas nem pensa em me acordar no domingo de manhã me agarrando depois de passar a noite de sábado desfilando com seu pau por aí. Em sétimo lugar, se ocê disser um palavrão que seja na minha nova casa, eu corto fora a porra da sua língua. Em oitavo lugar, ocê vai assumir a culpa por tudo que ocê faz de errado e vai parar de colocar a culpa em mim, no capitão Davis, na Daphne, na Ornette e na Ruth, e em qualquer outra pessoa em um raio de oitenta quilômetros. Em nono lugar, ocê vai respeitar a minha casa, e nunca vai entrar nela bêbado. E em décimo lugar, você nunca mais vai me chamar de horrorosa, negra, crioula ou vadia de novo, porque acabou de ver exatamente o que essa crioula horrorosa e vadia é capaz de fazer quando fica brava! — Mem recuou um passo. — Agora levanta essa bunda daí — rosnou ela — e vai se lavar!

Brownfield se levantou devagar, cabisbaixo, o corpo pegajoso de suor, sangue e vômito, os olhos embaçados de medo. Ele ainda

chorava profusamente, o nariz escorrendo.

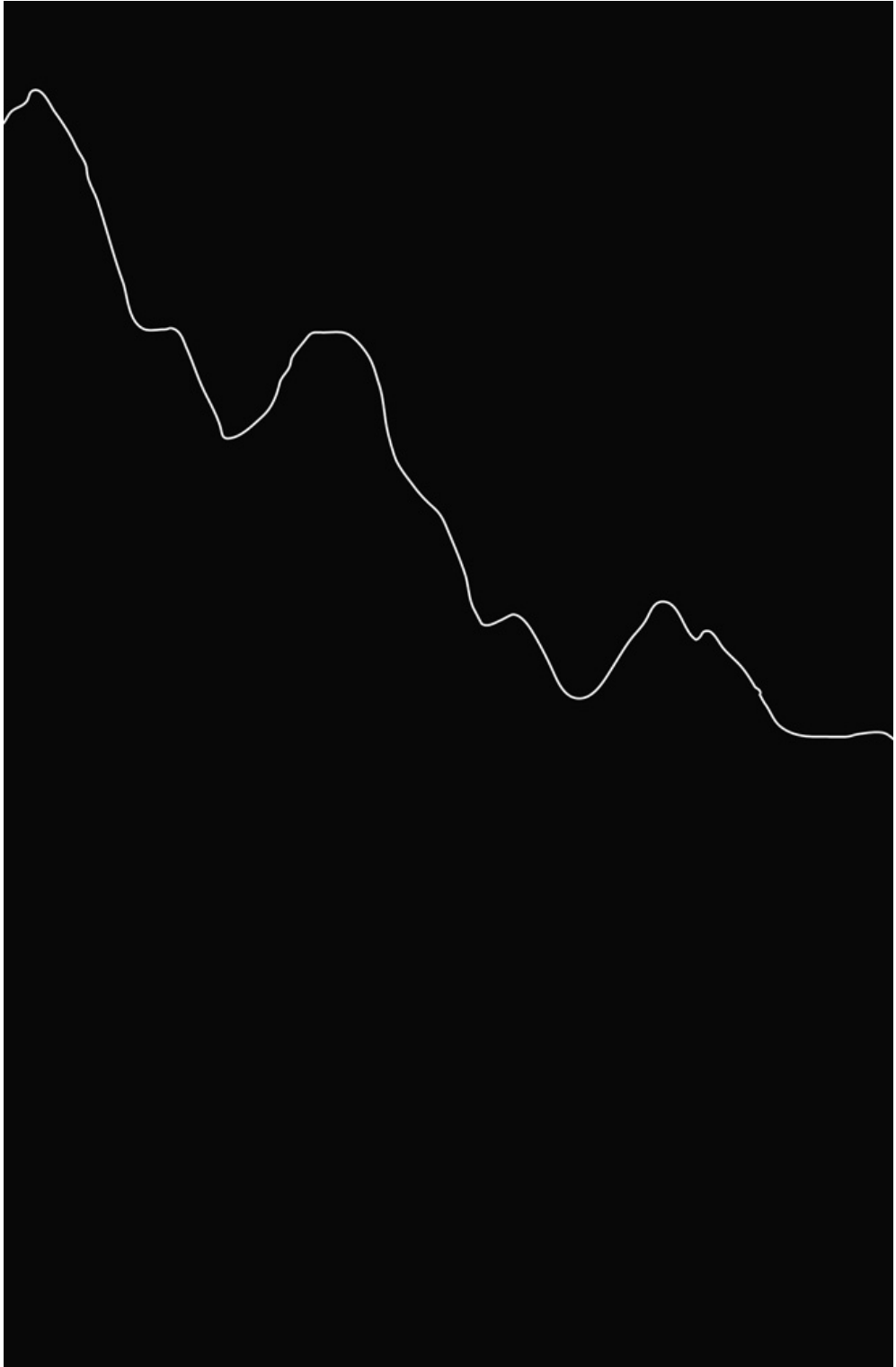
— E depois que terminar de se lavar, pode voltar aqui e limpar essa nojeira. Quando minhas filha voltar da igreja com o avô, elas vão encontrar um pai exemplar, e se não encontrar, ocê e eu vamos saber por quê! Tá me ouvindo, Brownfield? — disse Mem, mantendo a arma apontada para ele.

A garganta de Brownfield estava estrangulada demais para que ele conseguisse falar. Ele cambaleou em direção à cozinha.

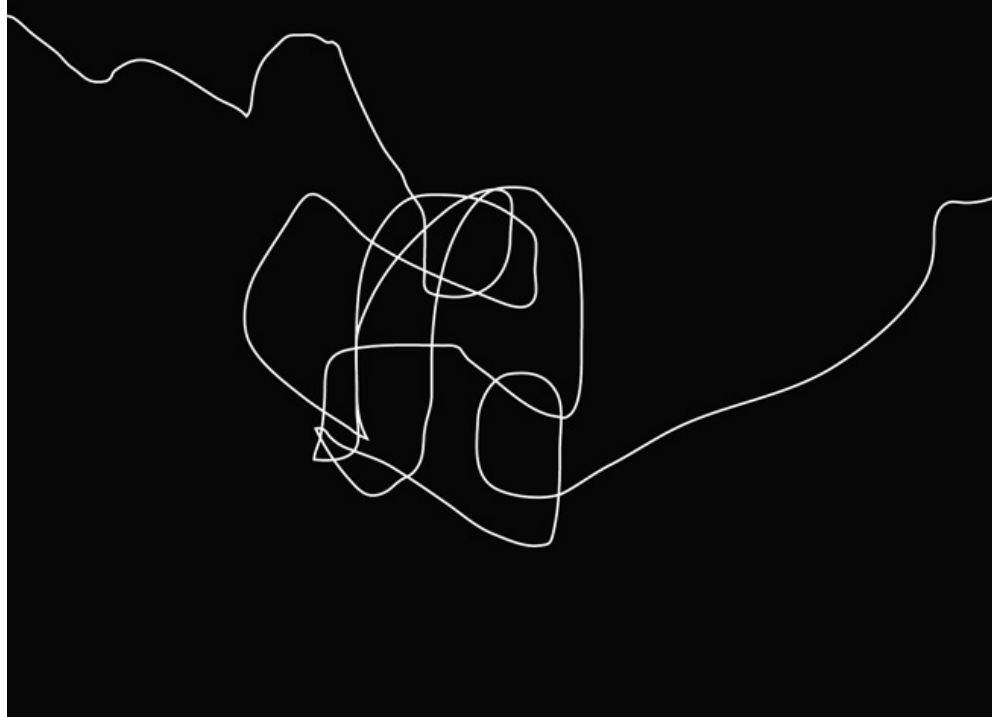
— Entendeu bem, *homem*?!

Mem foi atrás dele e o atingiu na nuca com o cano da espingarda. Seus joelhos dobraram, mas ele se segurou no batente da porta. Ele não conseguiu erguer os olhos estuporados para encarar os olhos inflexíveis e amarelados dela.

— Sim, senhora — murmurou, encolhendo-se junto à porta, sem olhar para cima. — Sim, senhora — repetiu, soluçando, enquanto Mem pousava a arma em um canto com a mão cansada.



Parte VI



Capítulo 26

Brownfield esperou que a fraqueza de Mem retornasse. A sucessão de meses e anos se encarregou disso. Os primeiros enjoos matinais eram um bom sinal. O corpo de Mem faria com ela o que ele não era mais capaz de fazer sem o apoio de sua antiga bravata. O inchaço do útero, empurrando mais e mais a coluna vertebral para dentro, a barriga para fora. Ele observava com um interesse dissimulado o clareamento de cada linha em sua barriga enrugada. À espera. Ela não poderia fazer frente a ele com a náusea, os pés e dentes doloridos, as pernas inchadas, as veias e a cabeça explodindo, ou a realidade vertiginosa e sombria de seu eu aprisionado e do desespero de suas filhas. Ele poderia subjugar-la novamente de uma forma que ela nunca havia imaginado.

Capítulo 27

Na casa da cidade, uma “mansão” de quatro cômodos de paredes com reboco, sem buracos, um quintal gramado e uma caixa de correio no alpendre, ele desempenhava discretamente seu papel. Fingia ter sido convertido pelo terror muito tempo depois que o terror desapareceu e foi substituído por um grande projeto para externar sua raiva, sua humilhação e seu ódio profundo.

Durante o dia, no trabalho em uma fábrica de tortas congeladas, ele ficava revoltado com o próprio contentamento. Não parecia justo que o novo trabalho fosse na realidade mais fácil do que cuidar de vacas leiteiras ou cultivar algodão e milho. É verdade que havia a entediante tarefa de colocar formas de torta de pêssego na linha de montagem, mas depois de passar anos atrás das vacas dos brancos, a monotonia o acalmava. A frieza serena do edifício quase o fazia esquecer o calor sufocante dos campos. Suas mãos ficavam mais secas agora, pois ele podia usar, e usava, luvas de borracha sempre que havia alguma tarefa a executar que envolvesse umidade. Ele gostava de despejar a mistura para torta nos grandes tonéis, gostava de regular as mangueiras que vertiam água nas panelas de pressão e aguardava ansiosamente todos os dias pelo momento de lavar os grandes e reluzentes utensílios, sempre novos.

No novo lar também havia uma sensação de progresso. Um banheiro dentro de casa, com uma banheira branca, uma bacia para lavar o rosto, espelho e vaso sanitário branco. Agora ele podia cagar e, ao se levantar, olhar para si mesmo, contemplando seus olhos livres das veias odiosas e das linhas amarelas tigrinas, sem ter de suportar muitos odores desagradáveis ou chuva, tal como um cavalheiro ou, como ele invariavelmente pensava, como um homem branco.

Foi intimidado a empunhar um pincel para pintar paredes desbotadas, plantar arbustos, tentar consertar a fiação com defeito. Pois havia luz elétrica, e ele por vezes se via impelido a ler os catálogos (na verdade, olhar as fotografias) que a esposa recebia pelo correio. As fotos de roupas novas, armas, barcos e tudo mais pareciam ainda mais bonitas à luz elétrica. Ele agora acordava todas as manhãs com o calor de um aquecedor a gás que quase não fazia ruído; e a geladeira, outro exemplo do poder aquisitivo de Mem, embora já tivesse alguns anos de uso, não envolvia mais gelo derretido nem comida estragada.

Se tivesse feito alguma daquelas coisas por decisão própria, se tivesse insistido na mudança, talvez não tivesse resistido ao conforto, à sensação, no fundo do coração, de que tinha uma vida melhor. As coisas haviam acontecido de uma maneira, no entanto, que fazia com que Brownfield não parecesse capaz de abrir mão do rancor que sentia da esposa, que se mostrara mais inteligente e mais engenhosa do que ele. Assim, Brownfield se queixava de tudo com frequência e em voz alta, fomentando em segredo pensamentos sobre como a esposa ia “baixar a crista” quando ele a instalasse de volta em um barraco.

E quando se reconciliaram novamente com uma felicidade semelhante, mas não muito próxima em profundidade à que tinham vivenciado quando recém-casados, Mem foi a única que ansiou por um futuro menos destrutivo e menos desumano. Ele não conseguia ver além de suas emoções. Dissimulava e, mesmo quando ainda faziam bebês desesperadamente, pois havia uma paixão neles que com frequência fazia as vezes de afeição, ele premeditava. Plantando uma semente que, ao crescer, a levaria a um estado de fraqueza e dependência e a sua total destruição. Como era essencialmente avessa ao conflito, Mem achou logo que sua batalha havia chegado ao fim. Ela não era cruel, e ele ia tirar vantagem disso.

O desejo de curar velhas feridas foi substituído pelo desejo de eliminá-las por completo, como se nunca tivessem existido.

Quando pensava na saúde frágil da mulher, o que fazia em suas poucas horas solitárias, em sua magreza, em seus dentes podres (além dos arrancados por ele e dos dois revestidos em ouro por um dentista que supôs que ela queria ouro reluzente), ele não conseguia encarar as lembranças de como ela tinha sido: roliça e cheia de

curvas, a boca completamente branca quando a abria... ele e os dentes cobertos de ouro haviam roubado o sorriso dela. Agora, quando ela dava uma gargalhada rouca ao ouvir algo engraçado, encurralando a leve intensidade da graça no fundo do coração, ele se via refletido nos espelhos duplos de seus caninos; e desejava que um golpe gigantesco e cruel, dele e não do destino, a aniquilasse.

Capítulo 28

Que *alegria* dissimulada e triunfante ele sentiu quando ela teve que parar de trabalhar. Estava doente; as duas gestações que lhe havia imposto na casa nova, apesar de não terem dado frutos vivos, tinham destruído quase por completo o que restava de sua saúde. Ao mesmo tempo, que tristeza ele sentia em algum lugar dentro de si por ainda estar forte e livre para ir e vir enquanto ela passava quase todo o tempo cuidando dos pés, cuidando dos resfriados das filhas, tentando tranquilizá-las, dizendo que não precisariam voltar para o campo porque ela ia encontrar trabalho na cidade. Mas não tinha o que fazer, o que ela havia sonhado para si mesma e para as filhas estava escapando por entre seus dedos. Tinha se esforçado tanto, e até o marido, pensou, tinha voltado a respeitá-la. Mem não se perguntava se o amava. Desfrutavam de uma espécie de paz; na casa da cidade ele não batia mais nela. As crianças iam para a escola felizes. A bebê aprendeu a usar o vaso sanitário dentro de casa.

Toda a sua confiança se esvaiu com a saúde bem diante dos olhos de Brownfield, que se regozijava e esperava. Ela não conseguia acreditar que ele tivesse planejado aquilo. Achava que ele havia se comportado bem, depois de tudo, pois era o que ele queria que ela pensasse até que estivesse pronto para revelar seus planos. E então chegou o dia em que ela não conseguiu nem sequer levantar da cama para procurar trabalho.

Estava chovendo havia dias. Todas as manhãs Mem saía para tentar encontrar algum serviço, qualquer coisa, em uma fábrica, loja ou cozinha. Mas talvez os empregadores achassem que ela parecia magra demais, provavelmente tuberculosa, e não a contratavam. Todos os dias ela voltava para casa abatida.

As crianças observavam o silêncio dela e, antes mesmo de Mem, se deram conta do perigo de o pai voltar a dominá-las agora que a mãe estava doente. E como previsto, nesse dia, enquanto Mem tossia e tremia, o pior aconteceu.

— Por que que o aquecimento não tá ligado? — perguntou ela, ofegante, quando Brownfield chegou do trabalho.

— Porque ninguém pagou a conta.

— Bem, por que é que você não pagou?

— Porque a casa é sua, então ocê paga as maldita conta.

Mem gemeu e virou o rosto para a parede. Ruth foi até ela e tentou brincar com seu rosto, mas a mãe a afastou. A pele dela estava cinza-pálida, como se tivesse visto um fantasma.

— Mas você também tem obrigação — disse ela ao marido. — Não pode simplesmente deixar essas crianças morrerem congeladas.

— O aluguel também tá atrasado.

Ele começou a tirar todas as suas roupas do armário atrás da cama da esposa.

— Há quanto tempo?

Todas elas o olhavam, amedrontadas, paralisadas, como se ele comandasse os pulmões que controlavam sua respiração.

— Desde que ocê comprou todos aquele remédio e gastou todo aquele dinheiro que não devia conocê mesma e com essas criança. Acho que tem uns dois mês. — E então ele deu a cartada final. Tirou do bolso um aviso de despejo, que atirou sobre a cama. — Você é tão boa de ler, então lê o que tá escrito aí.

Mem pegou o aviso de despejo e o leu, tremendo. Horrorizada, pálida, fraca, ela olhou para o marido, que estava fazendo uma mala com suas roupas.

— O que você está fazendo?

— Me preparando pra ir embora.

— Mas... *ir embora!*

Ela olhou em volta, para sua casa pequena e arrumada e para as coisas que ia comprando quando podia. Olhou para as paredes azuis limpas, para o piso de madeira polida, para os peitoris das janelas cheios de sempre-vivas.

— Mas pra onde a gente vai? A gente não planejou nada. Por que você não pagou o aluguel? O que você ganha dá. A gente estava *doente*, nós todas ficamos gripadas; foi assim que eu gastei todo o

dinheiro no mês passado. — Ela estava ficando histérica; as meninas estavam sentadas ao lado da cama, envoltas em uma nuvem de seu VapoRub, mas ela não estava consciente da presença delas. — Pra onde *que* você acha que a gente vai se mudar agora? — perguntou ela de novo, fraca, patética, tentando demonstrar uma força que não possuía mais.

— Bom — disse ele, sem conseguir conter um riso dissimulado —, não consegue fazer uma das suas teorias? *A gente* vamos se mudar pra casa do Sr. J. L.!

Foi como um pesadelo avassalador; Mem desmaiou e foi colocada meio inconsciente na cabine do caminhão que chegou para fazer a mudança deles. Não pôde fazer as malas, cobrir suas coisas para protegê-las, dar adeus à casa. Estava fraca demais para discutir quando os amigos que ele reuniu para ajudar na mudança quebraram a louça que ela amava, rasgaram suas cortinas, arrastaram os vestidos das meninas pela lama.

Chegaram à casa que ele havia reservado para que ela “baixasse a crista” no meio da noite, e até a pele dele se arrepiou ao vê-la. O Sr. J. L. tinha prometido que alguém iria limpá-la, mas a casa ainda estava cheia até a metade de feno úmido. Não havia vidros nas janelas, apenas persianas de madeira. A chuva caía em todos os três pequenos cômodos, e não havia piso de verdade, apenas chapas de metal, como telhado velho, espalhadas para impedir que o fundo dos fardos de feno se encharcasse.

— Sai, sai, esse é o seu novo lar! — gritou Brownfield.

Elas pareciam ter medo de tocar o chão. A casa não ficava muito longe da rodovia, mas estava envolta em escuridão e com uma aparência de algo estropiado e abandonado.

— Não... eu não posso.

Mem se afastou dele, mas desmaiou outra vez. Quando acordou, se viu deitada entre as filhas sobre o feno, com todos os seus móveis recém-comprados empilhados ao seu redor. Brownfield tinha voltado para a cidade com os amigos, e as meninas disseram que tiveram que se esforçar muito para fazer com que eles lhes entregassem todos os móveis. Brownfield pretendia doá-los, disseram.

Capítulo 29

— Eu esperei muito tempo procê baixar a crista, senhorita — disse Brownfield quando chegou em casa, fedendo a álcool pela primeira vez em quase três anos. — Isso aqui é o que eu posso pagar, e é com isso que você vai ter que se contentar. Vamo ver o que que cê acha de *me* ver no controle!

Ele estava se divertindo de uma maneira meio lunática.

— Ocê ia ter a sua casa, toda arrumadinha, pintada, feito os brancos. E ocê ia fazer isso, e ia fazer aquilo. Porra nenhuma — disse ele. — Achou que eu te comi porque queria? A Josie é muito melhor que você. O seu problema é que ocê nunca que aprendeu a não engravidar. Quanto tempo você achou que ia aguentar com a barriga cheia de criança?

Ele ficou parado diante de Mem, encarando-a com um olhar ameaçador. Não havia eletricidade na casa, mas já era quase de manhã, e eles se enxergavam o suficiente para saber que a máscara de Brownfield tinha decididamente caído.

— Senhorita todo-poderosa, pode baixar esse nariz empinado agora. — Ele não conseguia conter o riso; ela era incapaz de fazer qualquer coisa. — Pode baixar esse nariz empinado — repetiu ele, rindo alto, pensando em como ela parecia prestes a morrer.

— Brownfield, eu posso até estar doente, mas não vou implorar por misericórdia nem vou morrer e deixar minhas filhas — disse Mem. — Mesmo você tendo me tirado de casa nesse tempo, eu não vou pegar pneumonia. Vou ficar boa de novo, vou arrumar um serviço de novo, e então vou largar de você.

— Você não desiste nunca, não é? Você é mesmo muito ambiciosa, né? — Ele continuou a rir. — Seu *esqueleto* — disse, parando no meio de uma risada e olhando para ela por baixo do chapéu —, você

não consegue fazer nada, a não ser ficar deitada aí e *gemer*. E mesmo se conseguisse levantar esse seu traseiro horroroso, eu não ia deixar você ir a lugar nenhum, me fazer de idiota, pras pessoa rir de mim!

— Você acha mesmo que vai me forçar a parar? — perguntou ela, sabendo que as filhas tremiam de medo quando ela dizia qualquer coisa que pudesse provocá-lo.

— Eu vou forçar ocê a parar — disse ele, olhando para algo que estava coberto por um plástico.

— Não dá pra parar muita coisa com uma arma.

— Eu posso parar *tudo* pra você, vadia. Eu posso parar *você*!

Daphne choramingou, Ornette chorou, apenas Ruth continuou observando a cena com toda a perplexidade e repulsa de uma criança pequena. As três meninas não conheciam o pai. Elas também tinham achado que ele fosse capaz de mudar. Acharam que ele havia mudado. Acharam que era apenas uma questão de menos trabalho, menos preocupações, aquecimento a gás e luz elétrica. Tinham se enganado em relação a ele porque eram muito jovens e porque não sabiam nada sobre a maioria de suas lembranças persistentes. Perceberam apenas naquele momento que tinham cometido um erro; e se deram conta de que o pai na verdade não havia mudado, mas era capaz de fingir que mudara. Ele era capaz de fingir para enganar os crédulos.

— Quer saber — disse Ruth com sua voz esganiçada de trás de seu fardo de feno coberto por um lençol. O pai deu as costas para elas; Daphne tentou fazer com que ela se calasse. — Ei, eu tô falando: quer saber — repetiu ela em voz alta, em seu tom mais destemido, embora a boca do estômago se contraísse. O pai se voltou para ela. Ruth era a mais nova, tinha apenas quatro anos. — Você não passa de um feladaputa — disse ela, e se cobriu rapidamente com o cobertor para não sentir os primeiros murros realmente fortes que Brownfield lhe deu.

Capítulo 30

Naquela casa, a única das decisões do pai da qual ela ia se lembrar com alguma clareza, Ruth viu chegarem e passarem seu quarto, quinto e sexto aniversários. Quando tinha cinco anos, começou a frequentar a escola, acompanhando Daphne e Ornette todas as manhãs. A casa de J. L. — sua mãe sempre dizia a amigos que nunca os haviam visitado em seu novo endereço: “Estamos na antiga casa do Sr. J. L.” — era um lugar de baldes de água gelada na cozinha no inverno, e no verão tempestades intermitentes que revelavam cacos afiados de vidro colorido no quintal, além de pedaços de lata enferrujada e fragmentos de linóleo desgastado. No verão, a casa exalava um cheiro suave de mofo quente e emitia um *ruído*, como moscas zumbindo, e o ar em torno dela ficava cheio de partículas de poeira produzidas pelo pó de esterco pisado e pelo feno apodrecido.

Havia um riacho no pé da colina, nos fundos da casa, onde elas pegavam água; um pouco adiante, tinha um chiqueiro. A grama selvagem crescia alta ao lado da pilha de lenha, perto da qual se inclinava um celeiro de milho, acinzentado por causa do tempo e cheio de arados velhos, funis e unguento seco para cavalo em diversas garrafas verdes com rolhas de pano esfarrapadas. Dezenas de famílias de arrendatários tinham morado na casa, deixando seus vários odores de suor, lavagem e desconforto entranhados na madeira apodrecida.

Daphne e Ornette achavam a casa de J. L. insuportável e se queixavam o tempo todo com os olhos. Era um grande declínio para elas, depois da casa na cidade, ter que pegar água no riacho e suportar as idas e vindas lamacentas até a latrina do lado de fora de casa quando chovia. Elas achavam que esses dias tinham ficado no

passado para sempre. Como na época ainda era uma bebê, Ruth foi menos afetada pela mudança, embora soubesse que aquelas circunstâncias deixavam a mãe infeliz e, por isso, as odiasse. Mas havia muitas coisas nos campos de palha nos fundos da casa para entretê-la. E ela gostava do verde fresco das samambaias e dos nenúfares que cresciam ao lado do riacho habitado por caranguejos.

Daphne tinha nove anos quando se mudaram para a casa de J. L. e Ornette tinha oito. A grande diferença de idade entre Ornette e Ruth era por causa dos bebês que haviam morrido. Quando Ruth tinha quatro anos, Mem ficou grávida novamente, e por um breve tempo depois disso houve um bebê na casa. Daphne e Ornette gostavam de segurá-lo nos braços para que Ruth o visse. Daphne, sempre criativa, inventava histórias sobre o futuro da criança. Ele ia ser médico, ela dizia, ia dirigir um grande hospital na cidade e se casar com uma, talvez duas (se o primeiro casamento não desse certo) de suas enfermeiras. O bebê era pequeno, tranquilo e pálido. Ruth achava que ele se parecia mais com um gambá do que com uma criança. Ele se encolhia ao dormir e, com seus olhos de um branco acinzentado e bordas avermelhadas e a penugem amarelada dos cabelos, que na verdade era mais branca do que amarelada, parecia um bebê fantasma, não algo real. Ruth não conseguia imaginar que ele um dia fosse se tornar alguma coisa. Não conseguia nem sequer imaginar que ele pudesse crescer com a comida com a qual era alimentado, da mesma maneira que ela havia crescido. O choro dele era uma coisinha fraca e triste. Ainda assim, nos breves momentos de solidão, quando Daphne e Ornette alegavam que ela era pequena demais para brincar com elas, Ruth desejava ter um irmãozinho forte e saltitante com quem pudesse brincar e, quem sabe, no qual pudesse dar ordens. Na maior parte do tempo, porém, era difícil se lembrar de que ele estava na casa, de tão quieto que ficava. Ele dormia muito. As meninas não sentiram muito sua falta quando ele morreu. Daphne e Ornette choraram e sussurraram entre si que o bebê devia ter morrido congelado, porque quando o encontraram morto, estava completamente azul. Mas com a escola, as brincadeiras e a rotina de viver na casa de J. L., o irmão pequeno e pálido foi rapidamente esquecido.

Depois que ele morreu, Mem conseguiu um emprego que a obrigava a ficar fora de casa o dia todo. Ela trabalhava de empregada

doméstica em uma casa na cidade. Ruth não conseguia entender por que a mãe a havia abandonado novamente. Quando moravam na cidade, tinha ficado farta de ser deixada com mulheres estranhas, usuárias de rapé gordas com seios empoeirados e garotas magras, nervosas e sem perspectivas que eram rudes com ela. Daphne dizia a ela que Mem trabalhava para que um dia elas pudessem deixar o condado, deixar a Geórgia e deixar Brownfield. Ruth não sabia sobre as duas primeiras coisas, mas a ideia de deixar o pai a agradava.

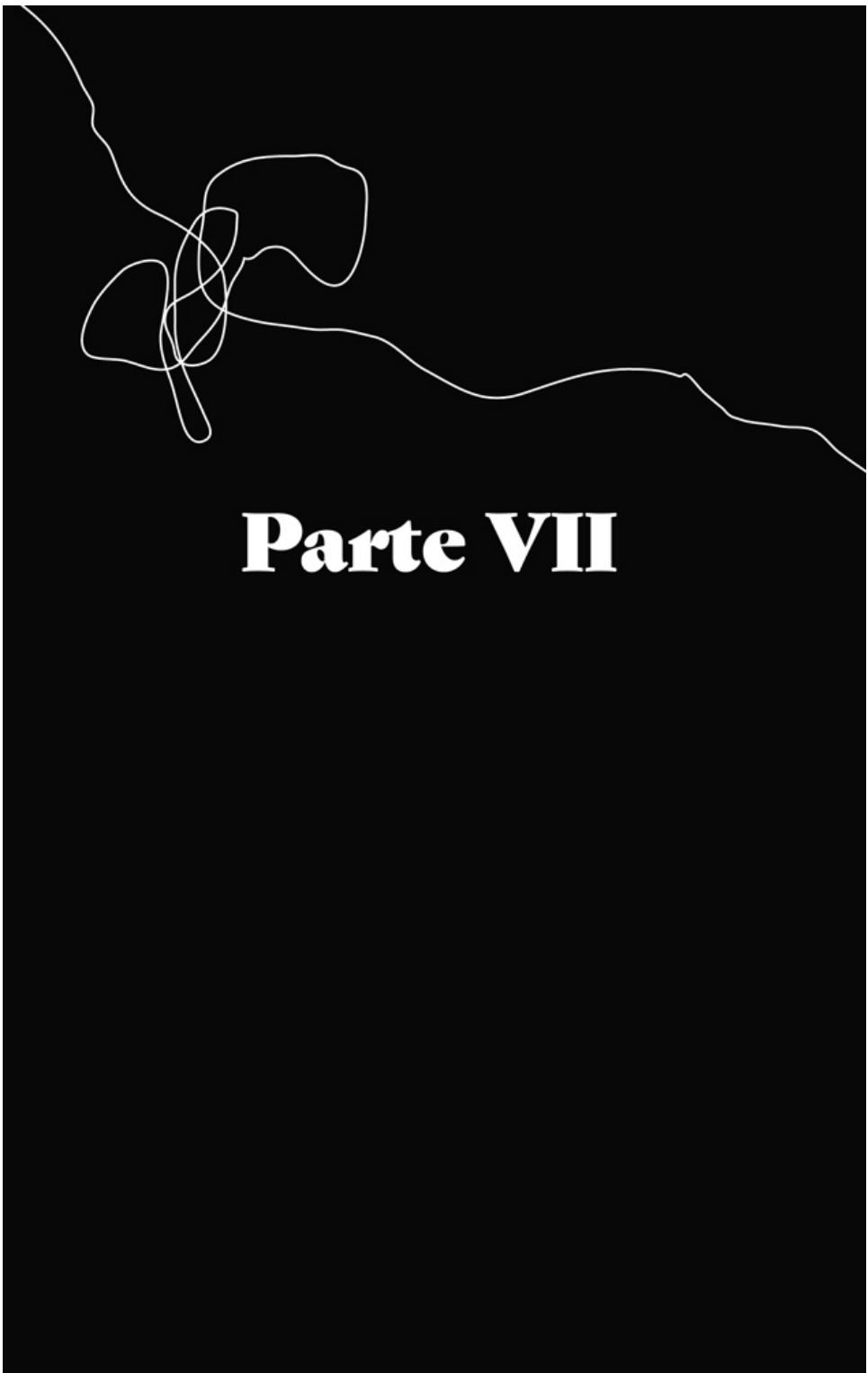
Daphne sabia mais coisas do que Ornette. Ela chamava a si mesma de Detentora dos Segredos da Família Copeland. Isso significava que não perdia a oportunidade de falar sobre como Brownfield havia brincado com ela quando era pequena. Como havia comprado doces para ela. Como a havia erguido em seus braços. Como havia cantado e dançado para ela. Ornette e Ruth tinham inveja de suas lembranças e as tomavam para si. As lembranças de Daphne de Brownfield como um pai amoroso se tornaram também delas, embora o Brownfield do qual fingiam se lembrar não tivesse nenhuma relação (exceto para Daphne) com o homem que conheciam. “Lembrar-se” do pai quando ele era bom se tornou a brincadeira favorita das meninas. Quando Brownfield ouvia por acaso Ornette tagarelando para Ruth sobre alguma gentileza extraordinária que ele tinha feito por ela (“ele me comprou um vestido” ou “ele consertou minha boneca”), a única coisa que pensava era que Ornette ia acabar se tornando uma mentirosa incorrigível. Elas sabiam que ele não entendia a brincadeira, e isso só tornava tudo mais divertido; o pai “bom” teria entendido, diziam, o que provava que Brownfield nem se comparava a ele.

Daphne era mais complacente do que Ornette. Seu temperamento se tornava feroz apenas quando o pai maltratava Mem. Quando Brownfield batia em Daphne, ela tentava suportar mantendo a mente firmemente vazia. Esforçava-se tanto para preservar um pouco de amor por ele, talvez por causa de suas lembranças de épocas anteriores, que se tornou uma garota de nervos extremamente delicados. Sobressaltava-se ao menor ruído ou movimento. Por se assustar com tanta facilidade, Brownfield a provocava e a insultava. Dizia que ela era estúpida e maluca. Xingava-a, fazia troça dela e a

beliscava até deixar marcas. Ela suportava tudo isso estoicamente, tentando esconder seu tremor o melhor que podia. Detestava a casa porque era impossível de limpar e porque, mais do que Ruth ou Ornette, tinha alguma ideia do sacrifício que Brownfield havia imposto a Mem. Ela a odiava porque era gelada no inverno e nunca conseguia se aquecer; tremia no verão e no inverno. De alguma forma, manteve o sentimento pelo pai separado do ódio pela casa. Como ela fazia isso, Ruth e Ornette nunca souberam. Elas viam Brownfield de uma maneira menos benevolente que a irmã, porque o enxergavam apenas como um demônio humano e tinham a sensação de que onde quer que ele as instalasse seria naturalmente um inferno. Tinham tanto medo dele quanto Daphne, mas de uma maneira mais distante e impessoal. Ele era como uma intempérie, uma dor de dente, uma má notícia diária.

Ornette era alegre na maior parte do tempo. Uma menina ruidosa e agitada, atrevida e cheia de uma revolta impetuosa. Ela era gorda e vistosa. Sua pele tinha uma suavidade alaranjada sedutora e parecia a casca encerada de uma fruta. Das três filhas, parecia ser a de que Brownfield menos gostava. Ele achava que ela ia se tornar uma vadia roliça e extrovertida, e lhe dizia isso o tempo todo desde que ela estava com oito anos. Ornette aprendeu a desafiá-lo. Aos sete anos, recusou-se a continuar indo à igreja ou a rezar antes de dormir. Aos oito já possuía um vocabulário sexual articulado, e aos nove, um inegável interesse por xoxotas e pintos. Sua opinião sobre a casa era que não passava de um celeiro e que apenas as vacas mais estúpidas viviam em condições piores que aquelas. Não podiam contar com ela para varrer o chão nem para colher o tipo adequado de palha com a qual fazer uma vassoura. Ela gostava de se sentar no meio do campo e cantar músicas de *rhythm and blues* que ouvira no rádio. Mem, arrancando palha e amarrando-a em vassouras enquanto se movia pelo campo, ouvia as músicas de Ornette de maneira quase sonhadora. Ela não a repreendia. Ornette enfrentava a mãe, achava que ela era uma megera e a desprezava. Ela achava que Mem tinha se unido a um homem inferior e que deveria ter se casado com um professor, um pedreiro ou qualquer um que fosse proprietário de alguma terra e tivesse uma bela casa. Não respeitava a mãe. De vez em quando, roubava moedas da bolsa de Mem.

Mem não se deixou derrotar pela tristeza de ter perdido a “casa decente”. Recuperou-se da doença que a fizera perdê-la e, com uma determinação inabalável, cuidou das goteiras no telhado e dos buracos de rato pela casa. Consertou as persianas caídas e removeu o lixo que impedia o crescimento das ervas no quintal da frente. Não se dedicava tanto àquela casa quanto havia feito com as anteriores. Tentava mantê-la razoavelmente limpa, ou tão limpa quanto ela e Daphne eram capazes de deixá-la, sem goteiras em demasia, sem ser dominada pelos ratos, como estava quando ela e a família se mudaram para lá. Sem muito ânimo, jogava sementes de flores no solo úmido e fértil ao redor da pilha de lenha. Não pretendia nunca mais plantar flores em vasos e canteiros.



Parte VII

Capítulo 31

Quando Ruth lutava sonolenta para abrir os olhos na manhã de seu primeiro dia na casa de Grange, um último eco retinido do grande relógio de pêndulo sobre a cornija ressoou pela cama e a sala de estar frias. Ela fungou, porque seu nariz estava entupido, e se aconchegou nas costas compridas e quentes diante de si, mas as costas logo se afastaram e se ergueram, espreguiçando-se ao lado do colchão. Ela escutou passos indo para a frente do quarto. Suspirou, piscou os olhos e se virou. A pessoa do seu outro lado roncava com o rosto virado para ela, e o hálito da mulher era de cebola e dente-de-leão. Ruth virou-se e se deitou sonolenta no calor deixado pela pessoa que levantara. Tinha uma sensação de estranheza e insegurança, como se houvesse feito uma longa viagem durante a noite; por algum motivo, o ar matinal tinha um cheiro diferente, e, quando abriu os olhos para espiar por cima das cobertas, não conseguiu se lembrar de adormecer naquele lugar. Olhou ao redor. Havia uma cômoda em um canto, madeira marrom e gavetas esmaltadas amarelas, com puxadores de vidro; um sofá estofado com um tecido da cor de gerânios fúcsia ficava sob a janela, do lado oposto da cama; e, na parede, estavam penduradas várias fotos antigas de pessoas usando cartolas, com bigodes encerados e cabelos crespos, porém lustrosos, cheios de pomada, partidos ao meio. Uma das imagens exibia uma mulher pálida, de aparência doentia, que talvez já estivesse morta no momento da sua confecção. Era um desenho em cores da avó de Ruth, a primeira esposa de Grange, Margaret.

A mente de Ruth, tornando-se alerta com relutância, não queria aceitar onde estava, mas, de repente, a verdade incômoda finalmente ficou evidente: ela estava na casa do avô, e era a esposa dele, Josie,

que dormia ao seu lado. Tentou se lembrar de ir para a cama ali na noite anterior, mas não conseguiu.

Da frente da sala, veio o rápido flamejar de chamas quando seu avô jogou querosene no fogo, e o som dos roncos da avó emprestada era um zumbido desabalado em seus ouvidos. Sem mexer nas cobertas ou dar qualquer sinal de que estava acordada, ela começou a lembrar.

A noite anterior tinha sido véspera de Natal. Ruth ia ganhar um triciclo de Natal, ou achava que ia. Mas sua mãe continuava dizendo que todo este ano tinha sido muito difícil para o Sr. Papai Noel, principalmente porque a Sra. Papai Noel tinha morrido (ou fugido), e o Sr. Papai Noel não estava com vontade de fazer nada, especialmente brinquedos; seria doloroso ver todo mundo se divertindo enquanto ele ficava enfurnado no polo norte, debulhando-se em lágrimas. No máximo, ela dizia para Ruth, Ornette e Daphne, deviam esperar por laranjas, ou quem sabe umas bengalas doces.

Brownfield chegara da cidade naquela noite muito bêbado. Ele gritava tanto que Daphne pegou Ruth e Ornette e foram se esconder no galinheiro. Ruth se lembrava de como todas as galinhas começaram a cacarejar e como cheiravam tão frescas, não um fresco gostoso, mas fresco como o cheiro de carne crua. As mãos e o rosto delas ficaram cheios da caca por rastejarem pelo galinheiro, mas Daphne as obrigou a sentar em um canto com cheiro de podre enquanto espiava através de uma fresta, vigiando a casa. Uma hora, as duas começaram a rir alto, porque Ornette, que estava na quinta série, disse que um garoto da escola vivia tentando puxar sua calçola durante o recreio. Mas Daphne deu um tapa na cara das irmãs. Seu corpo todo tremia. Ela nunca participava das conversas bobas, porque vivia tendo faniquitos e era sempre séria. Até o tapa, elas achavam que aquilo tudo não passava de uma brincadeira. Uma brincadeira bruta, mas divertida mesmo assim. Parecia que Brownfield era quase sempre malvado, descontrolado e bêbado.

Porém, em geral, ele não voltava para casa, preferia passar a noite brigando nos bares da cidade. Na maioria das vezes, levava uma surra dos caras com quem resolvia implicar, então eles ficavam com pena e o forçavam a deixar levá-lo para casa, enquanto ele berrava, com a fala arrastada, “Eu tenho meu maldito *orgulho*, mim deixa!”, e em seguida caía no sono pelo caminho. Então o deixavam desmaiado

e fedido ou, às vezes, cantando, na varanda. Paf! Ele aterrissava na varanda, e, se acordassem, Ruth e Ornette ficavam rindo da cara dele sob as cobertas.

Daphne sentia fortes tensões na casa, que eram ignoradas pelas irmãs mais novas. Sempre precisava tomar conta delas, porque Brownfield, mesmo quando sóbrio, chutava as meninas e batia nelas. Elas o odiavam quando ele fazia isso, mas não nos intervalos, e passavam seu tempo brincando, felizes, sob as árvores atrás da casa, onde nem o mais vago pensamento sobre ele as seguia.

Mem se esforçava para controlá-lo quando ele batia nas filhas. Ela sempre dizia:

— Brownfield, deixa disso. Você não *sabe* que vai ter vergonha de se olhar no espelho quando virar um burro velho e as meninas se escafeder?

A resposta dele era sempre um tapa na cabeça dela ou um chute em suas pernas.

Só Mem trabalhava. Brownfield tinha sido demitido por J. L. Eles alugaram uma casa. O dinheiro do aluguel vinha do salário de Mem. Ela ganhava dezessete dólares por semana, que parecia uma fortuna para eles, pagos de uma vez só. O que ela ganhava em seis dias de trabalho era bem mais do que Brownfield ganhava na leiteria de J. L. e na fazenda de algodão. Brownfield insinuava para os amigos de bebedeira que a obrigava a trabalhar para sustentar a casa, mas ela nunca saía de casa de manhã sem que ele tentasse puxá-la de volta. Às vezes, ficava deitado na cama, observando Mem se arrumar, e, quando estava prestes a ir embora, ele se esticava, agarrava seu braço e tentava fazer com que se deitasse ao seu lado.

— Ô, querida, não faz assim, não — dizia ele —, deita aqui com o coitadinho do seu marido. — Seus olhos lacrimejantes e amarelados estavam fixos nela, ameaçadores.

E Mem dizia, franzindo a testa e olhando ao redor para as crianças, que imediatamente paravam tudo que estavam fazendo quando ele tocava nela (“Mas por que ele quer que ela vá pra cama”, se perguntavam, desconfiadas, “ele não está vendo que já é de *dia*?”):

— Larga do meu braço, Brownfield, cê sabe que tenho que ir pro serviço.

Ela encarava os sapatos, que eram brancos, como os de uma enfermeira. Então, ela se libertava e ia embora, quase correndo pela

estrada.

E Brownfield dizia:

— Mas que merda. Essas porra dessas mulher só pensa no maldito do *serviço*. Qualquer dia vou me mandar pra porra do Japão, onde as mulher tudo sabe qual que é o trabalho delas *de verdade*!

E ele cuspi na lareira fria ou jogava um sapato em uma delas, geralmente derrubando um pote de tempero ou uma foto de revista que Mem tinha colocado nas paredes vazias e cheias de frestas.

As três se arrumavam rápido, pegavam as fatias de pão mais quentes no forno, bolinhos do jantar da noite anterior, e saíam correndo para a escola.

— Cês não vão aprender nada de *útil* — dizia ele, jogado na cama, com as mãos atrás da cabeça —, só se eles ensinar ocês a *preparar* uma terra pra plantar!

A princípio, as palavras tinham machucado Ruth, causando uma dor insuportável. Mas, um dia, ela o pegou soletrando algumas das palavras mais simples da sua cartilha. Quando Brownfield a viu, arremessou o livro na sua direção. Ela conseguiu desviar e, apesar de estar chateada, ria enquanto saía correndo da casa. Na primeira série, Ruth já era capaz de reconhecer a inveja.

A poeirada do galinheiro fez com que elas espirrassem, e o pai saiu cambaleando para a varanda, olhou para os arbustos em torno da casa. Ele praguejou, erguendo a espingarda, e voltou para dentro aos trancos e barrancos.

Finalmente, ficou óbvio para Ruth e Ornette que aquilo não era uma brincadeira. O medo tomou conta das duas e, ao ver a arma nas mãos de Brownfield, sem que ninguém precisasse lhes dizer, souberam que ele esperava pela mãe e começaram a chorar.

Daphne, sempre tão emburrada e nervosa que, se alguém viesse por trás dela e dissesse “Oi!”, provavelmente teria um treco, segurava a barriga. Fazia isso sempre que ficava chateada ou confusa. Ficava muito doente uma vez por mês, chorava sem parar, e uma vez, enquanto ela apertava a barriga e chorava, com o suor surgindo em seu rosto como bolhas de gordura, Brownfield lhe dera um chute bem onde as mãos dela estavam. Estava tentando dormir, mas não conseguia por causa do barulho, ele disse.

Mem levava Daphne a uma clínica, mas a enfermeira disse que não havia nada de errado, que era só nervosismo. Mem respondera que

sabia que a filha estava nervosa e esperava que a enfermeira dissesse a ela o que fazer sobre isso, mas a enfermeira estava distraída conversando com outra enfermeira sobre mudar a cor do cabelo, e as duas ignoraram Mem, que ficou plantada lá, exasperada, segurando uma trêmula Daphne pela mão. Daphne tinha pavor de gente branca; não por achar que fossem particularmente cruéis, tinha pouquíssimo contato com eles; tinha medo, por mais infantil que fosse, daquele ar fantasmagórico, da clareza sem sombras do rosto deles, do vazio por trás de seus olhos de bola de gude. Ela acreditava que eles eram puros, livres de emoção, cheiro ou sangue, e que pertenciam, ao contrário dela, a um Deus terrível. Seu medo englobava o mundo e incluía escuridão, prédios, árvores antigas e flores com nome de animais. Ela tinha pavor do mundo; mas foi ela quem protegeu as irmãs; ela quem, tremendo e mal capaz de se aguentar, ficou sob o punho do pai, enquanto Ornette e Ruth corriam de Brownfield, gritando e chorando, atravessando o quintal e entrando na floresta.

Agora ela lhes avisou, com a voz assustada, que ia a pé até a cidade para tentar alertar Mem. Disse que talvez pudesse impedi-la de voltar para casa enquanto Brownfield estivesse bêbado. As irmãs queriam ir junto, mas ela disse que seria mais rápido se fosse sozinha. Elas observaram-na sair, cinzenta e sombria, sem casaco. Chuviscava. Ela deslizou e desceu pela estrada como um coelho marrom esbelto. A noite preta, acinzentada pelas pedras brancas de granizo, a engoliu pela rodovia molhada.

Deixadas no galinheiro, Ornette chorava em silêncio, e Ruth, sentada tremendo de frio, espiava o quintal por uma fresta. O galinheiro ficava na entrada da casa, uma construção inclinada e mofada feita de placas de madeira unidas por sucatas de estanho enferrujado. No verão, uns poucos trechos de grama verde cresciam diante da porta, mas, agora, no inverno, a área inteira estava lamacenta, molhada, escorregadia de gelo. A casa ficava uns trinta metros afastada da rodovia; um caminho estreito cheio de cascalho pontiagudo saía da estrada, subindo, e parava abruptamente na frente da porta. A parte de fora da casa tinha mudado pouco desde a chegada da família. Em uma extremidade do quintal, havia um velho arbusto castigado pelo tempo, com flores roxas no verão e apenas espinhos no inverno, torto por causa da ventania. A varanda era

muito funda em um lado e inclinada para cima no outro, saindo dos alicerces. Ao redor dela, no lado mais próximo ao galinheiro, havia pedaços de uma velha grade enferrujada, cheia de grandes buracos irregulares perfurados. Os degraus eram duas toras que Mem tinha tirado de uma árvore grande, depois cortado ao meio e enfiado na terra. A casa era feita de finas tábuas acinzentadas, sem nenhum forro no interior. Mem cobrira o interior com caixas de papelão e, quando o vento aumentava e passava pelas frestas, o papelão balançava e vibrava, como se estivesse vivo.

Ruth viu uma luz acesa no cômodo onde os pais dormiam, que também servia de sala de estar. No total, a casa tinha três cômodos, sendo um deles a cozinha. Elas viviam melhor do que muita gente, porque não precisavam dividir o quarto com os pais, e, apesar de o espaço ser pequeno, havia privacidade. Quer dizer, ainda dava para escutar pelas paredes, mas pelo menos não viam nada. Às vezes, a sombra do pai surgia na janela enquanto ele olhava para fora. Ruth se encolhia em meio à poeira. Ela e Ornette não sabiam exatamente por que estavam sentadas no galinheiro, quase congeladas, mas sabiam que tinham medo, muito medo, de irem para qualquer outro lugar.

Geralmente, Mem ia e voltava do trabalho a pé, ou pegava carona na estrada, mas, às vezes, o marido de sua patroa a trazia em seu grande Chrysler azul. Ele era esquisito, de acordo com Mem, porque insistia em lhe pagar dezessete dólares por semana, cinco dólares a mais do que o salário normal de empregada doméstica. Ele era do Norte e estava morrendo com câncer de boca, pelo que contavam. Algumas pessoas diziam que era judeu, apesar de não saberem o que fazia com que ele fosse diferente — os olhos dele não faziam você sentir necessidade de olhar para os próprios pés, como os de outros homens —, e ninguém se importava muito. Mem gostava dele porque deixava que ela levasse revistas para casa e mandava livros para Daphne e Ornette. Por outro lado, detestava a esposa dele, que era uma riquinha sulista cujo pai tinha uma fazenda enorme nos limites da cidade. A mulher vivia comentando como crianças de cor

eram “fofas” e lhe dando moedas. Ruth a odiava porque ela chamava Mem de “Mem, minha criada de cor”.

Ruth tomou um susto quando ouviu o som de um carro parando na estrada. Escutou o murmúrio baixo da voz da mãe — que estaria agradecendo a ele a carona — e então ela ouviu seus passos pesados subindo pelo caminho. Espiou pela fresta para ver se Daphne estava junto, mas não escutou sua mãe conversar com ninguém quando apareceu, e pensou que sua mãe e o homem branco não tinham visto sua irmã na estrada. Não demorou muito para Ruth poder ver a silhueta de Mem surgir em seu campo de visão.

Mem não saía do trabalho antes das seis da tarde, quando já estava escuro. Ela carregava vários pacotes, que segurava na curva dos braços enquanto olhava para o chão, para garantir o equilíbrio. Ruth queria sair correndo do galinheiro para alcançá-la, mas ela e Ornette estavam congeladas. As duas observaram enquanto Mem passava, prendendo a respiração, quando a luz na varanda foi acesa e a sombra comprida de Brownfield surgiu, balançando a espingarda. Mem olhou para a varanda e gritou um cumprimento. Era um cumprimento alegre, apesar de ela parecer muito cansada, cansada e ofegante. Brownfield começou a praguejar, foi até os degraus e ficou parado lá até Mem entrar no círculo de luz. Então, mirou bem na cara dela com uma precisão bêbada e atirou.

O que Ruth lembrava agora, com náusea e uma sensação fria de morte, era de Mem deitada sem rosto entre o cascalho espalhado em uma poça de sangue, espalhada ao redor de sua cabeça como uma auréola, uma dúzia de laranjas amarelas brilhantes que reluziam de um lado da luz. Ela e Ornette estavam ao seu lado em um instante, sem se importar com o pai, que já dera as costas para a cena, ainda praguejando, e entrava na casa. Elas ficaram lá, olhando para as laranjas, para as bengalas doces e para tudo. Cheia de tristeza, Ruth entendeu que realmente Papai Noel não existia. Ela era Papai Noel. Mem. E percebeu, pela primeira vez, que, embora estivessem no meio do inverno, havia grandes buracos desgastados na sola dos sapatos de sua mãe. O do pé direito de Mem tinha quase saído, e uma folha de jornal era visível no fundo. Daphne veio correndo, berrando, se jogou nas pernas da mãe. E começou a esfregar os pés de Mem, para esquentá-los.

Ruth não sabia o que aconteceu depois, e, agora, não queria saber. Ela enterrou o rosto no travesseiro e começou a chorar. Por que a mãe não fugira ao ver a arma? Era impossível entender. Será que não conseguiria correr? Mas Mem nem diminuía o ritmo ao se aproximar do marido. Após seu primeiro cumprimento alegre, porém cansado, ela não dissera mais nada, e seu repouso sangrento tinha instantaneamente parecido um desejo grotesco de um descanso profundo e inevitável.

— Ela tá mimindo, né, Ruth? — perguntou Ornette, tentando enxergar olhos fechados, onde não havia realmente nada.

— Chega pra cá, chega pra cá — disse o avô, indo para perto dela e sentando-se ao seu lado na cama —, a gente não vamos querer acordar essa senhora idosa, né?

Ruth balançou a cabeça, soluçando baixinho, com os braços em torno do pescoço dele. Ele já estava bebendo e cheirava a licor de milho, mas seu cheiro forte de tabaco e milho era reconfortante, e ele deu tapinhas carinhos em suas costas.

— Eu bem que podia te contar uma história bem legal do Zé Grandão. Mas você nem ia prestar atenção... — Ele a encarou com tristeza. — Hum, eu é que sei que você nem ia prestar atenção, e num vai adiantar de *nada* eu ficar falando disso. Eu estou é falando bobagem. Mas que bosta, minha menininha, é pobrema em cima de pobrema, e não tem nenhum pobrema maior do que perder sua mãezinha. — Ele balançou a cabeça. — Deus Nosso Senhor, essa é que é a verdade — olhando para a esposa —, vou te falar pra você, eu bem que queria que minha mulher fechasse essa merda dessa boca, tô é ficando doido com esses ronco dela.

Ruth o fitou por muito tempo, prestando atenção. Os olhos do avô estavam cheios de lágrimas, e suas bochechas tremiam.

— Não olha pra *mim* — disse ele, amargurado. — Eu não sei nada de *nada* disso aí — e jogou os braços para cima, indicando tudo no mundo —, e aí vem você!

E ela nunca o escutaria dizer com seriedade, nem de brincadeira, que ele sabia.

Capítulo 32

Grange era um homem alto, magro, com uma floresta espessa de cabelo cinza-ferro que fora embranquecendo aos poucos com o passar dos anos até se tornar completamente branco, completamente puro, como a neve. Sua boca aparentava uma limpeza incomum, apesar de ele mastigar tabaco, fumar, consumir rapé, beber tudo que era forte e raramente escovar os dentes. Às vezes, os limpava com a borda da camisa de dormir, mas Ruth não entendia como conseguia mantê-los tão bonitos e brancos. Por muito tempo após vê-los sorrindo para ela de dentro de um pote na varanda dos fundos, soltando bolhas, achara que o avô os tirava de vez em quando para fervê-los. Pena que seus próprios dentes de leite cariados só caíam um de cada vez.

Às vezes, ele ficava muito doente. Havia dias de depressão em que falava que ia acabar com a própria vida. Havia momentos em que ela sabia que Grange só queria que ela lhe pedisse para se recompor. Ele se deitava imóvel no chão, fingindo-se de morto, e ela se aproximava para testar a mágica de seus abraços e beijos. Logo, ficara fácil ignorar as diferenças entre os dois. Eles se davam bem para um avô e uma criança, e problemas triviais não se desenvolviam no relacionamento deles. Grange nunca batia nela e provavelmente daria uma surra em qualquer um que tentasse fazer isso. Nem Josie podia encostar nela. Pobre Josie, não podia sequer dar broncas.

— Ocê num sabe nada de educar criança nenhuma — dizia Grange quando a mulher tentava obrigá-la a fazer qualquer coisa. — Para pra pensar na bagunça que cê fez com as suas criança!

Josie ficava emburrada, mas era de Grange a última palavra.

No começo, Ruth tinha ciúme de Josie, porque pensava que Grange a achava bonita. Mas o avô sempre comentava, alto e bom

som, que a esposa não era uma pessoa muito legal. Ele dizia que ela vivia como uma gata, ficava fora de casa demais. Josie era uma dessas mulheres amarelas e gordas, com sardas e olhos claros, e a maioria das pessoas diria que era bonita, *bem-apessoada*, mesmo sem olhar com atenção. Mas Ruth a analisara com cuidado e só via uma mulher amarela e gorda, com hálito azedo, muito batom roxo e uma voz manhosa que só reclamava; a voz de uma gorda mimada que sempre ficava com vontade de fazer xixi quando o carro dava a partida.

Ruth sentia que Josie não estava feliz de tê-la por perto.

— E o que é que eu lá sei de trançar cabelo de menina de oito ano? — perguntara Josie a Grange um dia, quando ele queria que ela lavasse e fizesse uma trança no cabelo de Ruth.

— Eu sei que ocê preferia cortar o cabelo da Lorene em vez de gastar tempo com isso — rebatera ele —, mas essa menina aí é minha *neta*. Se ocê não arrumar o cabelo dela, eu vou arrancar o seu fora.

Ruth riu em silêncio naquele dia enquanto Josie, fumegando de raiva, trançava seu cabelo. Pelo visto, ela e Josie não seriam amigas.

Antes de ela ir morar com eles, Grange passava os dias pescando, tomando sol e entalhando madeira. Depois que a menina chegou, ele começou a plantar algodão. Ruth podia brincar ao lado dele o dia todo durante o verão, apesar de não ter permissão para colher algodão. Mas ela queria, porque era tão macio, tão luminoso, e era tão bonito de manhã cedo, com o orvalho brilhando em sua superfície. Ela não conseguia entender por que Grange não deixava. Josie, que foi convidada a colher, disse que não o faria enquanto Ruth não fizesse também.

— Ocê pode ter me convencido a te ajudar a comprar essa maldita *fazenda* — zombou Josie —, mas se eu encostar em mais um algodão vou enlouquecer.

Com um saco comprido e ambas as mãos, Grange passou a cuidar sozinho do seu algodão. Ruth podia subir na caçamba da caminhonete quando o algodão era levado para o descaroador. Quer dizer, ela podia ir na caçamba enquanto estavam na estrada de terra que levava à rodovia. Toda vez que chegavam à rodovia, Grange parava a caminhonete e a mandava voltar para casa ou sentar no banco ao seu lado.

— Te aquieta, que você não é peão! — reclamara ele, brusco, quando ela dissera que amaria ir montada no topo do algodão até chegarem à cidade.

— Mas, Grange, puxa vida, eu não posso nem ir até a *ponte*? — perguntou da primeira vez.

Ele parecia irritado demais com a ideia para se dignar a responder. Ela começou a ter a sensação de ser muito especial. Na escola, evitava as crianças que tinham permissão dos pais para andar na caçamba — “Pretos sorridente que faz graça pros branco!”, zombava. E, por sua vez, as crianças logo pegaram seu ponto fraco. Elas a chamavam de “Dona Metidinha” e, quando isso não adiantava, “*Sra. Grange*”.

O tempo que Ruth passava em cima da caminhonete era muito feliz. Daquele poleiro alto, parecia que ela conseguia enxergar quilômetros e quilômetros de campos e florestas e o céu. Um céu benfazejo e sem nuvens naqueles dias. No geral, ela e Grange deixavam Josie sozinha em casa. Ruth raramente pensava em Brownfield; quando o fazia, Grange logo tratava de lhe assegurar que as prisões da Geórgia estavam entre as melhores.

• • •

Grange também cultivava legumes em sua horta na frente da casa. Você podia sentar na varanda e observar os tomates crescendo. Ele cortava grandes repolhos ásperos pela raiz com uma faca reta e cega e os equilibrava como coroas sobre a cabeça. Plantava cenouras, tomates e ervilhas, e, no outono, depois que as ervilhas secavam sob o sol, eles ficavam acordados até tarde da noite, fofocando e as descascando. Josie, que detestava qualquer tipo de trabalho, fosse de fazenda ou não, interrompia com relutância suas histórias intermináveis sobre os “bons tempos” ou sua juventude e se levantava para lavar jarros de frutas, para que, pela manhã, Grange pudesse ajudá-la a “guardar” as ervilhas.

Era nesses momentos de domesticidade que Ruth mais sentia o incômodo de Josie com sua presença e ficava triste por ter perdido a mãe. Lembranças que poderiam ser deixadas de lado por uma criança que inocentemente se muda para um novo lar, com novas fontes de brincadeira, surgiam de repente em momentos estranhos

quando ela estava acordada ou, com mais frequência, em sonhos. Os longos dias de outono, preguiçosos, lentos e pesados, quando colhiam e armazenavam alimentos, traziam as memórias boas que Ruth tinha da mãe, quando pareciam prosperar nos verões quentes, enlatando e fazendo montanhas de batatas, e o inverno não era motivo de medo.

Os outros adultos com quem convivia nunca tocavam no nome dos pais dela. Agiam como se os dois nunca tivessem existido. Josie não dava um pio quando ela fazia uma pergunta simples sobre o que tinha acontecido ou apenas queria se recordar de algo. Mas Grange jamais se fazia de rogado. Ele dizia que não deviam se esquecer deles, especialmente de Mem, que era uma santa. Ele gostava de mencionar a frugalidade de Mem ou sua bondade trabalhadora antes de começar uma lista de comparações entre ela e Josie. Grange se perdia nas memórias vívidas que tinha de Mem e brigava feio com a esposa por não ser igual à mulher do filho. Josie começava a chorar ou fazia drama.

— Sua galega ruça preguiçosa! — começava ele. — E cala essa sua boca fedida de cebola. Sua puta mentirosa, seu arremedo de branca inútil, sua fedaputa, sua porca, sua baleia inchada de maquilagem tudo borrocada! Guarda aí essas suas teta caída que ocê deixa pra todo mundo ver! Sua cabra pecadora! Fecha essas perna aí, que cê está na frente duma criança inocente e dum velho com os cabelo branco! — Mas então Grange hesitava, e Josie começava a chorar. — Bosta — murmurava ele, por fim. — Por que é que você está parada aí, me encarando com essa bosta da sua boca aberta por *nada*? Vem sentar na merda do meu *colo* quando eu falo com você!

No começo, essas cenas de perdão eram frequentes e, às vezes, muito felizes. Josie placidamente iria até ele, mascando chiclete, molhando o batom roxo com sua linguinha esperta, as lágrimas secas. E Grange murmurava, dentro do decote dela:

— Ai ai ai. Olha eu lá indo *pro brejo*, de novo.

Ruth nem sempre dormia com os dois. Grange era gentil, mas firme.

— Ocê não sabe que faz mal quando um monte de gente dorme junto na mesma cama? Se é só duas pessoa, pode. Mas quando são adulto.

Afastada dos dois, revirando-se na cama, Ruth tentava desvendar o mistério do desprezo do avô por Josie e da inevitável rendição dele à mulher. Quando não conseguia dormir, Mem voltava para lhe fazer companhia; Mem, cujas mãos eram calejadas e quentes, cujos lábios eram rachados e macios, cujos olhos tinham novamente aquele ar de dureza, tristeza calma e sofrimento.

Capítulo 33

A contragosto, Josie foi ficando em segundo plano, enquanto Ruth e o avô se tornavam inseparáveis. Eles não planejaram nada, mas estavam sempre juntos; aonde Grange ia, Ruth o seguia; o que ele fazia, Ruth imitava. Josie, depois de vender o bar para ajudar o marido a comprar a fazenda, não tinha para onde ir, e nenhuma de suas antigas amigas ia visitá-la. Sem muita empolgação, Ruth e Grange tentaram fazê-la se interessar por suas atividades, mas a fazenda não tinha graça alguma para ela; Josie pensava em si mesma como uma mulher da cidade. As tentativas dos dois eram ignoradas, e eles estavam felizes em serem ignorados. Josie ficava para trás, resmungando e andando de um lado para o outro, lixando as unhas roxas.

No inverno, alguns dias antes da véspera do Natal, Grange começou a se preparar para fazer ambrosia. Ele era um homem sem instrução, mas ainda lembrava que alguém, sem dúvida a filha de alguma velha branca, certa vez lhe contara que ambrosia era o único alimento que todos os deuses costumavam comer antes de terem se transformado em só um Deus, como eram agora, que nunca comeria novamente.

— Mas isso é porque Ele encheu o pandulho enquanto estava si criando — era a explicação resumida de Grange.

Para fazer ambrosia, você precisava de cocos frescos e ralados, abacaxis e laranjas. Provavelmente alguma coisa a mais ia ali, uma dose de uísque ou vinho, mas Ruth só se lembrava das laranjas e dos cocos. A irmã de Grange, que morava na Flórida, enviava-os em um caixote grande e em outro pequeno, junto com tantas toranjas que a casa inteira cheirava a feira. Grange gostava de guardar cada uma das frutas em um “lugar alto”, como a cornija da lareira ou em cima de

cômodas e armários, e, quando as crianças vinham visitar — e só podiam vir no Natal —, ele tinha um modo generoso de esticar o braço para trás ou acima da cabeça e exibir uma laranja ou toranja reluzente. Então sorria para o pequeno visitante fascinado e dizia, como se tivesse se esquecido das palavras no começo:

— Abracadabra nocê, menino!

A próxima coisa que você precisava para fazer ambrosia era uma vasilha grande. Grange tinha duas, uma branco-leitosa, com um belo desenho desbotado de um touro azul perto do topo, e outra marrom-terra. Tinham sido da mãe de Josie, e Grange dizia que ela gostava de usar a branca durante a semana e a marrom aos domingos. Em memória dela — sua foto de olhos arregalados estava entre as expostas na sala —, eles usavam a vasilha marrom para a ambrosia de Natal.

Grange, Ruth e Josie ficavam à mesa, descascando laranjas e ralando coco, até as duas da manhã. É claro, o serviço todo podia ser concluído em uma hora, mas Grange parava a cada dez ou quinze minutos, durante o processo, para contar uma história, ou a verdade sobre alguma coisa ou alguém. Ele conhecia todos os contos do Tio Remus de cor, embora pudesse inventar melhores sobre John, um fazendeiro esperto. John se tornou o herói de Ruth, porque conseguia escapar de qualquer situação usando apenas a lábia, e lhe lembrava o avô.

Grange achava que Tio Remus era um idiota, porque, se fosse tão esperto assim, seria capaz de tornar os animais espertos também, e por que raios, perguntava Grange, o sujeito não largava o garotinho branco (ou o amarrava e pedia dinheiro pelo resgate) e ia até o Congresso e via o que ele podia fazer para melhorar a educação do país, que, na opinião de Grange, era uma porcaria.

— Em vez de obrigar os branco a largar o que é da gente por direito, ele fica saracoteando aquela bunda preta por aí, explicando prum branquelo burro que quando alguém come manteiga demais, muita coisa escapa por trás! A gente precisa é de um maldito político, e ele fica dando uma de menestrel!

Ele relembrava sua infância, que era cheia de encontros com gente morta, espíritos e, ocasionalmente, o Espírito Santo, que afirmava ser parecido com uma sensação de frio, do tipo que podia se transformar em uma pneumonia da alma se você não tomasse cuidado.

Contava histórias sobre pessoas com duas cabeças e feiticeiros; homens e mulheres estranhos, mais sensíveis que os pretos normais. Dizia que eles podiam lhe dar alguma coisa para usar embaixo do chapéu para fazer sua esposa voltar (se ela tivesse fugido) ou para fazê-la ir embora se você estivesse de saco cheio. Ele contava sobre um velho místico que, segundo as pessoas diziam, conseguia se transformar em morcego e o havia curado de um caso grave de hemorroidas ao lhe dar um saquinho de pó para jogar em cima das fezes.

— O que é hemorroida? — perguntou Ruth.

— Uma doença muito séria dos adulto — respondeu Grange.

Ele dizia que, na cidade, havia uma moça com duas cabeças chamada irmã Madelaine. Ela havia transformado o próprio corpo, deixando de ser uma mulher branca e virando uma cigana adivinha.

— Por que ela fez isso? — quis saber Ruth.

— Porque não queria ser cozinheira dos outro — disse Grange.

Ela era uma mulher poderosa, de acordo com Grange, mas não tanto quanto a de duas cabeças que ele havia conhecido quando era menino. Mulheres de duas cabeças ficava cada vez mais raro, lamentava ele.

— Os povo que consegue enxergar as coisa de mais de um jeito tá indo pro beleléu.

A história favorita de Ruth era sobre como o avô entrara para a igreja.

Tudo havia acontecido em uma primavera, quando ele tinha sete ou oito anos. E tinha sido na época de uma revivificação. Ele tinha começado a arrumar confusão com as crianças brancas que moravam por perto, geralmente “dando uma coça nelas”, segundo sua versão. Sua mãe, que passara boa parte da vida sendo uma empregada doméstica pia e diligente, nunca lhe dera broncas de verdade por causa das brigas (ela dizia, com calma, que não queria acabar com sua personalidade), mas, em vez disso, insistia cada vez mais no “seio” da igreja. Grange nunca conseguia dizer seio sem olhar para o decote do vestido de Josie. Enfim, ele havia resistido com todas as forças, porque detestava revivificações, detestava a igreja e, acima de tudo, detestava pastores. Uma noite, enquanto sua mãe, calmamente persuasiva e sem chegar a qualquer lugar com ele, tentava convencê-lo a ir à igreja, o irmão dela, o tio Buster, apareceu

para uma visita. O homem tinha o peito tão largo que parecia um barril, e era maldoso. Grange não gostava dele, pois já o tinha visto arremessar a esposa, sua tia, através de uma placa de vidro. Escutando os argumentos tranquilos e obviamente inúteis da irmã, o tio tinha agarrado Grange pelos ombros e lhe passado um sermão demorado sobre como era receber o Espírito Santo, como era bom ser salvo, como ele devia abrir seu coração para a luz “pua” entrar e tomar seu corpo. Em resumo, ele tinha dito que, se Grange não aceitasse a religião naquela mesma noite, levaria uma surra quando chegasse em casa.

Grange pontuava seus casos com gargalhadas explosivas e alegres, que davam um susto nelas, apesar de serem esperadas. Ele era ótimo nessas histórias e gostava de ver os olhos delas fixados nele, acesos com pontos brilhantes da luz do fogo que crepitava, onde, de vez em quando, ele cuspiam com uma delicadeza e mira fora do comum. Ruth até gostava do cuspe, o franzir dos lábios marrons-escuros finamente esculpidos contra, por um instante, o branco limpo de seus dentes, seguido pelo chiado ardente dos ferros no fogo ao serem atingidos, a interrupção momentânea do fogo, o som do vapor subindo rápido, e a consumação do cuspe pelas chamas, pelo qual todos esperavam, encarando o fogo enquanto prendiam o ar.

Grange tinha sido largado, ou, na sua versão, “tacado”, no banco dos enlutados. Ao seu redor, o espírito da revivificação era evidente. Para começo de conversa, em torno dos “irmãos” — cada um deles salvos — pairava o aroma inebriante dos espíritos; em geral, licor de milho ou algum vinho caseiro. No começo do culto, todos esses irmãos estavam sentados retos como uma vareta e, naquela noite, todos eles, para não cair do assento, fixaram os olhos em Grange, que estava sentado desanimado no banco de madeira duro. Seu tio Buster era um deles, e Grange imaginou que podia sentir o hálito do tio, de brandy de casca de pêssego, em toda a igreja.

As irmãs estavam com suas melhores roupas.

— Na época, elas usava uns vestido comprido — dizia Grange. — Naqueles tempo, a gente podia quebrar o *pescoço* tentando ver um cadinho de perna.

Elas usavam muito vermelho, amarelo e verde, e seus cabelos eram alisados com “primor”. Grange sorriu e disse:

— Se uma largartixa caísse na cabeça delas, ia era escorregar e quebrar as pata!

Antes de o pastor começar a pregação, elas fofocavam feito papagaios. “Benza Deus, olha só como você está bonita, irmã Fulana!” Ou “Ah, fica quieta, menina! Você não tem onze filho! Olha só pra essa carinha de neném!”. Cuspiam pela janela e no aquecedor, todas elas tentando mostrar um tornozelo pela barra do vestido. Porém, assim que o pastor subia no púlpito, elas começavam na mesma hora a “O Sinner!”, a canção sobre pecados, como se estivessem pesarosas, lançando olhares tristes para Grange.

No fim do sermão, o pastor começou a chamar os convertidos.

— Os “com os detido”? — perguntou Ruth.

— Mesma coisa — disse Grange, sem interromper a história.

Dois ou três adolescentes antes condenados ao inferno e felizes seguiam na frente de cabeça baixa. Provavelmente roubaram alguma coisa na noite anterior, Grange contou. A igreja vibrava com a música, as irmãs gritavam e o pastor estava de pé, no púlpito, pingando de suor. De vez em quando, ele secava a careca com um lenço. O mesmo lenço, notou Grange, em que havia cuspidido durante o culto inteiro. Ele sentia sua mãe olhando piedosamente para ele, porque sabia que, mais do que qualquer coisa no mundo, ela o queria na igreja, salvo. Ele também queria receber o Espírito Santo, porque estava morrendo de medo da surra que tio Buster havia prometido.

Olhando para a mãe, ele pensou no tio e o procurou no canto da igreja onde ficavam os mais devotos. Ele ainda estava lá, porém, enquanto o lugar inteiro reverberava, cheio de vida, e o espírito do Senhor fazia todo mundo quase subir pelas paredes, seu tio estava no milésimo sono. Ora! Ele roncava, com um fio de baba caindo no bolso do colete. Grange o encarou, encantado; havia uma mosca enorme revirando a porcaria que havia se acumulado ao redor da boca de tio Buster. As lamparinas a querosene faziam as asas da mosca brilharem como pedras de âmbar. Sua agitação ao redor da boca de tio Buster lembrava a de uma dona de casa varrendo um canto da sala, ou a de um garotinho guloso devorando uma torta furtada. Foi assim que Grange fez seu acordo com o Deus da Igreja Episcopal Metodista Africana.

De olho na boca aberta de tio Buster e na mosca voando ao seu redor, ele disse a si mesmo que, se a mosca entrasse e fosse

engolida, ele entraria na dança, diria que havia encontrado o Espírito Santo e se converteria para a igreja. Parecia que o Espírito Santo não viria por conta própria. Assim que fez isso, disse Grange, a mosca muito cautelosamente entrou na boca de tio Buster, e, tio Buster, despertando para encontrar todo mundo na igreja com o olhar em sua direção, ou pelo menos assim lhe parecia, fechou seu maxilar peludo e, dando um piedoso gole em seco envergonhado, tinha engolido a mosca! Ele imediatamente começou a engasgar e mudar de cor, e quando Grange, na mesma hora, se levantou e foi apertar a mão do pastor, tio Buster passou ao seu lado com uma das mãos apertando a boca. Grange dizia que a mãe tinha chorado, gritado, e havia ficado mais feliz depois disso.

E era assim que ele tinha se tornado membro da igreja, apesar de não acreditar em Deus. Por que como poderia qualquer Deus com respeito próprio, ele quis saber, barganhar com um menino de sete ou oito anos que sugeria um acordo e uma refeição tão repugnantes?

Durante a última parte da história, Ruth pulava na cadeira de tanto gargalhar. E quando ela e Grange se sentavam juntos na igreja, costumavam rir como menininhas bobas sobre seus hábitos absurdos, inclusive ir à igreja. Para os pastores e as carolas, os dois eram a temível personificação da blasfêmia. Mas as cenas que viam aos domingos eram engraçadas — a superioridade moral plácida e temente a Cristo de homens que torturavam os filhos e davam surras na esposa nas noites de sábado.

Capítulo 34

Josie viu os dois dançando certa vez, no pequeno casebre de madeira que Grange construía para Ruth brincar. Era o aniversário de dez anos da menina, vestida da cabeça aos pés com roupas novas. Josie ficou furiosa. Grange não lhe comprava roupas desde que haviam se casado. E não se dava ao trabalho de dançar com ela desde que Ruth tinha vindo morar com os dois.

— Que indecência! — gritou ela enquanto Grange e Ruth dançavam ao seu redor, ofegantes. — E seu coração já está todo cheio dos buraco!

Os dois continuaram a dançar, a música saindo como blues, da garganta rouca do avô. Quando Grange cantava, parecia sentir dor. Mas Ruth não sabia nada sobre a condição física de seu coração. Só sabia que ela estava dentro dele, e isso parecia bastar.

— O que que é isso que ela está falando do seu coração? — perguntou a menina.

Mas ele estava tomado por seu lamento. Ruth achava que o avô era um velho muito boa-pinta. Ele era alto, magro, tinha gingado. Quando dançava, era impossível saber se seu dia havia sido bom ou ruim. Ele fechava os olhos e gemia a música. Suas canções eram sempre feitas por ele mesmo; ela nunca as ouvia tocar no rádio. Eram melodias que a emocionavam; vê-lo dançar fazia com que ela se sentisse muito velha. Grange dançava como andava, como se tivesse mola nos joelhos. Quando bebia, sua dança passava por uma linha tênue entre hilaridade e vulgaridade. Ele se divertia. O coração dele, para Ruth, não era um órgão do corpo, mas a vibração em sua voz ao cantar.

Eles dançavam melhor quando dançavam sozinhos. E a dança ensinou a Ruth que ela tinha um corpo. E ela podia ver que seu avô

também tinha um, e era impressionante o que fazia com o dele. Grange lhe ensinava uma história desconhecida por meio de sua dança; ela via uma terra natal que jamais havia conhecido, sentia o batuque dos tambores. Dançar era uma corrente elétrica quente que se esticava, conectando-os com outros dançarinos em margens opostas dos oceanos. Através dos membros velhos e belamente flexíveis do avô, ela aprendeu como a graciosidade de seus próprios movimentos era maravilhosa.

Josie começou a deixá-los sozinhos todo domingo. Ela ia à cidade, para visitar Brownfield na cadeia. Grange nem tentava impedi-la, ou, se tentava, Ruth não sabia. Ruth, porém, ficou chocada com essa reviravolta. Era impossível imaginar que alguém fosse tão corajoso a ponto de querer visitar seu pai. Josie dizia que Brownfield tinha mudado na prisão, que, quando o vissem, mal acreditariam tratar-se da mesma pessoa. Ruth presumia que nunca mais o encontraria; até torcia para que ele morresse. Pelas coisas que Josie falava, ela começou a ficar com medo de que o pai fosse solto logo. Porém, conforme as semanas se passavam e as visitas de Josie se tornavam menos surpreendentes para ela, Ruth foi relaxando e aproveitando a companhia do avô, que, agora que Josie ocupava seu tempo assando galinhas e fazendo tortas para Brownfield, era todo dela.

— Já pensou no tanto que você é egoísta e mimada? — perguntou Josie à menina um dia, seu rosto estranhamente contorcido.

— Não entendi — respondeu Ruth.

Grange havia prometido levá-la ao cinema, e ela estava com pressa para se arrumar. Ela sinceramente não pensava em Josie como sua avó, e nunca, jamais pensou nela como esposa de Grange.

— Você não queria ir no cinema com nós? — perguntou Ruth, saindo correndo pela porta. — Não queria? — gritou, enquanto a picape se afastava.

Capítulo 35

O verão e o outono encontraram Ruth e Grange dedicados à tarefa terrosa e cheirosa da produção de vinho. Os dois tinham uma lista enorme de vinhos que sabiam produzir bem. Havia uma lista pequena dos outros que tinham dado errado. Durante a temporada de pêssegos, sementes e cascas eram guardadas e deixadas na vasilha marrom com água, onde ficavam descansando. Isso virava um vinho de pêssogo forte em setembro. Ou, quase no fim do verão, os frutos enormes restantes eram cortados ao meio, enfiados na tigela e deixados na água, tratados ocasionalmente e observados pelo menos uma vez por semana. Grange fazia o “tratamento” — bebia um pouco — e, na época do Natal, eles tinham brandy, com pedaços de pêssogo grudados nas laterais do copo. No verão, também faziam vinho de espiga de milho, branco, doce e frio quando deixavam as jarras no quintal durante a primavera; e vinho de amora e mosqueta, vinho de uva verde e, de vez em quando, vinho de ameixa. Ruth gostava de vinho quase tanto quanto Grange, e, uma vez, quando recebiam visitas, ela ficara enjoada e havia vomitado; tinha ficado bem óbvio para todo mundo que Grange não era o único bêbado na ocasião. Perto de ela completar nove anos, até Grange estava abismado com sua capacidade de beber vinho. Ela tentava fingir que não se afetava com isso, porque gostava tanto do gosto que queria tomar um copo cheio, como leite. Mas ele sabia como, pelo menos momentaneamente, evitar que a neta bebesse. Ele tirava o pote de onde eles o haviam escondido por último e o escondia em outro lugar. Mas essa precaução era ruim para ele, porque ele se esquecia do lugar novo e tinha que pedir a ajuda da neta para encontrar a bebida.

Ele bebia sem vergonha alguma, era um bebedor inveterado. Durante o dia, ocupava-se com uma caneca de dois litros, de vinho

ou licor de milho, não fazia diferença. Nos fins de semana, ele dobrava a dose habitual e, às vezes, não conseguia voltar para casa. Em duas ocasiões, ele tinha ficado caído na beira da estrada, no ponto onde o caminho para a casa começava, incapaz de seguir em frente. Nesses dias, quando o encontravam, ele dava sermões intermináveis e cansativos sobre os méritos da liberdade.

— Mim deixa aqui pra morrer que nem um cachorro! — blefava ele.
— Pros preto, é melhor morrer e ir pro inferno!

Elas o pegavam, Josie apoiando-o sob um dos ombros, Ruth indo atrás com uma vara, e o levavam para casa. Quando ele ameaçava cair na estrada, Ruth o acertava na parte de trás das pernas com sua vara. Ela sempre se sentia mais velha que Grange quando ele estava mal. Quando ele ficava sóbrio, ela lhe passava sermões, ignorava sua dor de cabeça, se recusava a buscar seu tabaco e, no geral, o ignorava, de forma que, na noite de segunda-feira, não só ele estava sóbrio e envergonhado, mas arrasado, morrendo de medo de finalmente tê-la assustado. (Afinal, Ruth era só uma *garotinha*, não entendia nada da vida, podia ficar com a impressão errada!) Ele achava que ela poderia finalmente se voltar contra ele. Então xingava a si mesmo por ser pai do seu filho e por correr o risco de a neta pensar que os dois eram iguais.

Ruth se lembrava de Brownfield quando Grange ficava bêbado; era como se as partes lacradas de seu cérebro fossem obrigadas a se abrir de um jeito doloroso, e ela novamente visse o demônio do ódio e da destruição em alguém que amava. Mas ela acreditava que Grange bebia por causa do filho assassino e por causa de Josie. Grange e a esposa agora raramente se falavam; a casa era triste por causa da frieza entre os dois. O incômodo que Josie sentia pela intrusão de Ruth sempre pairava no ar. Ruth também sabia que Grange havia tido outra esposa, Margaret, a quem jamais esquecera. Ele chorava sempre que falava nela (apenas quando bebia), e Ruth a odiava (mesmo estando morta por tantos anos) com todas as suas forças.

Mas os crimes de Grange, na sua opinião, só afetavam ele mesmo, e seu triunfo total sobre os fracassos da vida era a alegria que a atraía. Grange era um pecador, algo que ele não tinha pudor algum

em admitir, mas se doava. (Na época, ela não notava que o que ele doava, doava somente para ela.) E Ruth jamais poderia condenar a paixão que o avô dedicava aos outros.

Quando ele estava sóbrio, sentindo-se culpado e envergonhado, e quando Josie o atazanava antes de se arrumar para “visitar” alguém (geralmente Brownfield), e os dois ficavam sozinhos em casa, era como se uma mortalha pairasse sobre o lugar, mais espessa em torno da cabeça cinza e baixa de Grange, que só era erguida quando Ruth chegava perto ou levantava a cabeça do avó ao enfiar suas marias-chiquinhas sob o queixo dele com força, sem aviso prévio, às vezes até o machucando. E então os dois se abraçavam.

E daquela outra vida entre pai e filho, entre o velho que ela amava e o jovem que ela temia, do que Ruth poderia saber? Como poderia julgar? E Josie, e a vida de intimidade matrimonial que não cabia à menina ver, entender? Pelo que sabia, seu avô jamais tinha sido um pai, apesar do próprio pai dela. Brownfield e Grange se xingavam, sem respeitar a idade ou a juventude do outro. Talvez o amor de Grange tivesse uma lacuna. Como sua vida. E onde e como a violência havia começado? E que segredos Josie sabia? Como alguém tão jovem poderia compreender as safras de fraternidade destruída, um ódio duro como pedra, o solo queimado entre corações e o grito de vingança na alma de todos os envolvidos?

Capítulo 36

O começo de sua vida com Grange foi o começo de sua iniciação em um mundo de perplexidade e de um conhecimento de crueldade impessoal maior que tudo que conhecera na própria casa. Após sua longa depressão e tristeza passarem, exceto pelos breves momentos em que sentia lágrimas nas bochechas por nenhum motivo compreensível, seguiram-se conversas casuais porém enfáticas sobre indígenas e pessoas amarelas que viviam em casas com telhados que pareciam guarda-chuvas de cabeça para baixo. Ruth aprendeu pela primeira vez que havia um mar e que suas águas eram maiores que o condado de Baker. Ela escutava descrições de lugares com nomes estrangeiros, como Paris, Londres, Nova York. Além dos dias cheios e alegres de dança e fabricação de vinho, havia os dias dedicados a falar sobre grandes bombas, a escravização forçada de seus ancestrais, o rápido desaparecimento do homem vermelho; e as tendências predatórias naturais dos brancos, o povo que tinha causado tantos horrores.

Havia dias de descrições detalhadas da história dos negros. Grange recitava de cor os discursos que ouvira, as notícias e as palestras em esquinas da época em que vivia no Norte, tudo que já ouvira. Havia uma retórica fervorosa contra um país vago de mafiosos ricos chamado Estados Unidos. E, quando tinha idade suficiente para segurar uma arma, aprendeu a atirar em pássaros e coelhos. Se pudesse escolher, teria preferido fazer praticamente qualquer outra coisa. Mas coelho ficava gostoso com batatas, e pássaros eram parecidos com galinha. Mesmo assim, quase não havia entusiasmo de sua parte.

Ruth não conseguia entender a aversão que Grange sentia aos brancos. Mem a deixava brincar com crianças brancas, e, agora, na

casa do avô, havia umas maravilhosas, pensava Ruth, no fim da rua. Brincar com elas, porém, estava estritamente proibido. Pelo visto, aquelas crianças não eram, aos seis e sete anos, tão legais quanto pareciam.

— Por quê? — perguntou, rebelando-se e começando a morder as unhas, nervosa.

— Em primeiro lugar — disse Grange —, eles te roubou da África.

— *Eu?* — perguntou ela.

— Fica quieta — continuou ele. — Em segundo lugar, eles te trouxe pra cá acorrentada.

— Hummm? — murmurou ela, olhando para seus tornozelos levemente ruços, mas sem outras marcas.

— Em terceiro lugar, eles te bateu todo dia durante a escravidão e só te dava resto pra comer...

— Como o que a gente dá para Dilsey? — interrompeu ela.

— Couve — respondeu Grange. — É miúdo.

— Dobradinha? Eu acho gostoso. E gosto de couve também.

Eles faziam coisas ruins com mulheres. (Ela só tinha nove anos na época.)

— O quê? O quê? — perguntou Ruth, animada.

Eles são malvados.

Eles são diabos com olhos azuis.

Eles são seus inimigos naturais.

— Fique longe desses hipócrita, ou eles vai te destruir ocê.

— Eles não fez nada comigo, não, vai ver que cê se enganou — respondeu Ruth, brincando com seus botões.

— Eles que matou seu pai e sua mãe — disse Grange.

Pelo que Ruth sabia, seu pai continuava vivo, apesar de, às vezes, ela desejar que não estivesse.

— Eles não matou, não — disse ela, porque simplesmente não entendia.

Capítulo 37

Para Grange, seu filho estava tão morto quanto a mulher assassinada do seu filho. Se ele parasse por tempo suficiente para pensar que o filho continuava vivo, sua opinião não seria muito diferente: teria dito que ele não passava de um morto-vivo, um dos muitos que perderam a alma na selva estadunidense. O esgoto da vida de Brownfield se igualava ao nada. Agora na prisão pelo assassinato da esposa, Brownfield continuava a planejar maldades. Passava todos os instantes possíveis na presença da vilania. Sua única confidente era a mulher do pai. Grange considerava a possibilidade de Josie, ajudada por Brownfield, se voltar contra ele, tentando fazê-lo sofrer por negligenciá-la em prol da neta. Mas não passava muito tempo preocupado com esses pensamentos; Ruth precisava que o avô lhe ensinasse as realidades da vida. O que os conspiradores, sua esposa e seu filho, poderiam fazer contra ele, ou não, era algo com que se preocuparia quando chegasse a hora. Enquanto isso, observava Josie indo e vindo, ouvia o nome de Brownfield saindo dos seus lábios com frequência. Grange não ficava impassível, mas, como Josie um dia descobriria, ele era, por natureza, o homem menos ciumento do mundo.

• • •

Grange ficava nervoso por Ruth parecer interessada em Brownfield às vezes, atraída pelas mesmas qualidades que, ele sabia, a enojavam e assustavam. Na opinião dele, Ruth tinha revirado a imagem do pai em sua cabeça várias e várias vezes, como se ele fosse um grande enigma. Quando pensava nele, sua expressão era confusa, como se ela conhecesse uma porta muito bem, mas

descobrisse que não tinha a chave. Ele não gostava de se lembrar da noite em que foi correndo até a casa de Mem e encontrou Mem e as filhas amontoadas no meio do quintal. As outras meninas, Daphne e Ornette, tinham sido levadas por um missionário nortista de fala mansa (o pai de Mem) e sua esposa, que eram só queixos trêmulos e espanto. O velho ficou mais triste que a mulher, tão abalado com a tragédia que pretendia levar todas as crianças, apesar de não querer, até pouco tempo atrás, a mãe delas. Ruth não se deixou soltar dos braços do avô. E ele queria tanto ficar com ela que não tinha acreditado ser capaz de uma emoção tão forte. Não depois de tudo. No começo, Josie tinha achado graça do seu apego à menininha assustada. Ele nunca gostara *dela* tanto assim, dizia a esposa. E era verdade. Os motivos iniciais de Grange para se casar com Josie eram suspeitos, e ela estava certa em suspeitar. Sua fraqueza era amá-lo e ter ficado esperando por tanto tempo. Ela tolamente acreditou que, depois de voltar para ela, ele seria incapaz de errar.

Quando ele retornara do Norte, sabendo que, mesmo que ela não tivesse permanecido fiel, ela estaria esperando, não havia forma de ela compreender as mudanças que ele sentia. Quando atravessou o condado de Baker a caminho do Norte, Grange era um bebê em termos do seu conhecimento sobre o mundo. Apesar de saber que o mundo era difícil. Ele nem compreendia para onde estava correndo. Simplesmente seguia para o lugar que as pessoas diziam ser melhor. Josie não tinha meios de entender a repulsa que ele sentia pelo que encontrara naquele mundo, quanto precisava fugir da visão daquilo tudo. Ela não poderia compreender, assim como tantas pessoas como ela (pequenas, não viajadas, impulsivas), quanto ele odiava a ideia de ser dependente de um branco, ou brancos, de novo, como quase preferiria ser cego a ter que ver, mesmo que ocasionalmente, um rosto branco. Ele descobrira que, aonde quer que fosse, os brancos estavam no comando; eles mandavam em Nova York como mandavam na Geórgia; no Harlem, como em Poontang Street. Se tivesse levado Josie junto, como tinham planejado, talvez ela compreendesse. Havia duas coisas, e apenas duas, que ele queria ao voltar para o condado de Baker. Independência dos brancos, completa e irrestrita, e esquecimento das partes do mundo que escolhesse. Para essa segurança, precisava do dinheiro de Josie. Josie pensava que era seu amor por ela que o fazia buscar tanta

privacidade. Achava que ele precisava ser dono de uma fazenda isolada para poder aproveitar mais os seus charmes. Sua vaidade sempre era provinciana e elevada.

Grange tentara inúmeras vezes iniciá-la nos ódios do mundo, nos ódios irreprimíveis que ele continha, com dificuldade, dentro de si. Uma vez, lhe contara sobre um assassinato (ou suicídio) que causara, e ela ficara horrorizada. Tão horrorizada por a vítima ser branca quanto ficaria caso tivesse sido negra. Ele não conseguia fazê-la entender que havia uma diferença.

— Uma vida vale tanto quanto a outra — disse Josie em um tom religioso, sua mulher gorda e adúltera, que tinha sido estuprada aos dezesseis anos e nunca se vingara.

— E tudo que eles fez com a gente?

— Como você teve coragem de fazer uma coisa dessa?

— Olho por olho. De todo jeito, cê sabia que larguei minha mulher e meu filho. Eles podia ter morrido de fome. E cê nunca que abriu a boca pra reclamar dessas coisa!

Josie baixou a cabeça.

— Isso foi um pouco diferente — disse ela.

— Por quê? — disse ele. — Porque largar minha família queria dizer que você ia se engraçar com nós *dois*?

Josie começou a chorar.

— Que Deus tenha *piedade* docê — soltou ela, com o queixo tremendo.

— Já tá passando da hora dele ter — rebateu Grange —, já tá passando da hora!

Agora, enquanto tentava ensinar à neta como o mundo funcionava, e ela resistia, ele se lembrava de seu próprio aprendizado em partes estrangeiras do mundo. Porque, apesar de odiar aquele lugar tanto quanto qualquer outro, o local onde nascera sempre seria seu lar. A Geórgia seria seu lar, e todos os outros lugares eram estrangeiros.

— Se você não gosta deles, Grange — disse sua Ruth —, se não gosta deles mesmo, acho que já tinha era dado um tiro na cabeça de uns cinco ou seis!

A imaginação dela sobre o que estava além de sua realidade deturpada era inspirada por faroestes da televisão. De acordo com eles, se alguém não gostasse dos sujeitos no cavalo branco, desafiava-os para um duelo. Esse alguém sempre ganhava, é claro, e uma criança de dez anos era muito rígida com a aplicação das regras.

— Tem muito mais deles do que de eu.

— Quantos?

— Bilhões.

— Wyatt Earp, uma vez, atirou em cinco homem que tava atrás dele. Tinha um no telhado do *saloon*; outro na porta do *saloon*; outro no meio da rua, detrás de uma carroça; e o outro detrás dele, escondido detrás da esposa. Quanto que dá isso tudo?

— Dá gente demais na vida real.

— Mas *no fundo* você é bom, Grange, e ia sobreviver.

Diante de tamanha confiança, seus atos contra a injustiça não apenas pareciam insignificantes, e inúteis, e egoístas, mas também *covardes*.

— Será que *Ele* não gosta deles também?

Ela parecia confusa. Sempre que falava do pai, usava Ele com E maiúsculo, como se falasse de Deus. Às vezes, como agora, ela o odiava e o respeitava ao mesmo tempo.

— Sabia que fugi da sua avó uma vez, muito tempo atrás? — perguntou Grange outro dia.

— Ela estava se comportando de um jeito *engraçado*, tipo a Josie?

— Como assim?

Ele ficou surpreso ao ver que uma criança tão nova podia ser tão *pouco* cega.

— Ah, cê sabe. Eu ia fugir também. Ela era uma inútil!

— Ela não era inútil — disse ele com gentileza. — Era uma mulher bonita e queria umas coisa boa do mesmo jeito que as mulher bonita quer, e, quando não conseguiu ter elas, aí ficou procurando alguma coisa emocionante acontecer pra se distrair. Eu também queria as mesmas coisa, então, depois de muito tempo sem poder ter nada bonito nem emocionante, a gente só ficava feliz quando brigava. — Grange olhou por cima da cabeça da neta. — Trabalhei pra um velho branco que ia ter me esfolado vivo se o couro preto tivesse valendo um preço bom.

— Ah! — disse Ruth, dando um passo para trás.

Ele sabia qual era o problema.

— Espera só pra você ver quando crescer. Aí cê vai ver só. Vai odiar essa gente do fundo das suas tripa, esse povo branco!

— Ocê coloca a culpa de *tudo* nos branco! — disse ela, falando mais alto. — Ocê é tão ruim quanto Ele! Ele matou...! — Ruth não conseguiu continuar; lágrimas furiosas enchiam seus olhos.

— Vamo ver as armadilha — disse Grange, fingindo não ver. Ele pegou a arma.

— Os branco não matou minha mãe — disse ela por fim. — Ele matou!

— Não vou dizer que você tá errada de tudo — disse ele, pendurando a arma no ombro da neta. — Se existe uma cobra que mata minha teoria, é seu pai.

— Conta uma coisa muito ruim que você fez.

Ruth ficou um pouco mais calma com a caminhada lenta pela floresta à procura das armadilhas.

Ele tinha medo de todas as suas discussões acabarem assim, e como não podia arriscar perdê-la, jamais poderia lhe contar. Se não pudesse reforçar suas palavras sobre luta com atos reais que tinha cometido e batalhas vencidas, como poderia lhe ensinar sobre o ódio necessário? O ódio que significaria a sobrevivência dela. Ele ficou com vergonha de si mesmo. Aquela era sua fraqueza, a certeza de que a neta acreditava que ele era bom. Ela sinceramente achava que ele era incapaz de cometer uma maldade real, de assassinato, que, na sua opinião, sempre seria o crime inimaginável. Ela não teria pena de ninguém que tirasse a vida de outro ser humano. E, mesmo assim, ele não era inocente, ele tinha, depois de aprender, vivido segundo seu código. A resistência que escolheu estava ao redor. Até ela fazia parte disso. Ele perdera a inocência, a ingenuidade, todas as suas melhores qualidades. Ele descobrira, como Ruth deveria, que a inocência e a ingenuidade são qualidades inúteis na selva, ao contrário de dentes fortes e garras.

— E aí...? — começou ela.

— Teve uma época... — disse ele, e parou.

Devagar, Grange balançou a cabeça. Todos os seus anos de violência e inflexibilidade giraram por sua mente, como pedaços de papel sujo com datas e imagens. Sozinha, emergindo do vasto mar

de detritos criminosos, surgiu a memória de uma noite, havia muitos anos.

Foi na primavera de 1926 que ele deixara a esposa, Brownfield e o bebê, Star, e seguiu para o Norte. Havia passado várias semanas com Josie no Dew Drop Inn até o “amor” possessivo e a alegria dela pela morte de Margaret começarem a lhe dar nos nervos. Sim, ele ficara sabendo da morte de Margaret no dia seguinte, e mesmo assim não voltara para casa. Porém a notícia tinha sido difícil, e ele se perguntava e se preocupava com Brownfield. Mas sentia que precisava seguir para o Norte. Estava determinado a viver livre, e isso significava que nem Josie, especialmente Josie, poderia ir junto.

No meio daquele verão, tendo trabalhado, implorado e roubado em sua viagem para o Norte, chegou a Nova York. Entre os rostos congelados e os prédios imóveis, ele era apenas outro zé-ninguém faminto que seguia para o Harlem. Por alguns meses, viveu na ilegalidade. Ele logo se viu fazendo coisas que nunca sonhara em fazer; vendeu drogas e uísque contrabandeados, e produtos roubados; vendeu mulheres negras para homens brancos, os únicos da época que pareciam ter dinheiro para tais prazeres. Todas essas atividades eram difíceis no começo, porque, conforme seus comparsas declaravam, ele não passava de um caipira miserável. Por sorte, sua caipiragem não o impedia de aprender novos truques. Ao contrário de alguns migrantes infelizes do Sul, ele não passou fome, apesar de chegar perto disso.

Grange fora para o Norte esperando encontrar as ruas pavimentadas com aquele ouro, algo que se tornara um clichê para os negros que vieram antes e já entendiam a realidade, mas que continuavam voltando para casa todos os verões e espalhando os mesmos velhos boatos. Ele esperava ser bem-recebido e apresentado aos arredores. Com a inexistência das ruas de ouro, logo se acostumou. Mas a falta de simpatia, a ausência de pessoas conversando pela rua? Nunca. Grange não era mais, talvez, visto como apenas uma “coisa”; o que lhe parecia mais cruel era que, para a gente que conhecia e por quem passava diariamente, ele nem existia! O Sul o deixava infeliz, com os nervos à flor da pele com a vigilância contínua de olhos desdenhosos, mas que *sabiam que ele estava lá*. O desdém em si era prova disso. O Norte o colocava em uma solitária, onde precisava criar seus próprios olhares hostis para

conseguir enxergar a si mesmo. Então por que continuavam fingindo que ele não estava lá? Todos os dias, ele precisava repetir seu nome para si mesmo várias e várias vezes, para calar o silêncio.

— Grange. Meu nome é Grange. Grange Copeland é meu nome.

Ele tinha matado uma mulher com um bebê na barriga um dia, quando sentia uma dor insuportável de tanta fome. Estava mendigando no Central Park, mal escapando de ser preso pela polícia montada. A noite caía depois de um dia ensolarado de inverno. Ele se agachou embaixo de um arbusto, esperando o parque se esvaziar dos ciclistas, pedestres e velhos, que, esquecidos pelos filhos mas pelo menos bem-vestidos e bem-alimentados, passavam os dias lá quando havia qualquer sinal de sol no parque animado.

Ele estava em Nova York havia três anos e meio na época e usava o único conjunto de roupas quentes que conseguira roubar. Ele tinha se tornado um bom ladrão e, apesar de algumas surras “por suspeitas” (nunca por coisas que fizera) da polícia, jamais fora pego. Em vários momentos torcera para ser preso e condenado, apenas para ter comida, se manter de banho tomado e aquecido, mas sua sorte, assim como sua necessidade de ser livre, o tirara do perigo daquela “segurança” e o levava para outro tipo, que se adequava à sua personalidade até certo ponto, mas acabava com sua mente.

Agachado no mato, silenciosamente massageando os dedos para que não ficassem nem permanecessem rígidos, ele ficou de olho na mulher frágil e enorme de grávida que sentava em um banco diante do lago. Ela estava lá havia muito tempo, obviamente esperando alguém. Grange não viu aliança em seu dedo. A cada minuto, a mulher parecia estremecer, mas ele não sabia determinar se era por frio ou exaustão. Ela usava um pesado casaco azul, um pouco desbotado, e botas pretas provavelmente forradas com pelo. Seu cabelo era muito curto e de um louro quase branco. O rosto era largo e, pelo que ele conseguia ver, muito pálido e cansado, apesar de os lábios, em contraste com o rosto branco, serem incrivelmente vermelhos. Quando a viu mais de perto, notou que eram pintados de vermelho, com o batom saindo muito dos limites de seus lábios naturais, de forma que era impossível dizer onde sua boca natural terminava, além de estarem vermelhos de mordidas, inchados e intumescidos, parecendo inflamados.

Grange ficou fascinado com a gravidez, e aquela barriga enorme causou um misto de lembranças doces e dolorosas. O processo criativo era imenso, pensou ele. Um milagre. Porém, quando pensou na barriga de Margaret, caretas amarguradas forçaram caminho até seus lábios.

Enquanto ele tremia agachado, soprando nas mãos, um soldado alto e musculoso, também muito louro, se aproximou da mulher, e os dois se abraçaram. Eles andaram de um lado para o outro do lago por vários minutos, com o homem esfregando as mãos dela e assoprando em suas orelhas. O parque estava quase deserto. Um guarda passou e sorriu ao ver os namorados. Grange pensou que, também para o guarda, eles deviam parecer *tão reais*, tão parecidos com alguém que poderiam ser você mesmo.

Logo, os dois sentaram no banco diante do lago. O soldado, depois de olhar bem ao redor, tocou o topo da barriga grande com cuidado, e a moça sorriu. Grange se aproximou de fininho do banco, sem entender por que, exceto que se sentia atraído por aquela vida que começava, e atraído pelo olhar de amor no rosto do casal. Pelo menos achava que parecia amor. Ele esqueceu a fome por um tempo, enquanto observava os dois se beijarem no cair da noite. Beijos comportados eram trocados, como adequado para futuros pais que talvez nunca se casassem. Mas o rapaz, com a luz dos postes do parque brilhando sobre seu cabelo dourado, tirou um objeto prateado do bolso. Ele o ergueu por um breve instante na luz. A moça permaneceu sentada com o rosto radiante, calma, alegre, mas, sentia Grange, chorando, enquanto o rapaz colocava a aliança em seu dedo. Ele disse algumas palavras tensas enquanto segurava as mãos dela, e a moça virou a cabeça de cabelo curto sobre o corpo pesado e o encarou, incrédula.

— Por quê? — gemeu ela.

E o som agudo, extremamente magoado de uma mulher traída tocou seu ouvido. Grange observou os dois brigando agora, a garota tentando jogar a aliança prateada no lago. O rapaz a impediu, e, finalmente, teimosa, ela jogou o anel no chão entre seus pés. Os dois ficaram em silêncio, sem tentar pegá-lo. Pelo que Grange conseguira escutar, parecia que o rapaz já tinha uma esposa. Logo, olhando para o relógio, o soldado se levantou para ir embora e tentou dar um beijo na testa dela. A moça desviou a cabeça.

Ele parecia alto e corajoso e honrado em sua farda. Talvez fosse por isso que o rosto da garota exibisse um sorriso de desprezo. Grange viu o sorriso de escárnio quando ela desviou seu rosto do rapaz. Viu seu perfil abatido, cruel, distante. O homem cutucou o anel com o sapato, murmurou alguma coisa (talvez sobre seu valor) e, com relutância, pegou a carteira. (Será que ela dissera que jogaria qualquer anel que viesse dele no lago?) Grange nunca vira tanto dinheiro junto; o rapaz pressionou um bolo gordo na mão mole da garota. Pelo perfil que estava virado para Grange, uma lágrima deve ter escorrido, pois uma pequena mão branca e magra logo esfregou a área perto do olho, descendo para o queixo.

E, agora, ele virava de costas, e ela não olhava para nada, apenas distante. Seus olhos se afastaram do lago e voltaram para as árvores e as altas pedras duras. Quando ele saiu de vista, a moça olhou na direção que ele seguira, mas o anoitecer já transformara em ar vazio o último vestígio de sombra do corpo forte do rapaz. Ela começou, baixinho, a chorar. Então fungou, e os soluços surgiram fortes e rápidos, como se a moça quisesse e acreditasse que poderia, se tentasse, chorar até morrer, e, se não até morrer, até cair em um sono profundo e desmemoriado.

Grange tinha observado a cena se deteriorar do auge da felicidade ao fundo do desespero. Foi o primeiro episódio sinceramente humano que testemunhava entre gente branca, quando não estavam empinando o nariz para dar informações erradas aos empregados. O coração dele doía de pena da moça, assim como do soldado, cujo rosto, naqueles últimos segundos, também não deixara de exibir sua tristeza. E, agora, a mulher, que talvez fosse normalmente orgulhosa, ficou sentada ali, chorando copiosamente — mas apenas porque achava que estava sozinha. Lá permanecia ela, nua, seu ventre grande servindo como seu próprio túmulo. Ou pelo menos devia ser isso que lhe parecia, porque, entre as lágrimas, ela apertava as duas mãos contra a barriga, como se quisesse arrancá-la e jogá-la no lago.

Grange resolveu falar com ela e oferecer qualquer ajuda que pudesse dar, pois temia que a moça acabasse adoecendo com tanto choro e passando tanto tempo na friagem. Porém, de repente, quando ela aparentemente concluiu que tinha chorado o suficiente, ela parou, assoou o nariz e secou os olhos. Muito contida. Ele quase conseguia ver seus traços se acomodando no tipo de rigidez

arrogante que escondia a última meia hora. O rosto dela se transformou em algo que se recusava a ser marcado pelo sofrimento. Grange sabia, mesmo antes de vê-los, que seus olhos não teriam vida, que os lábios e as bochechas e as velhas rugas de risadas usadas no passado seriam os únicos a formar seu sorriso de agora em diante. Ele achava que ela não se arrependeria disso.

Por algum motivo, aquela acomodação na impenetrabilidade, em um santuário contra novos sofrimentos, ela lhe pareceu mais patética do que suas lágrimas. Ao mesmo tempo, sua bravura gélida diante do abandono do amado era característica dos brancos americanos. Nenhuma melancolia ficaria aparente naquela proteção das aparências. Era algo que demonstrava uma ausência de pena de si mesma (e Grange tinha a firme convicção de que o eu interior com frequência precisava de um pouco de pena empática), que também significava menos empatia pelas tragédias básicas que ocorriam na situação humana. Para ele, a moça parecia ser o tipo de mulher capaz de criar dez filhos para serem mortos na guerra, enviando-os com uma quantidade mínima de lágrimas por vez, juntando uma pilha de bandeiras como prova de sua própria coragem.

Como ele esperava que ela reagisse? Realmente não sabia. Tremendo, ele foi até a cerca verde baixa e deu a volta no arbusto. Ela estava se levantando para ir embora. O anel prateado continuava na terra amassada diante do banco. O dinheiro, ela deixara escapular dos dedos, sem se importar. As notas balançavam, dobradas no meio, em uma pequena pilha verde e reluzente. Grange teve dificuldade em notar qualquer outra coisa depois de ver que o dinheiro estava prestes a ser abandonado e que não era de mentira. (Notas de um verde tão sedutor não poderiam ser falsas!)

Ele roubara tanto e de tantos em Nova York que o roubo se tornara uma ferramenta útil e rápida para ser usada quando quisesse, parecida com um segundo idioma. Ele conhecia truques, e conhecia histórias tristes (infelizmente, mais verdadeiras do que mentirosas) para derreter o coração de suas vítimas (se fosse pego), e conhecia a esperteza, e conhecia a violência. Ele teve poucos escrúpulos em roubar antes, mas, agora, quando era apenas uma questão de pegar tudo, sentia uma hesitação completamente sem precedentes.

A mulher caminhava pela beira do lago, um pouco distante, quando ele pegou o anel e o dinheiro, e contou as notas. Sua respiração saiu

em um suspiro alegre de descrença quando contabilizou setecentos dólares em notas de cem e vinte. Em sua animação, ele desabou sobre o banco e apoiou a cabeça no encosto. Estava zozzo de fome, e seu corpo mal conseguia aguentar a animação sem desmaiar. Ele lutou contra a tontura e o enjoo, trincando os dentes com força e apertando a mão esquerda com a direita. O dinheiro, como um pesado sapo de papel, parecia pular dentro do bolso do casaco, mas era seu coração batendo contra o peito e abafando todos os outros sons. Grange se levantou rápido para procurar a mulher; sentado, não conseguia vê-la, mas, de pé, notou que ela havia parado a certa distância, na parte funda do lago, e que permanecia lá, parecendo ser soprada pelo vento — talvez os olhos cansados dele a fizessem balançar. Seu primeiro pensamento foi sair correndo o mais depressa possível, sair tão rápido do parque quanto suas pernas trêmulas permitissem. Ele já tinha a impressão de escutar dois guardas do parque fazendo a patrulha por perto, a cavalo. Mas havia algo tão comovente, tão triste, tão infinitamente patético na cena que testemunhara, que ele se viu incapaz de desaparecer. Em vez disso, em uma questão de segundos, seus pés se voltaram na direção da moça.

Todos os pensamentos sobre sua aparência desganhada e suja, sua barba grande e axilas e hálito fétidos tinham desaparecido na sua primeira experiência com a fome. Ele não cogitou a possibilidade de que a mulher poderia se incomodar com o odor desagradável de seu corpo nem com um vagabundo preto aparecendo do nada para consolá-la. Devia ter pensado nessas coisas, pensou ele depois, quando a mulher e o bebê já estavam mortos. Mas não o fez naquele momento; na verdade, na hora, não conseguiu pensar em nenhuma diferença significativa entre os dois. A tristeza igualava todos os seres, refletiu Grange, indo atrás dela.

Com rapidez, ele dividiu o dinheiro; daria trezentos para a moça e guardaria quatrocentos. Ela também poderia ficar com o anel.

Ele se aproximou com cuidado, olhando pelo seu ombro a intervalos de alguns passos para garantir que a polícia não estava por perto. Parou a um metro dela e, imitando-a, encarou o lago. Aos poucos, porque começara a ficar na dúvida sobre o que pretendia fazer, foi se aproximando, centímetro por centímetro, com uma indiferença estudada.

Naquela época do ano, apenas o meio do lago não congelava; as extremidades próximas à margem estavam brancas com neve. Era uma visão triste; as folhas caídas tinham parado nas bordas da água e se transformado em um tipo de lama texturizada, o gelo impedindo-as de se desintegrar por completo. Havia pouco na paisagem que não fosse deprimente. A noite era cinzenta e fria; as luzes do parque ofereciam apenas um brilho, sem qualquer calor ou alegria.

Como a mulher estava contra o vento, logo notou sua presença. Colocando a mão discretamente na ponta do nariz e encarando-o com o típico olhar nova-iorquino que nada vê, ela começou a andar.

— Moça? — chamou Grange, esticando uma das mãos.

Ela fingiu não ouvir, mas parou sobre uma pequena plataforma que se projetava sobre o lago. Ele parou embaixo dela, observando-a, segurando o dinheiro e o anel.

— Licença, moça — disse ele, e, mecanicamente, seu braço tirou o chapéu de sua cabeça. — Encontrei isso daqui lá debaixo do banco e queria saber se...?

A mulher tinha se tornado realmente branca como papel, e seus olhos exibiam o nervosismo frio de um grito habilidoso prestes a sair.

— Não! — berrou ela, rápido, esticando um braço magro para trás e para cima, como se estivesse pronta para afastá-lo e lhe dar um tapa. — Não é meu.

De repente, ela deu as costas para ele, esperando que fosse embora.

— Mas é seu, sim — disse Grange, paciente, com um dos pés erguido nos degraus da plataforma, apoiando o maço de notas contra o joelho. — Eu vi quando aquele soldadinho te deu procê.

As costas pequenas se enrijeceram. Se não estivesse tão frio, Grange teria jurado ter visto, no breve instante em que ela se virou de novo, um rubor intenso. Em silêncio, ele permaneceu trêmulo atrás dela.

— Passa pra cá! — exclamou ela, ríspida, virando e o encarando de cima a baixo, com fúria.

Grange entregou o dinheiro, junto com o anel. O anel foi depositado na grade, o dinheiro foi contado.

— Está faltando — disse a moça. — Eu quero tudo! Você não vai ficar com nada; prefiro jogar tudo no lago a deixar você fugir com o dinheiro!

Ela arremessou uma nota de vinte no lago, seus lábios pintados formando um sorriso arqueado enquanto observava Grange instintivamente buscá-la no gelo. Quando ele se empertigou de mãos vazias, ela riu.

— Mas que cabeçudo — disse a moça, e riu de novo.

Grange engoliu em seco. Ele odiou toda a raça dela enquanto aquela mulher permanecia parada diante dele, grávida, sem aprender nada com a própria dor, impotente, exceto diante de alguém mais fraco, divertindo-se com uma vingança que destruía todos os possíveis laços de compaixão entre os dois.

Ela ficou parada lá, como uma grande vaca loura grávida deificada. Não era bonita, mas uma mera cópia padronizada e elogiada da beleza. Ela fora abandonada, mas acreditava ser infinitamente apreciada e desejada. Por alguém. Ela não era superior, mas acreditava ser muito melhor que ele.

— Me dá o dinheiro, crioulo safado — disse a moça com um tom ameaçador, aproximando-se.

A língua de Granger tinha travado de tanta raiva.

Se ela encostar em mim, vou tirar esse pirralho branco da barriga dela!, pensou ele, cruel, observando o rosto branco quase transparente se aproximar do seu. Ele sentiu, como se estivesse dormindo, uma dor aguda na perna, acima do tornozelo. Precisou encarar o rosto contorcido da mulher e seus olhos impiedosos para acreditar que ela o chutara.

Mil tambores eram esmurrados atrás de suas têmporas. Sua garganta estava seca. Seus olhos, turvos de fome e fadiga, estavam vermelhos e selvagens quando, com uma investida, ele caiu sobre ela, levando-a ao chão de pedra da plataforma. Ela começou a gritar enquanto ele a segurava pelos ombros e a sacudia, por fim arrastando-a lentamente. Sua fome reduziu a raiva, e ele não conseguiu bater nela. Reviveu suas antigas frustrações na plantação enquanto a mulher ficava parada ali, estoicamente, xingando-o. Ela não tinha medo dele. Parecia surreal que continuasse chamando-o de crioulo safado quando ele poderia desafiá-la a lutar pela própria vida.

Com o equilíbrio recuperado, a mulher tentou pular da plataforma para a grama. Ele estava parado nos degraus, e ela não queria “se dar ao trabalho” de mandar que saísse de lá. Ela sabia que o ponto fraco dele seria apenas um grito seu e não estava com medo, só

sentia desprezo. Chamaria a polícia para pegarem o dinheiro, e isso lhe ensinaria uma lição. Com um erro de cálculo sobre a distância e o peso de seu corpo enorme, a mulher caiu no lago e atravessou o gelo. Grange permaneceu mudo e imóvel, mas imediatamente correu pelos degraus rasos para tentar alcançá-la da margem. Em menos de um segundo, ele se lembrou de como riu quando o avô admitiu ter ajudado os “patrões” e as “patroas” brancos a saírem das casas em chamas. Agora, percebia que salvar e preservar uma vida era instintivo, não importava de quem era a vida que você tentava salvar. Ele esticou o braço e quase a tocou. Ela impulsionou a pequena mão branca e agarrou a sua, mas soltou ao sentir que era *dele*. Grange afastou sua mão marrom suja e a encarou. A mulher lutou contra o gelo, a fim de voltar para a beira do lago, mas o gelo prendeu suas roupas, e ela ficou agarrada na lama funda que a sugava, perto da margem íngreme. Quando deu a mão a ele de volta, ele a encarou, pensativo, virou-se de costas, juntando depressa o dinheiro espalhado. Finalmente, a mulher afundou. Ela o chamou de “crioulo safado” com seu último fôlego enojado.

Enquanto saía do parque, ele viu a polícia montada seguindo na direção do lago.

— Você *aí*, saia logo do parque!

— Você não sabe que não devia estar aqui a essa hora?

— Sim, senhor — disse Grange, ajeitando uma mecha imaginária de cabelo. — Eu já tava era indo, patrão.

Os dois homens riram, zombeteiros.

Ele pensava com frequência naquela moça; na verdade, ela e sua barriga protuberante o assombravam. Provavelmente ele teria puxado qualquer outra mulher (ou até outra piranha grávida) para a segurança sem se importar com quanto ela o temia ou o desprezava ou o odiava ou *fosse lá* o que aquela mulher sentia com tanta intensidade. Porém fazia questão de encarar a forma como se recusara a salvá-la. Era provável que o desprezo dela tivesse sido a última gota; nunca mais Grange se importaria com o que acontecesse com qualquer um deles. Aquela moça talvez fosse a única que ele sentenciaria à morte. Grange matara mil, dez mil, um país inteiro

deles em sua cabeça. Ela fora a primeira, e provavelmente seria a única de verdade.

A morte da mulher era um simples assassinato, pensou ele, e condenara sua alma; mas, de um jeito estranho, de um jeito bizarro, aquilo o libertara. Sentia, de alguma forma, que tinha recebido uma compensação por sua vida desgraçada. Tirar a vida daquela mulher — e impedir a vida do filho dela —, tirar a vida dela, não tirar seu dinheiro, dera-lhe forças para tentar viver de novo. Grange acreditava que, contra sua vontade, havia se deparado com o ato necessário que homens negros devem cometer para recuperar ou produzir sua masculinidade, seu respeito próprio. Eles deviam matar seus opressores.

Ele nunca parou de acreditar nisso, apenas acrescentando à sua crença, anos mais tarde, que se alguém mata, não deve fugir da morte na sua vez. E isso, descobrira, era a parte mais difícil, já que, depois de libertar sua masculinidade reprimida ao matar aquilo que a reprimia, você era tomado pelo desejo mais entusiasmado de viver!

Depois de sair do parque naquela noite, ele esperou que um fim o encontrasse. Estava e não estava pronto para isso. Sentia-se livre e liberto pela primeira vez na vida. Queria ver mil amanhãs! Pois, talvez por ter, ao mesmo tempo, matado e não matado a mulher (ela decidira não aceitar a ajuda que ele oferecia, racionalizou ele), ele não sabia se sua própria vida seria exigida. Mas sua exaltação tinha um quê de estar pronto para morrer. Como um pecador, depois de ver a face de Deus, aceita imediatamente que vai encontrá-Lo, sem querer continuar com seu passado sórdido e destruir sua fé.

— Ensina eles o ódio! — gritava ele para cima e para baixo das ruas do Harlem, os olhos vítreos tomados por sua nova religião. — Ensina eles o *ódio*, se ocês quer que eles sobreviva!

Mães, abrindo caminho pela Lenox Avenue com meia dúzia de crianças negras, viravam-se para encará-lo com olhos desanimados. As crianças riam dele como se compreendessem a complexidade divertida de tudo.

Na frente das igrejas, ele atrapalhava os cultos.

— Não ensina eles *amar essa gente*! — gritava. — Ensina eles o ódio!

Os pastores negros, de vozes aveludadas, e as irmãs bege e cheias de maquiagem (e perucas elaboradas) o encaravam com um

ar de superioridade horrorizado.

— Diáconos, leva esse pecador bêbado pra *fora* daqui! — gritavam os pastores. Os parasitas!

Os diáconos explorados, com piedosas mãos calejadas que surravam as esposas até a morte quando não conseguiam alimentá-las, aproximavam-se com uma expressão pesarosa.

— Você está de *cara cheia*, irmão? — perguntavam com gentileza.

— Melhor ir *dormir* até passar!

Nenhum deles ganhava o suficiente para dar carne aos filhos no jantar de domingo.

— *Ame* o teu próximo — sussurravam. — Faz o *bem* pra aqueles que se aproveita de você.

— A gente *amava* eles — sussurrava Grange de volta, sua voz se elevando para competir com as notas melancólicas do órgão da igreja. — A gente *ainda* ama. E, pelo amor de Deus, esse negócio tá *matando* nós! Já matou *ocês*.

Os diáconos bondosos o acompanhavam até a rua, incentivando-o com palavras apaziguadoras a ter bom senso. Grange os odiava com uma frustração enorme. Amar o próximo branco no Norte ou no Sul não levava a nada além de mais cabeças bitoladas e crianças insolentes. Mas eles ousavam entender por que não amavam a si mesmos e só sentiam raiva das próprias crianças? Não, não ousavam.

— Um dia, o ódio que a gente sente deles vai unir a gente — gritava Grange da esquina da Seventh Avenue. — Vai ser o único remédio. No fundo do nosso coração, a gente já odeia eles. Eu tô dizendo pra gente deixar de esconder isso e ensinar os pequeno. Se vocês ensinar os pequeno tudo, eles não vai ter que aprender na escola da vida.

— O ódio faz mal para a mente do homem — disse-lhe alguém.

— O homem não vive só com a mente — rebateu Grange. — Ele vive com a boca e com a barriga. Ele vive com o orgulho e com o coração. Esse homem tem que comer. Esse homem tem que dormir. Esse homem tem que conseguir cuidar da própria vida. Se ocê tá falando que o amor pode arrumar essas coisa pro homem, então vai lá e tenta; mas o amor não ajudou *a gente* em nada nesses ano. Se o amor é tão bom assim pra cabeça desses *drogado* e desses matador que não sai daqui da rua, ele deve de estar demorando pra fazer

efeito nessa gente. Já que tem *tanto* drogado e matador, e nem todos é criança!

“Se você quiser continuar ensinando seus filho essas coisa cristã de um Cristo de cabeça branca, fica à vontade — mas *eu*, e depois *você* —, a gente vamos ter que mudar pra algo diferente! E como o ódio cresce nocê, é ele que tem que sair, e agora na direção certa!”

Ele era como um leão domado que finalmente sentia o gosto de sangue. Não havia mais qualquer motivo para não se rebelar contra pessoas que não eram deuses. Sua agressividade, que antes descontava apenas na esposa, no filho e nos amigos mais próximos, agora se firmava no mundo real e hostil. Por semanas após o incidente no lago, ele brigou com mais italianos, poloneses, judeus (todos brancos; ele não entendia a diferença entre suas culturas e, se “agissem feito brancos”, lhes dava um soco no nariz!) pelo Harlem e nos arredores do que imaginava viverem por lá. E em meio a essas brigas também sentiu o gostinho da doce afluência de sangue corretamente direcionado na fúria que proclamava sua liberdade, sua masculinidade. Toda cara que arrebatava, arrebatava em nome de sua doce esposa.

Mas em pouco tempo ele percebeu que não podia brigar com todos os brancos que encontrava. Nem estava mais interessado nisso. Cada homem teria que se libertar sozinho, pensava Grange, e da melhor forma que conseguisse. Por enquanto, iria se excluir completamente deles, encontraria um abrigo, construiria uma vida em que não precisaria notá-los, e estaria sempre preparado, com sua vida, para defendê-la, para protegê-la, para mantê-la longe dos brancos, intacta.

E, assim, voltara para o condado de Baker, porque era o seu lar, e para Josie, porque ela era a única pessoa no mundo que o amava, e porque ele precisava de muito mais dinheiro do que tinha para comprar a base do seu refúgio.

Josie, que vivera tanto tempo com a esperança do amor dele, foi convencida, pelo amor que sentia, a vender seu adorado sustento, o Dew Drop Inn. Com o dinheiro dos dois, Grange comprou uma fazenda. Uma fazenda afastada da cidade, fora da estrada principal, escondida atrás de pinheiros e carvalhos. Ele fazia o próprio pão, fermentava o próprio vinho, curava a própria carne. Finalmente, estava livre.

Mas sua liberdade teve um preço. Havia Josie, aprendendo todos os dias que mais uma vez fora usada por um homem e descartada depois de ele ter garantido seu objetivo. Grange se aproveitara dela, e o pensamento o incomodava, e, por fim, começou a valorizá-la pela primeira vez. Tinha um grande coração, era generosa; era capaz de amar apesar de tudo que dera errado em sua vida. Mas então viera Ruth, invadindo seu amor crescente por Josie, sua aceitação da bondade e adoração verdadeiras da mulher. Ruth, que precisava dele e que era tão pura e irresistivelmente inocente, da mesma forma como, por infelicidade, Josie não era. Ele se sentia dividido, querendo reconfortar o velho, mas se sentindo responsável pelo novo. E então houvera Brownfield, outra vez. E apesar de ele ter perdoado Josie em uma ocasião (realmente, não por amor, mas por ganância e conveniência) por sua ligação com o filho, não sabia se conseguiria perdoar-lhe novamente. Josie e Brownfield queriam vingança pela indiferença dele; mas será que até nisso a culpa era sua?

— Cê não é egoísta — disse Ruth enquanto se inclinava para tirar um pequeno coelho de uma armadilha. — Cê nunca roubaria. Até seus palavrão são inofensivo. — Ela riu enquanto o avô pegava o coelho, sentia sua pequenez e o soltava. — Sei que ocê não gosta de matar as pessoa, nem as coisa pra comer.

— A gente não devia de ter que matar ninguém pra afirmar nada — respondeu ele. — Mas tem uns homem que, pra sobreviver, não pode ser inocente.

Ruth ainda ria.

— Cê é todo grande e com cara de mau, com suas bota grande e sua espingarda comprida. — Por impulso, ela abraçou o braço de Grange. — Mas *nós* sabe que cê tem coração, né?

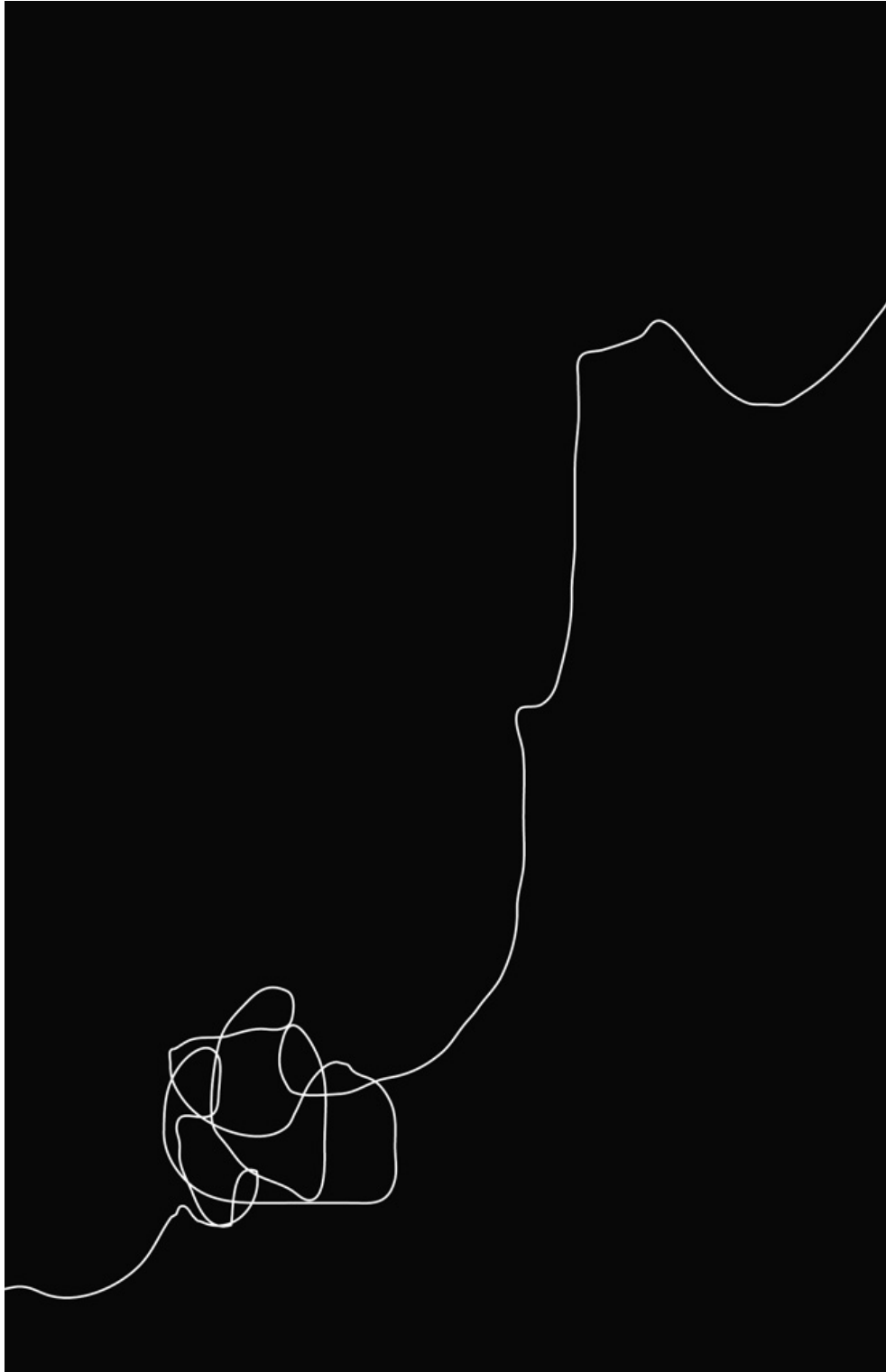
E Grange compreendeu que nunca lhe contaria sobre seu passado, sobre a mulher grávida e seus discursos sobre ódio; nunca lhe diria que roubara velhas e estudantes fracos para comprar comida. Nunca lhe diria que era culpado de todos os pecados, inclusive do egoísmo, ou que o coração de Josie era mais puro do que o dele jamais fora. Nunca lhe contaria que a terra onde ela estava, que seria dela um dia, fora comprada com sangue e lágrimas. Nunca lhe contaria, porque ela poderia acreditar, e porque, com Ruth, aprendera uma lição inestimável sobre o ódio; ele conseguira ensinar o ódio

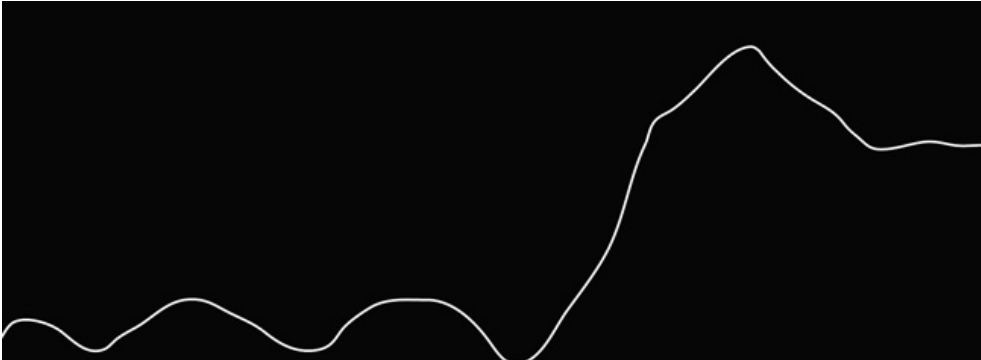
inspirando-o. E como ele poderia estragar a inocência dela, matar a pureza de seu olhar, anuviar o brilho de seus olhos curiosos demais?

Pelo menos o amor era algo que deixava um homem orgulhoso por *ter* amado. O ódio deixava um homem envergonhado, como ele agora, diante da confiança e da fé dos jovens.

— As coisa ruim que já fiz — começou Grange. — Pensa em mim, quando eu partir, como um covarde grande e com cara de mau. Que só aprendeu a se amar depois de mais de trinta anos. E aí exagerou.

Ela não saberia por enquanto que seu avô, como o conhecia, era um homem renascido. Ela não descobriu completamente, mesmo depois de ele morrer, quantas crueldades e quanto sangue estimularam sua tolerância e sua força. E seu amor.





Parte VIII

Capítulo 38

Depois do enterro de Mem, ao qual recebeu permissão para ir, apesar de acorrentado a um guarda de cara vermelha e botas sujas, Brownfield tinha pensado, com desconforto mas não arrependimento, no que fizera. Porém nunca foi capaz de pensar muito longe por si mesmo. *Ele gostava de mulheres rechonchudas*. Essa era a essência de seus dilemas morais. *Sendo assim*, assassinara a esposa porque ela ficara magra e não tinha, para grande irritação dele, voltado à forma rechonchuda, mesmo quando bem-alimentada. Brownfield não era tolo para perguntar a si mesmo se havia lógica em sua irritação. Ele sabia do que gostava.

Os dias rechonchudos dela o assombravam da mesma forma que as tortas de amora silvestre faziam na época em que era menino e tortas de qualquer tipo eram raras. Ele ansiava por uma fartura agora acabada. Sua época de abundância, quando era um provedor.

A forma rechonchuda e a liberdade da terra, das vacas e da magreza, tudo se confundia em sua mente, e o rosto dela como no dia em que a conhecera no Dew Drop Inn passou a ter a mesma qualidade unidimensional de suas lembranças de tortas e uma garrafa de uísque. Ele poderia esquecer a realidade básica de Mem, convertê-la em comparações. Ela fora como uma boa torta, ou um bom uísque, mas nunca havia uma personalidade associada a ela, porque isso deixara de existir para ele. Morta, Mem se tornou um mito de si mesma, uma bela garota rechonchuda por quem se apaixonara, mas que, diante de seus olhos, se transformara em uma megera horrorosa, que berrava com ele e o fazia se sentir insignificante.

Se ela tivesse sido capaz de manter o domínio sobre ele, talvez não houvesse se tornado uma imagem tão completa, uma estátua em miniatura, na cabeça de Brownfield, mas sua fraqueza inerente,

momentaneamente escondida por trás da maldita megera musculosa, a deixara envergonhada da própria força aparente. E sem essa força, a força de acabar com ele, de deixá-lo chafurdar no próprio vômito, ela estava perdida. Sua fraqueza era o perdão, uma crença idiota de que a bondade é capaz de converter o inimigo. O passo lógico seguinte depois de ela lhe bater tão magnificamente na cabeça com a arma era que um dos dois a usasse. Foi aí que sua firme lista de resoluções fracassara. E ele, sem resolução alguma, mas com a lembrança da sua humilhação, era e fora capaz de, finalmente, recuperar o que Mem roubara naquela manhã de domingo, quando ele caíra sobre o vômito aos pés dela. A punição que ele bolara para “baixar a bola” de Mem não tinha sido suficiente. Ela achava que podia sair por cima de novo e abandoná-lo. E ele avisara o que faria se ela tentasse ir embora. Um homem de palavra, como Brownfield pensava de si mesmo, mantinha a palavra. Sua palavra até se tornava seu dever.

Mas Mem não era uma mulher rechonchuda, e ele não gostava de magrelas. Quando elas ficavam assim, havia alguma coisa errada, e você não estava tratando-as direito. E ele não queria saber disso.

Capítulo 39

Josie contou a ele que Ruth agora morava, e estava feliz, com Grange. Brownfield ficava louco pelo pai se atrever a tentar criar sua filha. Ornette e Daphne, levadas para o Norte pelo pai de Mem, não o deixavam tão preocupado quanto Ruth, porque, quando foram para o Norte, ele lavara as mãos, sabendo muito bem que jamais iria atrás das duas no Norte. Na prisão, condenado a dez anos cortando grama e plantando árvores para carcereiros, juízes e cidadãos proeminentes do condado de Baker (apesar de dever sair em condicional depois de sete anos), Brownfield percebeu uma emoção extraordinária. Ele amava o Sul. E sabia que o amava porque jamais cogitara seriamente sair de lá. Ele sentia que conhecia tudo ali de verdade. Seus costumes não o confundiam de forma alguma. Era uma terra doce, violenta, de uma complacência peculiar. Ela se adaptava às próprias leis. A vida de uma pessoa, sob a rigidez da classe social, era basicamente invisibilidade e sorte. Uma pessoa não se sentia sozinha com a própria culpa. A culpa vazava e se espalhava por todo canto e pelos arredores e sobre a pessoa, como o musgo que se agarrava às árvores. A punição de um homem nunca estava escrita em um livro qualquer antes de seu crime ser cometido — e não era nem igual à punição de outra pessoa pelo mesmo crime. A punição era ajustada de acordo com o homem, não com o crime. Era uma punição individual. A pessoa se sentia especial com sua punição, se não com seu crime. Isso encantava Brownfield. Significava que uma pessoa podia punir seus inimigos com uma tortura de sua escolha. A pessoa podia bolar a punição, e ninguém tinha o direito de intervir.

Na prisão com Brownfield estavam assassinos, cafetões, ladrões de carro, bêbados e inocentes, e suas sentenças não tinham qualquer relação fixa com seus crimes. Um jovem rapaz de dezessete

anos estava lá por roubar calotas, e sua sentença era de cinco anos. Um assassino da machadinha de quem Brownfield ficara muito próximo, que despachara não só a esposa, mas a mãe e a tia da esposa, saiu em liberdade condicional após três anos. Antes da condicional, era capataz lá dentro. Antes disso, podia sair da prisão para frequentar a igreja todo domingo e passar alguns minutos com sua mulher sempre que tivesse vontade. Ele jogava pôquer nos fins de semana com os carcereiros. Não havia ordem alguma sobre essas coisas, e era isso que encantava Brownfield.

Ele cismava enquanto trabalhava — plantando cornisos, magnólias e mimosas em grandes gramados bem-cuidados — a audácia do pai em abrigar sua filha. Cismava a serenidade de Grange e sua prosperidade. Apesar de não amar Grange, com muita frequência ficava deprimido com a ideia de que o pai nunca o amara de verdade.

Brownfield aprendeu a ler e a escrever bem enquanto estava na prisão. Um dia, foi olhar o relato, na página em cores, do assassinato de Mem, e viu seu nome. Sem saber o que estava acontecendo, leu a matéria inteira e continuou lendo as outras. O assassino da machadinha, que virou seu amigo, lhe contou que a mesma coisa tinha acontecido com ele. No dia do seu julgamento, contou, sua mulher tinha enfiado uns jornais na sua mão. Olha, disse ela, sua foto está aí! Ela queria alegrá-lo, porque estava com medo de o mandarem para a cadeira elétrica. Os guardas tinham levado os jornais embora antes de ele conseguir olhar, mas depois, na prisão, sua mulher tinha levado mais para comemorar, segundo ela, sua sentença leve. Os dois ficaram muito animados por ver sua foto no jornal! Ele tinha passado muito tempo admirando sua imensa foto horrorosa no jornal, disse, e então, interessado no que podiam estar falando sobre sua pessoa, começou a ler. Não conseguia lembrar onde aprendera o abecedário; quando era criança, tinha um livrinho de orações infantil, que sua mãe lia para ele várias vezes. Essa fora toda a sua educação, pelo que sabia.

O rapaz que roubara as calotas tinha completado o colegial e sabia ler bem. Brownfield e o assassino da machadinha tinham aulas com ele e o chamavam de professor. Um dia, enquanto Brownfield escrevia seu nome, idade e número de presidiário nas margens de um jornal, de repente se deu conta de que Mem havia conseguido lhe ensinar a ler e escrever, e que, de alguma forma, ele não apenas se

esquecera desses dias com ela, mas também se esquecera do que ela lhe ensinara. Ficou pensando nisso, enquanto encarava as mãos, e então se debulhou em lágrimas, soltando soluços que rasgavam seu peito e o levaram ao chão.

Mas as lágrimas não o amoleceram, não o fizeram analisar sua vida nem seu crime. Seu choro era apenas uma parte da vida que produzira o crime. Só fazia com que se sentisse solitário. A introspecção era difícil para Brownfield, e, portanto, foi abandonada antes de ele se interessar por ela. Com o mais curto dos pensamentos profundos, ele com certeza se perderia. Naquelas circunstâncias, enquanto na prisão, ele queria Josie, ele queria o pai, ele até queria a mãe. Ele queria Ruth. Tinha pavor de ficar sozinho. Achava que compreendia melhor do que todos os outros prisioneiros por que Deus criara o universo quando Se vira sozinho e resolvera que o homem teria dois braços quentes e uma língua.

“Minha filha”, escreveu ele em fascinantes letras rudes. E: “Eu queria era de ter Grange junto.” Não escondia essas palavras, escritas em embalagens de bala, jornais e pedaços de papel tirados do lixo. Ele as deixava por onde passava, marcas claras de sua existência e de seu plano.

• • •

Brownfield e o assassino da machadinha às vezes conversavam sobre suas motivações de vida. Eles assistiam à televisão toda noite de sábado, e motivações era uma nova palavra que aprenderam com o seriado *Dragnet*. A motivação que o colocara na prisão, disse Brownfield, era um forte desejo de descobrir se tinha controle sobre si mesmo. Não importava qual caminho quisesse seguir, disse ele, alguma força invisível o empurrava na direção contrária.

— Nunca que eu quis ser arrendatário, nunca que eu quis trabalhar pros outro, nunca que eu quis viver perto dos branco pra eles se meter na minha vida sem eu nem poder dizer nada.

— É sim, Deus Nosso Senhor, eu entendo bem do que cê está falando — respondeu o assassino da machadinha, que fora pastor antes de se casar com uma de suas fiéis e formar uma família.

Tarde demais, ele descobrira que não conseguia alimentar a esposa e os parentes dela com seus ganhos do evangelho. O

casamento havia roubado seu belo terno preto e o substituído por um macacão sujo de suor e terra enquanto trabalhava em campos que nunca seriam seus. Ele entendia o que o amigo dizia porque também tinha lutado contra a força invisível. Mas decidira que a força invisível era Deus, e, então, matara a esposa e a família dela. Aquele era seu jeito de abandonar a companhia do Senhor.

— Eu me senti do mesmo jeito que aquelas palavra no jornal devia sentir, imprimida lá. A linha já resolvida. Nada de ir pra esquerda nem pra direita, feito uma mula com os olho tapado. Essas palavra vão uma atrás das outra até o fim da página. — Brownfield encarou o amigo com um leve brilho alegre no olhar enquanto ele continuava, apunhalando o jornal com um dos dedos. — Pensa só como essa palavra aqui ia sentir se pudesse sair agorinha dessa linha e passar pra de cá!

Os dois homens refletiram sobre o poder da palavra móvel, autodeterminada. O assassino da machadinha concordou com a cabeça.

— Normalmente, eu me sinto mais que nem um sapato — continuou ele —, umas botina de cadarço catinguenta, que só serve pra cobrir os pé. Eu costumava guardar meus sapato no alto de uma prateleira pra mostrar como é que eu tava me sentindo. Não deixava minha mulher nem a enjoada da melequenta da mãe dela colocar eles no chão.

— Pois é — disse Brownfield —, dá pra imaginar que mais gente ia entender que tem coisa mais boa pra falar que um par de sapato ou de um negócio preto escrito num jornal que não pode se mexer mesmo com o significado que ele tem. Como é que nós dois é os único que sabe que a gente é homem?

Forçando muito o lápis, Brownfield escreveu h-o-m-e-m, e então esperou, tristemente, que a palavra se levantasse e batesse no peito.

— Bom, esse aí é nós — disse.

Ele olhou para o assassino da machadinha e sorriu.

Capítulo 40

Não foi difícil para Brownfield tirar vantagem do sofrimento de Josie. Ele ficou surpreso na primeira vez que ela o visitou na prisão, mas logo passou a compreendê-la completamente. Josie tinha desistido de confiar seus fardos ao Senhor; não rezava mais nem contava seus problemas para as cartomantes. Mas podia fazer isso tudo na prisão.

Ela ia nas tardes de domingo, quando os prisioneiros tinham permissão de sair e ficar embaixo das árvores. Ela sentava a um lado de uma mesinha, Brownfield, no outro. Com o passar dos meses e anos, a mulher desabafava a angústia em seu coração para Brownfield ouvir. E ele escutava com ar compreensivo, astuto, com a preocupação de um padre.

Ele ouvia as reclamações dela sobre a indiferença do pai dele, a obsessão completa de Grange pela ideia de preservar a inocência, sua aceitação cega de Ruth como um milagre, algo de valor imenso para ele, para seu orgulho, para sua vontade de viver, para sua alma.

— Ele não sabe nem que eu tô *viva* — lamentou-se Josie, retorcendo as mãos. — O dia todo os dois passa junto. Eu só fico lá plantada, rezando pra ele me falar uma *palavra*...

Brownfield escutava com uma expressão piedosa no rosto. Ele segurou uma das mãos dela.

— Quando eu sair daqui, vou pegar a Ruth de volta — prometeu. Mas Josie se empertigou, chocada.

— Se ocê tirar aquela menina dele, vai ser igual que tirar o ar dele. Ele não ia aguentar uma semana! Eu tô dizendo, seu pai *ama* ela!

— Josie — disse Brownfield —, ocê sabe que é uma *besta* por estar se importando se ele vai viver ou morrer?

— Num fala desse jeito! — rebateu ela, puxando a mão.

— Tudo bem, tá certo — disse ele —, não fica irritadinha.

Mas estava pensando no apego do pai por Ruth e em como seria uma vingança perfeita se ele pudesse acabar com isso.

Josie o encarava com hesitação.

— Se ocê começar a falar do seu pai com maldade, eu paro de vir. Ele me *ama*, seu pai, eu *sei* que me ama. Só que essa história com a Ruth é uma coisa fora do controle dele. Mas, um dia, ele vai cair na real, e, quando isso acontecer, vou estar lá esperando. Não é *impossível* ele amar nós duas!

— E se ele não cair na real? — perguntou Brownfield. — *Aí* o que que ocê vai fazer?

Josie olhou para o outro lado do pátio, desanimada.

— Ele precisa voltar pra mim — disse ela. — *Precisa* voltar.

Os meses se passaram. Um dia, Brownfield perguntou a ela sobre sua vida amorosa. Josie, com seus sessenta e poucos anos, sempre achara que a fonte nunca secaria. Ela começou a chorar.

— Isso significa que ele nem *encosta* mais nocê, nem pra isso?

Josie fez que sim com a cabeça.

— Ocê está me dizendo — insistiu Brownfield — que depois de tudo que deu pra ele, o sujeito não te faz *nenhum* agrado?

Ele começou a sorrir. O rubor cobriu as bochechas de Josie. Antes de sair correndo da sala, ela lhe deu um tapa.

Depois disso, foi fácil.

— Depois de tudo que eu fiz por ele! — começou a fumar Josie quando falou com Brownfield. — Ele ia dar mais atenção prum *cachorro* do que pra mim.

— E ocê vendeu tudo que tinha depois de trabalhar *tanto*, só pra ele comprar a preciosa *fazenda* dele! Tsc, tsc, tsc — disse Brownfield. — Os povo é muito ingrato. Ah, se *eu* tivesse tido uma mulher assim, que fizesse tudo que ocê fez por ele, eu não ia estar aqui hoje.

Ele ficou exultante quando Josie, esquecendo de tudo que não fosse a própria raiva, concordou. Não demorou muito para voltar à sua ideia original.

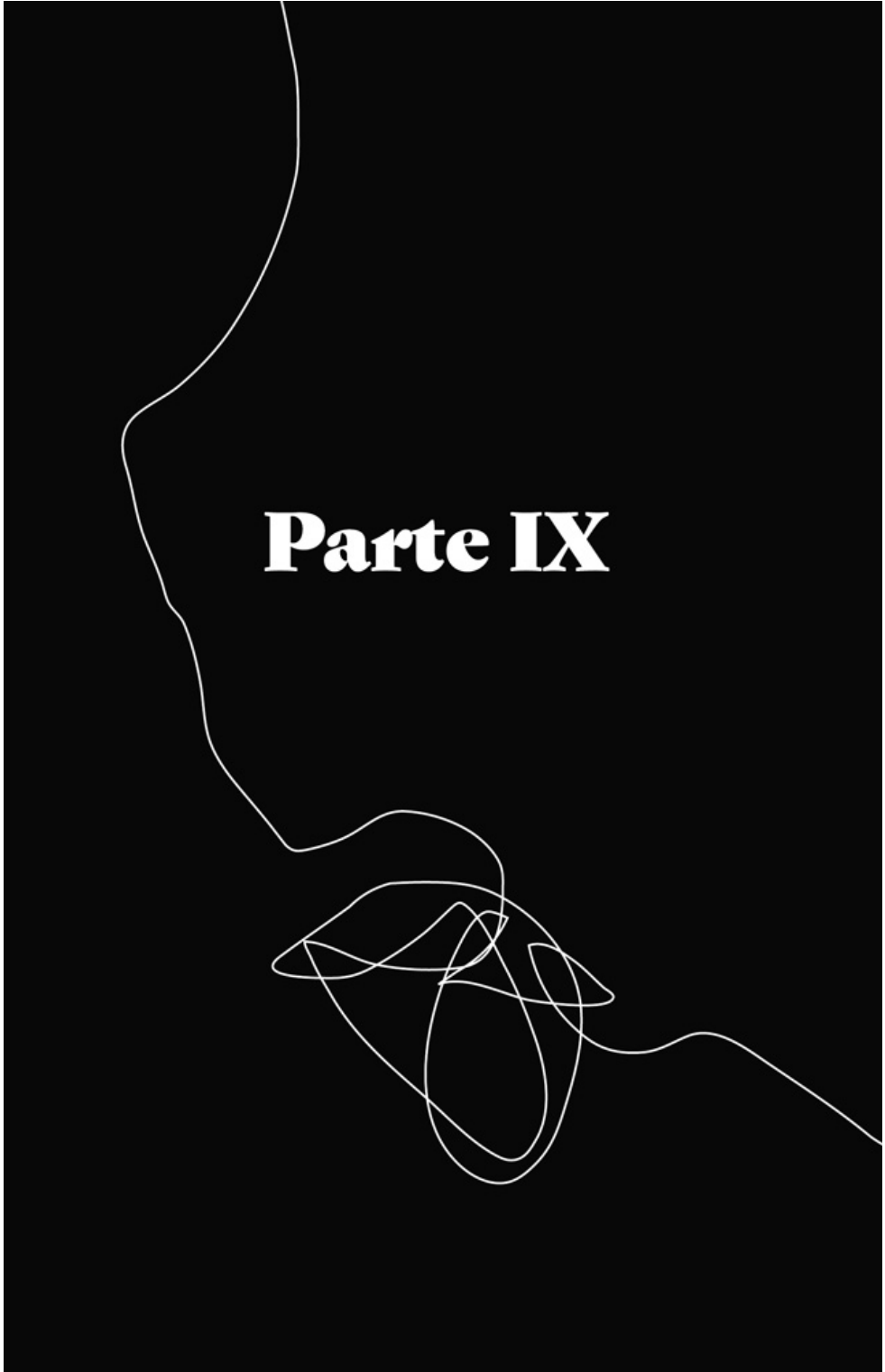
— Quando eu sair, posso pegar Ruth de volta — disse ele. — E aí, olha só procê ver, ocê e Grange vão ficar sozinho de novo, do jeito que era antes dela aparecer. As coisa vão voltar a ser *igual*. — Josie

concordou com a cabeça, animada. — Não vou nem deixar um chegar *perto* do outro.

— Mas como é que cê vai fazer um negócio desse? — perguntou ela. — Grange vai tentar te meter bala se ocê encostar na Ruth.

— Grange pode achar que é melhor que todos os branco — disse Brownfield —, mas não é melhor que as lei dos branco. Pode ser que a lei vai ficar do nosso lado, pra variar. De todo jeito, pode deixar que *eu* me preocupo com isso.

— Acho ótimo! — exclamou Josie, abrindo um sorriso feliz. Planejando, como fizera por anos, uma forma de ganhar de vez o homem que amava.

An abstract white line drawing on a black background. The drawing consists of a single continuous line that starts at the top left, curves down and to the right, then loops back up and to the left, forming a large, irregular shape. Below this, the line forms a series of overlapping loops and curves, resembling a stylized, abstract figure or a complex geometric shape. The overall effect is minimalist and graphic.

Parte IX

Capítulo 41

— Cerca boa afasta os vizinho — disse Grange. — E é por isso que nós vai botar essa aqui.

Ruth ficou ao lado dele, segurando o martelo. Ela estava descalça e usava um vestido cor-de-rosa com babados na borda. Enquanto Grange esticava o fio superior do arame farpado de uma estaca até a outra e o prendia com um prego, ela andou atrás dele na ponta dos pés com olhos redondos e atentos, admirados com a atividade. Nunca tinha visto ninguém montar uma cerca antes.

— Ocê acha as estaca que marca sua propriedade e vai seguindo elas pra montar a cerca no lugar certo. Depois, puxa bem o arame — disse ele, puxando o arame de cima — e vê se as farpa tão direita e afiada.

Ruth apertou um dos dedos contra uma pequena farpa do arame e observou com atenção enquanto o sangue surgia. Rapidamente, ela esfregou a gota de sangue contra o vestido novo, e seus olhos se enrijeceram em uma expressão de lembrança, horror e sofrimento. Eles pareceram escurecer, da mesma forma que o céu que permanece completamente aberto até uma única nuvem encobrir o sol.

Grange parou o trabalho de repente, sem notar a menina, alguém poderia ter pensado, e colocou o próprio dedo calejado contra uma farpa, pressionando o arame até o dedo sangrar.

— Nunca contei procê como os índio viraro irmão de sangue dos preto — disse ele, esticando a mão despreocupadamente para segurar o dedo dela (o qual ela encarava em pânico), e que ela entregou depois de verificar se havia limpado o sangue todo. Não tinha mais nada na ponta do dedo, mas, quando o avô a apertou, o

ponto de sangue voltou. Ele a puxou para o lado dele na grama e uniu os dois dedos sangrando juntos.

— Mas, Grange — disse ela, com desdém demais para uma menina tão nova —, eles não juntava os *dedo*. Era os *braço*, bem aqui — ela apontou —, eles juntava essa parte dos *braço*. — Ruth colocou seu antebraço delicado ao lado do dele, mais escuro, mais forte.

— É claro — disse Grange —, esse era o jeito que eles virava irmão de sangue dos branco. Mas, sabe, eles não fazia pra *valer*. Quando os irmão de sangue branco bobeava, perdia o tampo da cabeça, tinha um gostinho do próprio remédio. Agora, com nós, os índio era mais autêntico. Isso é por conta de que nós foi tudo enganado pelos branco. Mas uns com os outro e com os preto, eles só aperta os *dedo*, não os *braço*, e nunca os pulso dos mentiroso!

— Ocê tem certeza? — perguntou ela. — Ou isso é mentira sua?

— Não fala de “mentira” comigo quando nós estiver perto dos outro — disse Grange em um tom agradável. — As pessoa pode achar que cê não está sendo criada do jeito certo.

— Bom, aqui só tem eu e ocê. Além do mais, não tem importância pra mim o que os povo acha. De todo jeito, não faço ocê passar vergonha “na frente dos outro” igual cê me faz passar vergonha com sua bebedeira e apostando todo o nosso dinheiro o tempo todo.

— Hum, sim — disse Grange. — Voltando ao assunto. Os índio são seus amigo pra sempre. Nós acabou de fazer a cerimônia...

— Mas nós não é índio, nós...

— Não, é verdade. Num importa o que as pessoa fala dos índio, nem se for um índio mesmo falando, cê num acredita em nada além de que são amigo. Mesmo se eses não se comportar como amigo. Os que não se comporta como amigo não sabe o que está fazendo. Ocê meio que pode deixar eles na mira da sua arma enquanto explica pra eles isso tudo que estou explicando agora.

— Não quero que arranquem o tampo da minha cabeça — Ruth riu.

— Só lembra que eles também não. Além do mais, essa parte é séria. — O velho franziu a testa. — Os preto deve ser amigo de todo mundo que é oprimido, mais ainda se for um homem de cor.

— Tem aquela família pobre no fim da estrada, e ocê está aqui montando uma cerca para eles não chegar perto. Eles não são oprimido? Eles comem terra — disse Ruth, fazendo uma careta. —

Só pode ser oprimido. Não sei o que a brancura deles tem a ver com isso.

— Nós tentou com eles. Eles são o unquíssimo grupo de gente com quem não dá para ser irmão de sangue. Eles não quer, e nós também não, depois de tantos anos. Eles é o motivo pra cerca ter sido inventada. Quer dizer, ocê acha que, antes deles aparecer aqui com as Bíblia deles, os índio roubava as propriedade uns dos outro e cercava tudo com arame? Não, senhora. Eles não fazia isso. Eles não se importava em deixar os outro usar a grama e a boa terra, como Deus Nosso Senhor queria que fosse. Esse povo daqui, se cê der uma chance, eles tenta tomar nossa terra, não importa que nós seja o dono. Eles quer, eles pega. Sempre foi assim na história. Eles é a causa pras cerca ser inventada. Agora. Para nós, só interessa que eles se acostume com ela... e eu quero dizer com as farpa afiada virada pra eles!

Grange voltou com determinação para sua cerca, Ruth observando por baixo de seus longos cachos. O sol os desbotara para um marrom, com as pontas amarelas cor de leão. O restante do cabelo fora trançado de qualquer jeito, mas os cachos não tinham ficado presos. Ela achava que, quando fosse mais velha, poderia alisar o cabelo com pentes, se Grange deixasse. Ela o convenceria de que os cachos eram encrespados demais para suportar. Os pontos delicados dos cuidados com o cabelo intrigavam a ela e ao avô, cujo único conselho quando ela mencionou o cabelo era que o lavasse e passasse um pouco de óleo. Às vezes, até queria que Josie a ajudasse. Mas só a arrumar seu cabelo, sem ficar falando e deitada pela casa com os peitos de fora.

— Cê é ruim, eu acho — disse Ruth com ar preguiçoso, apoiando-se para trás nos cotovelos, virando o rosto para o sol. — Só um homem ruim, um velho ruim. Não aprendeu a ser educado ou alguma coisa assim — murmurou ela, fechando os olhos.

Ele não a encarou, ele se concentrou na cerca, enfiando as pás para cavar o buraco das estacas mais e mais fundo no solo vermelho duro, apertando mais e mais o arame farpado, erguendo a cerca mais e mais alto.

Perto dali, ainda existiam, para ele, pelo menos as sombras de sua primeira vida. Ele estava na terceira ou quarta, e última. A primeira vida de Grange Copeland. O brilho do sol o prendia em uma

paisagem desaparecida mas nunca esquecida, com seu calor imediatamente restritivo. E de novo, como em um pesadelo sufocante, ele viu as longas fileiras e os vastos campos de algodão se agigantando adiante. Sentiu o sol batendo em suas costas encurvadas, explodindo, surrando, estourando contra sua nuca, através do largo chapéu de palha. Viu Margaret (primeira vida, primeira esposa!) como ela era quando se casaram, sedutora e alegre, uma menina-mulher caprichosa, agindo de maneira forte e calma pelo amor que sentia por ele. Enquanto o amor havia durado. Ele viu a mudança surgir conforme ocorria no rosto de Margaret. Aos poucos, as rugas tinham vindo, as rugas de perplexidade entre os olhos, posicionadas como em contraste e apesar da testa jovem, lisa e despreocupada. Na verdade, o rosto dela era alegre porém solene na época, como se existisse em um sonho. O sofrimento a despertara, e ele não precisara lhe contar que ela não tinha conseguido êxtase no casamento, mas apreensão. Que não tinha conseguido liberdade, mas servidão; que não tinha conseguido amor eterno, mas desespero agravante. E ele não precisara lhe contar quem era culpado pelo sofrimento dos dois — ela sabia, e, na época, ele não —, pois alguém, *algo* estava por trás de sua crueldade com Margaret (ele se forçara a acreditar), obrigando-o a abandoná-la, e levando-a à purgação do suicídio para si mesma e ao assassinato de sua filha bastarda.

O que ele poderia contar à neta sobre a avó tristemente amorosa, corajosamente raivosa e vingativa?

Será que poderia lhe contar que os anos suados, cruéis, se estamparam no belo rosto dela como camadas de tinta fosca aplicadas a cada ano? Que, às vezes, naquele desespero, quando a produção de algodão era a única coisa que importava em seu mundo (e o algodão nem era deles!), até o amor desaparecera e que logo os dois não seriam capazes nem de se *lembrar* do amor? Será que poderia contar sobre a própria degradação, sobre sua crença em uma masculinidade desprovida de verdade e honra; sobre a forma como sempre mantivera Josie escondida para si mesmo, como os homens escondem uma garrafa para momentos de desespero ou uma picada de cobra? Será que poderia contar que Margaret achava que o matrimônio acabava com a indecência do homem; que ela achava que o respeito de Grange por seu casamento encerraria as visitas a

Josie, a piranha de sua juventude conquistadora? Será que poderia contar a Ruth do choque de sua avó ao descobrir que ele ainda se encontrava com Josie uma vez por semana, raramente perdendo uma noite de sábado? Será que poderia contar como Margaret lutara contra sua explicação de que Josie era necessária para seu respeito próprio, necessária para seu senso de masculinidade? Se eu nunca for dono de nada, dissera ele, terei as mulheres. Eu te amo, garantira ele, porque confio nocê pra dar à luz e criar meus filhos; eu amo Josie porque ela não pode ter filhos.

Ele conseguia ver Margaret sentada sozinha na porta da casa deles. Ela o observava sair na carroça, rolando determinada rumo ao Dew Dropp Inn. O choque tinha se transformado na sensação de inadequação, e ela tentou entrar no jogo do marido. Ela jogava fora sobre outros homens o que sentia que seu marido não queria. E finalmente fora para a cama com Shipley, o homem que causara tudo. Aquilo Grange não fora capaz de suportar. Suas opções eram matá-la ou abandoná-la. No fim, ele acabou fazendo os dois.

Os olhos estranhamente calmos do velho atravessaram a cerca para se focarem na neta. Ele se admirou por, apesar de conhecê-lo tão bem, ela não ter conhecimento nenhum daquela vida anterior. Nem do nascimento deplorável do próprio pai. Aquele dia cinzento de castigo e tristeza, quando o recém-nascido fora sentenciado a uma morte familiar.

— E como vai ser o nome *dele*? — tinha perguntado Grange a Margaret, sem sentir qualquer alegria pelo nascimento do filho.

Em sua depressão, ela lhe perguntara, sem se importar:

— Qual é a primeira bosta que ocê vê?

E ele, parado diante da porta, viu os tons outonais dos campos de algodão da Geórgia.

— Campos com uma cor meio amarronzada — respondeu Grange. E se perguntou, desesperançado, se era aquilo que cobria o restante do universo.

— Cor meio amarronzada — tinha dito ela, tirando o bebê adormecido do recanto quente em seu seio. — Campo amarronzado: Brownfield. — Nela não havia nem pena pelo filho. — É tão bom quanto rei Albert — disse Margaret. — Não faz diferença nenhuma o nome que nós escolher.

Ela já abria mão do filho para aquilo que estava pronto para dominar a vida dele. Após apenas dois anos de casamento, Margaret sabia que, no seu mundo da plantação, a mãe era a segunda em comando, e o pai não comandava nada.

— Grange, me salva! Grange, me *ajuda*! — tinha gritado ela na primeira vez que fora levada pelo primeiro em comando.

Ele tinha tapado as orelhas com uísque, dizendo a si mesmo que a ignorava, que não era culpado pelo pecado imperdoável da esposa. Ele culpava Margaret e culpava Shipley, todos os Shipleys do mundo. Nos braços de Josie, tinha parado de escutar os gritos de Margaret, tinha parado de pensar nos amantes negros da esposa; seu ódio pela brancura de Shipley absolvera Grange da própria culpa, e sua negritude o protegia de quaisquer sentimentos de culpa que ameaçavam surgir dentro de si.

Sua esposa morrera acreditando que tinha cometido um ato pecaminoso que exigia sua morte, e que o que o marido fizera não exigia nada além de que ela saísse da vida dele. E agora Grange pensava, com lágrimas nos olhos, em como fora tolo. Pois, disse para si mesmo, imagine se eu desse as costas para essa garotinha sem mãe e passasse meu tempo com outra pessoa, com alguma outra garotinha; ela entenderia que algo *além* de mim mesmo causara isso? Não, não entenderia.

— E eu ia poder ficar mostrando os Shipley tudo pra ela até o mundo acabar, e ela ainda ia querer saber o que aconteceu com o amor do seu vovô! — murmurou Grange para si mesmo, os olhos cheios de lágrimas e as mãos trêmulas sobre o arame.

— Tá parecendo uma história antiga e triste, do jeito que ocê tá parado aí, com a testa franzida. Acorda! — A menina parou ao lado dele com a mão em seu braço. — Ocê tá parecendo meio estranho com esse calor todo. Acho melhor sentar. — Ela o puxou pelo suspensório, como se puxasse um cavalo para beber água. — Sol demais não faz bem pros velho da sua idade.

— Cala a boca. Que que cê sabe da velhice? “Sol demais faz mal pros velho da sua idade!” — imitou ele, mas sentou à sombra perto da cerca. — Quando cê tiver idade para ter esses neto sabichão, vai ver o que é bom pra tosse. Mas aí vai ser tarde demais para melhorar! — Rápido, Grange embrulhou o passado e deitou sobre ele, destruindo as pontas afiadas, apagando completamente as arestas. — Nunca vi

uma menina tão mulher — disse ele, esticando-se com as costas apoiadas em uma árvore e pegando o cachimbo.

Ela riscou um fósforo, segurou os dedos dele enquanto Grange acendia o cachimbo, e depois o assoprou.

— Eu num sou mais atrevida que ocê — disse Ruth com esperteza, empurrando-o com força para poder se apoiar contra a árvore.

Ele quase caiu.

— Ocê num pode falar num — disse Grange, encarando-a com seriedade. (“A educação dela”, costumava declarar ele para conhecidos e colegas aleatórios, “é a única coisa que faço questã!”)

— E nem vem me dizer que o poblema é que *eu* falo assim. O pobrema é que eu não aprendi a falar certo. Quer dizer, o pobrema é que eu *sei* que está errado, mas nem sempre me lembro das palavra certa.

— Um monte de pobrema! — gritou Ruth, batendo palmas. — Ocê não, num devia dizer “pobrema” em vez de “problema” também. “Problema” tem r e l.

Ela riu.

— Eu só queria ver se cê estava prestando atenção — disse ele, mexendo no cachimbo. — Você sabe que a parte *boa* de ser dono de uma cerca na propriedade que ocê também é dono é que pode atirar nos homem e nas fera tudo que entra no seu terreno. Tem uma lei que diz isso.

— Ocê está meio assassino hoje — respondeu ela com ar tolerante —, tem *certeza* que não tomou sol demais?

Ruth deitou sonolenta, com o queixo apoiado no peito. Preguiçosa, ela bateu na perna dele com um galho de planta. O vestido novo estava com manchas de grama. Ela o inspecionou com uma atenção preocupada, depois virou, cantarolando, alegre, de barriga para baixo.

— Eu agradei direto pelo vestido? — perguntou ela, olhando-o nos olhos.

Com relutância, Grange sorriu.

— Ganhei esse vestido no pôquer do sábado. Ganhei quase vinte pau, e aí, droga, perdi quinze, e resolvi comprar o vestido. Falei com as mulher que tava lá. Perguntei, qual o tamanho que cês acha que minha neta veste? E elas respondeu que não sabia direito dessas coisa de tamanho (elas costuma roubar roupa dos tamanho tudo),

mas achavam que era um grande. Então escolhi esse daí, que era grande, e achei que não ia ter pobrema, problema, porque os babado ia dar um ar mais adulto procê. Falei para a mulher branca que me vendeu. (Ela ficava de um jeito como se não quisesse que eu falasse nada com ela, mas falei.) Eu disse, se existe uma menina metida a adolescente crescida, *mimada*, é minha neta. Ela gasta meu dinheiro todo se enfeitando. Eu disse, sem dúvida, a menina é mimada. Eu disse, ela vai ver esse vestido e rapidinho vai manchar tudo, rolando na terra, e vai acabar com um rasgo no meio se der na telha dela. Sim, senhora, eu disse, ela é *durona*. Falei isso pra mulher que me vendeu o vestido. — Grange riu. — Acho que ela não viu graça nesses seus *tributo* — disse ele. — Só ficou me encarando, como se tivesse medo de levar uma dentada minha, meio que prendendo os dente assim. — Grange comprimiu os lábios e os fez murchar.

— Cê devia me chamar pelo nome em vez de só falar “minha neta”. Por isso que ninguém entende o que cê fala — Ruth riu, despreocupada. — Só tem uma coisa: não sou mais mimada que ocê. De todo jeito, agradeço o vestido — ela decidiu usar as palavras que aprendera na escola. Grange era guloso por elas. — Ele é tão *agradável* — Ruth sorriu. — *Certamente*. Sabe, ocê tem um gosto *excelente*! — ela fazia as palavras saírem do fundo da boca de propósito, para soar como uma atriz de rádio.

O avô parecia radiante.

Desnorteadado, ele ficou de quatro para procurar atrás de alguns arbustos e exibiu uma garrafa de meio litro.

— Eu até podia oferecer um pouco procê... — começou ele.

— ... mas não, obrigada — acrescentou Ruth. — Só tenho dez anos, e alguém precisa se preocupar com o próprio fígado.

— Não precisa se incomodar com meu fígado, ele vai durar — disse o velho, bebendo o uísque enquanto soltava uma risada.

Quando a bebida escorreu pelo queixo do avô, Ruth, que dobrava o dedo ferido e pensava vagamente nos indígenas, secou as gotas com seu machucado.

— Antisséptico — ela abriu um sorriso metido, lambendo a mão inteira.

— Ruth não é o nome certo procê! Talvez é por isso que eu não gosto de usar... Mas veio da Bíblia, disso eu tenho certeza, só que deve ter sido de uma das parte que num li.

— Se ocê num leu, eu muito menos — retrucou ela, coletando várias gotas de uísque na língua.

Um dia, eles observavam as pessoas que viviam na propriedade vizinha. Havia um homem com cabelo escorrido, na altura do pescoço, da cor da casca oleosa de um pinheiro. Havia meia dúzia de crianças brancas e miseráveis ao seu redor. Elas tinham altura em escadinha, pareciam famintas e sujas, e prendiam pedaços de palha e agulhas de pinheiro na boca. Ruth e Grange ficaram escondidos atrás de uns arbustos do seu lado da cerca. Foi ideia de Grange inspecionar alguns “branco” para aprofundar a educação de Ruth. O que ela notara era que eles não eram exatamente brancos, não como uma geladeira, mas uma combinação de cinza e amarelo e cor-de-rosa, com os mais jovens sendo os mais rosados.

— O que eles tão fazendo? — quis saber ela.

O pai do grupo e dois dos meninos mais velhos estavam deitados sob uma árvore, fumando e mastigando.

— Provavelmente planejando como tomar nossa terra — disse Grange.

— Por que ocê acha isso?

— Bom, o que mais eles iam estar fazendo, deitado no meio do mato, se escondendo das mulher?

— Bom, eles pode estar tentando fugir da falação das mulher — respondeu Ruth.

— Isso é o que eles quer que ocê acredita — disse Grange, olhando feio para o grupo.

— Ocê está me falando que tudo que eles faz, eles *tudo, toda* hora, é ficar à toa, pensando num jeito de tomar essa fazenda?

— Aham — confirmou Grange, momentaneamente envergonhado.

— Bom, e quando é que eles fala sobre o tempo então, e o preço do algodão e essas coisa? — Ruth se empertigou, e Grange logo a puxou para baixo de novo, para fora de vista do grupo. — Quer dizer, o que eu quero saber é se alguém já tentou descobrir se eles é *gente* de verdade.

— Não — disse Grange. — Claro que existe uns boato de que eles é gente, mas a parte engraçada é por que eles não age feito humano.

— Bom, quando eu crescer, vou descobrir — disse Ruth enquanto engatinhavam para longe da cerca. — Quero ver e escutar eles cara a cara; não vejo sentido em ficar olhando pra eles como se fossem uns inseto numa gaiola.

— Parece que tudo que eu ensino é o que cê quer saber — disse Grange. — Nunca vi uma menina querer fuçar tanto uma verdade.

Mais tarde naquele dia, perguntou a ela:

— O que cê acha se eu contar o que eu sei da família que nós viu, e que, por um acaso, sei que as mulher não deixa ninguém fumar nem mascar tabaco na casa e na varanda?

— E é por isso que eles some na floresta? — Ruth refletiu por um minuto. — Bom, isso faz mais sentido para mim do que o outro motivo — disse ela apenas, deixando o avô aborrecido com a verdade dele.

Capítulo 42

Um dia, na escola, algo aconteceu que lhe disse mais sobre os brancos do que qualquer coisa que Grange já contara a ela. Seu dia tinha começado, como sempre, com relutância. Ruth odiava acordar cedo, especialmente quando acordava na casa: “a casa de Josie”, dizia ela, em vez de na cabana, que considerava sua e de Grange, porém mais sua. Ela e Grange tomaram o café da manhã, mingau e vinho para ele, mingau e leite para ela. Então andaram pela beira da estrada até a escola, que só ficava a cem metros da casa, mais perto até do que a floresta, e o trajeto levava apenas alguns minutos. Grange a deixou nos degraus da escola como sempre fazia, com as outras crianças encarando, como *elas* sempre faziam. Era um dia ensolarado de março, quente e agradável, e o sol criava sombras leves na camisa azul de Grange enquanto ele desaparecia, dando a volta pelos fundos da escola e entrando na floresta. Os dois adoravam voltar para casa pela floresta, não apenas porque Grange tinha um alambique entre a escola e sua casa, mas porque a floresta oferecia a privacidade e o silêncio de que os dois gostavam.

A escola tinha três salas. Uma nos fundos, perto do poço, era para a primeira, a segunda e a terceira séries. A do meio era para a quarta, a quinta, a sexta e a sétima séries, e a que ficava do outro lado era para o restante, até o último ano do colegial. O edifício ficava afastado do chão por uma base de blocos de concreto, e, embaixo, tinha uma espécie de porão para onde os garotos mais velhos levavam as garotas mais velhas. Havia degraus altos em cada extremidade da construção, como se as salas de aula formassem um segundo andar. Ruth subiu os degraus para a varanda-plataforma que levava à sala do meio com um misto de expectativa e medo. Ela estava na sexta série, e sua sala abrigava os alunos da quarta à

sétima. Sua professora era a Sra. Grayson, que continuaria sendo sua professora no ano seguinte, até ela passar para a sala ao lado e para uma professora chamada Sra. Little. A Sra. Grayson era uma mulher bonita, com a pele marrom-escura, unhas meticulosamente feitas e cabelo alisado. Tinha o hábito de vestir só cinza e alisar a costura de suas meias compridas com um dedo molhado de cuspe quando achava que ninguém estava olhando.

A primeira matéria das quatro turmas era Saúde, e a Sra. Grayson ia de um grupo de carteiras para o outro falando sobre como manter “nosso corpo e mente limpos”. A matéria seguinte era Cidadania, e a Sra. Grayson falava de um lado para o outro sobre a importância de ter “mentes realmente patriotas para serem usadas a serviço do seu país”. Às dez horas, acima do zumbido entediado das outras três turmas, ela explicava a importância de aprender história. A história, dizia alto e bom som a Sra. Grayson, forçando as cordas vocais, ensinava o que tinha acontecido no mundo. Eli Whitney, o descaroçador de algodão, Thomas Jefferson e a Declaração da Independência, George Washington e os Minutemen. A história americana era mais importante do que todas as outras, disse ela. E por quê?, perguntou ela. Então respondeu a si mesma:

— Porque é a história de vocês e a minha, a história digna de orgulho de um povo livre! Nós lutamos para permanecermos livres — gritou ela, sua voz aguda reverberando pelas paredes de papelão. — Nossa história ensina o que foi feito conosco, como negros, e o que fizemos por conta própria.

Pearl Harbor, disse ela, retoricamente, e a Guerra Civil. A história, sorria ela, se esforçando para se fazer ouvir sobre o barulho na sala e o barulho das salas de cada lado, nos conta onde estamos e nos mostra como chegamos aqui e como a história é importante para a iluminação completa do mundo!

A Sra. Grayson precisou sair da frente da classe por alguns minutos porque alguém da quarta série levantou a mão no fundo e disse que não conseguia escutar o que ela dizia. Ruth a escutou, como uma gravação, perguntar pessoalmente ao garotinho:

— Por que é importante estudar história?

O menino respondeu, emburrado:

— Não sei.

Então a Sra. Grayson disse, batendo palmas junto com as palavras:

— Porque a história nos ensina o que aconteceu no mundo!

O menino respondeu:

— Ah, sim, senhora.

E a Sra. Grayson foi chamada do outro lado da sala por alguém na quinta série que perguntou se também era verdade que George Washington era o pai do país. Da última vez que Ruth prestou atenção, a Sra. Grayson dava parabéns à criança por já ter lido isso no livro novo de história.

Para Ruth, a Sra. Grayson nunca fazia sentido. Ela repetia todas as palavras dos livros-texto, só que nada saía tão coerente quanto aparecia nas páginas. Quando ela interpretava um parágrafo para a sala, ninguém nunca entendia como as informações se encaixavam. Entre as poucas palavras que você conseguia ouvir por cima do barulho e as abstrações da Sra. Grayson, pouco podia ser reunido e usado. No entanto, como já tivera a Sra. Grayson como professora no ano anterior, Ruth a temia por sua habilidade de saber quem a ignorava. Ela era capaz de pular em cima de um sonhador distraído no instante em que sua mente divagava. E então era uma surra, ou você era enviado para o diretor para receber um castigo. O diretor sempre mandava você para casa por uma semana, geralmente sem tirar os olhos da mesa nem interromper a recitação de um pupilo em sua aula.

Como ela sempre fazia quando a Sra. Grayson virava as costas por um minuto, Ruth estampou um olhar de concentração no rosto e folheou atentamente os livros em sua carteira. Esse era seu disfarce quando começava a sonhar. Hoje, ela olhou para o livro de história do novo mundo que as turmas haviam recebido naquela manhã. O novo livro era o principal motivo para a lição de história da Sra. Grayson. Antes de os receberem da escola dos brancos, não tinham livros de história. Apenas uma cartilha, um livro de geografia e um de interpretação de texto. Ruth os lera meses antes e sabia todos de cor por tê-los lido tantas vezes. Agora, observava o livro novo, as imagens, algumas coloridas, mas a maioria em preto e branco, e a capa marrom surrada que exibia uma foto bonita de cidade com crianças louras de olhos arregalados atravessando uma rua sob uma ponte, do outro lado de uma torre com um relógio. Em uma letra pequena em um canto estava escrito “Londres”. Mas então ela abriu a capa, não as páginas do livro, mas a capa, antes de as páginas

começarem. Do lado direito havia o nome de outra menina, Jacqueline Paine, e embaixo do nome estava escrito Escola de Ensino Primário do condado de Baker, o nome da escola dos brancos. Todos os livros vinham de lá, então isso não a surpreendeu. Mas então olhou para o resto da página e arfou. Pois naquela página e pelo interior inteiro da capa havia um desenho imenso e largo, nomeado no topo com grandes letras verdes: “A árvore da família do homem.” E nessa árvore havia todo tipo de gente. No topo, de azul-claro e amarelo, estavam os brancos. Sua imagem os mostrava fazendo algo com tubos de ensaio, e as letras em um de seus jalecos dizia “Cientista”. Atrás deles havia desenhos de prédios altos grandes, e carros, e trens, e aviões. Jacqueline Paine tinha escrito embaixo da imagem: *Observação: Americanos, alemães, pessoas que vivem no extremo norte da Europa.* Entre parênteses, escrevera *(Inglaterra)*. Abaixo dos “americanos” estavam pessoas desenhadas de amarelo, que usavam chapeuzinhos engraçados de palha e guiavam búfalos-d’água enormes. Atrás delas havia objetos pequenos e bonitos feitos de jade e bambu. Sob esse desenho, Jacqueline Paine tinha escrito, em sua caligrafia redonda: *Observação: A raça amarela. Chineses, japoneses etc. e pessoas que moram longe de nós, no Extremo Oriente.* Abaixo havia um desenho em vermelho dos indígenas americanos. Eles estavam sentados, calmos, um velho fumando um cachimbo comprido coberto por penas. Algumas mulheres sentavam ao seu lado fazendo belos tapetes, e cerâmica, e cestas. Abaixo dessa imagem, Jacqueline Paine escrevera: *Observação: Nossos índios americanos. Nós os salvamos das doenças e de uma vida selvagem primitiva. Nós os ensinamos atividades úteis como ilustrado acima. Eles também são conhecidos por fazerem miçangas.* Porém foi o último desenho que ela viu na página que a fez arfar. No finalzinho da árvore, não conectado, mas emanando de um tipo de galho sem raízes, havia o desenho de um homem, em preto, com cabelo armado, lábios grossos sorridentes e um osso enfiado no nariz. Ele vestia uma saia de palha e estava parado diante de uma panela de água fervente, como se esperasse, a qualquer instante, a visita de um missionário. Abaixo da imagem dele, Jacqueline Paine, em sua bela letra de ditado, tinha anotado apenas uma palavra descritiva. Ela nem dizia se

ele havia feito a própria saia de palha. Aquilo atingiu Ruth como um tapa na cara. *Observação: Um crioulo.*

Quando ela conseguiu sair do seu devaneio, parando de sonhar, soube que havia algo errado. Todas as crianças de todas as séries olhavam para ela. Olhavam para ela e riam. Diante de seus olhos, os outros se transformaram em selvagens feios e sorridentes, e ela lhes deu sua carranca mais desdenhosa. Mas então olhou para cima bem na hora que a correia vinha na direção de seus ombros. A tira a golpeou de novo e de novo, e as risadas foram emudecidas pelo assobio forte da correia. Todos sabiam como era a sensação. Devagar, com raiva, Ruth se levantou, jogando o livro no chão. A voz da Sra. Grayson soava histérica aos seus ouvidos.

— Você é igual a todos os outros — gritava ela. — Nunca vai ser ninguém, porque não presta atenção em nada importante!

Ruth foi andando devagar até a frente da sala.

— Aonde você pensa que está indo? — berrou a Sra. Grayson, pegando o livro de história e limpando a poeira. — Gente igual a você só faz é destruir a propriedade dos outros! Volte aqui agora e sente!

Mas a mão de Ruth já estava na porta. Ela se virou para ver a Sra. Grayson avançando com a correia; por cima do ombro, a animação deliciosa dos colegas de classe era tão espessa que dava para sentir seu gosto. Um desejo puro e simples por diversão. Um desejo puro e simples por sangue. O sangue dela.

— Sua filha da fedaputa, malvada, ruim e *burra*! — berrou Ruth para ela, usando seu grande repertório de palavras herdadas de Grange.

A Sra. Grayson e as turmas ficaram imóveis ao mesmo tempo e deram um suspiro longo e indignado.

— O que você *disse*, mocinha? — finalmente exigiu a Sra. Grayson, avançando de um jeito mais ameaçador que antes.

— Você me escutou — disse Ruth, tremendo. — E se encostar em mim mais uma vez, eu e meu avô vamos derrubar esse lixo de lugar na sua cabeça e enfiar as tábuas e os tijolos na sua garganta mentirosa, fodida e *burra*.

Rapidamente, ela abriu a porta e saiu correndo pelos degraus. Foi só quando chegou à floresta que começou a chorar, as lágrimas doendo tanto que achava que não sobreviveria.

— Será que era isso que Grange queria dizer? — perguntava Ruth a si mesma sem parar, desejando estar morta.

Os verões lhe ofereciam um refúgio. De maio a outubro, ela estava livre. Livre para brincar na cabana que tinham construído no meio da floresta, livre para ler revistas em quadrinhos e livros que Grange astuciosamente roubava da biblioteca dos brancos; e, para se confundir, estava livre para ler os “entretantos, emboras, pois — eis, eis, eis!” da Bíblia. Os invernos eram frios e cruéis, e, apesar de ela amar aprender, odiava a escola. Quando vivia com Mem, ir para lá não era nem um pouco ruim. Era divertido. Ela, Ornette e Daphne caminhavam juntas até a escola, rindo e fofocando, às vezes jogando areia nos ônibus que passavam a caminho da escola dos brancos. Mas, agora, sua mãe havia morrido e seu pai estava na prisão. Onde exatamente “no Norte” as irmãs viviam permanecia um mistério. Ela não conseguia imaginar o Norte de outra forma além de um lugar enorme e frio, cheio de prédios e pessoas, onde os pássaros não tinham espaço nem para fazer suas necessidades. Essa era a imagem que recebera de Grange, que dizia que, na opinião dele, os sulistas podiam jantar o Norte com molho.

Por mais doloroso que fosse admitir, Ruth era vista como uma curiosidade após a morte da mãe, e apesar de todas as crianças da escola serem pobres, viam-na como a mais pobre de todas por seu pai ser um assassino e ela não ter mãe. Mães, aprendeu Ruth muito rápido, eram um produto de luxo entre seus colegas de classe, muitos dos quais nunca tinham conhecido o pai e, se tinham, não se lembravam mais dele. Ela também não ganhava respeito algum por morar com o avô, que era visto como um velho estranho, “engraçado”. Ele era bom no carteadado, as crianças admitiam, mas quieto demais para ser confiável, diziam. Alguém já havia escutado Grange Copeland rir de alguma piada dos seus pais?, perguntavam. Ninguém tinha, exceto Ruth, e seus colegas não a admiravam por isso. Às vezes, ela se arrependia de rir na igreja com Grange, com a comunidade sendo tão devota, tão futriqueira.

Ela era esnobada e provocada desde o mês em que fora morar com Grange, e aquilo quase se tornara um jogo. Quando as crianças

brincavam de roda, cantando “Sally Go Round the Sunshine” ou “Hey, Miss Liza Jane”, ela só precisava aparecer com sua serena cara melancólica para toda a diversão acabar e um silêncio pesado cair. Havia um boato na escola, quando Ruth tinha onze anos, que se alguém a acompanhasse até a floresta (sempre a viam andando pela floresta e conversando com os arbustos, o que com certeza era estranho), a pessoa nunca mais seria vista com vida. Diziam que ela escondia uma arma na floresta e a usava para atirar na cabeça dos outros, para não ter que ver os olhos deles. Olhos, diziam, faziam-na se lembrar da mãe. Ruth sabia, quando escutou esse boato, que a pessoa que o inventara devia ter ido ao velório de Mem e visto o péssimo trabalho do coveiro. Mas o que poderia dizer? Seus únicos momentos bons eram quando crianças novas, que não conheciam a história, entravam na escola, ou quando ela descobria por acaso alunos antigos que não haviam escutado as fofocas ou não tinham ido ao velório. Ela não era a única sobre quem falavam. Josie também era alvo de um monte de mentiras, assim como todos na família. Ao chegar na quarta série, Ruth já andava de cabeça baixa; ela a ergueu aos poucos durante a quinta série e, quando entrou para a sexta, diziam que a garota nem sabia mais se possuía cabeça, já que vivia nas nuvens.

Conforme ia crescendo, Ruth foi se tornando cada vez mais excluída e negligenciada. Quando completou treze anos, todos sabiam que era filha de um assassino (e não era apenas o fato de ele ser um assassino que era importante — muitos dos parentes das crianças tinham matado alguém —, mas a ideia de um pai matar uma mãe era algo que os abalava), e, apesar de as provocações explícitas terem acabado — ninguém implicava mais com ela —, a tensão permanecia. Então seu pai saiu da prisão e foi visto pela cidade. Na mesma semana em que ele foi solto, Josie foi embora da casa que dividia com Ruth e Grange, e foi morar com ele. Uma nova onda de fofocas e zombarias inundou a escola. Antes, as crianças a provocavam e a excluía por ser filha de um assassino, agora a provocavam por ser “esposa” do avô, que era tão diferente de seus progenitores paralisados e plácidos. No dia que saiu de casa, Josie deve ter tagarelado muito para ouvidos curiosos, pois agora o boato era de que Grange preferia a neta à esposa, e então ela deixara os dois para se divertirem sem interrupção. Josie tinha feito a cabana

deles, que Grange construía para Ruth brincar, parecer algo indecente. Ela simplesmente não fazia ideia alguma do que acontecia *de verdade* entre os dois lá, dizia por aí. Os colegas de classe se afastaram de Ruth com uma nitidez maior do que nunca, zombeteiros, desconfiados.

Rossel Pascal era a única pessoa na escola de quem ela gostava, e Rossel nunca falara com ela. Uma menina taciturna, bonita, com pele acetinada e cabelo cacheado escuro, Rossel era a única filha de um pai alcoólatra. Ele nunca se recuperara da morte da esposa, diziam as pessoas, e, infelizmente, também sussurravam, a esposa não merecia aquela tristeza toda. As professoras tratavam Rossel com uma frieza nítida, o que despertava a fúria e a compaixão de Ruth, apesar de a própria Rossel nunca parecer notar.

Rossel estava no último ano do colegial quando Ruth descobriu que ela pretendia se casar com Walt Terrell. Walt era o negro mais rico do condado. Ele voltara da Segunda Guerra Mundial como herói, com fragmentos de bala nas pernas e um peito cheio de medalhas cuidadosamente lustradas que usava, sempre, em qualquer ocasião que pudesse, e até nos churrascos da escola dominical. A escola levava seu nome, já que ficava no seu terreno, e todos o respeitavam. As professoras o bajulavam. Mesmo assim, ele era velho, tão velho quanto seu pai, pensava Ruth. Por que Rossel, que não tinha mais de dezesseis anos, se casaria com ele?

Nas cerimônias de formatura, Ruth observou Rossel parada ao lado do futuro marido. O pai de Rossel estava por perto, pálido e distraído, obviamente bêbado. Outras pessoas caminhavam ao redor e conversavam, mas ele parecia ser levado pela corrente, como um pedaço de madeira, através de um riacho radiante de vestidos dominicais e vozes infantis. Quando o nome da filha foi chamado, seus olhos brilharam por um instante. Sentado ao lado de Walt, que se agigantava sobre ele com sua cabeça enorme e seus ombros largos, foi nesse momento que o pai de Rossel ganhou vida. Quando Rossel sentou de novo com os dois, parecia prestes a se jogar nos braços do pai. Pai e filha se encararam com um olhar de portas fechadas.

— Rossel — disse Ruth em um impulso, enquanto desciam com cuidado os degraus da escola —, posso falar concê?

— Claro — respondeu Rossel, propositalmente desinteressada e fria.

As duas se afastaram dos homens como se se distanciassem de um batalhão de soldados. Ruth olhou para trás e viu Grange conversando com alguns dos homens. Sempre que ela se afastava dele e o observava como se fosse um estranho, o avô parecia grotesco, seu corpo comprido desengonçado, seu cabelo cheio em um estilo que saíra de moda com Frederick Douglass, as mãos executando uma dança agitada e enfática no ar entre ele e qualquer pessoa com quem falasse.

— Você é a Sra. Grange — disse Rossel, e Ruth imediatamente sentiu uma mágoa insuportável, como se tivesse desabafado sobre seus problemas com o Senhor, e Ele tivesse lhe perguntado se ela lavaria sua roupa.

Rossel exibía um sorriso radiante, como se visse graça na própria fala arrastada, que era divertida. Ruth falava sem sotaque, pelo menos achava que falava sem, apesar de nunca ter escutado ninguém falando na vida real além de sulistas. Ela não sabia por que não falava mais parecido com os outros. Era verdade que sua mente tendia a ignorar ou mudar para algo melhor e criativo tudo que os sulistas diziam. Isso incluía todos, com exceção de Grange, cujo discurso ela achava exuberante e forte. Mas Rossel falava exatamente como uma mulher branca sulista, com a mesma suavidade despreocupada. E, nela, o sotaque também parecia charmoso e burro. Quando as outras crianças a chamavam de “Sra. Grange”, Ruth se irritava, mas, com Rossel, só sentia mágoa.

— Meu nome é Ruth — disse ela.

— Eu sei — respondeu Rossel.

Elas pararam sob algumas árvores nos limites do pátio da escola. Atrás delas estava o banheiro das meninas, do outro lado ficava o poço. Várias crianças pequenas aguardavam sua vez de pegar a concha de água que era passada. Um garoto maior esperava com paciência, sua mão segurando a corda que prendia o grande balde de madeira do qual gotas de água caíam e respingavam no chão.

— Quando você tiver a minha idade — disse Rossel —, não vai ter mais que beber a água desse poço velho e sujo. Vocês todos vão

poder jogar fora aquele balde cheio de musgo e a concha comunitária *gosmenta*! Isso vai ser um progresso. E só uns quinze anos depois dos brancos.

Ruth não sabia o que dizer. Ela também odiava beber da concha, mas nunca escutara ninguém dizendo que um dia não precisariam mais fazer isso. O rosto de Rossel era carrancudo enquanto olhava para a rodovia. Carros cheios de gente branca passavam sem diminuir a velocidade. Não havia placa indicando que havia uma escola próxima, e as crianças que precisavam atravessar a rodovia tinham que correr. Um menino morrera tentando chegar do outro lado, e o estado da Geórgia colocara uma cruz de madeira branca como um indicador de “morte” para os motoristas, mas não pensara em pendurar uma placa de aviso.

Rossel estava obviamente entediada; ela lançou um olhar questionador para Ruth, que precisou reunir toda a sua coragem para perguntar aquilo que queria perguntar quando puxou-a em um canto.

— Por que você vai casar com *ele*? — deixou escapar ela, finalmente.

— Por que não? — respondeu Rossel, indiferente. — Prefiro casar com o diabo a ficar presa nos péssimos empregos dessa cidade.

— *Empregos*? — perguntou Ruth.

Sua ideia de casamento romanticamente incluía o amor. Mas tentou imaginar Rossel como uma fritadeira de lanchonete barata. Ela era bonita demais. Tentou imaginá-la como a empregada de uma mulher. Rossel quase parecia alguém que também precisaria de uma empregada. Não nascera para se misturar com os pobres coitados do mundo e parecia saber disso.

Ela queria tanto dar um abraço em Rossel. Mas como poderia abraçar alguém tão frio, tão indiferente, tão insensivelmente lindo, uma garota tão *séria*? Em vez disso, Ruth começou a se debulhar em lágrimas, e foi Rossel quem a abraçou.

— Não chore por causa disso — disse Rossel, sua voz estranha, aguda e desanimada. — Talvez, um dia, a gente entenda por que casar com ele supostamente é uma alternativa muito melhor.

Por um instante, as duas ficaram agarradas, e então Rossel se afastou, o rosto calmo, recomposto, determinado; o rosto, pensou Ruth, de uma boneca. Um rosto sem nada além de confiança na sua própria perfeição vazia.

Muito tempo se passou antes de ela ver Rossel de novo, um ano inteiro. Foi no velório do pai de Rossel, que tinha morrido congelado no cemitério, em cima da lápide da esposa. Rossel estava vestida de preto com riqueza e parecia uma rainha abatida. Ela envelhecera naquele ano, e, aparentemente, se tornara mais apegada ao marido, pois se apoiava na proteção de seus braços com a dependência desamparada de uma criança. E Walt, apesar de sua aparência perpetuamente maçante e militar, parecia radiante de orgulho e satisfação.

Capítulo 43

Um dia, a pergunta sobre como seria seu futuro se tornou imensa. Foi o dia em que seu corpo decidiu que estava pronto para um futuro, e ela sabia que não estava. Ruth se sentia apertada e comprimida pelo pânico. Grange tinha lhe dado lenços, uma cinta e um talco gostoso que cheirava a rosa quente. Ele estava animado e angustiado com o que diria a ela sobre um evento tão repentino, apesar de não inesperado. Porém ela era bem-informada demais para fazê-lo se debater com seus conhecimentos. O que a assustava era que sentia que seu corpo de mulher a tornava indefesa. Sentia que agora ele poderia ser usado e obrigado a conceber algo que ela não queria, contra sua vontade, e sua mente não poderia fazer nada para impedir isso. Morria de medo de ser, como dizia, “usada”, como as garotas eram todos os dias, e ficar presa em uma condição que só pioraria. Ela ainda não chegara à fase em que a ideia de um homem e casamento poderia ser contemplada com tranquilidade.

— O que eu vou *fazer* quando crescer? — perguntou ela ao avô com certo nervosismo.

— Como assim? Nós tem a fazenda. Nós pode ficar aqui até o fim do mundo.

Ela olhou para a plantação de algodão de Grange, tão bonita sob a luz da lua. Havia uma horta e umas galinhas e uns porcos. A vida poderia ser perfeita para um eremita.

— Num vou ser um bicho do mato — disse ela. — Quero sair daqui um dia. Sem ofensa à sua fazenda, é claro. Sabe, acho que talvez eu vá para o Norte, que nem ocê fez; quero conhecer Nova York, a 125th Street, todas aquelas boate e as pessoa falando palavrão em público.

— Não vou deixar — respondeu Grange, sério.

— Eu não ia tentar ir enquanto ocê tivesse aqui — retrucou Ruth, como se ele devesse se envergonhar por cogitar essa hipótese.

— Mesmo assim, não quero que ocê vai, é um lugar frio feito as teta de uma bruxa, e as pessoa fala engraçado concê.

— Ocê já me contou isso. Mas o que eu ia fazer aqui? Posso substituir a irmã Madelaine no trabalho dela, tirando que ela continua na ativa, por mais velha que seja. Na verdade, acho que isso é o que ocê queira que eu faça, virar uma vidente pra assustar as branca descrente. Mas acho que não nasci pra ficar cavando raiz e prendendo fezes em árvores! Eca! Talvez posso dar aula no fim da rua com a Sra. Grayson; duas bobas juntas. Mas eu não ia ter coragem de ficar parada na frente daquelas criança, sabendo que elas não consegue escutar o que eu falo. Além disso, detesto demais a Sra. Grayson para dar a ela o prazer da minha companhia.

— Cê é mais esperta que ela — disse Grange. — Lê o suficiente para saber o que ensinar pros outro.

— Ser mais esperta que a Sra. Grayson ia ser minha maior desvantagem. Ela ia vir atrás de mim um dia e ia me empurra no poço. Vaca burra e velha!

— Não precisa ficar nervosa. Já mandei ela não te maltratar mais. Eu disse que ia torcer o pescoço dela até os olho dela estourar. E do marido dela também.

Ruth suspirou.

— O que me resta! — Ela correu até seu quarto e trouxe o jornal. Abrindo no anúncio que queria, leu: — “Precisa-se: Moça bonita com perfil de sofisticação sulista, com bons modos e simpática, para emprego como recepcionista em escritório de advocacia.” — Havia apenas um escritório de advocacia na cidade, e era de brancos. — Meu charme provavelmente não ia estar à altura, de todo jeito — murmurou Ruth, continuando a ler: — “Precisa-se: MOÇAS BRANCAS para preencher vagas em fábrica de costura. Nova fábrica recentemente reformada e sob nova gerência necessita de costureiras para fazer macacões. Oferece treinamento.” Blá-Blá-Blá — disse ela.

Na parte dos classificados para pessoas de cor, havia apenas uma vaga para “mulher de cor de meia-idade para fazer trabalhos domésticos leves à noite, passar pouca roupa e cozinhar. Seis

dólares por semana”. Ruth deixou o jornal de lado e olhou para Grange.

— Cê sabe que não vou virar cozinheira dos outro, não sabe?

— Não vai, não — concordou ele.

— Bem, e qual é sua sugestão para mim quando eu crescer? Só existe um Walt Terrell — acrescentou ela, amargurada —, e Rossel já fígou ele!

— Ocê num vai se vender; nem pensa nessas coisa. Às vez algo aparece. As coisa muda — disse Grange, sem muita convicção. — Os presidente muda. Isso ajuda nós às vez. Roosevelt, ocê não lembra dele, mas uma vez ele convidou Booker T. Washington para almoçar na Casa Branca. O resto de nós morria de fome, mas aquilo pareceu ajudar um pouco na época. E hoje tem Eisenhower, por mais que seja um paspalho imprestável, mas o tribunal anda falando por aí que as escola dos preto não é igual às dos branco, e dizem que ele vai ajudar.

— Enquanto isso, nossa escola funciona à base de pura estupidez.

— Não me interrompe. O que eu sei, e imagino que é o que eu *mais* sei, é que as pessoa muda. Esse é o principal motivo pra não desistir de ninguém. Ó, se ocê tivesse me conhecido quando eu era moleque, bebendo e brigando e batendo na sua avó, ocê ia ter desistido de mim. Com certeza, ia. Ocê não é das mais paciente. *Mas*, agora, cê não desistiu (principalmente porque não era nascida e nem pensa naquela época) e aqui está, me vendo amansado e quase civilizado, tomando minhas bebida só pra fazer bem pro meu estômago, como um cavalheiro, cuidando dos campo só pra uma menina e trazendo meu dinheiro todo pra casa. E não esqueça, sempre teve preto lutando por uma vida melhor. Talvez o grupo deles fica maior até caber todo mundo. Não sei como isso pode acontecer. Nunca vi um bando de preto tão desgraçado quanto a geração do seu pai. Mas, com as mudança certa e um líder, pode acontecer.

“Teve uma época que eu não era dono da minha própria vida, e teve uma época que eu não importava de perder ela, mas só se levasse uma dúzia ou mais de branco comigo. Ainda acho que esse *foi* meu melhor momento. Mas aí voltei pra cá, cansado de me sentir daquele jeito, e vi o resto da nossa gente parada, rezando. E o Senhor ou qualquer outra coisa fez ocê cair no meu colo. Uma voz

me disse, é melhor parar de palhaçada, preto, aqui tá um motivo procê se arrumar na vida e seguir firme.

“Quando eu morrer, essa fazenda não vai ser de ninguém além de sua. Eu paguei por ela usando todos os truque que conheço. A cerca que nós montou vai te dar uma liberdade certa, mas só se ocê não tiver medo de pegar numa arma. A arma é importante. Porque não sei se amor funciona com todo mundo. Um pouco de amor, um pouco de bala, é assim que acho que ocê devia fazer.

“Bom, é melhor eu deixar claro que não gosto muito de ninguém além docê. Lembro que, quando eu frequentava direito a igreja, tentei sentir alguma coisa bem grande, alguma coisa que me fizesse amar o mundo tudo. Mas eu não conseguia encontrar esse sentimento de jeito nenhum. Eu e sua avó, nós brigava um monte por qualquer bobagem; e acho que nós se engalfinhava tanto porque ela *era* capaz de amar um monte de gente que não merecia.

“Os branco me odiava, e eu me odiava até começar a odiar eles de volta e a me amar. Aí tentei só me amar, e aí amar ocê, e *ignorar* eles o máximo possível. Ocê é especial pra mim porque é parte de mim; uma parte de mim que eu nem costumava querer. Quero que ocê viva por muito tempo, que tenha um bando de filho. Conta a eles o que cê me fez enxergar, que não vale de nada enxergar se ocê não enxerga *direito!*”

— E tudo isso atrás de uma cerca? — Ruth parecia incrédula. — Eu ia morrer de tédio esperando os preto mudar de vida para eu poder ir junto. Como já estou pronta pra mudar e eles não, acho que eu devia ir na frente e deixar os outro me seguir.

— Acho que isso exige algo que cê ainda não está pronta para dar. Quantos preto ocê diz que conhece de verdade? Quer dizer, que ia mudar de vida sem chiar? — perguntou ele. — E quantos branco?

Ela contou os negros em três dedos, apenas um sendo um velho guerreiro, e nenhum branco.

Capítulo 44

Depois que Josie foi embora, a casa gradualmente assumiu o charme da cabana, o charme da paz, do silêncio e da busca por uma satisfação interessante aproveitada por completo. Juntos, Grange e Ruth procuravam a beleza em tapetes, cortinas, quadros e capas de almofada. O quarto de Ruth era um verdadeiro sol brilhante, amarelo e branco. Para sua cama, ela fez uma manta de algodão amarelo e branco, e as cortinas eram de musselina branca transparente com bolinhas. Sua mesa, com vista para a floresta, era lotada de livros. Ela gostava de mitologia, das irmãs Brontë, Thomas Hardy, qualquer autor romântico. Se ficasse presa em uma ilha deserta, levaria *Jane Eyre*, um dicionário de bolso que tinha e todos os seus livros sobre a África. Levaria seus mapas dos continentes, tudo que possuía de Charles Dickens, um monte de papel e um estoque de canetas. Deixaria na mesa sua Bíblia de capa vermelha, que Grange tinha roubado de um carrinho que ficava do lado de fora de um quarto de hotel, seu dicionário grande, que ele adquirira de um jeito desconhecido e que seria pesado demais, e sua edição de *Etiqueta*, da Srta. Vanderbilt, que ela ignorava o máximo possível sem fazer o avô se sentir um tolo por lhe dar o livro. De suas roupas, levaria os dois macacões e camisas xadrez, suas botas de inverno, o casaco de lã vermelha e provavelmente um vestido. Levaria seu medalhão com a foto de Mem, que havia sido presente de Grange no seu aniversário de catorze anos. Na imagem, Mem era uma jovem esposa estressada e esperançosa, com apenas uma filha. Ela a fitava do pequeno medalhão com olhos calmos, incrédulos.

O quarto de Grange era todo marrom, vermelho, azul e preto. Seu quarto era uma parte dele e estava impregnado com seu cheiro, de tabaco e feno, e, mais leve, de vinho de laranja. Quando ele se

sentava diante do fogo, apoiava suas botinas marrons contra as pedras marrons da lareira, e suas roupas de baixo de flanela vermelha, penduradas sobre a cadeira de balanço, combinavam com o vermelho espalhado entre o azul da manta na cama. Durante três quartos do ano, havia flores em todos os cômodos da casa, nos dois quartos e na cozinha, e, é claro, na sala “da frente”, onde seus poucos visitantes podiam sentar e tomar um gole de chá de raiz de íris ou sassafrás.

— Que coisa é essa? — perguntavam suas visitas mais ousadas, talvez se lembrando de algum comentário pouco generoso feito pelo próprio ou por outros sobre a estranheza de seus anfitriões.

— Esse é o chá da sobrevivência — respondia Ruth, piscando para o avô.

Ele ficava sentado em silêncio, fumando, ignorando o convidado, exceto para comentar:

— Ela te deu, é melhor tomar.

E parecia completamente confortável diante do convidado constrangido que com certeza viera visitá-los só por curiosidade.

— Como cê sabe disso? — perguntavam eles às vezes, na defensiva.

— Fui eu que contei pra ela — era a resposta indiferente de Grange, com quem ninguém tinha coragem de discutir.

Quanto mais velho Grange ficava, mais sereno e categoricamente certo de sua missão ele se tornava. Seu único dever no mundo era preparar Ruth para alguma tarefa importante e hercúlea, alguma batalha magnífica e mortal, alguma realidade difícil e sinistra. Nada o fazia se arrepender de seu método independente de criá-la. Em vão, os diáconos da igreja lhe passavam um sermão sobre ensinar Ruth a evitar os carinhos das irmãs carolas e fugir dos abraços dos irmãos de batismo. Em vão, os pastores e missionários o alertavam sobre o paganismo da jovem alma dela. Era comum que achassem que Ruth seria até capaz de cuspir no prato que a alimentaria espiritualmente, e essa suposição estava correta.

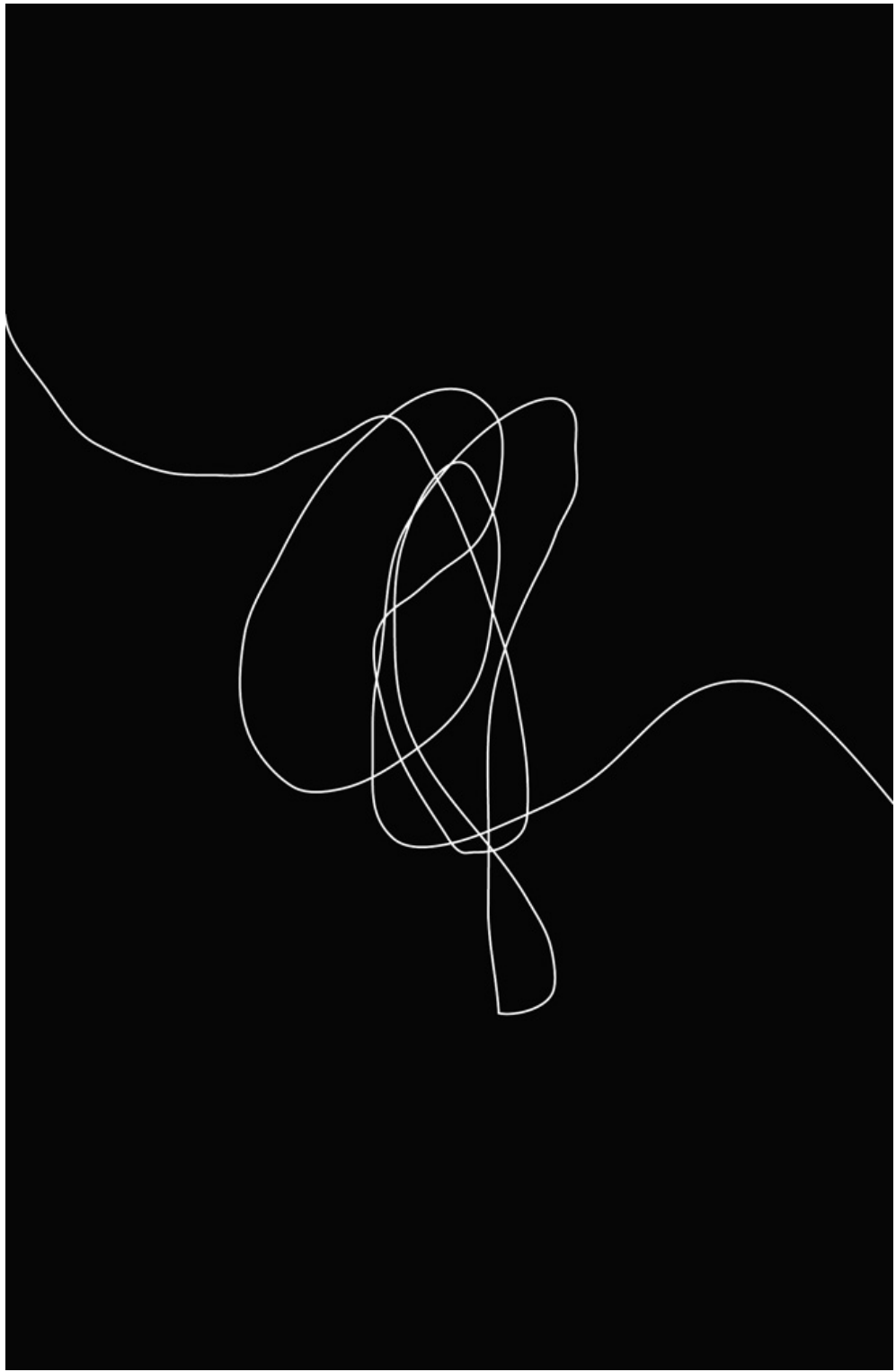
— Antes de deixar eles te batizar naqueles rio lamacento e de poça suja, depois que eu me for, chuta as perna deles e deixa eles se

afogar.

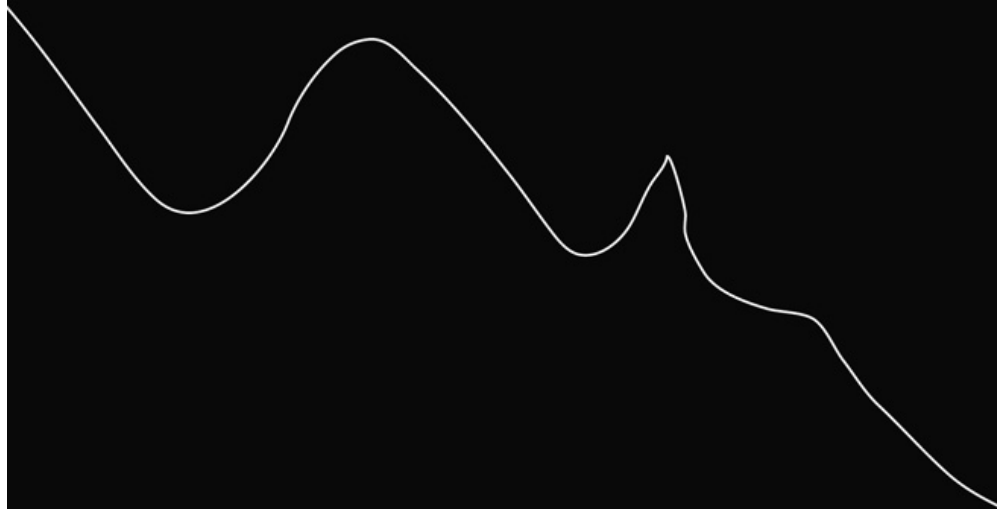
Com esse propósito, Grange contratou um garoto branco pobre para ensinar Ruth a nadar.

— As corrente dos escravo estão amarrada em cada pedra e arbusto — disse ele para ela. — Antes docê deixar algum diácono distraído encostar nocê, garra a orelha evangélica dele e puxa até o nariz sair do lugar.

E se as várias congregações acreditavam que o espírito do diabo já havia tomado a jovem Ruth Copeland, sua adoção imediata dos ensinamentos de Grange era uma prova nítida desse argumento. As pessoas notavam em choque que o maior prazer dela, assim como o do avô, quando iam à igreja, era rir em momentos sérios.



Parte X



Capítulo 45

Várias vezes depois de Josie ir morar com Brownfield, Ruth viu os dois vadiando na floresta atrás da escola. Seus colegas de classe fugiam do pai dela, alguns faziam zombarias. Josie, cheia de pó de arroz e com a peruca desalinhada, seguia ao lado dele, apoiando o peso bêbado de Brownfield com um olhar paciente e sofredor que deixava Ruth muito confusa. Era costume de Grange, especialmente em dias nublados, buscá-la no poço da escola ou, se não lá, na pequena casa de energia de madeira nos limites do parquinho. Um dia, deram de cara com Brownfield e Josie. Nesse dia, os dois de fato andavam pela beira do terreno da escola como namorados, Grange cuidadosamente prendendo o cachecol em torno do pescoço da neta a cada poucos passos. Eles sussurravam e riam sobre o zelador negro da biblioteca dos brancos na cidade, que Grange embebedava sempre que ia até lá a fim de roubar livros para ela. Só viram Brownfield e Josie quando quase esbarraram nos dois.

— Ó se não é a dupla de dois — disse Josie, insolente, observando seus dedos entrelaçados.

Pela primeira vez, Ruth ficou gelada com o ciúme puro estampado nos olhos da avó postiça.

— Pois é — disse Brownfield, que mantinha uma mão possessiva sobre o ombro da madrastra —, a maldita dupla de dois. Andando por aí, tomando um maldito ar!

Ele esfregou a palma de uma das mãos na frente da calça com atrevimento.

Ruth tomou um susto e ficou histericamente desnorteada, pressionando-se contra o lado do avô e tentando seguir adiante sem olhar para os dois. Pois, apesar de ter tido vislumbres do perfil do pai pela janela da sala de aula, tinha conseguido se convencer de que

ele não era real, de que era quase uma sombra de um passado muito sofrido, e uma sombra jamais se transformaria em carne e osso para falar com ela. Os tons embriagados da voz dele trouxeram de volta um pavor que ela tentara muito esquecer.

— Ora, ora — disse Grange. — Minha mulher e meu filho.

Seus olhos, quando Ruth se virou para cima para fitá-lo, eram de um marrom pétreo, quase preto, e sua pele parecia ter envelhecido e se tornado cinzenta e fina. Aquela foi uma das poucas vezes que ela pensou no avô como idoso, uma das poucas vezes que pensou que poderia ser possível ele declarar que estava farto de tudo e morrer. Naquele dia, ele usava seu macacão e suas botinas, mas com o velho casaco de gabardine de missa. O tecido era muito macio contra o rosto dela, e Ruth se surpreendeu ao notar que seu rosto alcançava o ombro dele.

— O que ocês quer? — perguntou Grange para a dupla maliciosa, com um leve tremor na voz.

— Quero a porra da minha filha! — disse Brownfield. — Ela não é sua. Ela é minha, e eu quero ela.

— Sim — insistiu Josie, empinando os seios ainda maravilhosos —, ela é filha dele e ele quer ficar com ela. Não é certo um velho sozinho que nem ocê tentar cuidar de uma garotinha.

Ela virou para Brownfield em busca de apoio, mas ele, enquanto encarava Ruth, parecia ter entrado em transe. A filha tremia sob seu olhar incrédulo e entorpecido. Josie nunca cogitara a hipótese de que a garota crescida poderia se tornar bastante parecida com a mãe.

— Não sei por que só te deram sete anos — disse o avô com firmeza, se empertigando. — Deviam ter te deixado no xilindró.

— Mas ela é filha dele! — disse Josie, tentando rir, mas parecendo loucamente perto de cair no choro.

— Cala a boca — disparou Grange sem encará-la. — Imagino que cê está pretendendo ser uma boa mãe para ela.

— Bem, não — respondeu Josie, esticando uma das mãos com nervosismo para tocar no marido, mas então cedendo à vergonha. — Se ela voltar para o pai, vou voltar procê.

Isso fez Brownfield sair do transe e abrir um sorriso perigoso. Ruth pensou ter visto Josie se retrair, como se estivesse se preparando para fugir de um soco. Aquele tremor foi mais do que podia suportar,

e Ruth começou a chorar. Ela se jogou nos braços do avô, tremendo de forma incontrolável.

— Não te quero de volta, sua vagabunda fria, nem que fosse para pagar todos os meu pecado, o que já aconteceu concê. Eu queria nunca ter posto os olho na sua cara. — Então virou os olhos flamejantes para o filho. — Eu acolhi essa menina quando ocê transformou ela numa órfã. Ocê matou a mãe dela. Onde cê estava esses ano todo, quando ela precisava de um pai? Sumiu! Ocê sumia até quando vivia embaixo do mesmo teto que ela, só que se enfiava na garrafa de uísque. E aí foi pro xilindró por matar a única coisa decente que já teve na vida. Não sei como ocê convenceu os branco a te soltar tão rápido, não foi porque se arrependeu; apesar de eles estar se lixando, mas só se o que a gente matar for os outro crioulo! Ocê tomou uma decisão — disse ele, se virando para Josie, que tinha começado a chorar, riscando seu pó de arroz —, seja firme. Se achou que ia me humilhar indo atrás do meu filho, estava enganada. Ocês dois é igualzinho; podem chafurdar na lama tudo junto!

— Não seja tão *duro*, Grange — chorou Josie. — *Não seja tão duro!*

— Ele acha que eu não devia de ter deixado ele há tanto tempo atrás — disse Grange, ignorando Josie —, e ele está certo. Mas eu tentei fazer as paz, e ele não deixou. E foi *ele* que largou essa menina. Agora, não vai pegar ela de volta, não me importa o que fizer. Não vai!

— Grange, eu *tentei*... — começou Josie, mas Brownfield a interrompeu.

— Não implora nada para ele, ele é tão superior que nem vai te ouvir. Mas *ocê nunca foi um pai pra mim!* — disse Brownfield para Grange. — E não vou deixar ocê ficar com minha filha pra compensar isso!

— Seu cretino imprestável — respondeu Grange, afastando Josie e erguendo os punhos. — Se disser mais uma palavra...

— Ocê nunca foi um pai pra *mim!* — berrou Brownfield, mas não tentou se aproximar dos punhos do pai.

— Grange — disse Josie —, seu filho te *ama*. Ele me contou como foi. Ocê largou ele, e depois parecia que os branco aproveitava toda oportunidade para jogar ele na lama. Ocê sabe como é — implorou ela. — Obrigaram Brownfield a fazer coisa que ele não *queria* fazer.

Por um instante, o desgosto deixou Grange engasgado demais para conseguir falar. Quando falou, se virou para Ruth.

— Seu pai me ensinou umas coisa que eu não sabia sobre culpa e responsabilidade — disse o velho. — Sabe, eu achava que ele podia colocar a culpa de boa parte da vida dele em mim; não dei nenhuma orientação pra ele nem, na cabeça dele, amor. Mas quando ele virou um homem, com oportunidade de consertar meus erro e ser bom com as filha, teve a chance de virar um homem de verdade, um pai também. Essa foi a época que ele devia de ter esquecido o que eu fiz com ele. E com a mãe dele. Mas ele estragou tudo com as filha, com a esposa, com a casa dele, e ele nunca se culpou. E nunca se culpar fez seu pai se tornar um *fraco*. Nem precisava pensar em mais nada além de mim e dos branco pra chegar na raiz de *todos* os seu pobrema. Pensar desse jeito só serviu para transformar o cérebro dele numa *maçaroca*.

— Ó — disse Brownfield — seu velho desgraçado!

Josie tinha puxado um lenço pequeno demais para ela. Logo o deixou todo molhado com suas lágrimas.

— Grange — disse ela, secando os olhos com a pequena bola úmida —, cê sabe que a culpa é um pouco sua; na verdade, sempre admitiu isso...

— Cala a boca — disse Brownfield.

— ... e sabe que costumava culpar os branco também. Porque eles é o motivo pra todas porcarias que a gente precisa engolir...

— Todinhas — disse Brownfield.

Grange continuou se dirigindo a Ruth, o ombro apontado para Brownfield e Josie. Ele falava rápido, ofegante, as mãos fazendo sua dança agitada.

— Por Deus, eu *sei* o perigo de colocar as culpa tudo em outra pessoa pelas besteira que ocê faz com a própria vida. Eu mesmo caí nessa armadilha! E eu tenho a tendência a acreditar que é desse jeito que os branco consegue te corromper mesmo quando cê nunca fez nada. Porque quando eles te convence que são os culpado por *tudo*, te convence a achar que são uma espécie de deus! Ocê não pode fazer nada de errado sem eles estar por trás. Ocê passa a ser fraco que nem água, sem ter a sensação de fazer *nada* por sua própria conta. E aí começa a pensar em maldade e começa a destruir todo mundo redor docê, e coloca a culpa nos branquelo tudo. *Merda!*

Ninguém é tão poderoso quanto nós acha que é. Nós é dono da nossa própria *alma*, não é?

— Para um velho que podia meter a porrada em dez deles antes de tomar café da manhã, pelo que a Josie me conta, ocê com certeza parece estar apaixonado pelos branquelo! — disse Brownfield.

— Eu só amo uma pessoa, preta *ou* branca — rebateu Grange, virando por um instante para o filho. — E não estou falando de amor, mas de ser homem! — Ele se virou de novo para Ruth. — Quer dizer — continuou ele —, os branquelo pode ter me feito largar da minha esposa, mas onde estava o *homem* em mim que me deixou ir embora escondido, sem nunca contar a ela aonde eu ia, sem nunca dizer que eu perdoava ela, sem nunca dizer o tanto que eu estava errado?

— Ocê nunca se importou nada com a minha mãe! — disse Brownfield.

— E os branco pode ter me obrigado a acreditar que comer cem piranha era um sinal da minha masculinidade — continuou Grange —, mas onde estava o *homem* em mim que me deixou enganar Josie de um jeito tão baixo, quando eu estava pouco me lixando pra ela, desde que ela me obedecesse e comprasse minha fazenda?

— Ah, Grange, querido — disse Josie, esticando uma das mãos para ele —, não é tarde demais para nós, não diga isso.

— Cala essa boca de piranha! — exclamou Brownfield, batendo na mão dela.

— E com seu pai — continuou Grange —, os branco pode ter forçado ele a viver acorrentado; pode até ter forçado ele a bater na esposa e nas filha como se elas fosse cachorro, só para ele continuar se sentindo um merda. Mas onde estava o *homem* nele que deixou ele *matar* a mulher? Que branquelo apertou o gatilho? E se um branquelo fez ele matar a mulher, Brownfield devia era de ter apontado a arma pra ele mesmo, porque ele não era homem. Ele *deixou* o branquelo segurar a arma, porque era fraco demais para separar a vontade daquele branquelo das dele! E o mesmo vale pra mim. Nós dois fugimo da responsabilidade, e, sem encarar pelo menos uma *parte* dos seus erro, o homem perde os músculo. — Os olhos de Grange estavam marejados agora; ele se virou para encarar o filho. — Se eu pudesse voltar atrás — disse ele —, eu e sua mãe poderia ter morrido de fome na vala de algum branco, mas ela ia ter

morrido segurando minha mão! Porque isso eu *podia* ter feito. E acredito que ela ia ter visto o homem em mim.

Grange tremia tanto quanto a neta, e aquela instabilidade onde antes só via força fez Brownfield ganhar coragem.

— Seu filho da puta descabelado — disse Brownfield, irritado pelo pai manter o cabelo comprido —, grande coisa cê ia fazer pela minha mãe segurando a mão dela enquanto ela morria! Quando um homem está morrendo de fome, não *precisa* dessas merda de segurar *mão*.

— Mas eu tinha que me responsabilizar por tudo pra ela, ocê ainda não entendeu como as coisa funciona? Todo mundo estava pouco se lixando pra mim, de menos a sua mãe, e eu estraguei tudo tentando dar uma de machão! Depois de dois anos sem conseguir nada na plantação, virei as costa pro que eu tinha. Eu simplesmente não conseguia encarar que eu nunca tinha progresso nas minhas coisa. Eu só estou dizendo, Brownfield — continuou Grange, sua voz baixando para um sussurro —, é que, um dia, tive que olhar pra minha vida e enxergar o que *eu* fiz de errado, e, quando olhei para trás, descobri que sua mãe estaria viva hoje se eu não tivesse praticamente dado um tiro nela com minhas própria mão, do mesmo jeito que cê fez com a sua esposa. Nós é *culpado*, Brownfield, e nenhum de nós vai conseguir encontrar o rumo certo até admitir isso.

— Não tenho que admitir porra nenhuma procê — disse Brownfield —, e não vou tirar a culpa dos branquelo por tudo que eles fez com a minha vida!

— Eu tô falando *concé*, Brownfield — disse Grange —, e boa parte do que estou dizendo é *ocê precisa se agarrar a um lugar dentro docê mesmo onde eles não consegue entrar*. Ocê não pode levar essa menina aqui e acabar com a vida dela só pra se vingar de uns branco por algo que ocê nem *sabe*. Nós fica se matando por gente que nem é importante *pra* nós!

— O tribunal disse que eu posso pegar ela de volta. Velho, vou brigar concê por isso! Eu queria te dar uma chance de fazer uma troca justa, sua mulher por ela. — Ele esticou a mão para tocar em Ruth, e ela se encolheu, arrasada. — Boa demais pra mim, é? — quis saber ele, fazendo cara feia.

Durante toda aquela conversa deplorável, Ruth não conseguira dizer uma palavra. Ela queria falar para Brownfield que o odiava por matar Mem e por fazê-la sofrer, por torná-la excluída e sem amigos,

mas nada saiu. Estava com medo demais de o pai cumprir a ameaça e forçá-la a abandonar Grange e ir morar com ele.

— Ele nunca vai te pegar — disse Grange enquanto Josie e Brownfield se afastavam com passos arrogantes. Mas ele segurava o coração como se isso o machucasse, e o olhar que deu a ela era inseguro.

Aos prantos, os dois foram cambaleando para casa pela floresta, onde desmoronaram juntos por um instante. Eles choravam como se já soubessem o que estava por vir; e assim como Ruth finalmente conseguia vislumbrar um momento em que Grange não estaria ao seu lado, ela sabia que Grange imaginava um momento em que seus poderes de proteção e amor acabariam, e a neta voltaria a ser uma órfã com um pai feroz — uma fera que o próprio Grange criara.

Naquela noite, Grange passou horas debruçado sobre a Bíblia de Ruth antes de ir para a cama. Ele tinha grande admiração pelos filhos hebreus que haviam fugido das terras egípcias. Talvez pela centésima vez, contou a Ruth a história do êxodo dos hebreus.

— Eles fez a coisa certa — disse Grange.

— Foi?

— Fugiram enquanto ainda tinha juízo e se importava com o que acontecia com o espírito deles. E um com o outro. Posso estar enganado, mas nada ainda foi provado.

Pensativo, ele olhou por cima do livro e encarou o fogo.

— O quê? — perguntou Ruth.

— Nós não pode viver aqui sendo livre, tranquilo e se sentindo em casa. Nós está enlouquecendo.

— *Aqui?*

— Não estou falando da fazenda; estou falando do país, dos Estados Unidos. Acho que temos que sair desse lugar se nós quiser sobreviver. Toda essa luta pra continuar sendo humano, quando, por muitos anos, ninguém sabia o que era ser humano além de nós. Isso está matando a gente. Eles têm mais jeito de se livrar das pessoa do que só usando arma. Nós serve pra fazer música bonita e ser estudado nos manicômio.

— Talvez seria melhor se alguma coisa acontecesse e mudasse tudo; tornasse tudo igual; fizesse a gente se sentir *em casa* — disse Ruth.

— Eles não pode desfazer o que fizeram, e nós não pode esquecer tudo nem perdoar.

— Ia ser tão difícil perdoar se eles não fizesse mais coisa ruim?

— Sinceramente, não acredito que eles *pode* parar — admitiu Grange —, não como um grupo, de todo jeito. — Ele se recostou na cadeira e enfiou uma das mãos no bolso. — Mesmo que conseguisse — disse ele, devagar —, ia ser tarde demais. Procurei o perdão no meu coração, mas não encontrei nada. O máximo que consigo é chegar num tipo de dormência. De um jeito que eu não colocaria lenha na fogueira pra assar eles tudo, mas também não escutaria seus pedido de socorro.

Ruth riu.

— Isso não é motivo de orgulho — retrucou Grange, sério —, não se ocê quiser chamar ocê mesmo de humano — ele se inclinou para a frente, olhando com tristeza para o fogo. — Quando eu era menino — continuou —, chorava se alguém matasse uma formiga. Quando olho pra trás agora, eu *gostava* de me sentir desse jeito. Não *quero* ficar sentado aqui agora, *dormente* pro que acontece com metade das pessoa no mundo. Eu sinto como se algo macio e quente, e delicado, e meio *tímido* tivesse queimado dentro de mim.

— Dormência deve ser melhor que ódio — disse Ruth com bondade.

Ela nunca vira o avô tão angustiado.

— O problema da dormência — disse Grange como se tivesse pensado naquilo por muito tempo — é que ela se espalha pros seus órgão tudo, principalmente o coração. Um pouco depois de eu parar de escutar os branco gritando por ajuda, também não vou escutar os preto. — Ele olhou para Ruth. — Talvez eu não escute nem ocê.

— Ocê ia me escutar, sim! — exclamou Ruth.

— Seu pai não escuta, não é? — perguntou Grange, voltando para a história dos hebreus. — “*se os fundamentos estão destruídos*” — leu ele após alguns minutos —, “*que pode o justo fazer?*”

— Reconstruir tudo? — perguntou Ruth.

— Tarde demais para reconstruir — disse Grange — porque os justo estava lá quando tudo foi destruído. — Ele se concentrou em

outra parte da Bíblia e leu: — “*pagam-me o mal pelo bem, e minha vida se torna estéril.*” — Ele olhou para Ruth. — O Senhor sabia que havia um limite pra quantidade de merda que podia colocar na vida de um sujeito antes dele começar a feder por *dentro*. É a ruína da alma que torna o perdão impossível. E isso não está mais só *dentro* de nós — disse ele com um suspiro. — Como os jovem pode continuar inocente aqui? É *isso* que *me* chateia.

— Vai ficar tudo bem — assegurou Ruth, tirando a Bíblia dele e deixando-a de lado. — Pra um homem que não gosta da igreja, ocê adora mexer nesse livro.

— Mas nós está falando de um assunto sério — respondeu Grange, encarando-a com firmeza. — Ocê tava protegida nessa fazenda... Ocê nem sabe o tanto que ia ficar *cansada* depois de anos de luta. Quero que ocê lute contra eles com unhas e dente se tentarem abusar docê. E eles *vai* tentar, porque você sempre vai ser uma crioula pros olhos dessa gente. Bosta! Odeio eles por fazer ocê se sentir mal! Mas não quero que ocê lute até ficar tão esgotada que vai acabar se tornando uma preta branquela! Porque aí é que eles te prende mesmo. Eu ia querer que ocê escapasse antes disso acontecer!

— Por que ocê não escapou? — perguntou Ruth.

— O mundo não era tão grande na época igual ele é agora. Achei que os Estados Unidos fossem tudo. Sem contar que — disse Grange com tristeza — eu não queria dar esse gostinho pros desgraçado!

— Nossa — respondeu Ruth, parando atrás dele e puxando as orelhas grandes dele, de brincadeira —, ocê sabe que segurou sua alma na hora certa, antes dela ser completamente estragada.

— Eu *queria* saber disso — disse Grange, levantando-se para dar corda no relógio —, mas olho pra Brownfield e pra Josie, e sei que fui lerdo *demais*.

• • •

No meio da madrugada, Ruth acordou com um barulho.

— Está dormindo? — perguntou o avô. Ele estava parado ao lado da cama. — Não consegui pregar os olho. Fico pensando no que aconteceu hoje.

Ruth se sentou e acendeu a luz. Grange estava de pé em seu camisão comprido, com uma touca de meia na cabeça.

— O que que aconteceu? — perguntou ela, sonolenta.

— Eu queria te dar isso — disse Grange, entregando-lhe um caderninho.

— O que é?

— Uma caderneta bancária. Coloquei uns trocado procê ir pra faculdade. Seu pai está aprontando alguma, e não sei quanto tempo vou conseguir manter ocê longe dele.

Ruth esfregou os olhos e abriu a caderneta. Seu nome e o de Grange estavam lá dentro. Havia novecentos dólares.

— Isso aí é só do contrabando das bebida — explicou Grange. Ele foi para seu quarto e voltou com uma caixa de charutos surrada que fazia barulho de algo chacoalhando e retinindo. Ele a abriu e começou a contar as notas e as moedas de vinte e cinco, cinquenta, dez, cinco e um centavos. Contou quatrocentos dólares, tirou vinte e algumas moedas para si mesmo. — E isso tudo foi o que eu ganhei no pôquer. — Ele jogava praticamente todas as semanas desde que ela fora morar lá. Ruth pegou a caixa de charutos e a guardou embaixo da cama. — Coloca isso no banco amanhã — disse Grange.

— Tudo bem — prometeu ela com a voz tranquila, apesar de sentir as lágrimas subindo por sua garganta.

— Venci tanto meus colega de carteado que convenci eles a fazer umas apólice de seguro no seu nome também — continuou Grange, segurando seu pouquinho de dinheiro em uma das mãos e timidamente afastando o camisão do corpo com a outra. — Acho que, se eles começar a morrer um por ano daqui a pouco, o dinheiro vai te ajudar a ter uma vida boa. Sei que uma menina na faculdade precisa das coisa.

— Eu não posso fazer uma coisa dessas! — disse Ruth. — E os filhos deles? Eles vão precisar das coisa também.

— Bom, isso é uma escolha sua. Se ocê precisar do dinheiro, eu ganhei. — Ele ficou quieto por um minuto, encarando o chão. — Será que foi errado fazer isso? — perguntou Grange. Ele olhou para as notas que segurava. — Acho que não *foi* muito *humano* da minha parte.

— Não te culpo — respondeu Ruth, rápido. — Sei que fez isso por mim. Mas não preciso de mais, depois docê me dar tanta coisa! Não

fica com medo de alguma coisa acontecer — acrescentou ela, segurando a mão do avô. — Brownfield deve estar tão bêbado a essa altura que nem deve lembrar que *sou* filha dele!

— Vai no banco amanhã cedo — repetiu ele, se virando. — Vou acordar para te levar.

— Vai dormir — ordenou ela.

— Você também — disse ele.

Mas, por horas, a casa permaneceu tensa e desperta, e nenhum dos dois caiu no sono.

O funcionamento da casa ganhou certa organização antes inexistente. As contas eram completamente pagas, e as finanças de Grange foram explicadas a Ruth. Velhos conhecidos foram caçados e encontrados, e obrigados a pagar dívidas. A conta bancária dela foi crescendo aos poucos. Dois dólares de Fred Hill, cinco de Manuel Stokes, dezesseis de Davis Jones por aquele porco que ele atropelou três anos atrás. A cerca foi inspecionada com cuidado; estacas podres, trocadas; o arame, reinstalado para ficar mais firme. Até os jarros de vinho foram tirados dos esconderijos e enterrados de novo sob a direção de Ruth. Dois alambiques foram fechados, e o pequeno que restava, não muito produtivo, seria facilmente destruído. Para o aniversário de dezesseis anos dela, Grange a tornou a única proprietária de seu velho carro. Ele já a ensinara a dirigir, e, agora, era dever dela ir até o Centro para fazer compras, confrontando pela primeira vez, sozinha, os brancos que eram donos da cidade e mandavam em tudo. O plano de Grange era lhe ensinar tudo que sabia. E ele já gostava de se gabar:

— Sua mira é bem melhor que a minha!

Por mais que ele gostasse de vê-la autossuficiente, era contra comportamentos masculinos. Resmungava quando Ruth falava sobre cortar o cabelo, uma nuvem desobediente e rebelde que pesava sobre sua cabeça. Insistia para ela trocar a calça jeans por vestidos, pelo menos nos fins de semana, e colocava potes de hidratantes de corpo Noxzema e de mãos Pond's sobre sua cômoda. Ele se tornou mais gentil do que Ruth já vira, passando horas fumando seu cachimbo, reflexivo, sem dizer uma palavra. Passava as noites

examinando mapas, perguntando- se sobre os lugares no mundo que jamais veria, e, gradualmente, aquilo pelo qual buscava se tornou quase tangível. Com a crença inabalável de que a pureza, a mente aberta, o humor e a compaixão da neta eram mais importantes do que qualquer país, ele precisava prepará-la para proteger essas características. Certo, por causa da própria vida, de que os Estados Unidos matariam a inocência dela e eventualmente apagariam os dois olhos grandes que buscavam a semente da verdade em tudo, precisava convencê-la a não hesitar em sair dali.

E, mesmo assim, em toda a vida dela precisaria haver alegria, risadas, satisfação de ser mulher; em algum momento, deveria haver a felicidade de se divertir com um homem, e filhos. Cada dia devia ser, de certa forma, diferente um do outro; em cada dia devia haver sol e prazer, ou chuva e tristeza, ou uma contemplação silenciosa da vida. Cada dia devia ser passado, presente e futuro, dançando, fazendo vinho, bebendo, com o mínimo de arrependimentos possível. Seu futuro devia ser o dia que vivia. Eram esses os pensamentos em que ele tinha, sentado diante do fogo, fumando seu cachimbo ou curvado na cama, cortando as unhas dos pés. A sobrevivência não era tudo. *E*le tinha sobrevivido. Mas sobreviver por *inteiro* era o que queria para Ruth.

Capítulo 46

Um dia, no caminho para a escola, Ruth viu o pai sozinho. Ele esperava na beira da estrada, agachado perto do asfalto como um mendigo diante de sua fogueira, o rosto iluminado e exposto pela suavidade limpa do sol das oito e meia. Quando Ruth o viu, seu coração disparou, e um hábito nervoso que tinha adquirido recentemente, de pressionar a mão contra a testa, foi repetido várias vezes antes de alcançá-lo. Ela acelerou o passo e virou a cabeça. Imaginou a si mesma passando com cuidado ao lado de um touro em um pasto, e logo começaria a correr, mas Brownfield a impediu; não se esticando para tocá-la, o que seria insuportável, mas apenas se levantando sozinho e mudo, ali, na beira da estrada.

Em contraste com a grama verde alta do acostamento, ele parecia menor do que da última vez que o vira. Ela mesma se sentia maior, porque, com dezesseis anos, não era mais criança, mas menor de alguma forma, porque o encarava sozinha. Brownfield estava sóbrio, e isso a surpreendeu. Ele usava uma camisa limpa que ficava larga em seu corpo, como se tivesse perdido peso ou a tivesse pegado emprestado, e ela notou pela primeira vez os caracóis apertados de pelos pretos e cinza indo do seu peito à base do pescoço cheio de vincos e de aparência seca. Enquanto seus olhos subiam e desciam pelo rosto dele, ela pensou nesses pelos no peito do pai; apegou-se a essa descoberta para se preparar por um instante para o choque de olhar nos olhos dele. Os olhos de Brownfield, que a assustavam e que sempre evitava, estavam cheios de uma tristeza sofrida, o que a surpreendeu, e pareciam tentar se comunicar com ela. Sua resposta foi estremecer e apertar os livros contra os seios com ambos os braços. Ao ver a confusão de Ruth, ele olhou para os sapatos. O ar ao redor dos dois estava tomado pelo empoeirado cheiro doce de

feno, terra vermelha e flores que é a Geórgia na primavera. Havia o som atemporal dos pássaros e o barulho das crianças vindo da direção da escola.

— O que que ocê quer? — perguntou ela, sentindo medo, e raiva, e esperança, tudo ao mesmo tempo.

Não conseguia entender a esperança. Com certeza nunca houvera motivo para isso no que dizia respeito ao pai. Alguma coisa nele hoje me faz ter pena, pensou ela, e sentiu uma desconfiança momentânea e mais surpresa. Brownfield umedeceu os lábios com a língua. Tão molhado de uísque sempre ele era, tão seco parecia hoje!

— Ocê... — começou ele, e gaguejou: — Ocê está a cara da sua mãe.

— Sim? — rebateu Ruth, ríspida. — Mas o que ocê *quer*?

— Eu queria te ver, se ocê não se importar — disse ele em um tom submisso, devagar, como se sentisse medo da filha.

No silêncio, interrompido apenas pelos pássaros e o toque distante do sino da escola, Brownfield a manteve diante de si, e olhou e olhou. Era perturbador e quase assustador. Ruth sentia como se ele nunca a tivesse visto antes.

— Preciso ir agora — disse ela baixinho após alguns minutos daquela observação insaciável, porque ele a encarava com a mesma ânsia de um homem que via um oásis no meio do deserto. — Já estou atrasada para a escola — continuou murmurando, sentindo-se com frio e com calor.

Mas ele disse:

— Espera!

E apesar de Brownfield não a tocar nem se enfiar na sua frente, Ruth não conseguia se mexer. O exame detalhado dele continuou. No chão, perto dos seus pés, havia um pacote com uma embalagem bonita que parecia ser um doce. Ela não se permitiu nada além de um olhar rápido para baixo, porque não queria nada dele, mas Brownfield notou seu movimento e disse, na opinião dela, com um tom malicioso:

— Um presente procê. Fiquei sabendo que ocê gosta de ler livro.

Devagar, Ruth recuperou a indignação que surgia sempre que pensava nele. Depois de todos esses anos de nada, ele teve a coragem de achar que podia convencê-la a gostar dele, dando-lhe um livro idiota!

— O que é? — perguntou ela com frieza, apesar de um calor escaldante surgir atrás de seus olhos.

— Ó, hum, bom, não lembro do nome, mas Josie achou que ocê ia gostar.

— Bem, diga a Josie que eu *não* gostei e que não vou gostar de nada que tenha a ver com qualquer um docês dois!

Enquanto falava, ela chutou terra em cima do pacote, com grosseria. Depois, ficou com medo, mas Brownfield mal pareceu notar. Ele continuava a encará-la e quase parecia maravilhado com seu tamanho, com sua voz, com toda a sua realidade.

— Ah, merda — murmurou Ruth baixinho.

O que ele está olhando? Será que está tentando decidir se vale a pena causar tanta confusão só para me ter de volta?, perguntou-se ela. E então pensou: Deus do céu, não deixe ele encostar em mim com essas mãos que ainda parecem e sempre vão parecer armas! Sua intensa indignação começou a perder força, e Ruth voltou a tremer e pressionar a testa e as bochechas. Ela se sentia toda vermelha e suada, como se a terra do chão grudasse em sua pele.

— Ocê nem se lembra da sua mãe, né? — perguntou Brownfield depois de um tempo, em um tom acusador, os olhos cheios de uma lembrança súbita e de um forte ciúme recuperado.

— Ela... ela *morreu* antes de eu ter muita idade — respondeu Ruth.

— Mas — e ela o olhou nos olhos — eu me lembro dela. Ocê não esquece sua mãe nem ninguém que já amou.

— Mas esquece o pai? — rebateu ele em um tom irritado, questionador. Mas então: — Ocê não se comporta como se lembrasse de mim. Uma filha que tem respeito pelo pai viria correndo e daria um abraço nele.

A voz de Brownfield, um momento antes tão cheia de desdém, agora estava vazia. Soava velha, solitária, suplicante. Por um instante, Ruth viu o quanto o pai se parecia com Grange. Pensou sobre o que Grange lhe dissera sobre a capacidade das pessoas de mudar, apesar de, ultimamente, ele ter mudado de opinião sobre isso. Mas Ruth não queria saber sobre as mudanças pelas quais Brownfield passava, porque jamais seria capaz de acreditar nelas.

— Ocê nunca se importou com a gente — acusou Ruth. — Ocê nunca se importou com a mamãe, nem com Daphne, nem com Ornette, nem comigo.

Não quero suas porcarias de mudanças agora, pensou ela, e odiou e gostou de si mesma por essa falta de misericórdia. Ela viu pela primeira vez aquilo que Grange sabia, a natureza da incapacidade de perdoar e o caráter decisivo de um pecado cometido. Viu a si mesma como um único ser, junto com o pai e Grange, além de Josie, para variar.

O pai tinha virado de costas para refletir em particular. As mãos dele puxavam nervosamente o botão lascado na camisa grande.

— Daphne está... Eu queria trazer as duas de volta, ser pai delas, mas Daphne está num hospital de gente doida no Norte. E Ornette... — Sua boca, geralmente tão odiosa e frouxa de uísque ou de palavras maldosas, estava comprimida e triste. — Ornette é uma... *uma mulher da vida!*

Ele se lembrou dessa expressão na carta do velho, o pastor, pai de Mem. Brownfield lhe escrevera pedindo notícias de Daphne e Ornette, com planos não definidos de convencê-las a voltar para casa. Como Josie rira de alegria ao ver seu desgosto com o destino das filhas! A revelação da desgraça delas, principalmente de Ornette, a deixara alegre durante um dia inteiro! Porém, mais tarde, Brownfield a pegara se debulhando em lágrimas no tanque, torcendo o macacão dele e cantando sobre se sentir como uma criança sem mãe. Ele ficara incomodado por vê-la tão sentimental, mas, quando tentara tocá-la, pensando que podiam consolar um ao outro, Josie tinha se virado, excluindo-o, forçando-o a retornar ao seu papel de instrumento e algoz.

Os ombros largos de Brownfield baixaram, e suas mãos, mãos que Ruth sentira em fúria contra suas jovens orelhas, remexiam distraidamente alguns pedaços de palha puxados da beira da estrada. O “mulher da vida” murmurado, envergonhado e pudico do pai quase a fez soltar uma gargalhada, mas ela estava perto demais de cair no choro e talvez bater a cabeça contra a árvore mais próxima.

— Foi ocê que *disse* que Ornette *ia ser* uma mulher da vida, uma vagabunda! Ocê só chamava ela assim. Só “vagabunda”. “Vem aqui, vagabunda”, dizia. *Eu me lembro disso quase tão bem quanto me lembro da minha mãe.*

O passado se ergueu entre os dois como um filme em uma tela. A última casa caindo aos pedaços, congelante, onde as forcara a viver,

a doença de Daphne, seus estranhos ataques completamente ignorados por Brownfield, a impertinência de Ornette, cujos atos eram todos cometidos em uma tentativa de ser notada por alguém. O assassinato de Mem.

— Cê acha que eu não lembro — disse Ruth. — O problema é que não consigo esquecer!

— Você não lembra de nada — retrucou ele. — Você foi *influenciada* a me odiar desse jeito aí desde que era desse tamanho! — Brownfield virou uma palma pesada para o chão. — Você não sabe como é para um homem viver aqui. Você não sabe pelo que eu passei!

Um tremor de pena atravessou o corpo dela diante da angústia do pai, porque era um sentimento real, apesar de não mudar nada.

— Eu não podia nem *expressar* meu amor! — exclamou ele.

Considerando o passado, a palavra era uma mentira, um suborno, insignificante. Ruth balançou a cabeça para dispensá-la. Apesar de ficar impressionada. Ela não sabia que o pai sequer *pensava* em afeto se não fosse para zombar dele.

— Não *balança* a cabeça; eu te amo, e ocê é minha!

— Sua!

— Minha — repetiu ele, prendendo-a com olhos possessivos.

— O que ocê quer de mim *agora*? — perguntou Ruth. — Eu não te conheço, e ocê não me conhece!

— E sei quem posso agradecer por isso! Grange nunca vai deixar ocê me perdoar. Enquanto ocê estiver com *ele*. Aquele velho beerrão dissimulado! Se ele é tão bom procê, por que não foi um pai decente pra *mim*?

Pelo que Ruth sabia, aquela era uma pergunta válida.

— Eu te disse, ocê não me conhece. Se conhecesse, ia saber que não sou um jarro para ser enchido por outra pessoa. Eu tenho um cérebro, tenho memória — declarou ela.

— Eu amava minhas filha — disse Brownfield, suando agora. — Eu amava sua mãe.

Essas palavras sofridas, que pareciam ter escapado de um calabouço lacrado na alma dele, pairaram pelo ar como um balbúcio desejoso. Ruth balançou a cabeça de novo para limpar os pensamentos; de verdade, não conseguia entender Brownfield quando ele falava de amor. Era algo estranho, e ela ficou quieta.

— Eu vou ter o que é meu — disse o pai, do jeito que ela estava acostumada a ouvi-lo falar. Ele exibia a arrogância brusca e a aspereza de um ladrão.

— Não sou sua — retrucou Ruth, submissa, pois sentia, momentaneamente, uma grande barragem prestes a abrir dentro de si, e quando e se ela se rompesse, apesar de tudo que dizia, apesar de jamais ser capaz de perdoar-lhe nem de concordar com ele, seria doloroso.

Porém, de repente, Brownfield se esticou pela primeira vez para tocá-la. E seu toque não foi, como algumas de suas palavras tinham sido, patético nem bondoso. Ele apertou a carne do antebraço de Ruth com o dedão e o indicador, e começou a torcer. As muralhas dela foram erguidas novamente, mais alto dessa vez, e lágrimas amarguradas surgiram em seus olhos. Ele não sabe a própria força, lembrou ela de escutar Mem dizendo várias e várias vezes, esfregando os próprios hematomas.

— Você é minha, que nem minhas galinha ou meus porco — disse Brownfield. — Fala isso pro seu amado vovô. Fala que ele não pode ficar concê; e que eu prefiro encontrar ocês dois no inferno antes de deixar isso acontecer!

— Você falou que me amava — respondeu ela, chorando. — Se me ama mesmo, *me deixa em paz!*

— Não — refutou ele, empurrando-a. — Não posso fazer isso. Sou um *homem*. E um *homem* precisa ser dono de *alguma* coisa!

— Um *homem* cuida do que é seu quando ele pode!

— Ah, Grange está mexendo com a sua cabeça. Eu ia ter cuidado do que era meu se os branco tivesse me deixado!

— *Eu não gosto docê, eu não gosto docê, eu não gosto docê!* — chorou ela, batendo o pé.

Parecia que Brownfield tinha arrancado um pedaço do seu braço.

— Você vai gostar mais de mim quando eu te colocar na *minha* casa! — esbravejou ele.

— Você precisa levar um tiro — disparou Ruth, e estremeceu.

Obrigando-se a andar muito devagar, ela se afastou do pai. Apertou os livros com força e se perguntou que novidades aprenderia na escola naquele dia.

Quando Brownfield voltou para a pequena casa remendada com linóleo e placas de metal que dividia com Josie, encontrou Josie batendo roupa, resmungando contra ele. A existência dela desde que largara Grange, sempre tão repleta de desafios, agora chegava ao fundo do poço com o desejo louco de Brownfield de capturar alguém de sua família para morar com ele. Não era uma questão de querer as filhas de volta por amor, Josie sabia; ele queria as filhas (pelo menos *uma* delas) porque ter a família ao seu lado era direito do homem. Josie, com receio, pediu a Deus para livrá-la do mal quando escutou Brownfield se aproximando às suas costas. Duas vizinhas estavam ali, solidárias. Elas pegaram suas carteiras de couro envernizado enquanto Brownfield entrava. Nunca permaneciam na casa depois que ele chegava. Brownfield escutou a que tinha a boca arfante dizer a Josie que seu marido não gostava que ela ficasse perto de um homem tão escandaloso, e riu só de pensar que a mulher imaginava que ele poderia se sentir atraído por ela, uma criatura tão magra e seca que fazia barulho de papel balançando quando andava. Conforme ele se aproximava, ela baixou a cabeça cinzenta em um aceno presunçoso de compaixão virginal. Sua amiga mais gorda, mais atrevida, com quem Brownfield trepara ocasionalmente sem compromisso, e que nunca era vista sem um leque, vigorosamente se abanou ao passar por ele, como se sua presença tivesse aumentado a temperatura no cômodo em quarenta graus.

— *Tchau, querida! Tchau, meu bem! Tchau, docinho!* — disse Brownfield em um tom alegre enquanto a dupla saía, rebolando o traseiro malvestido pela rua, torcendo para ele se interessar.

Ele conhecia as mulheres! Um cara grosseirão era mais interessante para elas e bem mais intrigante do que um cavalheiro e um príncipe. Grosseirões, pensou ele, mentirosos e hipócritas!

— Me conta uma coisa, Josie, ocê já foi para a cama com o juiz Harry?

— Não — respondeu ela com a sinceridade inquestionável de uma mulher cujo respeito próprio deixara de importar para qualquer um, inclusive para si mesma.

— Pensei que podia ter ido, quando era nova. Quando eu e o juiz Harry era moleque, na verdade, quando eu ficava no bar concê e Lorene, eu costumava arrumar umas xoxota pra ele de vez em quando. Acho que nunca devo ter pedido procê. É claro, não estou

perguntando se ocê foi para cama com ele ultimamente. Ninguém mais precisa tanto assim de dinheiro. Quando fui no tribunal e ele me condenou a dez ano, passei sete como jardineiro da casa dele. Eu não sabia nada de jardinagem nenhuma, e deixei isso claro, mas ele piscou para mim e disse: “Crioulo, ocê sempre soube mais sobre jardinagem do que qualquer um que eu já conheci!” Aquele velho safado não mudou nem um pouco! E era de se esperar que tivesse mudado, depois de virar juiz e tal. Mas ele vivia dizendo, quando aparecia uma visita na casa e perguntava por que tinha um presidiário por ali: “Eu e Brownfield crescemos juntos, a gente se entende.” Rá, rá, rá.

Josie ficou quieta. O rosto dela estava inchado e triste. Seu vestido tinha rasgado ao longo das costuras sob os braços, e sua pele amarela aparecia por baixo, molhada e flácida. Ela estava muito gorda e cansada.

— Sabe de uma coisa? *Aposto* que o juiz Harry obrigaria Grange a devolver minha filha! — disse Brownfield, ainda rindo.

Josie largou as roupas e o encarou.

— Eu devia fazer de tudo para impedir ocê de maltratar assim o meu marido — respondeu ela, com tristeza.

Seus olhos pequenos estavam injetados e frios, inexprimivelmente desesperançados e vítreos. Todo o atrevimento de sua autodeterminação havia desaparecido. Ela era lavadeira de brancos e pretos para colocar comida na mesa dos dois.

— Você me mataria? — perguntou Brownfield com indiferença, conforme sua velha mulher idiota começava a chorar.

Ele tirou o canivete do bolso, pegou um galho e começou a cortar pequenas tiras. Riu.

— Josie, Josie — disse —, seu problema é que ocê se deixa enganar muito fácil, fica com pena dos outro muito fácil; não importa se eles merece ou não. Tipo, vamo fazer de conta que ocê *ia conseguir* ir de fininho até a casa de Grange e ficar de bem com ele. E vamos fazer de conta que ele ia começar a bolar alguma coisa contra *mim*. — A risada de Brownfield se transformava em uma gargalhada. — Sabe o que que cê ia fazer? — perguntou ele. — Você ia sentir pena de *mim*, ia acabar voltando correndo pra cá pra me *avisar* que tinha um problema! Você nunca cresceu, Josie, nunca aprendeu a escolher um lado e ficar nele. Você é uma piranha gorda

e burra, Josie, e nunca aprendeu a pensar com a cabeça em vez de pensar com o rabo.

— O que ocê vai aprontar? — perguntou ela. — Você não quer Ruth de volta! Eu sei que não quer!

Brownfield a encarou com um meio sorriso discreto.

— Ainda não sei o *que* vou fazer. Talvez só criar rebuliço. Uma vez ocê me disse que o coração do velho é ruim... bom, talvez nós devesse deixar ele *preocupado* de vez em quando, só um pouquinho. Aposto que nós consegue fazer aquele velhote pecador conhecer Deus — disse Brownfield, dobrando-se de tanto rir.

Josie se inclinou sobre as roupas e fechou os olhos. Ela sentia como se não servisse de nada para ninguém. Lembrou-se de uma noite, vários anos antes, quando conhecera um jovem marinheiro no Dew Drop Inn e o levava para seu quarto no andar de cima. Foi especialmente generosa, e, quando ele falou de pagamento, a oferta tinha sido dispensada; Josie sabia que ele quase não tinha dinheiro e estava voltando para casa, para sua esposa e seus filhos pequenos. Para expressar sua gratidão, o jovem marinheiro quis se divertir com ela de novo, mas Josie tinha recusado, porque precisava cuidar dos outros clientes que esperavam. Quando ela disse que não, ele lhe deu uma surra, e as pessoas no andar de baixo tiveram que subir correndo para segurá-lo. Ao pensar nesse incidente agora, mais de vinte anos depois, Josie começou a chorar com todo o amor que nunca teve. Parecia, por algum motivo, que ela era a maior maldição de sua vida, e que seu destino era eternamente errar até sofrer.

— Se eu *pegar* ela de volta — disse Brownfield —, vai ser só para incomodar o Grange. Mas, agora, gosto do jeito que as coisa está. Nós deixou ele *assustado*, Josie!

— Você pode acabar matando ele, Brownfield — respondeu Josie. — Você pode fazer seu pai se preocupar tanto que vai ter um ataque do coração, e mesmo assim ele vai sair por cima.

— Como assim? — perguntou Brownfield, de cara feia.

— Porque ele sabe de que lado está. E não é do seu, e não é nem do dele. Grange é *maior* do que nós, Brownfield. Nós vai morrer e vai parar no inferno, e todo mundo vai estar se lixando, porque nós não fez plano nenhum para o que vai acontecer depois de partir. Mas Grange pensa no mundo e no lugar da Ruth no mundo. E, quando ele

morrer, Ruth vai *saber* disso. Eu também tenho netos, em algum canto — disse ela, desamparada —, mas não sei onde.

Naquela noite, ele ficou furioso quando Josie murmurou algo sobre o que tinha se tornado, para ela, a resposta universal: “Os branco é o motivo pra tudo.” Brownfield não sabia por que, mas, de repente, esse pensamento o encheu de repulsa, assim como antes lhe oferecia apoio para o fracasso de sua vida. Ele sentiu uma inutilidade indescritível, uma certa *pequenez* inútil, a frustração de um pigmeu em um mundo de gigantes.

— Ah, do que que cê *sabe*? — zombou ele. — De nada. Você não sabe da metade do que *acha* que sabe. — Ele riu com seu desdém onipotente de sempre. Josie era tão burra. — Sabia, por exemplo, que um dos filho da minha mulher era branco? Isso mesmo, um dos filho da Mem era branco. O que veio depois da Ruth. O *último*. — Ele riu da expressão no rosto de Josie. — Não — disse —, não faz essa cara de nojo de quem vai vomitar. Ele não era um neném branco *de verdade*. Ela nunca se engraçou com os branquelo, apesar de eles tentar se engraçar com ela, e eu viver acusando ela disso. Mem era suficientemente burra para ser fiel a mim, mesmo que isso significasse brigar feito louca. Não, estou dizendo que era um desses neném sem cor, sem cor *nenhuma*, com os olhos claro sem cor, e o cabelo esbranquiçado sem cor, e tudo sem cor. Logo que eu vi, odiei, porque a criança era a cara do meu pai. Era um Grange branco, igualzinho ao meu pai preto.

— É isso que chamam de albino? — perguntou Josie, começando a tremer. — É isso que ocê quer dizer com sem cor?

— É, deve ser assim que chama. Um negócio curioso, *branco em tudo que era canto*. Bem, sabe o que eu fiz com a minha mulher quando esse neném nasceu? Enchi ela de porrada um minuto depois de eu ver os olho esquisito daquele neném. Mem estava deitada lá, gemendo, fraca demais para gritar, e a enchi de porrada até derrubar ela da cama. Acusei ela de fazer *todo* tipo de safadeza com os branco por aí, e ela só repetia que não tinha feito nada com os branco. “Juro por Deus que não!”, dizia ela. E eu mandei um “Como é que esse neném não tem nem um pingo de marrom?”, e ela disse

“*Deus Nosso Senhor sabe que eu não sei, Brownfield*, mas ele é seu!”, e falei “Não mente pra mim, mulher... se ele não é preto, não é meu!”. Bom, eu avisei que se o menino não escurecesse logo, era melhor ela se preparar pra ficar sem ele. E Mem chorou, implorou, chorou, implorou, e começou a deixar a criança perto do fogo e no sol, quando tinha, mas o neném continuou do jeito que era, sem um tiquinho de cor em lugar nenhum. E uma noite, quando ele tinha uns três mês, e era janeiro, e o chão estava todo congelado, peguei o menino pelo braço enquanto dormia, e, como se fosse um gato que eu estava expulsando de casa, coloquei ele do lado de fora, nos degrau. Aí entrei e fui dormir. Antes de eu pregar os olho, Mem sentou e disse que achava que tinha escutado o neném chorando, mas falei que já tinha cuidado dele, para ela ir dormir. Eu deixava ela tão cansada naquela época que ela não conseguia nem discutir; vivia tão exausta que não caía no sono que nem gente normal, só entrava em coma.

“Nunca dormi tão bem na minha vida. E quando acordei, foi com ela gemendo e chorando na frente do fogo. Ela esfregava o neném que era só um bloco de gelo. Pouco escuro como *sempre*, só que meio *azul*.”

“Agora, de acordo concê, eu fiz isso porque achei que o neném era de um branco. Mas eu sabia o tempo todo que não era. Pra começo de conversa, apesar de ser branco, ele era a minha cara. Ou a do meu pai, o que fazia sentido, porque era neto dele. O menino parecia com nós dois. Feio. Em segundo lugar, conversei com o velho Dr. Taylor na cidade sobre isso, e ele me explicou que essas coisa acontece. Depois, o cabelo do neném começou a crescer crespo feito pedra. Eu sabia que era meu filho. Mem sabia que eu ia quebrar o pescoço dela se ela deixasse um branco *olhar* pra ela. Se algum branco tivesse batido na cabeça dela e estuprado ela, ela ainda ia levar uma coça minha! Mem entendia como as coisa funcionava. Você devia era de ter visto quando ela era nova e bonita e parava o trânsito, se cobrindo com uns pano e fingindo ser aleijada e coisa e tal quando os branco estava por perto. Eles costumava me provocar por casar com uma coisa tão feia, mas eles não sabia tudo que a filha da sua irmã escondia por baixo dos pano!”

Por mais estranho que fosse, aquela era a primeira vez que Josie sentia pena de verdade de Mem. Ela encarou Brownfield, horrorizada,

vendo pela primeira vez que ele, como ser humano, estava completamente destruído. Ficou chocada por ele lhe contar algo que ia além da maldade, com a qual, naquele momento, ela estava completamente acostumada, e chegava à loucura, cuja menor sugestão sempre a deixava nervosa.

— Sei o que que ocê está pensando — disse ele para Josie. — Está sentada aí, pensando, ele é lelé da cuca! E é por isso que as coisa é assim. Mas eu não sou doido, não mais do que qualquer outro. Aquilo foi só porque eu simplesmente não *queria* tentar ser diferente. Eu só não *queria* ficar pensando demais no meu próprio filho, que não teria chance no mundo, eu pensando muito nele ou não. Era *demais* pedir para um homem mentir e dizer que amava aquilo que não queria. E fiquei de saco cheio de me esforçar.

— Se ocê tivesse se esforçado — disse Josie, com um misto raro de lógica e coragem —, teria um filho agora.

— Um desgraçado branco! — respondeu Brownfield, dispensando-a com um aceno de mão.

Ah, não. Ele não se arrependeria. Nada do que fizera importava mais. Estava no passado. O que precisava acontecer tinha acontecido: a beleza desaparecia, o belo se tornava feio, a doçura azedava. Brownfield nunca acreditara que as coisas seriam de outra forma. Mas o que ela *pensara*, sua esposa tranquila, quando ele provou ser mais cruel do que qualquer homem branco, do que vinte homens brancos? Ela não era de brigar, e a raiva a deixava horrorizada. Seu único ato de violência contra o marido, que devia ter considerado um ato de sobrevivência, a humilhara mais do que nunca. Em vez de raiva, Mem tinha uma soberania interior, um núcleo de personalidade, uma solidez que, infelizmente, o marido não possuía. Ela era dona de uma força entranhada que Brownfield não poderia equiparar. Ele, nos melhores momentos, desdenhara disso, e nos piores, sentira inveja.

— Está feito, *feito!* — murmurou Brownfield para si mesmo enquanto caía no sono.

Mas, agora, o rosto de Ruth flutuava diante dele, seus olhos fitando-o de forma acusadora. *Ruth*, com suas pernas magras e seus olhos assustados, sempre correndo dele, a cabeça por trás dos olhos sempre em fuga. Ela ainda corria *rumo* a alguma coisa. Isso irritava Brownfield. O que ela via no mundo que a fazia desejar crescer?,

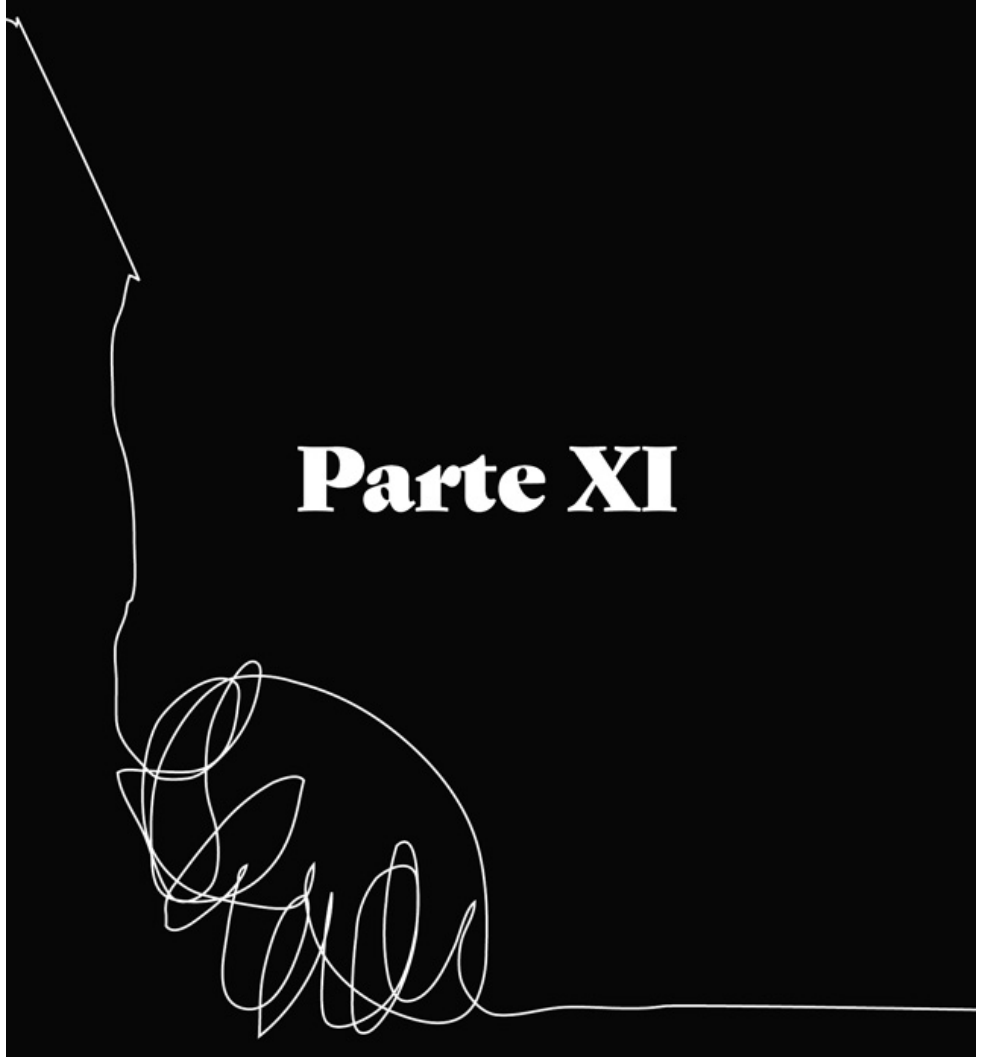
perguntava-se ele. Precisava fazê-la enxergar que não havia nada, *nada*, independentemente das promessas de Grange. Ele mesmo vira o nada. E se ela o odiasse mais do que nunca, que diferença faria? O mundo real era assim mesmo.

Mas e o *amor*?, perguntou Brownfield a si mesmo, e um grande oco vazio respondeu.

— É mentira! — gritou ele no escuro, fazendo Josie dar um pulo no sono.

Pois Brownfield sentia que *tinha* amado. Porém, conforme se revirava na cama, sabendo da convicção de sua crença no sofrimento, sabendo que jamais poderia se renovar nem mudar quem era, pois a impossibilidade de mudança agora era tudo que tinha, ele não conseguia esclarecer qual era o dever do amor; se era preparar alguém para o melhor da vida ou para o pior. Por instinto, com sua própria vida como exemplo, ele havia negado a possibilidade de um futuro melhor para as filhas. Tinha escravizado a própria família, oferecido fraqueza quando precisavam de força, tornando-as impotentes diante de qualquer inimigo que surgisse após ele. Agora, quando pensavam no “inimigo”, era o próprio pai que figurava a visão delas.

Brownfield trincou os dentes sob a pressão de seu erro, pensou que pensar demais sobre o assunto tornaria o sono impossível. Ocorreu a ele, como algo irrelevante, que Ruth talvez nunca acreditasse que “condições” causaram sua indiferença a ela. Ele desejou, por um momento, que *pudesse* falar com alguém, talvez com Mem, e pedir desculpas. Mas o que poderia oferecer como prova de seu arrependimento? Ele devia continuar sendo duro, como começara. Tiraria a filha do avô, não porque a queria, mas porque não queria que Grange ficasse com ela. E nem pensou em como poderia tentar, quando tivesse Ruth sob seu teto, tratá-la com bondade.



Parte XI

Capítulo 47

Nos meses que esperavam para ver o que Brownfield pretendia fazer, o mundo mudou para Ruth. Ela não o achava tão maravilhoso quanto ocasionalmente sonhava nem tão insuportável quanto se preparara para aceitar. Achava que era um estudo extremamente fascinante, uma matéria com a qual se entusiasmava, uma escola emocionante. Tudo acontecia nos jornais e no “Huntley-Brinkley Report”, o noticiário noturno.

Aquele era seu último ano na escola, e, todas as tardes, ela corria de volta para casa, para assistir às notícias na televisão. Quase gostava dos apresentadores Chet Huntley e David Brinkley, especialmente de David Brinkley, que era mais novo que Chet e cuja boca se curvava para cima de maneira agradavelmente sardônica. Os únicos rostos negros que via na televisão eram os que apareciam no noticiário. Todos os dias, Chet e David discutiam o movimento dos direitos civis e falavam sobre integração nas escolas, nos restaurantes e cinemas. A integração parecia interessante para Ruth de um jeito trêmulo, temeroso. Seu avô achava que era uma bobagem. Ruth sempre se perguntava se gostaria tanto dos apresentadores se eles não falassem sobre pessoas negras. Achava que não; pois não prestava atenção no que diziam antes, e apenas agora os dois se tornavam reais em sua mente; ela conseguia olhar para o sorriso cínico de David e frequentemente ver graça na notícia que o causara. Todos os dias, havia imagens de estudantes fazendo passeatas, cantando, rezando, guiados uns pelos outros e pelo Dr. Martin Luther King. Ela aceitava os estudantes e o doutor como seus heróis, e todas as noites conversava sobre eles com Grange.

— Você acha que ele tem alguma chance? — perguntou a Grange uma noite, apontando para os olhos cansados, orientais, do Dr. King,

que os observava de forma impassível e sem profundidade na tela da televisão.

— Eu ia gostar mais do sujeito se achasse que ele ia ser presidente um dia — respondeu Grange. — Saber que isso nunca vai *acontecer* tira um pouco da *graça* de ver ele. Mas ele é um *homem* — disse Grange. — É claro — continuou — que acredito que eu faria as coisa de um jeito diferente se estivesse no lugar dele. Por outro lado, eu não estou fazendo nada, sentado aqui de ressaca, então não posso reclamar. O que eu gosto é que, mesmo com os branquelo tudo cuspiando nele, ele trata bem a mulher e os filho.

— Por que eles precisam *cantar* assim? — perguntou ela uma noite, tão emocionada que chorava, mesmo sem perceber.

— Pelo mesmo motivo que o povo assobia nos cemitério — respondeu Grange.

— Eles não acreditam nas mesmas coisas que ocê — disse ela outra noite, vendo mãos negras segurando mãos brancas, marchando solenemente por uma rua de Atlanta. — Acham que podem mudar o coração daqueles branquelo.

— Que bom — respondeu Grange. — Por outro lado, eles pode estar tentando aprender em duas semana o que eu aprendi em vinte ano; que cantar e rezar não adianta de nada. Se for o caso, continuo achando bom. Não tem precisão de eles continuar com as cabeça confusa do jeito que a minha era e que a do seu pai é. — Grange se inclinou para perto da televisão, o rosto contorcido. — Olha só a cara feia desses branquelo — disse. — Que tipo de “coração” alguém consegue tirar dessas cara? Esse negócio está durando tempo *demais*; essa gente que ocê vê aí, correndo atrás daquele preto pela rua, está usando o único coração que eles têm. Não, melhor que isso. Está usando o coração *minúsculo* que eles têm. Se a cantoria e a reza conseguir tirar a maldade desses olho, me avisa. Os branquelos canta e dança há anos, escuta os preto cantando e dançando há anos, e ainda não adiantou de nada. Eles anda por aí rindo, enchendo os mercado de abridor de lata elétrico! Argh!

— Acho que acredito nos estudantes — declarou Ruth. — Não tem nada de errado em *tentar* mudar os branquelo.

— Eu quero é que alguém mude gente que nem seu pai, que alguém acabe com esse acabrunhamento em *mim*. — Ele olhou para

a neta e sorriu. — É claro — disse —, ocê me ajudou um pouco com isso.

Uma noite, enquanto ela assistia ao noticiário noturno, Grange chegou em casa parecendo doente.

— O que houve concê? — perguntou Ruth, olhando para cima.

Ela achou que o momento tinha chegado, que Brownfield fizera o pior.

Grange não respondeu. Ele afastou sua poltrona da televisão e virou-a para a lareira. Pegou seu cachimbo e canivete e raspou o bocal. Então encheu o cachimbo com tabaco fresco. Ruth desligou a televisão e se sentou ao seu lado. Logo, os dois estavam cercados pela fumaça densa, aromática.

— Você lembra do meu velho parceiro de carteado, Fred Hill? — Grange cuspiu na lareira. — Encontraram ele ontem, de cara no chão, numa vala.

— Bêbado demais para sair do lugar? — perguntou Ruth.

— Não, não estava mais bêbado, ele. Estouraram metade da cabeça dele.

— O quê?

— Daqui até aqui — disse Grange, passando um dedo da orelha ao queixo.

— Ué, quem fez isso?

— O povo que dá a última palavra diz que foi ele mesmo.

Ruth ficou chocada.

— É claro, não tinha arma nenhuma nem *perto* da vala — continuou Grange.

— Como ele conseguiu estourar metade da cabeça sem uma arma? — perguntou ela.

— É um truque que os preto tudo faz — respondeu Grange.

Ele encarou o fogo por dez minutos sem falar.

— Uma vez, vi uma mulher — disse ele — que foi enforcada, toda rasgada e incendiada. — Ele ficou pensando por mais cinco minutos, Ruth esperando com impaciência para que continuasse. — Disseram que ela era uma dessas gente que quer *muito* se matar. Que se suicidou de três maneira. — Ele fumou, chupando o cachimbo como se quisesse soltá-lo dos dentes. — Sabe, colocaram no jornal desse jeito mesmo. Disseram que ela era uma crioula *determinada*!

Ruth permaneceu sentada, pensando sobre Fred Hill. Ela já ouvira falar do caso de “suicídio” antes. Fred Hill era um homem baixo, gorducho, de pele morena, com pernas tortas infantis; quando andava, parecia estar gingando. Sua cabeça era muito redonda, e ele não tinha pescoço. Ela o observara jogar pôquer com Grange em torno da mesa da cozinha. Ele lhe ensinara a jogar bolinha de gude quando tinha nove anos. Agora, estava morto.

— O que ocê estava vendo na televisão? — perguntou Grange.

— As notícias.

— O neto de Fred Hill virou notícia. Ele tentou entrar numa das escola dos branquelo.

— E conseguiu?

Grange jogou a cabeça para trás e olhou para o teto, sua poltrona apoiada apenas pelas duas pernas traseiras.

— Não — respondeu —, não conseguiu. Como ocê vai estudar numa escola de branquelo quando seu avô perder metade da cabeça?

— Bom — disse Ruth, tentando ver o lado positivo —, ocê não precisa da cabeça do seu avô para estudar. Só da sua.

— Tudo vai provar que ocê está errada, menina — retrucou ele, levantando-se e seguindo a passos pesados para o escuro.

E então era primavera, a escola estava de férias, e as marchas de estudantes chegaram ao condado de Baker. Ruth viu uma fila enorme deles subindo e descendo as ruas quando foi à cidade. Seus cartazes eram estranhos e impressionantes. **TAMBÉM SOU AMERICANO!**, dizia um. **ESTE TAMBÉM É MEU PAÍS!**, dizia outro. **TAMBÉM QUERO LIBERDADE!**, dizia um terceiro. Apesar de ter visto os manifestantes antes na televisão, ficou maravilhada ao descobrir pretos e brancos de verdade marchando juntos em sua cidade natal! Havia meninas brancas comportadas de calça jeans, tênis e blusas floridas limpas caminhando ao lado de garotas negras intensas de salto alto e vestidos de missa sérios. Havia dúzias de rapazes negros e brancos protestando; parecia estranho para Ruth vê-los confabulando aos sussurros uns com os outros, curioso não notar nenhum sinal de repulsa mútua.

— Isso é sério? — perguntou ela para si mesma.

Ruth observou a cena de olhos arregalados, seus olhares indo dos manifestantes para os moradores do condado de Baker. O condado de Baker foi pego tão de surpresa pela chegada dos estudantes que ainda não tinha tomado uma providência. Até o xerife estava parado em uma esquina, encarando tudo com a boca levemente aberta. Os policiais estavam ao seu redor, tão próximos que parecia precisarem de proteção ou, na melhor das hipóteses, instruções de última hora sobre como lidar com os manifestantes. Negros e brancos locais se abrigavam sob as árvores do pátio do tribunal e encaravam boquiabertos as meninas brancas. Alguns homens as olhavam com desprezo e as xingavam com palavras chulas. De todas as pessoas que participavam do protesto, as moças brancas eram as mais ofendidas. Uma carregava um cartaz que dizia NEGROS E BRANCOS JUNTOS, e cada vez que passava na frente de um grupo de brancos, cuspiam nela e chiavam “*Aposto* que sim!”. Alguém acrescentou, mirando uma garrafa de Coca na moça:

— Sua piranha que trepa com crioulo!

Ruth passou perto dessa garota e notou que sua orelha direita, que estava do lado dos observadores, sangrava, e que ela marchava a passos automáticos e rígidos, como se ao som de uma assustadora música interior. Lágrimas escorriam em silêncio, intermináveis, por suas bochechas pálidas, e o cartaz em sua mão começava a tremer.

Enquanto Ruth saía da cidade, alguém enfiou um papel em suas mãos. No topo da folha, ela viu um homem e uma mulher brancos acorrentados em uma pedra. A pedra era chamada “racismo”; abaixo, estava escrito “Você não será livre até nós sermos livres.” Ela olhou para trás para ver quem lhe dera aquilo e viu um rapaz alto e magro em um macacão parecido com o de seu avô. Ele tentava entregar os panfletos aos brancos que passavam, mas nenhum aceitava. Ela olhou para trás algumas vezes, e, em uma delas, ele a observava. Ruth sentiu o coração meio que acertar suas costelas, de um jeito que nunca sentira antes. O rapaz continuou entregando panfletos, apesar de apenas os negros os aceitarem. O sol contra sua pele o fazia brilhar em diferentes tons de marrom, como folhas de outono caindo de uma árvore.

No caminho para casa, ela dirigiu o carro com a mão esquerda, e com a direita tocava no papel, depois no rosto e no cabelo, depois no papel de novo, e a mensagem significava menos para ela do que o

rapaz que a transmitira. Aproximando-se da caixa de correio dos vizinhos brancos, enfiou o panfleto lá dentro e depois seguiu pensativa para a fazenda do avô.

Três dias depois, Ruth e Grange estavam sentados na varanda da frente. Tinham acabado de descobrir que Brownfield, para ter Ruth de volta, decidira levar o caso ao tribunal. Para acalmar o intenso nervosismo, Ruth comia melancias compulsivamente e lia um livro sobre mitologia grega, escrito por Thomas Bulfinch, e Grange engraxava os sapatos com a mesma compulsão. Quando viram a poeira ao longe, Grange entrou, pegou sua espingarda e a apoiou no corrimão diante de si, depois sentou-se de novo e voltou a engraxar os sapatos. O carro entrou no pátio, deu meia-volta em torno das árvores e parou. Era um carro azul-escuro, coberto com camadas de terra vermelha, como se tivesse viajado por centenas de quilômetros pelas estradas secundárias da Geórgia. O rapaz magro da cidade saltou do lado do motorista. Uma garota e um garoto brancos estavam no banco traseiro, e uma garota negra saiu do banco do carona, mais próximo à varanda. Ruth olhou a garota negra de cima a baixo, quase hostil. Ficou surpresa em sentir uma pequena pontada de ciúme. Afinal, ela não sabia nada sobre o rapaz que lhe dera o panfleto e que agora estava parado na sua frente — nem o nome dele.

— Então é aqui que você mora! — disse ele, fitando-a do pátio.

O rapaz começava a deixar a barba crescer, e isso tornava seus lábios muito rosados e bem-definidos.

Grange olhou para Ruth. Ela estava parada na beira da varanda, com um dos braços em torno de uma pilastra. Seus olhos brilhavam! Ele quase conseguia sentir a corrente quente que atravessava o corpo jovem e macio da neta, tornando-o tenso e elétrico com a espera. Grange não admitiria que estava levemente chocado, mas estava.

— É aqui que eu moro — respondeu Ruth ao rapaz. — Qualquer um teria te contado isso!

Ela ria uma risada tímida, mas alegre; esquecido completamente estava o fato de que ninguém visitava a fazenda sem a permissão de

seu avô.

— Da onde ocê conhece ele? — perguntou Grange, que, naquele momento, decidiu que não gostava de rapazes com barbas.

O rapaz deu passos largos até a escada e pela varanda até chegar perto de Grange.

— Como vai, Sr. Copeland? — cumprimentou ele, sorrindo.

O rapaz pensava em como Grange o lembrava de Bayard Rustin, exceto que Grange tinha pernas mais compridas e prendia o dedão no cinto como um caubói. Ele ofereceu a mão para Grange apertar. Grange fez cara feia para seu sorriso e olhou para a neta, cujos olhos não desgrudavam do rapaz e cujos olhos também analisavam de cima a baixo seu corpo. Ela era uma Copeland, pensou ele. Suspirando e baixando o pano de engraxar, apertou a mão do rapaz. O aperto foi quente e firme, e ele era mais alto que Grange. Grange se sentiu velho e grisalho e como se a mão tivesse perdido a força.

— Como vai? — murmurou ele. Algo no rapaz lhe parecia familiar. Ele o encarou rápido. — Ora, eu não te conheço de algum lugar? — perguntou, inclinando a cabeça para um lado.

O sorriso do rapaz se transformou em uma risada.

— Eu era o piadista que costumava seguir a irmã Madelaine — respondeu.

O rapaz tinha passado boa parte da infância com vergonha de a mãe ser vidente, mas, na época em que saíra de Morehouse e entrara para o Movimento, orgulhava-se tanto da maneira como ela se sustentava quanto seu melhor amigo se orgulhava do pai cirurgião. A mãe encarava a vida com certa *criatividade*, pensava ele, e, por isso, tinha grande respeito por ela.

— Simm... — disse Grange, amolecendo. — Estou te reconhecendo.

Ele não tinha nenhuma lembrança do rapaz na infância, mas conhecia e admirava sua mãe havia vários anos. Mas nunca acreditara muito em seus poderes mágicos.

A garota negra tinha se aproximado e parado ao lado do rapaz. Os dois brancos permaneciam na escada.

— Eu me chamo Quincy — disse o rapaz —, e esta é minha esposa, Helen.

Grange apertou a mão da moça, então olhou por cima da cabeça dela, para Ruth. Os braços da neta tinham caído ao lado do corpo e

os cantos de sua boca estavam para baixo. Não apenas Helen era esposa do rapaz, como estava grávida. Ruth notou o olhar do avô e deu de ombros. Ela empurrou uma cadeira atrás de Helen e murmurou para que sentasse. Quincy tinha se apoiado no corrimão.

— Eles é quem? — perguntou Grange, apontando com o queixo. — Eles é branco ou só *parece* branco? — Seu sussurro poderia ser escutado a quilômetros de distância.

— Esse é o Bill, e essa é a Carol — respondeu Helen. — Estão trabalhando com a gente.

Bill e Carol acenaram com a cabeça, mas não subiram a escada. Bill era moreno e musculoso, com olhos castanhos. Carol era pequena e tinha tantas sardas que pareciam uma segunda pele.

— Eles ficaram sabendo, como todos nós, como o senhor se sente sobre os brancos. Nosso plano era deixar os dois do lado de fora do portão, na beira da estrada, mas estávamos sendo seguidos — continuou Helen. A moça sentava com firmeza na cadeira, as mãos apoiadas no topo da barriga redonda. De repente, ela riu, olhando para Bill. — Ele já levou dois tiros.

Grange olhou para o rapaz branco, que o encarou de volta com nada específico no olhar. Bill pegou o braço de Carol, e os dois voltaram lentamente para o carro. Grange queria convidá-los para a varanda, mas o desejo durou apenas um instante. Não conseguiria se forçar a aceitar uma mulher branca sob seu teto. Porém não disse nada para Ruth, que perambulou atrás da dupla com água gelada, e a observou conversando com eles por um ou dois minutos.

— Sr. Copeland — disse Quincy —, o senhor vota?

Ruth lhe dera água também, e o rapaz tomou um gole, parecendo muito relaxado no corrimão, com uma das pernas pendurada.

— Voto no quê? — perguntou Grange.

— No xerife, no governador, no chefe da polícia e no comissário do condado.

— Não — respondeu Grange.

— Por que não? — perguntou Helen.

Ela terminara sua metade do copo de água e agora esfregava a parte de baixo do copo sobre o topo da barriga, como se quisesse resfriá-la.

— Porque são sempre uns branquelo — disse Grange —, e não tem um pinga de diferença entre um branquelo e outro.

Quincy riu. Helen riu também, mas então disse com firmeza:

— Não foi isso que descobrimos no condado de Green.

Grange soltou uma risada irônica.

— Eu já morei lá — disse ele, cheio de autoridade —, e não sei o que ocês descobriu, mas não foi que os branquelo deixa os crioulo votar. A última pessoa que enforcaro por lá foi um crioulo tentando votar no branquelo que escolheu.

— Bem — disse Quincy —, eles votam no branquelo que querem *agora*.

— Eles vota agora? — perguntou Grange.

— Aham! — respondeu Quincy. — A gente trabalhou lá no verão passado. Estão votando aos montes.

— Não tem um branquelo no condado de Green que vale o esforço — disse Grange.

— E os pretos? — perguntou Helen.

— Os preto também não valia nada quando eu morava lá — respondeu Grange. — As pessoa que tentava alguma coisa diferente pra ajudar a família levava uma punhalada desse povo nas costa. — Ele pegou o cachimbo e começou a tragar, mastigando o cabo. — Vocês não veio me dizer que algum idiota *nosso* está tentando se eleger no condado de Green, né? — perguntou ele.

— Não *neste* ano — disse Helen.

— Da *onde* ocê é, menina? — perguntou Grange com rispidez.

— Do condado de Green — respondeu ela em um tom doce, rindo dele.

— Ah, francamente — disse Grange. Ele sentia como se tivesse sido pego dormindo e sua soneca tivesse durado vinte ou quarenta anos. — Quem é seus pai? — perguntou ele, achando que talvez ela estivesse mentindo.

— Minha mãe se chama Katie Brown. Meu pai se chamava Henry. Eles moravam na casa do velho Thomas.

Grange se lembrava da família Thomas, mas não dos Brown.

— Você disse que seu pai se *chamava* Henry? — perguntou ele.

— Ele morreu em 1955 — disse ela. — Levou um tiro na frente da cabine de votação.

— E cadê sua mãe? — perguntou ele.

— Ela não sai do condado de Green nem por um decreto.

— Ela não continua morando na casa daquele branco, continua?

Helen riu. Ela ria muito. Parecia tão despreocupada quanto um passarinho.

— Continuava até chegarmos lá no verão passado — disse a moça. — Fomos morar com ela. Nós todos. Eu e Quincy, e Bill e Carol. Mas isso foi demais para os Thomas. Eles disseram que sentiam muito pelo velho Henry ter levado um tiro e me ajudaram quando fui para a faculdade, mas, quando me viram com Bill e Carol, expulsaram mamãe da casa.

— E aí? — perguntou Grange, inclinando-se para a frente na cadeira.

Ele queria se esticar e tocar em Helen; ela era tão calma. Sentia como se a calma dela *significasse* alguma coisa, e desejava loucamente saber o quê.

— E *aí* — respondeu Helen, rindo —, *aí*, mamãe perdeu as estribeiras e xingou o velho Thomas e seus ancestrais até a Guerra Civil, cuspiu na mulher dele, e mandaram ela para a cadeia.

— Ela foi solta — disse Quincy. — Chamamos uns advogados espertos de Nova York. Quando ela foi liberada, se mudou para uma casinha na rua dos Thomas. Convenceu o dono, um pastor, a deixar que montasse um centro pra gente lá. O lugar passou o verão inteiro cheio de gente de todos os tipos. Ela continua lá.

— É óbvio que a mulher enlouqueceu de vez — disse Grange. — Vocês devia buscar ela.

— Ela adora morar lá — disse Helen, dando de ombros. — No máximo, quer que a gente volte para “casa” e sossegue do lado dela.

— E, um dia, talvez a gente faça isso — disse Quincy.

— Quincy vai se candidatar a prefeito — contou Helen. — Vou ser a primeira-dama do condado de Green.

— Cês é tudo doido — disse Grange. — É melhor gastar sua energia saindo daqui. Quanto tempo você acha que vai continuar conseguindo rir assim? — perguntou ele a Helen.

— Não vou deixar que *eles* me impeçam! — retrucou ela.

E Grange pensou: Você pode continuar rindo enquanto tem outras pessoas por perto, mas quando você, seu marido e seu bebê estiverem sozinhos, fugindo das balas e dando pulos de medo a cada barulho, *ainda* vai conseguir rir? Ele imaginou Helen dali a dez anos, seu jovem marido talvez enterrado em algum túmulo enlameado como indigente, seu filho cercado por adultos e crianças que odiavam

pretos. Ele a viu à mercê de alguma cidade branca onde todos os gestos mostrariam que ela era inútil, uma intrusa, uma americana solta por bom comportamento. E se ela nunca se tornasse “primeira-dama” de nada? O que aconteceria com sua risada?

— Queremos que o senhor se cadastre para votar — disse Quincy.

— Eu convenci até minha mãe, apesar de ela jurar que passou esse tempo todo lançando maldições contra os branquelos *ruins*!

— Não posso prometer nada — respondeu Grange. Ele sentia um carinho profundo pelo jovem casal. Sentia pelos dois o que sentia pelo Dr. King; que, se ficassem com ele na sua fazenda, daria um tiro no primeiro branquelo que tentasse incomodá-los. Queria protegê-los, de si mesmos e de seus sonhos, tanto quanto dos branquelos. Não deixaria que ninguém os machucasse, porém, ao mesmo tempo, não acreditava no que estavam fazendo. Não porque seu objetivo não era digno e nobre e inspirador e bom, mas porque era impossível. — O que me dá medo, crianças, é a amargura; o gosto de bile que vai subir do fígado quando vocês descobrir que não dá pra vencer essa briga.

Quincy passou um dos braços em torno da esposa, a mão subindo e descendo pela lateral do corpo dela. O rapaz a segurava de um jeito despreocupado, porém completo, como se ela fosse tudo, e o brilho nos olhos de Helen era pura devoção ao fitá-lo. Grange ficou tão emocionado que quase chorou diante da simplicidade e franqueza de seu amor, e estremeceu de medo pelos dois.

— Quando a gente luta — disse ela, levando dedos pretos macios até o braço de Grange —, quando a gente luta com todas as forças, não há por que nos *tornarmos* amargurados.

Grange acompanhou os dois até o carro e abriu a porta para Helen.

— Espera um pouco — pediu ele.

Ele se virou, entrou na casa e tirou uma melancia de baixo da cama. Estava fria e verde e pesada. Ele a levou para o carro e a deixou no banco de trás. Helen ria de novo, e todos agradeceram muito. Grange ainda não conseguia olhar para a moça branca, mas assentiu rapidamente com a cabeça para o rapaz. E, quando acenou em despedida, acenou para todos.

Ele virou, sorrindo, e viu Ruth sentada na escada, desanimada.

— Aposto que *todos* os bons já estão fígados! — gemeu ela, franzindo a testa.

— Oê gostou mesmo dele, não é, menina? — perguntou Grange.
— Um dia, outro rapaz vai aparecer, sem esposa, e oê vai poder fisgar ele antes de começar a procurar por uma.

— Não imagino que eu vou encontrar muitos passando por essas bandas — respondeu ela, triste. — Acho que vou ter que ir embora pra *encontrar* um que eu queira.

— E a fazenda? — perguntou Grange.

— Ah, pelo amor de Deus! — exclamou ela, e foi batendo os pés para seu quarto, fechando a porta com força e se jogando na cama.

Capítulo 48

Na manhã marcada para enfrentarem Brownfield no tribunal, Grange ajudou Ruth a arrumar a casa com uma concentração silenciosa. Os dois tinham dificuldade em falar. O cabelo de Grange, tão branco agora quanto qualquer neve, porém mais prateado e, evidentemente, ondulado e ouriçado, estava penteado do jeito que Ruth mais gostava, escovado na parte superior e nos lados, arrumado, mas ousado. Jogado para trás desse jeito, esticado, seu cabelo voltaria a subir devagar, onda por onda, de forma que logo, iluminado pelo sol, o avô pareceria com a imagem que Ruth tinha de Deus. Ele usava seu melhor e único terno escuro, com um colete combinando e o paletó batendo no quadril, enfatizando a magreza de suas pernas compridas e os tensos passos largos que, por algum motivo, faziam Ruth pensar em Randolph Scott.

Eles tinham um velho Packard 1947, preto, fosco, que estacionaram diante do tribunal. O tribunal ficava no meio de uma praça no Centro da cidade. Era de tijolos vermelhos, construído como uma grande caixa empoeirada. Seus cantos eram decorados com cornijas de concreto cheias de pergaminhos adornados; os degraus eram altos e largos, apesar de irremediavelmente sem graça. Estavam começando a rachar.

Como era manhã de sábado, havia poucas pessoas na cidade. Os fazendeiros de algodão e os leiteiros chegariam mais tarde. No topo da escada, Ruth se virou para uma última olhada da cidade.

— Eu queria que tirassem aquele soldado de pedra dali — disse ela, encarando com raiva o soldado sulista que enfrentava seu velho e, a esta altura, indiferente inimigo do Norte. — Não consigo ver as horas.

Havia um novo relógio elétrico do tamanho de uma placa de trânsito do outro lado da rua, na vitrine de uma farmácia, mas o quadril magro do soldado de pedra era suficiente para encobri-lo.

— Mas eu trouxe meu relógio — contou Grange com certa surpresa, puxando um pesado relógio de ouro em uma corrente. Então segurou o cotovelo da neta com firmeza, com firmeza demais para ela se afastar. — Não se preocupe — disse ele, sacudindo-a com delicadeza. — Eu não valeria de nada se não conseguisse cuidar da minha família. E quero que nunca esqueça: ocê é minha família.

Grange lhe deu um beijo no topo da cabeça, de leve, e os dois seguiram juntos para a casa da justiça.

O juiz era um atleta aquático com ar de superioridade, com a cara pálida e olhos bondosos. Uma foto dele segurando uma corda cheia de peixes gordos e brilhantes era a fotografia “em cores” que figurara a primeira página do jornal *Messenger* do condado de Baker na semana anterior. Seu rosto era alerta, o rosto observador porém gentil de um homem que começou a vida com nada e foi acumulando cargos no mesmo ritmo que acumulava peso, até se acomodar com uma papada pesada e um cargo de juiz no mesmo condado onde nascera sem um tostão cinquenta anos antes. Por trás de seu olhar gentil estava uma porta, nunca aberta em público, que levava a uma alma tão desprovida de misericórdia e tão cheia de conceitos antiquados que os habitantes da cidade jamais aguentariam a visão. Não que a porta da alma deles estivesse tão fechada a ponto de permitir que ficassem curiosos sobre as dos outros. Mesmo a de um juiz. No geral, porém, ele não era um homem ruim em comparação com os homens ruins do Sul. Nunca tinha usado violência para ganho pessoal; nem se esforçava demais para fechar os olhos para ela. Ele tinha, porém, determinado sentenças injustas e havia sido beneficiário de muito trabalho doméstico e de jardinagem pago pela cidade, e que conseguia através de seu cargo no tribunal. Em resumo, era uma pessoa mesquinha, com toda a pequenez de pensamento que a característica exigia. Era capaz de roubar o trabalho de pessoas inocentes, quase sempre negras, às vezes brancas e pobres, mas não de roubar grandes quantias de dinheiro. Por causa de sua honestidade, seus vizinhos o respeitavam e o elegeram diácono da Primeira Igreja Presbiteriana. Entre os homens negros por quem ele

se sentia responsável, era afetuosamente conhecido como o “juiz Harry”. Seu relacionamento com os “crioulos” era, em geral, bom.

Tudo acabou tão rápido! O juiz permitiu a entrada deles em sua sala colorida. Ele e Brownfield trocaram gracejos. Grange encarava o nada, pálido.

— Quantos anos você tem, Ruth? — perguntou o juiz.

— Dezesseis.

— Para o estado da Geórgia, você só será uma mulher adulta daqui a dois anos — disse o juiz.

A sala ficou em silêncio, exceto pela respiração de Josie. Ela ofegava.

— Você quer morar com seu pai *de verdade*, não quer, Ruth? — perguntou o juiz com bondade, encarando-a com olhos que não questionavam nem se importavam com as respostas.

— Não, senhor — disse ela com firmeza.

Grange começou a falar da ficha criminal do filho, da sua negligência com as filhas, de suas ameaças.

— Esse homem matou a esposa, Vossa Excelência! — exclamou Grange, desacatando a autoridade.

— Ora, ainda não te perguntei nada — disse o juiz em um tom amigável, magoado. — O senhor não tem direito de fazer discursos na minha sala sem ser convidado.

Ele olhou solenemente para Brownfield e piscou. Ruth soube que estava tudo acabado para ela e Grange; apertou com força a mão do avô. Não conseguia olhar para o rosto dele, porque conseguia sentir os tremores atravessando seu corpo e sabia que ele chorava.

— Quietos — sussurrou ela baixinho —, quietos, seu velho bobo.

A respiração dele engasgou em um soluço; ela sabia que era de desespero. Ruth sentia tanta raiva que não conseguia chorar.

O que o juiz, Brownfield e Josie faziam não lhe importava. Não enquanto ela jogava sua alma na direção de Grange e o incentivava a compartilhar de sua resignação. Quando olhou para o juiz de novo, ele tirava um par de botas lisas de cano alto de um armário perto da mesa.

— Mas não seja bruto, Brown, está me escutando?

Ele sorria do jeito que homens sulistas brancos sorriem quando controlam tudo — o nascimento, a vida e a morte. Ruth o odiou para sempre. Ela fora cedida em uma “justiça” rápida para um pai que

nunca a quisera, por um homem que não os conhecia nem se importava em nada com eles. Com nenhum deles. Apenas um homem que tinha permissão para brincar de Deus. Ruth sentiu algo quente parando diante de si. Era Josie, agitada e vermelha.

— Vá com seu pai — disse ela, aliviada, e Ruth ficou irritada ao notar uma lágrima de pena nos seus olhos. — Mas não se preocupe — continuou ela, aventurando-se a sentar no banco, ao lado de Grange —, vou cuidar dele.

Brownfield se aproximou sorrindo.

— Eu te peguei desta vez — disse ele, vangloriando-se.

Grange lentamente ergueu a cabeça e lentamente se levantou. Ele olhou com frieza para o filho. Um dedão ia para a frente e para trás por baixo de seu cinto.

— Se ocê tocar nela, acabo com a sua raça — avisou ele; com um braço comprido, empurrou Ruth para trás.

Brownfield olhou ao redor em busca do juiz Harry, que seguia para a porta.

— Juiz Harry! — chamou ele, confiante.

O juiz Harry olhou para trás, viu a situação e seguiu com determinação para a porta. As próximas palavras de Grange foram como uma rajada fria contra suas costas.

— Parado, *juiz!* — disse Grange. O desprezo em sua voz era tão palpável quanto o chão sobre o qual o juiz pisava.

Brownfield pulou em cima de Ruth e conseguiu pegar seu braço por meio segundo. Então se sentiu jogado para trás como se por uma forte corrente de ar. Viu um brilho e pensou sentir o cheiro de fumaça acre. Ele desabou inerte no chão e não conseguiu emitir uma palavra antes de morrer. Sob o paletó largo, Grange trouxera sua Colt calibre .45 de aço azul. Com ela, atirara no filho.

— Você não pode fazer isso em um tribunal de justiça — começou a balbuciar o juiz; ele ainda segurava as botas de pesca. Seus olhos se arregalaram ao ver o sangue de Brownfield se espalhando pelo chão.

— Cala a boca, *juiz* — disse Grange —, ou vai acabar surdo, burro e cego.

Ele pegou Ruth pelo braço, desviou-se de Josie, que chorava sobre o corpo de Brownfield, e seguiu para a porta.

— Vamos te pegar, Copeland — disse o juiz. — Você não vai conseguir fugir.

— Não vou fugir — respondeu Grange, rápido. — Eu vou para casa, e o primeiro branquelo que me visitar vai levar o resto das balas dessa arma.

— A gente não tem chance — disse Ruth enquanto corriam para casa, as sirenes já soando atrás deles.

— Eu não tenho — disse Grange —, mas ocê tem. — Ele passou a mão sobre os olhos. — Um homem que faz o que acabei de fazer não merece viver. Quando ocê faz algo assim, abre mão de tudo. — Ele desmoronou sobre o banco. — E aquele juiz? — perguntou, amargurado. — Quem vai cuidar dele?

Os dois correram para fora do carro e para dentro da casa. Viaturas da polícia vinham em disparada pela estrada de terra. Grange vasculhou a casa em busca de armas e seguiu a passos rápidos pela floresta, rumo à cabana. Imediatamente, as viaturas cercaram a casa; Ruth esperava em silêncio na cama. Grange nem lhe dera uma arma, sabendo, assim como ela, que sobreviveria por mais tempo sem uma, pelo menos naquela batalha. Ruth escutou os homens começarem a se aproximar da casa, e então ouviu um tiro ao longe, na floresta. Grange afastando a polícia dela. De repente, o ar se encheu da corrida de balas, e, alguns minutos depois, também de repente, tudo parou.

Para uma pessoa que espiasse a cena, teria parecido que Grange rezava, sentado ali, morrendo do lado de fora da cabana que fora a “casa” de Ruth, com o sol iluminando seus joelhos, as costas apoiadas em uma árvore. Mas se fosse uma oração, como seria estranha; porque ela trataria apenas dele mesmo, do seu livramento de algo e rumo a algo, de suas crenças contra e a favor. Na verdade, era uma maldição.

É verdade que ele abriu bem a boca em uma tentativa resoluta de rezar. Tão perto do fim da jornada, aquilo parecia apropriado, como uma bebida é um fim apropriado para uma longa partida seca de

pôquer. Mas não era, de fato, para ser com Grange. Ele não podia rezar, portanto não o fez.

Ele levara um tiro e sentia o sangue se espalhar por baixo da camisa. Não queria que Ruth visse. Fora isso, não estava com medo. Nem ouviu o farfalhar dos passos se aproximando.

— Ah, seu pobre coitado, seu pobre coitado — murmurou ele finalmente, desolado, mas também pelo som de uma voz humana, inclinando-se sobre o chão e depois jogando-se para trás, se ninando nos próprios braços para o sono final.

Posfácio

Comecei a escrever *A terceira vida de Grange Copeland* durante o inverno de 1966. Eu morava em um apartamento em St. Mark's Place, em Nova York, no East Village. Era um lugar úmido, mal-iluminado, com uma grande colônia intimidante de baratas residentes; então passava boa parte do tempo no quarto de um jovem estudante de direito da New York University que conheci no Mississippi, enquanto trabalhava no Movimento dos Direitos Civis no verão anterior. O quarto dele era pequeno, mas uma grande janela dupla se abria pouco acima do topo das árvores na Washington Square. Ele pegou uma mesa dobrável de metal da casa de sua mãe no Brooklyn, e nós a cobrimos com uma colcha de madras; fazíamos questão de que um vaso de cerâmica marrom, presente de uma antiga colega de classe quando me formei na Sarah Lawrence algumas semanas antes, estivesse sempre cheio de margaridas brancas ou, na primavera, peônias cor-de-rosa. A mesa foi posicionada sob a janela, as árvores e a grama do parque ficavam diante de mim, as flores sempre à minha direita, meu caderno e minha máquina de escrever à ponta dos meus dedos. Mesmo assim, aquilo não era o interior, e as pessoas no livro reclamaram.

Pouco antes de eu me casar com o jovem estudante de direito, me inscrevi e fui aceita como *fellow* [sic] da McDowell Colony, no interior rural de New Hampshire. Lá, passei um mês e meio trabalhando durante um inverno cheio de neve, o silêncio de meu chalé cercado por pinheiros interrompido apenas pelo som da máquina de escrever e pela cantoria de Clara Ward e Mahalia Jackson, que se misturavam com o crepitar da lareira. Nos fins de semana, o estudante de direito vinha me visitar, seu Volkswagen vermelho minúsculo abarrotado de flores, toranjas e laranjas.

Escrevi vários capítulos do livro em McDowell, mas fui embora em março para me casar. Eu e meu marido nos mudamos para o Mississippi naquele verão, onde ele continuou suas atividades legais em favor dos direitos humanos e civis enquanto eu escrevia materiais para os livros-textos das recém-criadas escolas para alunos de baixa renda que eram abertas por todo o estado, dava aulas em duas universidades locais e fazia outros trabalhos mais explicitamente políticos. Também continuei com o livro. Ele foi terminado em novembro de 1969, três dias antes de minha única filha nascer. Eu tinha vinte e cinco anos.

Foi um livro extremamente difícil de escrever, porque tive que olhar, e dar voz, e falar sobre a violência entre pessoas negras, na comunidade negra, ao mesmo tempo que todos os negros (e alguns brancos) — inclusive eu e minha família — sofriam extrema violência psicológica e física de suprematistas brancos nos estados sulistas, sobretudo no Mississippi. Sempre serei grata pelo fato de os envolvidos na liberação dos negros no Sul quase nunca falarem de conveniências, mas sempre de justiça, de ser verdadeiro, de se posicionar e fazer a diferença, de lutar pelos direitos dos outros, de não deixar ninguém mudar sua cabeça. “Um erro não justifica outro”, diziam. “Todo mundo tem direito à árvore da vida”, diziam. “Queremos nossa liberdade, e queremos agora”, diziam. Mulheres e crianças negras não apenas repetiam essas expressões; elas, junto com os homens negros, as criavam.

Porém, mesmo assim, levando em consideração o tamanho da dor causada por pensar nisso, por falar disso, por que escrever um livro desses?

A resposta mais simples é que, talvez, eu não conseguisse evitar. Uma bem mais complicada é que sou uma mulher de origem africana, então, naturalmente, insisto em todas as liberdades. Por que não?

O incidente mais perturbador do livro, o assassinato brutal de uma mulher e mãe por seu marido e pai de suas filhas, foi, infelizmente, baseado em um caso real. Minha pequena cidade natal, Eatonton, na Geórgia, era na minha infância, e ainda é, cheia de casos de violência. “Eatonton é uma cidadezinha violenta”, dizem os locais quando todas as outras tentativas de explicar algum desastre recente se mostram ineficazes. Os negros lá, como em tantas partes do mundo, são uma colônia oprimida, e como um de nossos grandes

escritores afrodescendentes já disse (e estou parafraseando), em sua frustração e fúria, *é claro* que matam uns aos outros. Mas o que, me perguntei, aconteceria se você pudesse mostrar às pessoas na colônia oprimida como isso é inútil? De toda forma, talvez a violência da minha cidade natal tenha me marcado mais do que aos outros, porque eu visitava a funerária local dos negros várias vezes por semana. Trabalhava como babá na casa vizinha e minha irmã trabalhava na funerária em si, como cabeleireira e maquiadora. Em um lado do corredor, ela lavava, secava e enrolava o cabelo dos vivos; do outro, fazia a mesma coisa com inúmeros cadáveres. Ela também pintava o rosto e, às vezes, o corpo, cobrindo hematomas, cortes, ferimentos de tiros, arranhões e lágrimas da melhor forma possível com seu arsenal de truques mágicos de pós e tintas variados.

Porém até ela foi incapaz de ajudar muito a vítima em torno de cujo fim essa história foi construída. Precisando compartilhar sua frustração e, presumo eu, indignação (nós nunca conversamos sobre como ela se sentia), minha irmã me chamou para entrar na sala onde a Sra. Walker (o mesmo sobrenome que o nosso) estava deitada em uma mesa esmaltada de branco com a cabeça apoiada em um travesseiro de metal. Eu a descrevi no livro exatamente como ela me pareceu na época. Escrever sobre isso anos depois foi a única maneira de me libertar de uma imagem tão poderosa e desesperadora. Mesmo assim, eu a vejo; não tanto o rosto destruído — o tempo ajudou a apagar a nitidez dessa visão —, mas sempre e sempre um pé calejado, o sapato gasto, com um buraco irregular, forrado com jornal no fundo.

Outra ironia: a filha da Sra. Walker era uma das minhas colegas de classe. Seu nome era Kate. Aquele não era o nome da minha própria avó, também morta com um tiro por “alguém que a amava”? E quem, em conversas sussurradas da família, levava a culpa por isso? Acho que devo ter passado o restante do ano letivo encarando Kate como se ela fosse uma aparição. Quando ofereci meus pêsames* (uma expressão sulista, tão doce, apesar de inútil, “oferecer seus pêsames a alguém”), ela mal me respondeu. O peso de cuidar da casa e de seus muitos irmãos agora caía sobre seus ombros. Kate, como eu, tinha treze anos. Ela se perguntou em voz alta se eles, as autoridades brancas da prisão, o único tipo que havia e provavelmente ainda há

em Eatonton, soltariam logo seu pai. Ele era o único provedor da família. Àquela altura, a violência do pai dela assombrava meus sonhos; eu queria que nunca o soltassem.

Na minha família próxima também havia violência. Suas raízes pareciam embutidas na necessidade do meu pai de dominar minha mãe e seus filhos, e na resistência verbal e física dela (e nossa) contra tal dominação. Quando conversei sobre isso com meu marido, que veio de uma cultura completamente diferente (ou pelo menos era o que eu pensava), descobri que a família *dele* também sofria com o mesmo tipo de violência. Vendo o corpo da Sra. Walker na mesa esmaltada, percebi que, na verdade, ela poderia ser minha própria mãe e, talvez, com relação aos homens, também fosse um símbolo de todas as mulheres, não apenas incluindo a avó e a mãe do meu marido, tão diferentes das minhas quanto possível, pensava eu, mas também de mim. É por isso que ela se chama Mem no livro, em referência a *la môme*, em francês, que significa “a mesma”.

Como pode uma família, uma comunidade, uma raça, uma nação, um mundo, ser saudável e forte se uma metade domina a outra por meio de ameaças, intimidações e atos reais de violência? Quando eu vivia no Mississippi, era fácil ver como a violência racista drenava a força e a criatividade de uma população inteira. O Mississippi era o estado mais pobre da nação, não por causa da interferência do governo federal em suas questões, começando na Guerra Civil, como os apologistas brancos da pobreza do estado exclamavam sempre que tinham a oportunidade, mas porque todo excesso minúsculo de energia que não era usado na rotina diária imediata era direcionado para a manutenção de uma separação hipócrita, artificial e basicamente indefensável de raças, com o domínio dos negros alcançado por meio de violência. Surras, castrações, linchamentos, prisões ou detenções eram eventos diários, como são agora na similarmente malfadada sociedade racista da África do Sul. É quase amargamente cômico hoje, conforme vemos nosso planeta explorado, envenenado e depredado cambaleando sob nosso peso coletivo, pensar que os suprematistas brancos achavam de verdade, e ainda acham em alguns lugares, que podiam alcançar paz e segurança para si mesmos no mundo ao tirar tudo das pessoas de cor.

A Sra. Walker era metade do mundo dela, como as pessoas de cor são mais da metade da população no planeta. Será que eu poderia

fazer quem me lê perceber esse fato e ver a conexão entre sua opressão como mulher (e a opressão de seus filhos) e a nossa enquanto povo? Será que eu poderia fazer quem me lê se importar? Será que o sofrimento é a única coisa que ganhamos ao passar por tragédias que poucas pessoas desejam ver? E o dever de quem escreve para com todas as pessoas que sucumbem, deploráveis, pobres, abusadas, sob a mortalha envergonhada do silêncio?

“Nós é dono da nossa própria *alma*, não é?”, questiona o velho maravilhoso, Grange Copeland, ao filho, Brownfield, que infelizmente é tão incapaz de dar uma resposta afirmativa a essa pergunta quanto nossa atual legião de usuários e traficantes de drogas da comunidade. O ódio que eles sentem por si mesmos e seu senso de futilidade são compartilhados por Brownfield, assim como sua violência contra os outros, apesar de agora ela se estender para além de parentes e ameaçar povos inteiros, mundos inteiros.

Em uma sociedade em que tudo parece descartável, o que deve ser valorizado, protegido a todo custo, defendido com a própria vida? Tenho a tendência a acreditar, infelizmente, que havia uma apreciação maior pelo valor da alma de uma pessoa entre os negros do passado do que entre os do presente; nós nos tornamos mais parecidos com nossos opressores do que muitos gostariam de admitir. A expressão “ter alma”^{**}, com tanta frequência usada por nossos ancestrais para descrever uma pessoa prestigiosa, costumava ter significado. Ter dinheiro, ter poder, ter fama, até ter “liberdade”, não é igual. Uma filha inevitável das pessoas que me criaram e me guiaram, de quem vi o melhor e também o pior, acredito de todo coração na necessidade de manter inviolável o único espaço interior que todos têm. Acredito na alma. Ademais, acredito que é a responsabilização imediata pelos pensamentos, comportamentos e ações de alguém que a torna poderosa. A opressão que sofremos nas mãos do homem branco jamais justificará a opressão que cometemos com as próprias mãos, seja você homem, mulher, criança, animal ou árvore, porque o interior que eu valorizo se recusa a ser propriedade dele. Ou de qualquer um.

Existem algumas pessoas que jamais poderiam ser escravos; muitos de nossos ancestrais escravizados estavam entre elas. Isso é parte do mistério e do presente transmitido a nós e que nos impulsiona, geração após geração, a seguir em frente. Isso é a

compreensão que está codificada na vida dos “sobreviventes de alma” deste livro, Grange Copeland e sua neta, Ruth. É a compreensão da possibilidade de resistência ao domínio que todas as pessoas podem compartilhar.

— ALICE WALKER
Wild Trees
Condado de Mendocino
Califórnia
Outubro de 1987

Notas

* No original, “*sympathy*”. [N. da E.]

** No original “*to have soul*”. [N. da E.]



Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de
Imprensa S.A.

A terceira vida de Grange Copeland

Wikipédia da autora:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Alice_Walker

Goodreads da autora:

https://www.goodreads.com/author/show/7380.Alice_Walker

Skoob da autora:

<https://www.skoob.com.br/autor/680-alice-walker>

Table of Contents

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Sumário](#)

[Nota da editora](#)

[Parte I](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Parte II](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Parte III](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Parte IV](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Parte V](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Parte VI](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Parte VII](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Parte VIII](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Parte IX](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Parte X](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Parte XI](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Posfácio — por Alice Walker](#)

[Notas](#)

[Colofão](#)

[Saiba mais](#)